UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

HUGO DA SILVA MORAES

Jogadas Insólitas: Amadorismo e Processo de Profissionalização no Futebol Carioca. (1922-1924)

São Gonçalo
2009

Hugo da Silva Moraes

Jogadas Insólitas: Amadorismo e Processo de Profissionalização no Futebol Carioca. (1922-1924)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientadora: Profª. Drª Helenice Aparecida Bastos Rocha

São Gonçalo
2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

M827 Moraes, Hugo da Silva.
Jogadas Insólitas: Amadorismo e Processo de Profissionalização no Futebol Carioca (1922-1924) / Hugo da Silva Moraes. – 2009.
163 f.

Orientadora : Profª. Drª. Helenice Aparecida Bastos Rocha.
Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Rio de Janeiro (Estado) – Aspectos sociais -Teses. 2. Esportes - Rio de Janeiro (Estado) - Teses. I. Rocha, Helenice Aparecida Bastos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

CDU 338(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

_____ _____

(Assinatura) (Data)

Hugo da Silva Moraes

Jogadas Insólitas: Amadorismo e Processo de Profissionalização no Futebol Carioca. (1922-1924)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Aprovado em: 31 de julho de 2009.

Banca Examinadora:

_____

Profª. Drª Helenice Aparecida Bastos Rocha (Orientadora)

_____

Prof. Dr. Luiz Reznik
Universidade do Estado do Rio de Janeiro /
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

_____

Prof. Dr. Marcos Alvito
Universidade Federal Fluminense

_____

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

São Gonçalo
2009

RESUMO

MORAES, Hugo da Silva. *Jogadas Insólitas: Amadorismo e Processo de Profissionalização no Futebol Carioca (1922-1924)*. 2009. 163f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Humanidades, Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

O trabalho tem por objetivo discutir o processo de profissionalização e as tensões provocadas por ele em um campo esportivo ainda considerado amador. O período estudado apresenta como principais características contextuais: A proclamação da República, a inserção do Rio de Janeiro na economia capitalista e as transformações espaciais e sociais frutos deste contexto, a Semana da Arte Moderna e outras manifestações artísticas, as comemorações do Centenário da Independência em 1922 e terá como foco o V Campeonato Sul-Americano, os campeonatos cariocas de 1922 e 1923 e a crise do futebol carioca em 1924. As fontes privilegiadas são jornais e revistas de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro que serão analisadas sob os seguintes aspectos: as relações entre a sociedade e o futebol em processo de profissionalização, os acontecimentos que envolvem este processo e os discursos de defesa do amadorismo.

Palavras-Chave: Brasil República, Sociedade, Futebol, Imprensa, Trabalho, Racismo, Amadorismo, Profissionalismo.

ABSTRACT

The paper intends to discuss the process of professinalization and the tensions caused by it in a sporting camp still conseidered amateur. The period studied presents as main contextual features: The Proclamation of the Republic, the insertion of Rio de Janeiro in the capitalist economy and the spacials and socials tranformations fruits of this context, The Week of Modern Art and other artistic events, the celebrations of the centenary of Independence in 1922 and it'll focus the 5° South American Championship, the "cariocas" championships of 1922 and 1923 and the crisis of football in Rio of 1924. The privileged sources are newspapers and magazines of wide circulation in the city of Rio de Janeiro that will be analyzed under the following aspects: the relations between the society and the football in process of professinalization, the events involving this process and the speechs in defense of amateurism.

Key-words: Republic of Brazil, Society, Football, Press, Work, Racism, Amateurism, Professionalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....1

1 - A NAÇÃO IMAGINADA E OS JOGOS OLÍMPICOS DO CENTENÁRIO DE 1922.....5

1.1. Carnaval, Samba, Futebol e o Modernismo no Rio de Janeiro.....5
1.2. Por Que os Brasileiros são Bi-Campeões Sul–Americanos?......16

2 - A SOCIEDADE DA BOLA.....35

2.1. Alem das Arquibancadas: Sociabilidades e Tensões no Futebol Carioca.....35
2.2. A Liga da Distinção e a Mercantilização do Futebol.....52

3 - TUDO MUDA QUANDO A BOLA ROLA.....67

3.1. À Beira da Indisciplina: Desenvolvimento técnico, arbitragem e torcidas de Futebol......67
3.2. Driblando as distinções: A situação dos Jogadores de Futebol do Rio de Janeiro.....81

4 - OS ESTABELECIDOS E OUTSIDERS DO FUTEBOL CARIOCA.....97

4.1. Os "Camisas Negras" e a Crise Política na LMDT.....97
4.2. A Política da Bola: A cisão da LMDT e a Criação da AMEA.....114

CONCLUSÃO.....129

REFERÊNCIAS.....132

ANEXOS.....138

INTRODUÇÃO

A Saga de Jeca, o Torcedor[1]

Morador do Méier, Jeca não vê a hora de chegar o final de semana. Quando o domingo chega, ele deixa a sua família em casa e parte em direção ao Estádio da Rua Guanabara para torcer pelo seu time favorito. Afoito, Jeca corre preocupado em arranjar algum ingresso para assistir o *match*. Bem próximo ao estádio, suas esperanças são logo frustradas. Isso porque as ruas próximas ao Estádio estavam completamente tomadas por uma multidão que corria em direção aos guichês para comprar os poucos ingressos que ainda restavam. E lá estava Jeca se espremendo no meio do povo com uma nota de 2$000, dois níqueis de 400 e um de 200 réis nas mãos. É o preço justo da arquibancada.

Após perder mais de 1$000 réis no guichê, Jeca agora faz parte da torcida que se avoluma na frente dos portões. Ele inicia a sua procissão em direção as escadarias que o levam às arquibancadas. Cruza os dedos torcendo para que ainda haja algum lugar à sombra onde possa assistir a partida calmamente. Os poucos degraus que faltam revelavam a Jeca uma cena jamais vista. Arrepiado com o tremor das arquibancadas, ele se depara com uma nuvem de chapéus que vibravam com os segundos times que já disputavam o jogo preliminar.

Que sacrifício para se chegar lá! Do ponto em que se acham as pilastras lhe tiram de vista o gol da direita, e agora? É andar. Lá vai Jeca de lado e com jeito, batendo no ombro de um, solicitando um obsequio de outro. A maioria franze a testa, e ele forçado a aparentar no rosto uma impressão de cavalheirismo e de súplica, a fim de conseguir chegar ao ponto que deseja. Enfim! Sua e permanece ao sol, porque à sombra, nenhum cantinho existe. Faltando quinze minutos para o início da partida principal, todos os lugares já haviam sido ocupados. O desconforto nas arquibancadas era tão grande que muitos torcedores invadiram o campo, ocupando as linhas laterais. A polícia logo se movimentou para evitar que aquela multidão prejudicasse o andamento da partida. Depois de um pequeno intervalo, que mais pareceu a eternidade, as equipes adentram ao gramado.

De um lado, em completa forma, estava o "onze vascaíno", conhecido pelo seu poder defensivo, e que, até o momento, não possuía uma derrota. De rubro-negro, o Flamengo, o

[1] A história é inspirada nos relatos do Correio da Manhã dos dias 9 e 10 de julho de 1923.

campeão de mar e terra, senhor de um ataque temível e com três pontos perdidos apenas na tabela. A pugna foi de fato memorável. Os dois times antagonistas se bateram como verdadeiros leões, proporcionando a enorme massa que assistia ao embate lances emocionantes.

Logo nos primeiros dois minutos de jogo, o rubro-negro Sidney recebe a bola a passando para Nono. Esse, por não poder chutar, entrega-a a Candiota, que marca. A enorme assistência aplaude com frenesi o lindo feito do meia-direita. O entusiasmo era tão grande, que se ouvia de longe o arrebentar das bombas. Cinco minutos depois, os rubro-negros dariam mostras de seu poderio ofensivo. Após um *corner* batido sem sucesso por Dino, Seabra recupera a bola a passando à Candiota que, por seu turno, manda para Sidney. Este a devolve para o centro e Nenê, com forte *shoot* marca o segundo gol da equipe.

Intervalo. Jeca sua e permanece ao sol, porque à sombra, nenhum cantinho existe. Suporta o mormaço, sente sede. Onde procurar um pouco d'água ou um aperitivo? Temeroso em perder o seu lugar, Jeca prefere suportar a sede e a fome. Felizmente aparece um guri vendendo sodas. "Quanto custa isso?", pergunta Jeca. "10$00" responde o menino ao lançar nas mãos do ilustre torcedor a soda, cobrando imediatamente o valor: "O dinheiro, moço, o dinheiro; não posso chorar". Sem opção, Jeca paga mil réis por um refrigerante que, na fábrica custa $400.

Mais equilibrado que o primeiro tempo, em que a equipe rubro-negra obteve certa vantagem, a segunda fase do jogo tem como principal destaque o excelente condicionamento físico dos "Camisas Negras", que, na medida em que o tempo passava, neutralizavam os avanços do ataque rubro-negro. Após vinte e nove minutos de indefinições, Ceci, embora de longe, chuta e Iberê, por não ter se colocado convenientemente, vê a bola entrar pelo canto. O primeiro gol vascaíno reacendeu a equipe rubro-negra. Nove minutos depois, Sidney passa a Nono e este a Junqueira que, com admirável giro, faz estremecer as redes vascaínas.

Os "Camisas Negras" não se abalam com o terceiro gol. Tocando a bola de maneira coesa, a equipe imprime uma pressão intensa sobre o gol de Iberê. Após vários escanteios, em uma confusão próxima das traves, Arlindo consegue marcar o 2º gol. Mas, apesar disso, não houve tempo para mais nada. No final o placar assinalava três gols de vantagem para os "Rubro-Negros" contra dois dos "Camisas Negras".

A história de Jeca publicada pelo *Correio da Manhã* ilustra alguns pontos marcantes do futebol carioca em plena década de 1920. Estádios lotados e desconfortáveis, a valorização da vitória e do espírito competitivo são alguns fatores que revelam um campo esportivo diferente

dos princípios amadores que regiam as partidas do início do século. Os mesmos princípios que faziam das arquibancadas um desfile de modas de jovens senhoritas, e dos gramados espaços para uma atividade física descompromissada entre os rapazes elegantes da zona sul.

Entendemos que tais transformações podem ser compreendidas como um processo de profissionalização impulsionado pela popularização do esporte na década de 1910 e que se acentuou na década de 1920 culminando em uma grave crise em 1924. Mais que acompanhar esse processo, nosso propósito é compreender de qual forma estas atividades "não amadoras" ganharam espaço nos clubes de futebol em um contexto no qual os discursos ainda apontavam para a preservação do amadorismo e como esta tensão vai se arrastar até o ano de 1924, quando tal convivência se tornou insustentável. Para este propósito os anos de 1922, 1923 e 1924 vividos no Rio de Janeiro são valiosos para compreendermos como essas "Jogadas Insólitas" eram ora consentidas e praticadas pelos clubes, ora questionadas por um discurso amador.

Inicialmente, a discussão se volta para o contexto cultural vivido no Rio de Janeiro em 1922. Esse ano foi marcado pelas comemorações do Centenário da Independência do Brasil, além de ser considerado o marco fundador do Movimento Modernista. Neste período, o estrangeirismo cultural imposto pela Belle Époque era substituído pela ânsia em valorizar as peculiaridades de uma cultura que pudesse representar verdadeiramente um sentimento nacional.

Fruto de uma circularidade cultural definida por Mikhail Bakthin[2], em que elementos de uma cultura hegemônica e de uma cultura popular interagiam, o Modernismo fez com que a "ditadura dos pianos", imposta ao samba, fosse gradativamente subjugada pelos violões e as "sociedades carnavalescas", fossem influenciadas pelos blocos de rua. Já o futebol, antes visto como uma tradição entre os grupos mais distintos da cidade chegava ao ano de 1922 como um esporte popular e responsável por revelar ao mundo o desenvolvimento da raça brasileira. Apesar de todo o esforço da imprensa, do governo federal e da Confederação Brasileira de Desportos, a nação imaginada – formada por atletas brancos, de famílias mais distintas – são contrastadas por uma série de eventos ocorridos no V Campeonato Sul-Americano em que as brigas, as atitudes de protesto contra a autoridade dos juízes e críticas aos dirigentes da CBD ocupam grande parte dos jornais.

---

[2] BAKHTIN. Mikhail. *L'oeuvre de François Rabelais et al. Cultura Populaire au Moyen Age et sous la Renaissance.* Paris, 1970. *Apud.* GINZBURG. Carlo. *O Queijo e os Vermes. O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2006.

Em um segundo momento nossos esforços se voltam para a compreensão da sociedade carioca e como o entendimento deste contexto social contribui para compreendermos as relações dos clubes de futebol. A partir de autores como Victor Melo[3], Michael Conniff[4] e Ângela de Castro Gomes[5] faremos uma análise das festas esportivas. Estes eventos desvendariam uma série vínculos sociais intensos fortalecendo a proposta de que o futebol era uma manifestação cultural que, de fato, proporcionava uma dinâmica social complexa. Estas questões acabam revelando que as entidades esportivas pertencentes à Liga Metropolitana de Desportos Terrestres possuíam uma composição social parecida.

Tal proximidade social justifica o estreitamento das relações políticas entre os representantes dessas entidades. No campo esportivo estes clubes disputavam cada vez mais o domínio político e esportivo do futebol. Considerada uma comunidade esportiva, a Liga Metropolitana de Desportes Terrestres é o espaço onde esses clubes estabelecem seus interesses a partir de um entendimento tácito no qual as leis amadoras definidas pelo clube são frequentemente burladas em nome da manutenção do prestígio político e esportivo no interior da entidade.

O final do segundo capítulo e o terceiro são dedicados às principais mudanças ocorridas no campo esportivo e a como o processo de profissionalização era encarado pela imprensa e pelos clubes. A espetacularização e mercantilização do futebol, a precariedade dos estádios, o desenvolvimento técnico dos clubes, o aumento de público e a polêmica questão da profissionalização de jogadores são alguns dos assuntos destacados. Guiado pelos estudos de Norbert Elias[6] e Richard Giullianotti[7] veremos que, a todo o momento, o amadorismo era, cada vez mais, um discurso para os momentos em que as práticas não amadoras saíam do controle.

O quarto capítulo é dedicado ao estudo da crise do futebol carioca em 1924. Focado nos eventos esportivos ocorridos em 1923 e no acirramento das disputas políticas, veremos que o prestígio político e esportivo dos chamados "grandes clubes" era seriamente ameaçado pelos "pequenos clubes". Em menor número, os clubes mais tradicionais da cidade – America,

---

[3] MELO, Victor Andrade de. *Lazer, Esporte e Cultura Urbana: Conexão Paris-Rio de Janeiro – Meio de Transporte: Arte.* In: Seminário do Centro de Memória da Educação Física/UFMG, nº2, 2005, Belo Horizonte: p.1-16.
[4]CONNIFF, Michael L. *Política Urbana no Brasil. A Ascensão do Populismo (1925-1945).* Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2006.
[5] GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio... Os Intelectuais Cariocas e o Modernismo.* Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, p. 62-77, 1993.
[6] ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L**.** *Os Estabelecidos e Outsiders.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
[7] GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do Futebol. Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

Botafogo, Flamengo e Fluminense – iniciariam uma campanha em nome de uma reforma moral do futebol, francamente ameaçada pelo avanço da profissionalização. A partir de conceitos de Norbert Elias[8], analisaremos que o antigo entendimento comunitário é substituído por uma nova conjuntura em que os estabelecidos – amparados em um discurso amador de moralização do futebol carioca – lutariam pelo controle do campo esportivo com os Outsiders estigmatizados por não aderirem às propostas de reforma.

A suposta defesa de um futebol amador provocaria o surgimento de uma nova entidade a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos – a AMEA – composta pelos "grandes clubes". Na verdade, essas entidades tentariam resgatar o poder político e esportivo perdidos ao longo dos anos. Veremos que, mesmo com essa nova configuração, as práticas não amadoras eram cada vez mais valiosas que a pretensa defesa pelo amadorismo.

[8] ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L**.** *Os Estabelecidos e Outsiders.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

CAPÍTULO I - A Nação Imaginada e os Jogos Olímpicos do Centenário de 1922

1.1. Carnaval, Samba, Futebol e o Modernismo no Rio de Janeiro

> *"Agora que terminou o 5º Campeonato Sul-Americano de Football na maior cordialidade para Argentina, Brasil, Chile e Paraguay, pois felizmente a representação deste último paíz soube apagar a tempo a impressão desagradável que deixara em nosso mundo sportivo, imitando o gesto brutal e antipháticо da delegação uruguaya, quando abandonou o ground nos últimos 10 minutos da prova que disputava com a 'eleven' argentina; agora que o Brasil triumphava há três annos passados, em mil novecentos e dezenove; agora, finalmente, chegou à ocasião de fazermos calar essa canalha que ladra pela vontade única que sente, de apanhar de chicote".*[9]

Brasil, bicampeão Sul-Americano! Era essa a frase que ecoava na manhã de segunda-feira, 23 de outubro de 1922. Os principais jornais espalhados nos diversos cantos da cidade faziam explodir de alegria e contentamento uma nação representada bravamente por um selecionado time nessa dificílima competição esportiva. As crônicas esportivas trataram de relatar os jogos, muitos deles considerados batalhas tensas, ora travadas com maestria e com certa dose épica, ora violentas e polêmicas, até o *scracth* nacional chegar ao seu objetivo maior, o título máximo do continente. Além do troféu e dos louros de uma glória conquistada nos campos, este Campeonato Sul-Americano se revestiu de uma importância ainda maior, pois foi conquistado em solo brasileiro e durante um momento histórico único, o Centenário da Independência do país.

Mais que uma competição esportiva de nível olímpico, os festejos do Centenário representariam, segundo Motta *"a formulação de um passado que sacralizasse essa nação e seus lugares de identificação – os 'lugares de memória' −, marcando um espaço simbólico nacional-republicano".*[10] Amparada pelo conceito de *lugares de memória.*[11] a autora nos provê a impressão de que os festejos do Centenário da Independência e, principalmente o Campeonato Sul-Americano era um projeto vital para a mudança da visão dos brasileiros acerca deles próprios

---

[9] O IMPARCIAL. Rio de Janeiro: 3 nov. 1922. Vida Desportiva.
[10] MOTTA, Marly da Silva**.** *A Nação Faz Cem Anos: A Questão Nacional no Cenário da Independência.* Rio de Janeiro, Ed. FGV-CPDOC, 1992. p.6.
[11] NORA, Pierre (org.). *Lês Lieux de Mémoire,* vol. 1, La Republique. *Apud.* MOTTA, Marly da Silva**.** *A Nação Faz Cem Anos: A Questão Nacional no Cenário da Independência.* Rio de Janeiro: Ed. FGV-CPDOC, 1992. p.6.

e dos outros. Ainda com base em alguns aspectos relacionados aos conceitos positivistas, era o momento de forjar com maior intensidade a identidade nacional e consequentemente de mostrar que o Brasil era um país civilizado e apto a estar ao lado das demais nações independentes do mundo.

Mas qual seria a imagem ideal de nação que deveria ser construída e divulgada? Como os outros países e os próprios brasileiros olhavam o Brasil e de que forma deveriam vê-lo após 7 de setembro de 1922? Segundo o estudo de Marly Motta, para muitos intelectuais da época a década de 1920 foi o momento em que o velho modernismo amparado por um cosmopolitismo característico da *Bélle Époque* – entranhado por uma necessidade de se ver por meio de uma vitrine todas as novidades vindas da Europa – foi sendo gradualmente revisto pela intelectualidade interessada em viver um modernismo mais arraigado em valores nacionais.

Para muitos, esse cosmopolitismo era o resultado da *"combinação entre a falta de contato com a realidade nacional e a cópia de modelos estrangeiros"*.[12] Essa visão seria abandonada somente quando fosse dado *"[...] um basta a [...] mentalidade 'artificial', 'utópica' e 'aproirística'"* [13] principalmente daqueles que *"haviam dirigido e ainda dirigiam o país com os olhos voltados para o estrangeiro"*.[14] Intelectuais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Oliveira Vianna, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Prudente de Morais, Villa-Lobos, dentre outros, seriam os responsáveis por pensarem um Brasil mais autêntico, resgatando e valorizando símbolos tipicamente nacionais, provocando uma revolução cultural principalmente nos grandes centros do país como, por exemplo, em São Paulo, com a Semana da Arte Moderna de 1922.

Todavia, o modernismo já havia conquistado campo muito antes que 1922, ano considerado por muitos pesquisadores como *"[...] um evento fundador para toda uma geração 'modernista'[...]"*.[15] Para Motta, *"[...] o ideal cosmopolita da Belle Époque fora abalado na Primeira Guerra [...]"*[16] apesar de ainda possuir *"[...] um grau elevado de sedução"*[17] em alguns países. Mais especificamente, Hermano Vianna nos dá uma referência substancial para definirmos o modernismo brasileiro, que, para Eduardo Jardim de Moraes, foi constituído por duas fases. A primeira "*iniciada em 1917, caracteriza-se como a da polêmica do modernismo*

[12] *Ibidem.* p.28.
[13] MOTTA, 1992. p.28.
[14] MOTTA, 1992. p.28.
[15] GOMES, 1993, p.5.
[16] MOTTA, *Op Cit.* p.60.
[17] MOTTA, *1992*. p.60.

contra o passadismo"[18] caracterizada pela "*modernização em que se sente fortemente a absorção das conquistas das vanguardas europeias do momento e que perdura até o ano de 1924"*[19] e uma segunda fase que se inicia *"no ano crucial de 24, quando o modernismo passa a adotar como primordial a questão da elaboração de uma cultura nacional, e que prossegue até o ano de 1929".*[20]

Para melhor compreendermos esse modernismo "nacionalizador", veremos dois movimentos culturais – o samba e o carnaval – que foram experimentados como símbolos desse Brasil mais autêntico. Em relação ao samba, Hermano Vianna inicia seu debate mencionando a frustração de autores como Lima Barreto, um dos "*'bem-intencionados' defensores das 'coisas brasileiras'",*[21] ao afirmar em *"O triste fim de Policarpo Quaresma [...] romance publicado em 1925"*[22] que a *Belle Époque* fez com que o violão desaparecesse "*dos salões cariocas para dar lugar quase exclusivo ao piano, que acompanhava principalmente árias de óperas italianas".*[23]

Penetrando pelo mundo dos compositores e literatos da década de 1910 e 1920, Vianna traz à tona um universo social multifacetado, no qual os intelectuais brasileiros como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Prudente de Morais, saíam *"de noite boemiamente [...] com Villa-Lobos e Gallet"*[24] para *"uma noitada de violão, com alguma cachaça e com os brasileiríssimos Pixinguinha, Patrício, Donga"*[25]os quais, em maioria, eram homens de poucas letras, negros ou mulatos, de origens modestas e que possuíam o talento de conduzirem em seus instrumentos as melodias das ruas, favelas e becos do Rio de Janeiro.

Considerados "brasileiríssimos" os artistas das ruas se tornavam referências para os que viam nas letras uma possibilidade de expor um pouco do que seria o Brasil, o seu povo e a sua cultura. Um personagem importante dessa cultura popular destacado por Vianna foi Catulo da Paixão Cearense. Nascido no Maranhão em 1863, filho de um ourives, Catulo da Paixão viveu rodeado dos grandes clássicos da literatura que seu pai lia. Após a morte deste, veio para o Rio de

[18] MORAES, Eduardo Jardim de. *A Brasilidade Modernista.* Rio de Janeiro, Graal, 1978. *Apud.* VIANNA, Hermano, O Mistério do Samba. 6º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 2007. p.95.
[19] VIANNA, 2007, p.95.
[20] VIANNA, 2007, p.95.
[21] VIANNA, 2007. p.47.
[22] VIANNA, 2007. p.47.
[23] VIANNA, 2007. p.47.
[24] *Ibidem.* p.19.
[25] VIANNA, 2007. p.19.

Janeiro onde a sua situação financeira mudou radicalmente. Trabalhando como estivador, Catulo da Paixão começou a cantar suas modinhas *"[...] em residências de abastados".* [26]

Figura assídua dos palacetes da cidade, Catulo da Paixão Cearense foi "*um artista muito bem relacionado [...] amigo de políticos, escritores, milionários"* [27] e não deixou de ser visto em locais considerados como redutos do samba. Mantendo "*contato com músicos menos famosos, os futuros inventores do samba (tanto que era frequentador da casa de Tia Ciata, na Praça Onze, um dos berços da cultura sambista)",*[28] o artista fez com que as suas marchinhas tivessem uma grande repercussão, principalmente entre aqueles indivíduos das altas rodas cariocas ávidos por um pouco mais da verdadeira música brasileira.

Por mais que alguns literatos identificassem Catulo, Pixinguinha e Donga como parâmetros da autêntica cultura nacional, muitos outros "conheceriam o Brasil" somente por meio de intelectuais europeus, principalmente os franceses. Alguns artistas do país apreciavam o Brasil pelo poeta Blaise Cendrars, que *"ensinara a seus amigos modernistas brasileiros o respeito pelas 'coisas negras' e pelas 'coisas brasileiras'".*[29] Autores como Eduardo Jardim de Moraes, a pintora Tarsila do Amaral, Mário de Andrade e Oswald de Andrade tornaram públicos comentários efusivos em reverência a Blaise Cendrars, como por exemplo, o livro de poemas "*Pau-brasil"* escrito por Oswald de Andrade dedicado ao seu amigo francês *"[...] por ocasião da descoberta do Brasil".*[30]

Além do samba estudado por Vianna, outra manifestação cultural popular na cidade do Rio de Janeiro foi o carnaval. Estudado por Maria Clementina Pereira Cunha, os festejos de Momo eram vistos com maus olhos, em finais do século XIX e início do século XX, pelos grupos mais aristocráticos, que percebiam nos entrudos e cordões a *"[...] expressão da barbárie, da incultura ou da grosseira das ruas"*[31] ao mesmo tempo em que os bailes das *Sociedades Carnavalescas* frequentadas pelos círculos mais ricos como a *Tenentes, Democráticos e Fenianos* eram vistas como grêmios que preservavam a fidalguia do carnaval.

As transformações políticas e sociais – como a Proclamação da República e a Abolição da Escravidão − ocorridas no Rio de Janeiro entre finais do século XIX e o início do século XX

---

[26] *Ibidem.* p.45.
[27] *Ibidem.* p.50.
[28] VIANNA, 2007. p.50.
[29] *Ibidem*. p.95.
[30] *Ibidem.* p.96.
[31] CUNHA, Maria Clementina Pereira Cunha. Ecos *da Folia: Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.151.

revelariam um novo momento sociocultural em que as diferenças *"internas vieram à tona, e múltiplos pontos de vista se impuseram em face da nova configuração do país e da cidade da qual o carnaval era uma colorida expressão".*[32] Socialmente mais complexo e multifacetado, o carnaval do início do século XX é interpretado por Maria Clementina como uma grande teia em que as diferenças sociais e as manifestações culturais se diluíam durante as comemorações, revelando que, de certa forma, *"os préstitos elegantes haviam encontrado eco nas brincadeiras rudes".*[33] Isso porque o aumento das agremiações "*organizadas nas áreas mais pobres da cidade não deixava de ser uma evidência de que a pedagogia carnavalesca, [...] havia dado resultado"*[34] e, por outro lado, *"as elites "pensantes" já não encontravam em si próprias a autoconfiança ou a unanimidade e a solidez de antes".*[35]

Aproximando-se a década de 1920, da mesma forma que ocorreu com o samba, o carnaval também passou por um processo de apropriação e leitura da intelectualidade carioca. Escritores como Coelho Netto, buscaram, a partir de uma pedagogia dos grupos sociais mais destacados, características autênticas de alguns movimentos carnavalescos que exprimissem uma "origem" popular e legitimamente nacional do carnaval. Segundo Cunha, haveria um casamento entre os ranchos, frequentados por "*negros e trabalhadores pobres da cidade",*[36] e que nesse momento "*andavam à cata de proteção e ascensão social",*[37] *e* intelectuais que naquele momento *"inquientavam-se já em sua longa procura pela autenticidade popular e pela originalidade brasileira".*[38] Nesse contexto os ranchos tornaram-se símbolos de uma autenticidade popular e modelos de um carnaval mais genuíno, capazes de oficializar uma cultura das ruas e ao mesmo tempo servir como importante ferramenta de disseminação e valorização dos símbolos nacionais.

As obras de Maria Clementina Cunha e Hermano Vianna nos ajudam a construir parte do cenário cultural vivido na cidade do Rio de Janeiro no início da década de 1920. Ambos confirmam veementemente que o conceito de modernidade já havia mudado o seu eixo de percepção desde meados da década de 1910. O estrangeirismo da *Belle Époque* era substituído gradativamente por uma ânsia desses grupos mais influentes em mostrarem a singularidade da cultura brasileira e de inserirem tais manifestações populares em seus cotidianos. Tal

[32] *Ibidem.* p.155.
[33] CUNHA, 2001. p.155.
[34] CUNHA, 2001. p.155.
[35] CUNHA, 2001. p.155.
[36] *Ibidem.* p.243.
[37] CUNHA, 2001. p.243.
[38] CUNHA, 2001. p.243.

disseminação do popular fez com que o tema 'samba e o carnaval' ganhasse gradativamente um espaço considerável nas páginas dos jornais, revistas e livros.

Por outro lado, a nova conjuntura aumentou a possibilidade de aceitação e absorção de elementos de uma cultura popular e de alguns desses populares dentro de um universo restrito aos grupos mais distintos da sociedade, legitimando-os dentro de um contexto social complexo e excludente. Isso não significa que as disparidades sociais desapareceriam, ao contrário, as barreiras sociais ainda se estabeleciam em outros aspectos, como na esfera do trabalho, no nível educacional ou nas questões raciais, por exemplo.

A busca pela autêntica cultura nacional fez com que elementos de uma cultura hegemônica e uma cultura popular interagissem. Mikhail Bakhtin, a partir do estudo das obras de Rabelais sobre o carnaval no século XVI,[39] percebeu que, apesar de uma *"dicotomia cultural",*[40] existia uma circularidade entre dois modos de vida que se misturavam e/ou se complementavam dentro de um *"influxo recíproco entre culturas subalterna e cultura hegemônica".*[41] Essa circularidade cultural percebida no carnaval e no samba também é vista em toda a sistemática que envolve o futebol e outras práticas esportivas introduzidas na cidade no final do século XIX.

Um diferencial do esporte em relação às outras duas manifestações culturais presentes na cidade é que essas práticas corporais eram marcas de uma nova cultura comportamental vivida nos países da Europa, provocadas pela consolidação do *Estado Burguês* e do avanço desenfreado das relações capitalistas. Semelhantemente, os esportes chegaram ao Rio de Janeiro como uma nova prática cultural incorporada pelos novos círculos sociais dominantes em um momento em que assumiam o controle político e econômico da capital do país. Essas manifestações serviriam como inéditas *"tradições inventadas"*[42] forjando essas recentes elites dirigentes, e criariam em torno da mesma novos vínculos de sociabilidade que as diferenciariam de uma elite colonial que havia tido o controle do país até finais do século XIX.

Segundo Victor Melo essas atividades esportivas devem ser caracterizadas como esportes modernos que diferentemente das outras atividades corporais, como a capoeira, por exemplo, se

---

[39] Através da leitura das obras de Rabelais, Mikhail Bakhtin consegue estabelecer uma relação entre uma cultura hegemônica – representada pelo universo literário – e a cultura popular descrita por Rabelais em seus livros. BAKHTIN. Mikhail. *L'oeuvre de François Rabelais et la Cultura Populaire au Moyen Age et sous la Renaissance.* Paris, 1970. *Apud.* GINZBURG, 2006. p.15.
[40] *Ibidem.* p.15.
[41] GINZBURG. 2006. p.15.
[42] Eric Hobsbawn (2006) afirma que *"A "tradição" neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do "costume", vigente nas sociedades ditas "tradicionais". O objetivo e a característica das "tradições", inclusive das inventadas, é a invariabilidade. [...] O "Costume", nas sociedades tradicionais, tem dupla função de motor e volante. [...]"* In. HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições.* São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2006. p.11.

destacam por serem atividades que primam "*pela organização do calendário de competição e dos clubes, por [...] desenvolverem um corpo técnico especializado, pelo desenvolvimento de um mercado ao seu redor [...]"*[43]etc., oriundas de nações em avanço industrial. Entre algumas modalidades, Melo destaca o turfe como o primeiro esporte dito moderno a se consolidar no Rio de Janeiro. As corridas de cavalos eram realizadas *"na cidade desde o período colonial e de forma mais organizada a partir de 1810",*[44] mas *"somente em 1847 que se observa um decisivo avanço"*[45] com a criação de *"normas e regulamentos da escola inglesa e com finalidades clássicas ainda admitidas".*[46]

Além de ser um modismo inglês, outros dois aspectos seriam importantes para compreendermos as motivações que fizeram do turfe o primeiro esporte simpático aos grupos mais abastados da cidade do Rio de Janeiro. Em primeiro lugar, os cavalos ainda faziam *"parte do cotidiano da cidade",*[47] isso porque esses animais *"[...] há muito ocupavam importante lugar na sociedade, como meio de transporte e carregamento".*[48] Um segundo aspecto foi a possibilidade de criação de uma nova *tradição inventada,* o que não significou uma "*ruptura com os hábitos da sociedade no que se refere à repulsa aos esforços físicos",*[49] mas garantiu um novo espaço de convivência "*onde os membros da elite nacional [...] podiam exercitar o seu sentimento de distinção [...]"*[50] assistindo *"às corridas onde os jóqueis se apresentavam bem vestidos".*[51]

Cabe ressaltar que o turfe ainda era um esporte muito ligado às tradições coloniais próprias do século XIX. O turfe em sua concepção moderna foi sendo incorporado à sociedade carioca com certo atraso em relação aos outros países. Essa demora se explica pelo próprio sistema político da época – O Império – pela *"tradição cristã de uso austero e ritualizado, o aparato de controle e vigilância da Igreja e da burocracia estatal e, por fim, a escravidão [...]".*[52] A vida colonial, socialmente estratificada, delegava ao espaço público uma

[43] MELO. Victor Andrade de. *Cidade Sportiva: Os Primórdios do Esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2001. p.15.
[44] *Ibidem.* p.27.
[45] *Ibidem.* p.33.
[46] MELO, 2001. p.33.
[47] *Ibidem.* p.34.
[48] *Ibidem.* p.33.
[49] MELO, 2001, p.33.
[50] *Ibidem.* p.34.
[51] MELO, 2001, p.34.
[52] JESUS. Gilmar Mascarenhas de. *Construindo a Cidade Moderna: A Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: CPDOC. n. 23, p. 17-39, 1999. p.21.

funcionalidade mais tolhida, se restringindo ao *"[...] domínio 'da economia de gestos' [...]"*[53] e à necessidade de ir à missa com certa *"[...] freqüência socialmente obrigatória"*.[54] Esse aspecto foi mudando ao longo de todo o século XIX com a popularização do esporte em outros países – como a Inglaterra da Era Vitoriana – e com as transformações políticas e, principalmente, urbanas, trazidas com o advento da República no Brasil.

Mais característico da sociedade urbanoindustrial, o remo também foi um esporte responsável por criar novos vínculos sociais. Diferente do turfe, o remo teve um processo mais complexo de desenvolvimento, pois alterou drasticamente a relação dos indivíduos com o espaço urbano. O pudor e a inexistência do hábito de se tomar banho em público foram barreiras transpostas quando se estabeleceu uma vinculação entre o banho e a higiene. Mais adiante, com as reformas urbanas no Rio de Janeiro, as praias da zona sul foram sendo gradativamente ocupadas e, além de ser uma medida higiênica, as areias foram se tornando um espaço de lazer enquanto *"a utilização de canoas e barcos [...] estava ligada [...] à contemplação do mar e da praia a partir de outro ângulo [...]"*.[55] Paralelamente, as primeiras competições foram organizadas ainda no século XIX, quando *"em 1861, uma regata agitou a cidade, mobilizando grande público"*.[56]

A construção do campo dos novos hábitos comportamentais tendo o esporte como uma dessas *"tradições inventadas"* não se restringiu ao remo e ao turfe. Outros esportes modernos chegaram ao Rio de Janeiro trazidos por estudantes vindos de colégios da Europa e por imigrantes que aportaram na cidade naquele momento.

Semelhantemente às outras práticas esportivas, o futebol também serviu para estabelecer novos espaços de distinção social em um período em que as novas configurações políticas ditavam um ritmo mais flexível entre os grupos sociais. Muitos historiadores apontam como marco inicial a chegada de Oscar Cox, um jovem brasileiro que estudara na Suíça, e que trouxera os primeiros materiais esportivos e regras em 1897.[57]

Desde o momento de sua entrada no Rio de Janeiro, o futebol buscou satisfazer as necessidades de um grupo social dirigente, possibilitando a construção de novos espaços de sociabilidade, contribuindo também para forjar novas distinções entre os grupos e outros estratos

---

[53] *Ibidem.* p.21.
[54] JESUS, 1999. p.22.
[55] MELO, 2001. p.46.
[56] MELO, 2001. p.52.
[57] Entre os historiadores apontamos PEREIRA (2000. p.22).

mais populares existentes na capital. Os primeiros clubes fundados por britânicos no Rio de Janeiro como o Rio Cricket and Athletic Association (1896) e o Paissandú Cricket Club (1892), antes voltados ao cricket, foram introduzindo o futebol em sua vida social. O Rio Foot-Ball Club (1902) e o Fluminense Football Club criado por Oscar Cox e outros jovens da cidade foram os primeiros clubes de futebol fundados por brasileiros e que surgiam para uma finalidade: tentar recriar *"[...] no Rio de Janeiro um espaço onde pudessem manter os novos hábitos adquiridos no exterior."*[58]

Esses modismos representaram um traço do cosmopolitismo fortemente presente na sociedade da *Belle Époque* do início do século. Da mesma forma que o turfe e o remo, o futebol foi adotado como uma nova tradição cultural vinda do exterior, mais precisamente das *"public schools inglesas*" frequentadas *"pelos filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia"*[59] e, logo assim que foi instituído enquanto esporte moderno passou a ser organizado e estruturado como um campo de práticas esportivas destinados aos círculos mais ricos da cidade. De acordo com Pierre Bourdieu, o campo das práticas esportivas se autonomiza e/ou racionaliza na medida em que *"se afirma mais claramente (e) quando se reconhece aos grupos esportivos as faculdades de autoadministração e regulamentação [...] fundamentadas numa tradição histórica",*[60] que conferem a um grupo o *"poder disciplinar (exclusões, sanções etc.), destinado a impor respeito às regras específicas por ela editadas".*[61]

No início do século XX o domínio das práticas esportivas modernas estava sob as classes mais distintas da sociedade carioca. Fundamentado em um *"ethos das 'elites'",*[62] as práticas esportivas se amparavam naquilo que ficou definido como *"a teoria do amadorismo",*[63] fazendo *"do esporte uma prática [...] desinteressada quanto à atividade artística, [...] para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes".*[64] Portanto, o amadorismo define uma prática esportiva concebida

> *"como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de "formar o caráter" e inculcar a vontade de vencer ("will to win"), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras - é o fair play, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço".*[65]

---

[58] *Ibidem.* p.29.
[59] BOURDIEU. Pierre. *Como é Possível ser Esportivo*? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983. p.139.
[60] BOURDIEU,1983. p.140.
[61] BOURDIEU, 1983.p.140.
[62] *Ibidem.* p.139.
[63] BOURDIEU,1983. p.140.
[64] BOURDIEU,1983. p.140.
[65] BOURDIEU,1983. p.140.

Não foi por acaso que esses grupos sociais se habituaram ao futebol, às regras, aos termos usados durante o jogo – *free kick, offside, goal* etc. − e aos materiais esportivos importados da Europa. Nas duas primeiras décadas do século XX o futebol se transformou em um modismo do *"high-life",*[66],perpetuado nos altos círculos da sociedade carioca. Gradativamente, lançados nos principais jornais da época, alguns livros e manuais justificavam a prática de exercícios físicos como extremamente importantes para o desenvolvimento de *"uma nação sadia e forte, valorizando os princípios de um axioma repetido à exaustão no período: 'mens sana in corpore sano'".*[67] Mais que uma importante ferramenta para o cultivo do físico, a prática de esportes se constituía como uma arma capaz de disciplinar o indivíduo, incutindo-lhe valores éticos e morais, higiênicos e eugênicos, tornando-o parte integrante dos grupos mais distintos da sociedade. Essas reflexões permeavam a prática dos esportes na cidade e eram questões predominantes até o início da década de 1910. Logo, além de ser encarado como um grande modismo, o futebol amador introduzia nos círculos da alta sociedade carioca valores como eugenia e o desenvolvimento físico e moral.

Aproximando-se da década de 1920, da mesma forma que o carnaval e o samba, o futebol também foi objeto de contemplação dos intelectuais modernistas. Autores como Graciliano Ramos defenderia a mudança de nome, alterando o estrangeiro "football" por um mais ligado ao Brasil, como *"[...] cavalhada, o cambapé, a rasteira ou o jogo de 'bola de palha de milho'".*[68] Outros intelectuais faziam a promoção de outros esportes mais ligados às "raízes" nacionais, como o "headball" *"[...] uma prática habitual entre o povo pareci [...]".*[69] A própria imprensa entusiasmada com tal jogo indígena chegou a afirmar que os brasileiros *"seriam também pioneiros do jogo da bola [...]".*[70]

As concepções acerca do futebol mostram que o esporte possuía um peso relevante no cenário cultural do Rio de Janeiro. Além dos altos círculos sociais, esse esporte já era compartilhado e vivenciado por outros setores da sociedade, o que provocou alterações significativas no campo das práticas esportivas. Segundo Pereira, o futebol chegou à década de 1910 como um "esporte triunfante" caracterizado por uma popularização do esporte na cidade.

---

[66] Este termo é citado por PEREIRA (2000, p.73-87) *passim.*
[67] *Ibidem,* p.44.
[68] *Ibidem.* p.305.
[69] PEREIRA, 2000. p.305.
[70] PEREIRA, 2000. p.305.

Esse processo ocorreu a partir do aumento considerável de expectadores nos estádios, a explosão do número de clubes, a organização dos primeiros torneios oficiais e também devido aos primeiros amistosos e torneios internacionais capazes de envolver maior número de pessoas das mais diferentes classes em um amplo sentimento de pertencimento coletivo. O futebol, tratado como uma tradição restrita aos altos círculos da sociedade carioca passava a ser vivenciado por outros grupos sociais, caindo assim nas malhas de uma cultura popular mais *"heterogênea, [...] composta de elementos antagônicos"*[71] coligando indivíduos *"da imigração europeia [...] outros da herança africana [...] e traços da cultura dominante, reapropriados e reelaborados pelas classes subalternas"*.[72]

O processo de popularização foi gradual e bateu às portas das décadas de 1910 e 1920 revelando uma forma inédita de se conceber o futebol e as manifestações sociais relacionadas ao mesmo. Agora, mais que uma atividade descompromissada e um modismo elegante, o futebol poderia ser ponderado a partir do V Sul-Americano como uma atividade capaz de pensar os indivíduos em sua coletividade, congregando ricos e pobres, empresários e trabalhadores braçais, negros e brancos em volta de uma identidade nacional. De acordo com Pereira, esses lampejos patrióticos *"não seriam, porém, tão claros"*[73] em um primeiro momento. Os sinais iniciais desse sentimento de pertencimento coletivo podem ser timidamente percebidos nos jornais a partir dos primeiros jogos amistosos do selecionado nacional ocorrido em 1908. Os três primeiros confrontos internacionais com a Argentina – três derrotas 2x0, 7x0 e 3x0 − fizeram a cidade *"lutar"* contra um inimigo comum, provocando *"protestos e confusões pelas ruas, patrocinados por torcedores inconformados"*[74]com os resultados das partidas.

No entanto, essa frustração foi sendo vencida gradualmente. Em 1913, o Brasil enfrentou vários adversários, como a seleção portuguesa, a equipe do Corinthian e do Excelter City, ambos da Inglaterra, vencendo-as[75] de maneira convincente. No mesmo ano, o selecionado brasileiro, formado pela primeira vez por jogadores nascidos exclusivamente no país, jogou e venceu os chilenos. Em 1914 o Brasil conquistou o seu primeiro título, a Copa Rocca, disputada contra a Argentina.

---

[71] BATALHA, Cláudio M. *Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira República*. In: BATALHA, Cláudio M., SILVA, Fernando T. e FORTES, Alexandre (orgs.). *Culturas de classe.* Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2004. p.9.
[72] *Ibidem.* p.10.
[73] PEREIRA, 2000. p.107.
[74] *Ibidem.* p.106.
[75] Brasil 1x0 Portugal em 1913, Brasil 2x1 Corinthians em 1913 (duas partidas com o mesmo placar.) e Brasil 2x0 Excelter City. PEREIRA, 2000. p.139 -140 *passim.*

Esse sentimento patriótico serviu para estabelecer uma reflexão sobre a nação brasileira como um todo. Ainda relacionados aos valores positivistas – que definiam critérios evolucionistas para povos, raças e nações − esses questionamentos poderiam ser considerados um *"excelente terreno para a construção e confrontação de juízos sobre a nação".*[76] As primeiras derrotas foram marcadas por um sentimento de inferioridade em que os jornais e intelectuais brasileiros reforçavam o discurso de que o país era marcado pela mestiçagem, a vadiagem, a preguiça, o atraso econômico e a corrupção política. Mesmo representada em campo pelos indivíduos mais distintos da sociedade, as críticas aos selecionados brasileiros eram muitas vezes associadas à visão dos grupos formadores de opinião da cidade em relação aos grupos menos favorecidos e marginalizados.

As frustrações das derrotas, que marcavam uma visão pejorativa sobre a nação brasileira, foram sendo gradativamente substituídas por um sentimento efusivo em que os jornais apontavam uma evolução da raça brasileira em relação às demais. As futuras vitórias fizeram com que as diferenças sociais marcadas pelas *"arquibancadas, cheias de jovens bem vestidos e de senhoritas elegantes"*[77] e pelas gerais *"onde se espremia o público amplo e indiferenciado, composto por trabalhadores negros e brancos, de ofícios diversos"*[78] fossem minimizadas pelos jornais que enfatizavam "*[...] 'um grito uníssono' – 'Viva o Brasil'".*[79] Essa virada é assinalada pela conquista do Sul-Americano de 1919 sobre a temida seleção uruguaia em solo brasileiro. Já marcado pelos primeiros debates acalorados sobre a presença de negros e pobres nos campos e nas arquibancadas, os jornais descreviam sem qualquer distinção pejorativa, o fervor patriótico provocado pela vitória da seleção brasileira sobre o Uruguai como *"'simplesmente indescritível'", o público – composto pela sociedade 'mais elevada e a mais modesta', sem distinção de sexo ou classe social' dava 'viva uníssonos aos jogadores'".*[80]

Depois de todo o frenesi dos anos anteriores, o Brasil se preparava novamente para dar mostras de seu poderio. Os Jogos Olímpicos do Centenário organizado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que continham em seu programa o V Campeonato Sul-Americano de futebol, representaria um momento em que o Brasil confirmaria finalmente a sua superioridade perante as outras nações. Além de mostrar os avanços econômicos como ocorrera

[76] GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no Campo de Futebol: Estudos Antropológicos Sobre os Significados do Futebol Brasileiro.* Rio de Janeiro: EdUFF, 1998. p.20.
[77] PREREIRA, 2000. p.153.
[78] PREREIRA, 2000. p.153.
[79] PREREIRA, 2000. p.153.
[80] *Ibidem.* p.141.

com a Exposição do Centenário, os Jogos Olímpicos do Centenário foram organizados para consolidar de uma vez por todas o sentimento nacional e fortalecer o discurso de que, além do país, o povo brasileiro também se desenvolvera. Para isso, era necessário dar mostras de sua força esportiva e vencer os seus tradicionais adversários.

Esse discurso patriótico formulado pelos grandes jornais da cidade evidencia duas questões. A primeira está voltada à visão dos grupos mais distintos sobre as outras classes, principalmente no que se refere ao discurso da derrota. A respeito desse aspecto, seguimos o alerta de Ginzburg de que não podemos atribuir cegamente qualquer valor pejorativo aos grupos sociais mais populares e suas manifestações culturais – festas, comportamento, crenças etc. – pois quando formulados, esses comentários jornalísticos acabam sendo *"depositários do único discurso que representa uma alternativa radical às mentiras da sociedade constituída"*.[81]

Estamos de acordo com uma segunda proposta do autor de que apesar de formarem uma opinião "hegemônica" sobre a nação, os jornais e revistas não deixaram de revelar em seus conteúdos características de uma cultura popular, da mesma forma que, quando eram dadas as devidas atenções aos grupos populares, os elementos culturais vivenciados por esses indivíduos revelam um aspecto heterogêneo, convergindo valores de uma cultura hegemônica com a cultura popular.

1.2. Por Que os Brasileiros são Bicampeões Sul–Americanos?

O ano de 1922 seria marcado por um momento significativo da história nacional. O país comemoraria o seu centenário e, dentro dessa expectativa, uma série de ponderações acerca do desenvolvimento do país e do povo brasileiro ocupariam grande parte dos debates esportivos. Essas reflexões sobre a Exposição do Centenário, analisada por Marly Motta, a criação das Olimpíadas do Centenário e a organização do V Sul-Americano foram elaboradas oficialmente *"por uma parcela da sociedade dotada de meios poderosos de difusão de suas ideias – jornalistas, ensaístas, literatos e intelectuais"*[82] responsáveis por uma meditação sobre a situação do país e de seu povo após cem anos de história.

[81] GINZBURG. 2006. p.18.
[82] MOTTA, 1992. p.16.

Partindo de cima (elites pensantes) para baixo, esse juízo sobre a nação deve ser pensado enquanto um discurso carregado de valores, aspirações e intenções. Para Stuart Hall, a nação é narrada "*tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular".*[83] Como qualquer narrativa, os valores que eram atribuídos aos fatos e às interpretações seriam capazes de dar um significado *"[...] e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após a nossa morte".*[84] Esse discurso seria capaz de conferir aos indivíduos uma identidade que se torna comum aos outros membros, dando o sentido daquilo que Benedict Anderson chamou de uma *comunidade imaginada,*[85] em que *"sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é concebida como um companheirismo profundo e horizontal".*[86]

As Olimpíadas do Centenário e o Campeonato Sul-Americano de 1922 foram planejados com o intuito de revelar ao mundo um novo modelo de nação. Para o cronista do *Correio da Manhã*, *"passados cem annos da data gloriosa de 7 de setembro",*[87] a organização das Olimpíadas do Centenário e do Sul-Americano seria uma maneira de *"dar uma demonstração [...] de que o brasileiro [...] não é mais o que tivemos em 1822",*[88] principalmente no que se diz respeito à *"robustez e ao desenvolvimento physico".*[89] O Brasil contava cem anos depois de sua independência com "*uma rapaziada muito mais capaz que a de outrora, cheia de vida, saúde forte e não seria demais, se fizéssemos, por isto, uma demonstração desse aperfeiçoamento incontestável".*[90]

As primeiras manifestações relacionadas a esse projeto nacional seriam relativas à organização do evento, mais especificamente ligadas à participação do Estado no financiamento dos mesmos. Essa não intervenção do Governo Federal no projeto dos Jogos do Centenário provocou uma reação dos jornais cariocas que culpavam diretamente o Estado por estar causando um vexame nacional. Toda a polêmica para a "*realização das provas Olympicas Sul-*

---

[83] HALL, Suart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.* 11ºEd. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006 p.52.
[84] HALL. 2006, p.52.
[85] ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo.* São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2008. p.16.
[86] ANDERSON, 2008. p.16.
[87] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 6 fev. 1922. Correio Sportivo.
[88] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 6 fev. 1922. Correio Sportivo.
[89] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 6 fev. 1922. Correio Sportivo.
[90] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 6 fev. 1922. Correio Sportivo.

Americanas"[91] teve início quando o Comitê Olímpico Internacional (COI) enviou o Sr. Hopkins – representante do COI – ao Rio de Janeiro com o objetivo de analisar as possibilidades da cidade em realizar qualquer atividade esportiva de caráter olímpico. A partir de um despacho telegráfico, Hopkins *"informou ao barão de Coubertin que nada fizemos ainda, como querendo fazer sobressaltar de suas palavras a afirmativa de nossa incapacidade".*[92] Depois de ler todo o relatório do Sr. Hopkins, o Barão de Coubertin daria um prazo de um mês ao governo brasileiro, caso contrário, *"os festejos olympicos sul-americanos (seriam) transferidos, ou não realizados".*[93]

Destacada pelos jornais, a incapacidade do Brasil em realizar os jogos se justificava primeiramente pelo fato de que o país atravessava uma grave crise econômica provocada por uma *"crise do café, uma inflação em alta e, especialmente, uma crise fiscal"*[94] iniciada *"na segunda metade de 1920"*[95] ainda durante o governo de Epitácio Pessoa, chegando *"ao auge em 1922".*[96] Apesar desse cenário econômico, o governo federal já direcionava parte de suas verbas para a Exposição do Centenário de 1922 no Rio de Janeiro. O relatório do Sr. Hopkins e a resposta do COI ao governo brasileiro fizeram com que à palavra "incapacidade", presente nos discursos jornalísticos, fosse somada a palavra "fracasso", pois "*nem se lhe affigurava impossível conseguir em tempo hábil os elementos necessários para uma organização tanto quanto possível perfeita, nem tampouco"*[97] e baseando-se "*nos dados actuaes, que essa organização havia fracassado. [...]".*[98]

Curiosamente nas reportagens seguintes, ambos os sentimentos – incapacidade e fracasso – eram justificados com o discurso de que as dificuldades "*com que luta a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) eram comuns em qualquer dos paízes latino-americanos, em todos os paízes de desenvolvimento sportivo incipiente".*[99] Ou seja, para os jornais tal incapacidade não era específica do Brasil, pois nenhum país latino-americano estaria no mesmo patamar de organização esportiva em relação aos países europeus, forçando o COI a "*desistir-lhe*

[91] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 21 jan. 1922. Correio Sportivo.
[92] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 21 jan. 1922. Correio Sportivo.
[93] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 21 jan. 1922. Correio Sportivo.
[94] FRITSCH, Winston. *1922: A Crise Econômica*. Estudos Históricos, vol. 6, nº 11, p. 3-8, 1993. p.3.
[95] FRITSCH, 1993. p.4.
[96] FRITSCH, 1993. p.4.
[97] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 1 fev. 1922. Correio Sportivo.
[98] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 1 fev. 1922. Correio Sportivo.
[99] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 1 fev. 1922. Correio Sportivo.

de exigir uma perfeição de organização só possível aos paízes no apogeu da cultura sportiva. [...]".[100]

Internamente, a autodepreciação nacional parecia uma forma de se ganhar tempo para angariar as verbas necessárias para as obras exigidas pelo Comitê Olímpico Internacional. Ao mesmo tempo, os jornais tentavam pressionar o governo federal, alegando que a CBD "*encontra as maiores difficuldades, devido a sua sempre precária situação financeira, em dar andamento aos trabalhos, devido ao nenhum auxílio por parte do governo",*[101] sendo *"quasi lógico que, sonegado esse concurso indispensável dos poderes públicos, os sports não se poderão representar".*[102]

Além da crise econômica, a falta de apoio do Governo Federal se devia a uma verba de 300:000$000 emprestada à CBD sob a administração de Macedo Soares – deputado federal e dono do jornal *O Imparcial* – para a realização dos jogos de 1922. Mas, para surpresa da CBD e do governo, esse mesmo empréstimo não se encontrava mais sob posse da entidade esportiva, fazendo recair o ônus da culpa sob o novo presidente, o Sr. Oswaldo Gomes e a sua diretoria, que, pressionado, afirmou não poder *"[...] de um lado restituir o dinheiro recebido pela que lhe antecedeu [...]"*[103] justificando que a gestão anterior já havia gasto todo o dinheiro, *"[...] inclusive no desperdício dos 113:000$000 furtados por Luiz Meirelles [...]".*[104] No mesmo relato, o presidente da CBD também se isenta da culpa pela falta de planejamento para a organização dos Jogos Olímpicos afirmando ter encontrado *"[...] a entidade brasileira completamente anarchizada [...]".*[105] Em sua conclusão, ele desabafa não ser *"[...] justo que queira o governo negar-lhe o auxílio [...]".*[106]

Ao mesmo tempo em que se especulavam os possíveis culpados, surgiam nas rodas esportivas da cidade outras possíveis formas de realizarem as Olimpíadas do Centenário sem o apoio governamental. Uma dessas propostas era a transferência dos jogos para São Paulo. O presidente de São Paulo o *"Sr Washington Luiz declarou ao representante da Comissão Central que o governo paulista acolhia com sympatia a ideia [...]".*[107] Outra possibilidade encontrada era entregar ao Fluminense Football Club, uma das entidades mais tradicionais do Rio de Janeiro, a

[100] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 1 fev. 1922. Correio Sportivo.
[101] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 6 fev. 1922. Correio Sportivo.
[102] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 6 fev. 1922. Correio Sportivo.
[103] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 4 mar. 1922. Correio Sportivo.
[104] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 4 mar. 1922. Correio Sportivo.
[105] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 4 mar. 1922. Correio Sportivo.
[106] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 4 mar. 1922. Correio Sportivo.
[107] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 12 fev. 1922. Correio Sportivo.

responsabilidade de gerir as verbas públicas para a organização dos jogos, *"[...] por julgá-lo a única sociedade capaz de realizar os alludidos festejos sportivos".*[108]

Uma terceira opção seria a aquisição de um empréstimo pela CBD ao Banco do Brasil para *"[...] a ampliação das archibancadas da Rua Guanabara e uma modificação no campo do Flamengo [...], para as provas de athletismo e football. [...]".*[109] Por último, apesar das demais ações para se tentar levar o projeto do centenário adiante, a solução seria a união de todos os importantes *"sportsmen"* da cidade, que financiariam os jogos por uma doação feita à CBD, que a restituiria "*[...] com a renda das bilheterias",*[110] enquanto uma outra parte seria custeada pela prefeitura do Rio de Janeiro que ainda se responsabilizaria pela *"[...] realização das provas de water-polo e natação na Quinta da Boa Vista, o que aliás, não nos parece possível, e às de remo, ou em Botafogo ou no Sacco de São Francisco[...]".*[111] Além disso, pôde-se contar com o apoio do Exército para a realização de provas como o hipismo e de tiro.

Após uma longa série de acusações entre CBD e o governo federal, os jornais noticiavam o resultado das conversações que se seguiram durante todo o primeiro trimestre de 1922. O governo abriria um crédito de 1.3000:000$ para serem aplicados nos jogos, transporte e hospedagem dos atletas, sendo essa quantia restituída com as rendas provenientes dos jogos e *"[...] o saldo que porventura for apurado, pertencerá a Confederação, a qual também ficará de posse dos materiaes adquiridos para a execução dos festejos sportivos".*[112] O governo se responsabilizaria também pela impressão dos programas e regulamentos, e pela cunhagem das medalhas.

Com as verbas, o projeto do Centenário foi posto em prática. Novas obras remodelariam o espaço urbano em nome de um progresso e de um pretenso desenvolvimento da civilização brasileira. Como já era uma tradição desde o período do prefeito Pereira Passos, as principais transformações urbanísticas tentavam demolir os resquícios de uma velha cidade, provinciana e colonial, marcada pelos casebres e cortiços do centro, valorizando as áreas ocupadas pelos grupos mais ricos da cidade.

Para as competições de remo, se fez necessária a finalização da Avenida Beira Mar – zona sul carioca − que teve a sua construção iniciada em 1902 no período das reformas de Pereira

[108] CORREIO DA MANHA, Rio de Janeiro: 24 fev. 1922. Correio Sportivo.
[109] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 7 fev. 1922. Correio Sportivo.
[110] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 6 fev. 1922. Correio Sportivo.
[111] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 7 fev. 1922. Correio Sportivo.
[112] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 27 abr. 1922. Correio Sportivo.

Passos. Vizinha de algumas garagens de clubes de remo mais importantes da cidade, a avenida seria reformada com o intuito de ser *"um dos boullevards mais lindos do mundo".*[113] A Avenida Beira Mar, *"que nascia entre as praias de Santa Luzia e da Lapa, no obelisco, ponto final da Avenida Central, terminando no morro da Urca"*[114] foi concluída na gestão do então prefeito Carlos Sampaio (1920 – 1922) com a construção da *"Avenida Rui Barbosa, onde seria construído o Hotel Sete de Setembro, de gabarito internacional e destinado a hospedar os visitantes ilustres às comemorações do Centenário".*[115]

Outras modalidades aquáticas como "*as provas de natação, water-polo e saltos"*[116] ornamentais seriam disputadas em uma piscina construída na Praia Vermelha "*na bacia ali existente a construção previamente autorizada e assignada da grande piscina de 100 metros por 70"*[117] e as prova de pólo aquático na piscina do Fluminense F. C., na Rua Guanabara. Os treinos para os desportistas da natação poderiam ser realizados no Arsenal da Marinha, no centro da cidade.

Em relação aos esportes terrestres, havia a pretensão de se construir um novo Estádio na Praia Vermelha. Inicialmente, o C.R. do Flamengo financiaria todo o projeto, mas caso não pudesse *"iniciar imediatamente a construção do seu stadium",*[118] os dirigentes da CBD alterariam os planos iniciais examinando "*os terrenos da Lagoa Rodrigo de Freitas"*[119] para a construção de um estádio nesse local. Antes de tal intenção, o governo municipal possuía outras prioridades para essa parte da cidade. Antes ocupada por uma população operária, devido ao grande número de indústrias na região, o projeto do prefeito Carlos Sampaio para a era de reorientar o curso das águas dos rios, realizando aterros e importantes obras de saneamento e circundando-a com uma *"bela avenida... que (seria) naturalmente bordada em sua maior extensão com, palacetes em centro de jardins [...]",*[120] abrindo a oportunidade de vender esses lotes para famílias mais ricas da cidade. Da mesma forma que o terreno da Lagoa não poderia ser mais utilizado, o C.R. do Flamengo também não executou o projeto de construção de um estádio na Praia Vermelha.

---

[113] MALHANO, Clara E.S.M.B. e MALHANO, Hamilton Botelho**.** *Memória Social dos Esportes – São Januário – Arquitetura e História.* Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2002. p.63.
[114] MALHANO, MALHANO, 2002. p.63.
[115] ABREU, Maurício de. *Evolução Urbana no Rio de Janeiro*. 4º Ed. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Urbanismo. Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos – IFP, 2006. p.77.
[116] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 10 jun. 1922. Correio Sportivo.
[117] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 10 jun. 1922. Correio Sportivo.
[118] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 29 jan.1922. Vida Desportiva.
[119] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 29 jan.1922. Vida Desportiva.
[120] ABREU, 2006. p.78.

A alternativa mais viável seria a ampliação do estádio do Fluminense F. C., situado na Rua Guanabara. Com o aumento das arquibancadas "*construídas em cimento armado e superpostas, com escadas assentadas no primeiro plano"*[121] aumentando *"a lotação do stadium [...] em 38 a 40 mil pessoas",*[122] além de serem criados *[...] o 'stand' para o tiro ao alvo segundo nos informaram, estará concluído ainda a 1 do mêz [...]"*[123] e uma *"pista de carvão para corrida rasa e de fundo".*[124] O Fluminense também concentraria em suas dependências as competições de tênis, pólo aquático e esgrima. O C.R. do Flamengo cederia também as suas dependências localizadas na Rua Paissandú para abrigar os jogos de basquete, as lutas de boxe a algumas competições de hipismo. As outras modalidades hípicas seriam realizadas no Jockey Clube, localizado na Avenida Central e nas dependências da Vila Militar, que receberia também as competições de tiro e de pentatlon moderno.

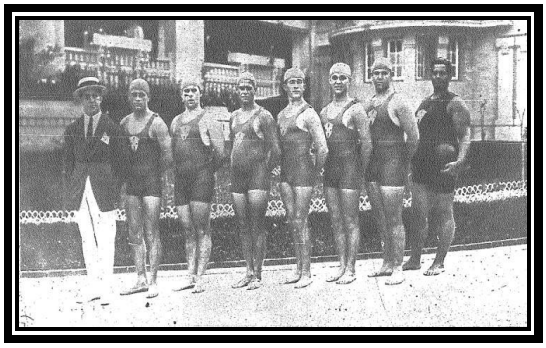
1. Boxeador brasileiro nos Jogos Olímpicos do Centenário. (*O Malho,* 16 set. 1922).

2. Vencedores dos 5.000 metros. Dois brasileiros colocados em 2º e em 3º lugar. (*O Malho,* 23 set. 1922).

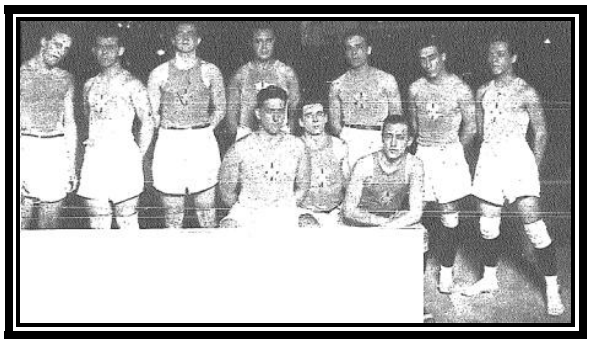
Em relação aos atletas, com algumas exceções como os boxeadores e atletas do atletismo, por exemplo, as equipes brasileiras vencedoras das seletivas eram formadas pelos grupos mais distintos da sociedade, pertencentes aos clubes mais tradicionais da cidade como o Fluminense F.C. Eram, em geral, brancos e representantes das famílias mais influentes – principalmente ligados às elites urbanoindustriais − educados nos principais colégios da cidade. Esse modelo de

[121] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 ago.1922. Vida Desportiva.
[122] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 ago.1922. Vida Desportiva.
[123] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 ago.1922. Vida Desportiva.
[124] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 ago.1922. Vida Desportiva.

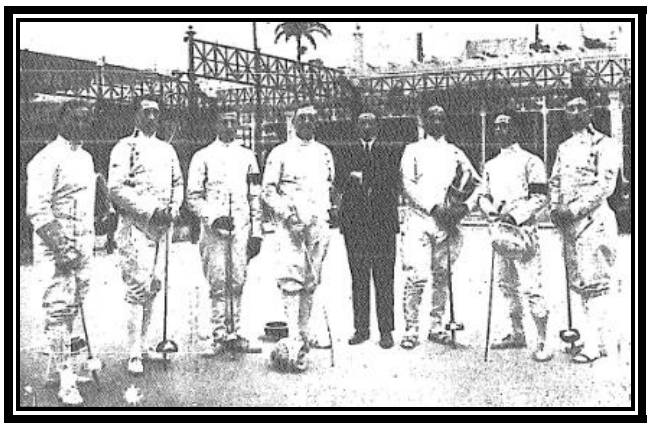
desportista pode ser percebido nas seleções de basquete, pólo aquático, entre os esgrimistas e nos próprios jogadores da seleção de futebol que disputaria o Sul-Americano desse ano.



3. Seleção brasileira de pólo aquático.
(*O Malho,* 7 out. 1922)



4. Seleção brasileira de basquete.
(*O Malho,* 23 set. 1922)



5. Equipe de esgrima do Brasil.
(*O Malho,* 23 set. 1922)

Especificamente em relação ao futebol, mesmo com todas as *"tricas e fruticas [...] quanto à superioridade entre os paulistas e cariocas",*[125] considerados pela imprensa *"incontestavelmente, [...] os melhores do Brasil",*[126] a equipe brasileira era a base da seleção de 1919. Para o gol, mesmo após um clamor em favor de Haroldo do Fluminense F.C., foi escalado o consagrado arqueiro Marcos Mendonça, que, segundo os jornais era *"o grande keeper da 'Copa Roca' que vencemos em 1914, em Buenos Aires",*[127] Arthur de Moraes Castro (o Laís) e Freitas, jogadores do Fluminense F.C., Palamone, jogador do Botafogo F.C., "*[...] um dos melhores backs brasileiros [...]",*[128] Barthô, atleta do São Bento A.C., Amílcar Baby, Altino Marcondes (o Tatu) e Manoel Rodrigues, do Corinthians, *Aphrodigio Xavier (Formiga) – [...]*

[125] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 10 ago. 1922. Vida Desportiva.
[126] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 10 ago. 1922. Vida Desportiva.
[127] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 17 set. 1922. Vida Desportiva.
[128] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 17 set. 1922. Vida Desportiva.

campeão por S. Paulo. − Manoel Xavier (Neco) − Campeão Sul-americano em 1919",[129] além do consagrado Friedenreich, o "El Tigre", jogador do Paulistano, o único mulato entre uma legião de jogadores brancos.

O curioso é que o desejo patriótico de vencer o V Sul-Americano e revelar ao mundo o desenvolvimento do povo brasileiro fez com que o critério de seleção dos jogadores seguisse um viés aparentemente político, com uma tendência muito maior em se valorizar um tipo de elemento social em detrimento da capacidade esportiva. Dessa forma, dentro de uma concepção amadora, os dirigentes da CBD colaboraram para a constituição simbólica daquilo que seria o modelo da raça brasileira tão bem descrita pelos jornais: bem preparada física, moral e intelectualmente, capaz de se equiparar aos seus vizinhos da América do Sul. Essa percepção é reforçada quando nos atentamos para a formação de outros selecionados brasileiros.

O caso mais contundente − e repetido em 1922 − foi o da seleção de 1919, quando a CBD proibiu a participação de jogadores negros em sua equipe. Pereira destaca que os jornais da época cobravam uma reação dos negros em face dessa ordem relatando que no Brasil *"'o preto [...] não quer ser preto'".*[130] Em anos anteriores, alguns jornais discutiam a escalação de jogadores como Luís Antônio do Bangu A.C. e Chiquinho do Andaraí A.C. O cronista do *Correio da Manhã* destacou em 1917 que *"não somos dos que fazem questão de que o quadro representativo do Rio seja formado de elementos claros como a gema d'ovos estrelados",*[131] pois um jogador *"deve ser escolhido para figurar num scratch quando é capaz de acarretar a responsabilidade do nome de jogador".*[132]

Os jornalistas justificavam a participação desses grupos dando como exemplo a seleção uruguaia que teria um negro, Gradin, como principal jogador, e o Brasil apenas com o mestiço, o atacante Friedenreich. O processo de segregação foi tão intenso e explícito que, em uma competição contra a Argentina em 1921, o próprio Estado estaria consciente, além disso, corresponsável pelo branqueamento do time brasileiro. O Governo brasileiro auxiliaria "*em 50:000$000 a Confederação Brasileira de Desportos para que essa pudesse mandar a sua representação para o campeonato sul-americano"*[133] e o próprio presidente, Epitácio Pessoa,

[129] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 17 set. 1922. Vida Desportiva.
[130] PEREIRA, 2000. p.172.
[131] PEREIRA, 2000, p.169.
[132] PEREIRA, 2000. p.169.
[133] *Ibidem.* p.176.

membro de honra da entidade, "*teria feito a ela uma exigência: 'a não ida para o Rio da Prata de jogadores que não sejam rigorosamente brancos'*".[134]

Tanto o selecionado de 1922 quanto o de 1919 nos servem como exemplos de como determinados grupos podem promover uma *"apropriação social"* [135] do futebol, transcendendo as qualidades esportivas de cada indivíduo em nome de algum propósito, seja ele diplomático, político etc. Portanto, inseridas em um contexto social e cultural específico, as manifestações esportivas apresentam *"uma grande elasticidade"*[136] e oferecem *"uma grande disponibilidade para usos totalmente diferentes*".[137] Logo, mais que uma escolha meramente esportiva, esses dois selecionados serviram para estabelecer os critérios sociais e raciais daquela que seria a imagem que os dirigentes da CBD queriam passar do povo brasileiro diante das outras nações participantes.

Já no ano seguinte, os critérios de escolha de jogadores para o selecionado nacional foram completamente diferentes dos anos anteriores. Isso porque em 1923, o selecionado nacional[138] que disputou o Sul-Americano no Uruguai era composto pelos atletas que mais se destacaram no recém-criado campeonato brasileiro, diferentemente do time de 1922,[139] escolhido por um critério pessoal dos dirigentes da CBD. Jogadores como o goleiro Nelson da Conceição, Luíz Ferreira Nesi, Mario Seixas, Amaro Silveira e Nilo Murtinho seriam jogadores de origens mais modestas, muitos deles mestiços e negros, pertencentes a clubes como o C.R. Vasco da Gama, São Cristóvão A.C., Americano (Campos - RJ) e Goytacaz (Campos - RJ). Dividiram espaço com jogadores consagrados como Manoel José Ferreira Coelho (Fluminense), Orlando Pennaforte de Araújo (Flamengo) e Alemão (Botafogo-RJ).

Essas questões revelam que o discurso amador e patriótico dos jornais já esbarrava em uma nova conjuntura social muito mais complexa. Para Pereira, *"a popularização do futebol na década de 1910"*[140] destacaria *"as qualidades esportivas de diversos atletas negros que jogavam em times de menor projeção",*[141] criando assim, *"uma nova situação"*[142] que revelou que

[134] PEREIRA. 2000. p.176.
[135] BOUDIEU. Pierre. *Coisas Ditas.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. p.213.
[136] BOURDIEU, 1990. p.215.
[137] *Ibidem.* p.216.
[138] Anexo – Seleções Brasileiras de 1922 e 1923.
[139] Anexo – Seleções Brasileiras de 1922 e 1923.
[140] PEREIRA, 2000. p.168.
[141] PEREIRA, 2000. p.168.
[142] PEREIRA, 2000. p.168.

critérios esportivos sobrepujavam gradativamente os interesses de determinados grupos em evidência que se utilizavam do futebol para estabelecerem distinções sociais, culturais e raciais.

6. Seleção brasileira de futebol que disputou o V Campeonato Sul-Americano. (*O Malho,* 28 out. 1922)

Por conseguinte, sob esse discurso patriótico, os Jogos Olímpicos tiveram início em 10 de setembro após uma cerimônia em que participaram as embaixadas da Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai, Venezuela, que disputariam os jogos terrestres e aquáticos, e os Estados Unidos, Grã-Betanha, Japão, México e Portugal, que fariam parte somente das competições aquáticas. Os adjetivos que exaltavam as qualidades da nação brasileira continuaram sendo ratificados devido aos excelentes resultados. No remo, os brasileiros se sagraram campeões gerais, deixando para trás nações como a Inglaterra, em segundo lugar, e os Estados Unidos, em terceiro.

Conquistas na natação, no pólo aquático, no basquete, na esgrima com o Tenente Oswaldo Rocha e no pentatlon moderno com Luís Bianchi, por exemplo, traziam às sessões esportivas as mais primorosas manifestações de regozijo pelo brilhante e, até certo ponto, inesperado sucesso da equipe nacional. Essas surpresas fizeram com que os jornais destacassem *"algumas classificações boas"*[143] como, por exemplo, *"no athletismo, [...] o resultado assombroso do dardo (e) um bom segundo nas barreiras".*[144]

Semanas depois seria dado início ao V Campeonato Sul-Americano. Distinta dos Jogos Olímpicos, a trajetória da seleção brasileira, acompanhada por uma grande expectativa dos jornais e da opinião pública, contrastou dos bons resultados obtidos pelo país em outras

[143] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 11 set. 1922. Correio Sportivo.
[144] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 11 set. 1922. Correio Sportivo.

modalidades. O clamor patriótico criado pelos jornais, e que envolvia o desenvolvimento da raça brasileira e o esforço de se organizar um selecionado com características sociais e raciais que se enquadrassem aos interesses dos grupos dirigentes, destoou diante dos fatos ocorridos nesse torneio de futebol. Já nos primeiros jogos, o selecionado brasileiro não conquistaria bons frutos. O primeiro resultado negativo foi um empate de 1x1 contra o Chile, o que encheu de lástimas os comentários de um cronista que afirmou não ser "*possível dizer do campeonato que elle se iniciou auspiciosamente",*[145] pois "*tudo corria admiravelmente bem, inclusive o ânimo do publico que é diffícil de se contentar em taes ocasiões".*[146] Essa frustração era justificada pelo fato de *"nunca os nossos hóspedes de agora alcançarem boas collocações nos campeonatos anteriores, para dizer a verdade, nunca elles conseguiram evitar o último logar da tabella".*[147]

Os jogos não seriam realmente fáceis. O equilíbrio técnico das equipes fez com que a imprensa mudasse o seu discurso sobre o Chile, considerando-o "*um adversário sério e respeitável [...]".*[148] Do mesmo jeito foi tratado o Paraguai, que havia vencido o Chile por 4x0. O resultado negativo da primeira rodada não acanhou a torcida que lotou o estádio da Rua da Guanabara ávida por assistir a primeira vitória da seleção brasileira e, ao mesmo tempo, curiosa para *"reconhecer o jogo dos paraguayos".*[149] Mas, mesmo em meio a tanto entusiasmo, a seleção nacional decepcionaria empatando novamente em 1 x 1. O clamor efusivo dos jornais que orgulhosamente ostentavam um discurso em que a seleção brasileira – uma espécie de "retrato" daquilo que consideravam a nação – foi ofuscada pelo surpreendente desempenho esportivo dos adversários, antes considerados inofensivos. Houve a partir de então uma busca incessante por respostas ao mau desempenho nacional. Para Leda Maria da Costa, *"[...] quanto mais for doloroso um fracasso, maior será a ânsia por respostas rápidas e pouco complexas",*[150] sendo mais fácil colocar *"a responsabilidade sobre alguns indivíduos"*[151] que *"admitir que o nosso time jogou e perdeu de forma merecida e, muito menos fácil é reconhecer a superioridade alheia".*[152]

---

[145] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 18 set. 1922. Correio Sportivo.
[146] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 18 set. 1922. Correio Sportivo.
[147] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 18 set. 1922. Correio Sportivo.
[148] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 18 set. 1922. Correio Sportivo.
[149] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 25 set. 1922. Correio Sportivo.
[150] COSTA, Leda Maria da. *Os Vilões da Derrota da Seleção Brasileira. A Importância do Resultado nas Narrativas Jornalísticas sobre Futebol*. In: XIII Encontro de História Anpuh-Rio, nº 13, p.1-8, 2008. p.3.
[151] COSTA, 2008. p.3.
[152] COSTA, 2008. p.3.

Essa reflexão sobre a derrota é esclarecedora porque esta revelou uma série de contradições em que as práticas não condizentes aos valores do amadorismo davam lugar a um contexto esportivo aparentemente profissional. Antes mesmo de iniciar o Sul-Americano, *O Imparcial* já alertava que os demais times "*tanto da Argentina, como também do Uruguay e Chile já se acham constituídos e rigorosamente exercitados"*[153] enquanto os brasileiros, que *"[...] até agora nada [...]",*[154] seguiam *"o [...] lema de sempre: Um por todos e todos por um!"*[155] O treinamento já era relacionado ao desempenho esportivo, relativizando o discurso amador reforçado pelos jornais em que o futebol deveria ser encarado como uma prática em si mesma e como um divertimento ou congraçamento entre as nações amigas. A demora na organização e a consequente falta de treinos do escrete fizeram com que alguns jogadores fossem questionados pela torcida e pela imprensa.

A primeira vítima dos comentários ácidos da imprensa e da fúria da torcida foi o goleiro Marcos Mendonça. Consagrado pela torcida e pela imprensa, campeão pelo Fluminense F.C., e pela própria seleção – Copa Roca de 1914 e o Sul-Americano de 1919, substituindo o goleiro anglo-brasileiro Robinson − Marcos Mendonça seria acusado como um dos pivôs da derrota da seleção para a equipe paraguaia. A prova da contestação popular relacionada a uma possível falha do goleiro Marcos Mendonça veio por meio de uma reportagem escrita por um cronista do *A Noite* que, se identificando com o pseudônimo *Veritas,* justificou que *"todos aquelles que assistiram ao match de domingo não passaram de uns idiotas",*[156] pois *"viram que a bola que Marcos 'enguliu' foi arremessada por ele fora da área penal, ficando [ele] apenas de pé".*[157]

Segundo *Veritas*, alguns cronistas, principalmente um, o qual ele denominou ironicamente de o *"téchnico sportivo"*, tentaria minimizar a falha de Mendonça que, em *"situação tão difícil, [...] para achar uma saída, não trepidou em pisar a verdade".*[158] *Veritas* destacou que o técnico sportivo afirmou absurdamente que o gol foi fruto "*de um forte shoot, no canto, e ainda mais, a um metro... de altura...".*[159] Além de diminuir o erro cometido pelo goleiro, este mesmo cronista apontaria o *"back"* Barthô como o verdadeiro responsável pelo gol sofrido por Mendonça. Para

[153] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 10 ago. 1922. Vida Desportiva.
[154] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 10 ago. 1922. Vida Desportiva.
[155] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 10 ago. 1922. Vida Desportiva.
[156] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set. 1922. Vida Desportiva.
[157] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set. 1922. Vida Desportiva.
[158] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set. 1922. Vida Desportiva.
[159] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set. 1922. Vida Desportiva.

ele *"Barthô furou... e conseqüentemente Marcos não podia defender a bola que segundo escreveu, foi "shootada com violência".*[160]

A pressão da opinião pública foi tão intensa que Marcos Mendonça foi substituído pela revelação do campeonato carioca de 1922, o goleiro Júlio Kunz do C.R. do Flamengo. Kunz, que ainda não havia tido nenhum convite da CBD para assumir o posto de Mendonça, foi "*assediado por amigos"*[161] que o procuraram para convencê-lo "*de que não deveria recusar qualquer solicitação feita"*[162] para participar das próximas partidas.

Em um determinado momento, as críticas, que antes recaíram sobre alguns outros atletas da seleção, foram sendo transferidas gradualmente para a CBD. Em uma visita ao Hotel Phoenix, o jornalista do *Correio da Manhã*, interessado em ouvir as palavras de Tatu e Rodrigues acabou encontrando, por acaso, Arthur Friedenreich, um dos jogadores mais aclamados pelo público e pela imprensa. Dizendo-se *"aborrecidíssimo [...] com a Confederação Brasileira",*[163] Friedenreich afirmou que *"temos vontade de ganhar, temos todo o empenho em que o Brasil obtenha uma bôa collocação no campeonato"*[164] chegando se possível a *"sacrifícios pessoaes [...]"*[165]*,* porém, *"as situações extra-campo não os permitem atingir a excelência necessária".*[166] Durante a entrevista, o jogador questionou o descaso da CBD devido ao não pagamento das passagens para São Paulo, o que os deixavam *"afastados dos [...] afazeres e dos [...] lares".*[167] Essas passagens que deveriam estar disponíveis de quinze em quinze dias durante as competições não eram fornecidas. A situação era tão crítica que o jogador Amílcar "*teve de providenciar, pagando do seu próprio bolso".*[168]

O abandono não se restringia às questões financeiras. Lesionado durante o jogo contra o Chile, Friedenreich foi prontamente atendido na enfermaria do Fluminense. Chegando ao hotel, "*depois do jogo pagando um taxi para [o] conduzir",*[169] o jogador ficou "*vários dias sem ver um director da Confederação ou um médico",*[170] sendo atendido por um *"admirador [...], que*

[160] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set. 1922. Vida Desportiva.
[161] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 3 out. 1922. Vida Desportiva.
[162] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 3 out.1922. Vida Desportiva.
[163] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[164] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[165] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[166] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[167] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[168] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[169] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[170] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.

prestou graciosamente os seus serviços profissionais".[171] Além da falta de médicos disponíveis, Friedenreich questionou a falta de uma rotina de treinos. Quando eram organizados, os jogadores eram avisados *"à última hora"*[172] prejudicando os atletas que não conseguiam se exercitar *"nem 15 minutos, porque já [faltava] luz".*[173]

Na maioria dos casos, os jogadores acabavam tomando a iniciativa de irem *"ao stadium, de manhãzinha, para correr, treinar fôlego e bater bola".*[174] Mesmo assim, nos primeiros dias foram impedidos de treinarem por faltarem camisas. *"E lá no Fluminense ninguém se dizia autorizado a entregar camisas para os jogadores do scratch brasileiro".*[175] Nesse caso, Friedenreich afirmou que alguns jogadores resolviam "*com toda boa vontade, chegar lá, tirar os paletós e de calça mesmo fazermos uns exercícios. Um dia até bola faltou".*[176]Amilcar também reforçou as denúncias de Friedenreich. Perguntado sobre o fraco desempenho, ele respondeu que para melhorarem o desempenho eram necessários "*mais boa vontade, maior interesse da parte dos dirigentes da Confederação".*[177] Os relatos destacam que a questão financeira e o suporte técnico, como a disponibilização de médicos, campos de treinamento, por exemplo, eram fundamentais para o sucesso da seleção brasileira. Essas exigências enfraqueciam o discurso amador defendido pelos jornais e evidenciavam um avanço de uma prática esportiva cada vez mais profissional.

Após série de denúncias, os jornais da cidade dariam apoio aos jogadores brasileiros. Colocando a culpa na *"organização sportiva; [...] cada vez mais anarchizada"*[178] o *Correio da Manhã* afirmaria que *"o legítimo team brasileiro não leva nenhuma desigualdade na luta, contra qualquer equipe"*[179] e que teríamos *"jogo e jogadores para honrar o Brasil".*[180] Somados às denúncias, os jornais resgataram o discurso patriótico reacendendo o entusiasmo e a confiança da torcida quanto à seleção nacional, já que nas rodadas seguintes o Brasil teria como adversários, o Uruguai e a Argentina, equipes consideradas fortes e de tradição no cenário Sul-Americano. Contra os uruguaios, o Brasil conquistou um empate de 0x0.

---

[171] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[172] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[173] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[174] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[175] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[176] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Vida Desportiva.
[177] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 28 set.1922. Correio Sportivo.
[178] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 1 out.1922. Correio Sportivo.
[179] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 1 out.1922. Correio Sportivo.
[180] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 1 out.1922. Correio Sportivo.

Diferentemente dos outros empates contra equipes consideradas inferiores, os jornais dariam ênfase à partida como se essa tivesse sido um embate entre *"titans"* que *"buscavam o goal da victória".*[181] Para a crônica, ambos triunfaram *"na téchnica do desporto bretão [...] na observância da disciplina desportiva [...] na reciprocidade de gestos [...] de alta cortezia e bem compreendida cordialidade".*[182]

7. Saudação da equipe uruguaia aos torcedores brasileiros. (*O Malho*, 7 out. 1922)

8. Selecionados brasileiro e uruguaio posando para foto. (*O Malho*, 7 out. 1922)

Porém, as partidas disputadas até então, narradas com empolgação pelos cronistas, foram colocadas novamente em segundo plano. Novamente as percepções sobre a nação e o seu desenvolvimento, e a contribuição do futebol para o desenvolvimento da raça e a sua inclusão em um mundo civilizado próximo aos grandes países, foram contrastados pelas reclamações sobre as arbitragens. Longe de preservarem o cavalheirismo, o amadorismo e a elegância de saber competir, jornais, jogadores e dirigentes partiram para o ataque e questionaram abertamente o desempenho dos árbitros.

O primeiro registro de crítica ocorreu na partida entre o Brasil x Chile contra o juiz uruguaio, o Sr. Ricardo Vallarino, por não ter marcado um pênalti sobre Formiga. Em resposta dada ao *Correio da Manhã*, o juiz alegou que *"[...] Formiga shootou na bola travada e, com a resistência que ella offereceu, presos com o estouro, caiu sobre elle".*[183] O juiz completa dizendo que *"[...] o povo viu três homens caídos no chão, dentro da área, e não quiz saber de mais nada".*[184] O clima de animosidade em torno do juiz Vallarino resultou em um manifesto do chefe da delegação uruguaia, destacando que o *"povo deve comprehender que as delegações*

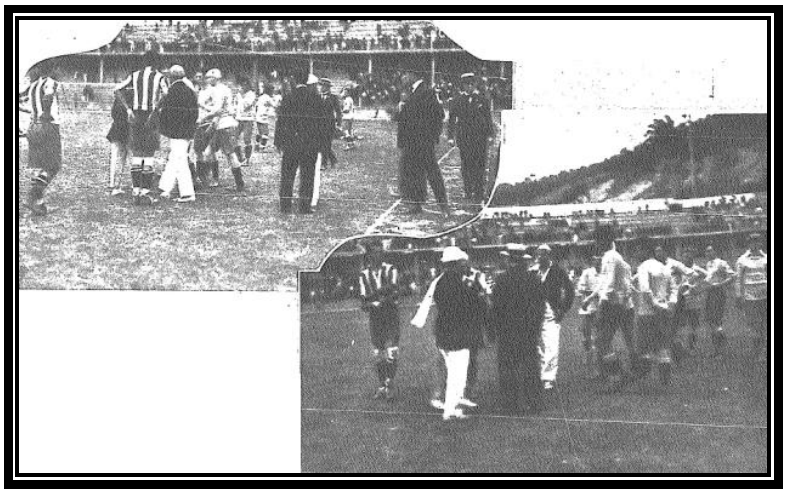
[181] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 3 out. 1922. Vida Desportiva.
[182] O IMPARCIAL, Rio de Janeiro: 3 out.1922. Vida Desportiva.
[183] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 20 set. 1922. Correio Sportivo.
[184] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 20 set. 1922. Correio Sportivo.

estrangeiras não vieram ao Rio exclusivamente para ganhar campeonatos"[185] e que o mais importante era "*collaborar conosco no trabalho grandioso de estreitar o mais possível a amizade das nações sul-americanas".*[186]

Na segunda partida contra o Paraguai novamente um juiz foi considerado culpado pelo resultado do selecionado brasileiro. Apelidado de *"Sr. Ladrón de Guevara"* pelo jornal *Correio da Manhã,* o juiz chileno "*excedeu-se nos absurdos. A sua marcação de offsides foi simplesmente enervante [...]".*[187] A sua conduta dentro de campo provocou *"[...] algumas inevitáveis manifestações de desagrado [...]"*[188] ao ponto de quase ocorrer a *"[...] perturbação da ordem pública".*[189] Retrato de uma competitividade não condizente ao modelo civilizado de futebol, os jogos disputados no Rio de Janeiro faziam com que os erros dos juízes – quando de fato ocorriam – extrapolassem os limites esportivos, tornando-se verdadeiras crises diplomáticas.

Após uma vitória contra os argentinos de 1x0, os uruguaios, líderes do campeonato, seriam derrotados pelo Paraguai. O jogo foi arbitrado pelo brasileiro, o Sr. Carlos Santos, apontado pelos uruguaios como responsável direto pela derrota da equipe. Para a crônica, "*o Sr. Carlos Santos errou. O primeiro ponto dos paraguayos, que annulou, fazendo prevalecer uma infração anterior que não tinha assignado".*[190] Depois, "*outro erro foi ter marcado um off-side, [...] quando Somma (Uruguai) shootou enviezado, marcando um belíssimo goal da extrema".*[191] O árbitro ainda cometeu um último equívoco quando *"o segundo goal uruguayo também [foi] annulado"*[192] causando um *"grande allarido, chegando até o team oriental a querer abandonar o campo".*[193]

[185] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 23 set. 1922. Correio Sportivo.
[186] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 23 set. 1922. Correio Sportivo.
[187] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 25 set.1922. Correio Sportivo.
[188] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 25 set.1922. Correio Sportivo.
[189] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 25 set.1922. Correio Sportivo.
[190] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 13 out. 1922. Correio Sportivo.
[191] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 13 out. 1922. Correio Sportivo.
[192] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 13 out. 1922. Correio Sportivo.
[193] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 13 out. 1922. Correio Sportivo.



9. Confusão entre paraguaios e uruguaios. (*O Malho*, 28 out. 1922)

O congraçamento entre as nações, argumento utilizado para minimizar as críticas sobre o juiz Ricardo Vallarino, oi logo esquecido quando os uruguaios se viram prejudicados pela atuação do juiz brasileiro. A revolta foi tão intensa que a delegação uruguaia abandonou o torneio voltando à sua terra natal. Os jornais cariocas condenaram a medida tomada pelos uruguaios a chamando de *"[...] attitude interpestiva e indelicada [...] retirando-se de uma competição de amigos de uma forma tão violenta [...]".*[194] Lembrando que tal fato havia ocorrido com a seleção brasileira que *"[...] perdeu o campeonato de 1921, em Buenos Aires, quando foi immediatemente prejudicada numa partida com os próprios uruguayos [...]",*[195] o cronista reconheceu "*que os uruguayos estão cheios de razão"*[196] dando a eles *"o melhor do nosso apoio em todas as causas [...]".*[197]

[194] CORREIO DA MANHA, Rio de Janeiro: 16 out. 1922. Correio Sportivo.
[195] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 16 out. 1922. Correio Sportivo.
[196] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 16 out. 1922. Correio Sportivo.
[197] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 16 out. 1922. Correio Sportivo.

10. Charge ilustrando a briga entre os jogadores paraguaios e uruguaios. (*O Malho,* 21 out. 1922)

O Brasil conquistaria a sua primeira vitória com o placar 2x0 sobre a Argentina – a única por sinal. Agora os brasileiros estariam empatados com os paraguaios em número de pontos. Caso os paraguaios perdessem para os argentinos, o Brasil empataria com o Paraguai sendo necessária uma partida de desempate. Se saíssem vitoriosos contra os argentinos, os paraguaios seriam, pela primeira vez, campeões Sul-Americanos. O embate entre o Paraguai e a Argentina foi arbitrado pelo brasileiro Henrique Vidgnal. Mais uma vez a ação de um árbitro acarretaria mais confusões e daria mais uma dose de emoção ao campeonato. Durante o jogo, o árbitro marcaria um pênalti contra o time paraguaio, que, segundo o cronista foi *"um desses fouls que não deixam dúvidas na interpretação, foi tão real, tão visível a falta que o juiz não vacilou em puni-la immediatamente".*[198]

Antes do referido lance, os paraguaios já haviam reclamado do primeiro gol argentino marcado por Chielsa, *"[...] sob a allegação de que aquelle jogador estava em off-side [...]".*[199] O pênalti marcado pelo juiz brasileiro foi o motivo que levou à saída da equipe paraguaia de campo em uma atitude considerada reprovável pelo público presente. Após uma série de negociações entre os paraguaios que ameaçavam se retirar do campeonato e a CBD, os brasileiros e os paraguaios fizeram o jogo de desempate. Com uma goleada de 3x0, com gols de Neco (um gol) e

[198] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 19 out. 1922. Correio Sportivo.
[199] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 19 out. 1922. Correio Sportivo.

Formiga (dois gols), o Brasil conquistava o segundo título Sul-Americano de futebol. Segundo um jornal da capital,

> *"Podemos nos orgulhar com o procedimento dos nossos jogadores em todos os encontros em que tomaram parte.*
>
> *Se as victórias sobre as equipes argentina e paraguaya nos enthusiasmaram, não menos foi o nosso prazer em mostrar aos nossos adversários que, prejudicados irritante e seguidamente nos matches em que a victória devia ser nossa, nunca perdemos a linha de conducta que devem ter os sportsmen, pois, saber perder é muito mais difícil do que ganhar".*[200]

A conquista rendeu um prêmio de 50:000$000 aos jogadores brasileiros e a dignidade de uma nação que aprendera a vencer, superando o clima de animosidade, o estigma de inferioridade e a superioridade esportiva dos seus irmãos do Prata. Por outro lado, os Jogos Sul-Americanos do Centenário nos deram mostras de um momento histórico diferenciado, quando as manifestações culturais relacionadas com o futebol não possuíam uma consonância em torno de um único discurso – o amador. Ao contrário, os fatos ocorridos durante essa competição revelam uma simbiose, uma circularidade entre as manifestações culturais a respeito da prática do futebol, revelando que tal atividade havia de fato ganho uma nova configuração.

[200] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 23 out. 1922. Correio Sportivo.

CAPÍTULO II − A Sociedade da Bola

2.1. Além das Arquibancadas: Sociabilidades e Tensões no Futebol Carioca

A conquista do Campeonato Sul-Americano pela seleção brasileira foi acompanhada por um frenesi que tomou conta de toda a capital republicana. O público saiu às ruas contagiado pelo resultado de 3x0 contra a surpreendente equipe paraguaia. As crônicas dos jornais que elogiavam o patriotismo do selecionado nacional e o orgulho da população diante das "batalhas" travadas pela equipe durante o V Sul-Americano contrastavam-se com as brigas ocorridas em campo, as arbitragens polêmicas, a rivalidade exacerbada entre as seleções e os problemas políticos provocados pela CBD.

Tais questões mostravam que o futebol caminhava para um patamar muito distante da fidalguia, preservada por um discurso predominantemente amador. Simbiose entre a cultura hegemônica e popular, o futebol na década de 1920 estava muito além desses discursos amadores proferidos pelos jornais. Além de termos o entendimento de uma circularidade cultural em torno das manifestações relacionadas ao futebol, devemos nos debruçar sobre um estudo mais aprofundado da própria sociedade carioca na década de 1920 e de que como os seus grupos interagiam entre si.

Da mesma forma que nos inclinamos sobre os jornais de grande circulação ao analisarmos as principais questões pertinentes ao Sul-Americano, voltaremos a esses mesmos periódicos para compreendermos também todos os aspectos envolvidos no processo de profissionalização vividos no futebol carioca no início dos anos 20 e que culminariam na cisão do futebol carioca em 1924. Para tanto, é necessário concebermos melhor o papel dos meios de comunicação em finais da década de 1910 e início dos anos 20.

O desenvolvimento dos jornais se situa em um período de intenso processo de industrialização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Nesse momento, os *"pequenos jornais, de estruturas mais simples, [...] cedem lugar às empresas jornalísticas"*[201] preocupadas com a expansão de seus parques gráficos, aumentando as suas edições diárias e consequentemente de seu público leitor.

[201] SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil.* 4ºEd. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2004, 275p.

Essa nova configuração fez com que os jornais alterassem sua linguagem. Os folhetins foram sendo substituídos lentamente pelo *"colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista [...] (e) o predomínio da informação sobre a doutrinação".*[202] A criação de novas colunas e até mesmo de revistas especializadas que tratavam de assuntos antes secundários como as páginas *"[...] policiais, com destaque, mas também os esportivos e até os mundanos"*[203] tinham como objetivo a obtenção de um público leitor diversificado.[204] A nova roupagem dessa imprensa mais empresarial e capitalista também foi garantida pela entrada maciça de alguns *"homens de letra*s"[205] que buscavam *"encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, [e] um pouco de dinheiro, se possível".*[206] Atendendo a essa segmentação dos assuntos jornalísticos, surgia nesse cenário o cronista, uma espécie *"de curinga do jornalismo, desempenhando as mais variadas funções de reportagem, o que atestava a ausência de [...] especialização"*[207] de sua atividade.

No que tange ao campo esportivo, as reportagens que até a década de 1910 pareciam *"crônicas sobre os esportes",*[208] muito mais preocupadas em destacar as benesses das atividades ao ar livre e o público que afluía aos jogos de futebol se transformariam *"paulatinamente em assunto jornalístico".*[209] Os jornais se enquadravam em uma nova conjuntura em que o futebol se transformara paulatinamente em um *"espaço popular de lazer",*[210] representando um *"lócus de liberdade* [...] *um espaço de anonimato",*[211] capaz de fazer com que os indivíduos dos mais diferentes grupos sociais fugissem "*das expectativas, das normas e modelos que imperavam na vida privada".*[212] Segundo Vitor Melo, esse fenômeno destaca o surgimento de uma *"[...]*

---

[202] SODRÉ, *Op. Cit.* p.296.
[203] SODRÉ, 2004. p.296.
[204] Alexandra Lima da Silva (2008) a partir da leitura de Maciel (2006) pensa na *"emergência de uma cultura de massa sustentada pela articulação entre ampliação das redes de ensino e dos meios de comunicação, compondo com isto, uma 'ampliação dos circuitos de comunicação social no Rio de Janeiro', a partir da 'formação de novos produtores (autores, editores, jornalistas) e difusores (livrarias, folhetos, periódicos)'".* MACIEL, Laura Antunes. *De "O Povo Não Sabe Ler"* à uma História dos Trabalhadores da Palavra". In: MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Roberto de, KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006. *Apud.* SILVA, Alexandra Lima da. Cidade Letrada: As Redes em Torno dos Manuais Didáticos de História do Brasil – Rio de Janeiro, 1870-1920. In: V Simpósio Regional da Universo, nº5, 2008, São Gonçalo. p.1-13.
[205] *Ibidem.* p.292.
[206] SODRÉ, 2004. p.292.
[207] HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O Descobrimento do Futebol. Modernismo, Regionalismo e Paixão Esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Nacional, 2004. p.143.
[208] HOLLANDA, 2004. p.143.
[209] HOLLANDA, 2004. p.143.
[210] MELO, 2005. p.13.
[211] HERSCHMANN, Micael e LERNER, Kátia. *O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca.* Rio de Janeiro: Ed. Diadorim, 1993. p.30.
[212] HERSCHMANN e LERNER, 1993. p.30.

'indústria do lazer e do entretenimento"[213] em que a promoção dos jogos de futebol foi capaz de transformar a partida e os seus bastidores em um grande espetáculo esportivo, promovendo uma aproximação cada vez maior do público com o futebol.

Portadores de uma ética amadora e ao mesmo tempo promotores do espetáculo esportivo, os cronistas faziam parte dos círculos esportivos da cidade. Clubes como o Fluminense F.C. e o America F.C. eram redutos de jornalistas como Mário Polo e Célio de Barros – Jornal do Brasil. Tal era a relação entre os cronistas e o futebol que em 1917 foi criada a ACD – Associação de Cronistas Desportivos – sendo Mário Polo considerado o "*primeiro jornalista profissional especializado em esportes",*[214] um de seus fundadores. A ACD tinha o objetivo de *"organizar os cronistas de futebol e também fazer a promoção dos esportes no Rio de Janeiro",*[215] como, por exemplo, o Torneio "*Initium"*, que abria a temporada de futebol na cidade.

Mais que homens letrados à procura de notícias, os cronistas viviam o cotidiano dos clubes de futebol. Essa relação insere esses jornalistas em um contexto no qual os valores amadores ainda determinavam o modelo ideal de *sportman*, o que influenciaria a produção jornalística desses indivíduos. Portanto, é importante que tenhamos uma atenção redobrada sobre as crônicas publicadas nos jornais da época, isso porque o discurso jornalístico deve ser encarado como um *"produto ideológico"*[216] que *"faz parte de uma realidade (natural e social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo"*.[217] A participação ativa desses cronistas no meio esportivo fez com que o discurso do amadorismo se mantivesse como um conjunto de ações que normatizam e estabelece uma série de parâmetros à prática esportiva. Porém, ao mesmo tempo em que tratam o amadorismo como um discurso ideológico que se projeta – ou deveria se projetar – ele também *"reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior"*[218] revelando um futebol popular, espetacularizado, voltado aos resultados esportivos e ao desempenho técnico dos jogadores.

---

[213] MELO, 2005. p.14.
[214] BOTELHO, André Ricardo Maciel. *Da Geral à Tribuna, da Redação ao Espetáculo...* In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira, SANTOS, Ricardo Pinto (Orgs.). *Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2006. p.329.
[215] BOTELHO, 2006. p.329.
[216] BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem.* 6ºEd. São Paulo: Ed. Hucitec, 1992. p.31.
[217] BAKHTIN, 1992. p.31.
[218] BAKHTIN, 1992. p.31.

Para tanto, como já fora apresentado no capítulo anterior, tomaremos jornais de grande circulação na época como o *Correio da Manhã*, *O Imparcial* e a revista *O Malho* como base para analisarmos todas as questões pertinentes a este contexto esportivo.

Fundado em 1893, o *Correio da Manhã*[219] foi um dos periódicos mais influentes da década de 1920. Uma característica peculiar desse órgão era o declarado compromisso com as camadas sociais mais pobres. Em finais da década de 1910, o *Correio da Manhã* figurava como defensor dos interesses *"[...] dos pobres e dos oprimidos e divulgador de suas queixas e reclamações."*[220] Além dos assuntos políticos e sociais, o *Correio da Manhã* possuía certa representatividade no meio esportivo. O seu presidente, o Sr. Edmundo Bittencourt era sócio do C.R. do Flamengo, além de cronistas como N. Bittencourt, mais conhecido como *K.K. Réco*, e Ary Koerner que participavam ativamente dos eventos esportivos da cidade. As crônicas sobre esportes eram publicadas na sessão esportiva do jornal intitulada de *Correio Sportivo* que, durante os anos de 1923 e 1924, tornou-se grande opositora da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT)[221] e dos clubes mais tradicionais da cidade.

Acompanhando a mesma linha quanto à política e os problemas sociais da época, o *Imparcial* fundado em 1912 possuía como diretor o Sr. Macedo Soares, ex-presidente da CBD nos anos de 1919 e 1920. Entre seus principais cronistas o que mais se destacava no meio esportivo era Raul Loureiro Filho, conhecido pelo apelido de *"O Perigoso"* por escrever anedotas sobre os principais fatos esportivos ocorridos na cidade. Por meio da seção *Vida Desportiva,* o jornal manteve uma posição favorável aos "grandes clubes" cariocas, principalmente após ser censurado pelo presidente da Liga Metropolitana de Desportes Terrestres, em 1923 emitindo críticas ao seu presidente, o capitão Agrícola Benthlen e o seu desempenho diante da entidade. São desses lugares sociais que o *Correio da Manhã* e *O Imparcial* elaboravam suas compreensões daquilo que ocorria no mundo do futebol nesse período.

Como fruto do dinamismo social e do desenvolvimento da imprensa, as revistas especializadas ganharam um espaço nunca antes ocupado. Surgiram revistas esportivas como

---

[219] Adotando uma linha mais radical foi fundado em 1893 o Correio da Manhã, era uma espécie de *"frente organizada para opor-se à situação. Admitindo colaboradores das mais variadas tendências, como o Conde Afonso Celso, monarquista, e Medeiros e Albuquerque, simpatizantes do florianismo, Edmundo Bittencourt empenhava-se, no entanto em recusar caráter neutro ao seu jornal". Na verdade, "o jornal, apoiando os setores menos favorecidos, não fazia mais que arregimentar elementos para constituir aquilo que se poderia denominar uma clientela urbana".* ABREU, Alzira Alves de. (Org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 2002. vol. 5, p.1625.

[220] ABREU, 2002. p.2868.

[221] Principal entidade desportiva da cidade do Rio de Janeiro, fundada em 1917.

Sport Illustrado, *O Sport* e o *Sportman*, além de outras revistas importantes especializadas em cobrir a vida social dos grandes centros como as revistas *Kosmos*, *Fon-Fon* e *O Malho*.

Entre as principais publicações, optamos pela revista *O Malho* e essa escolha gira em torno de dois fatores. O primeiro fator está ligado à dificuldade de se encontrar uma revista esportiva de grande circulação que contemplasse a década de 1920. O segundo está relacionado a uma melhor compreensão do espaço ocupado pelo futebol na sociedade e de que forma esse esporte foi capaz de estabelecer novos espaços de sociabilidade. Por isso, optamos pela Revista *O Malho* uma das mais populares da década de 1920. Fundada em 1902, *O Malho* foi "*[...] uma revista de crônica e crítica política ilustrada",*[222] que inaugurou *"a fase de predominância da caricatura, em substituição à era do desenho humorístico [...]".*[223] Um dos seus pontos fortes foi a composição de seu quadro de redatores, chargistas e cronistas, formado por grandes nomes da *"geração boêmia" "[...] como Olavo Bilac, Guimarães Passos, Pedro Rabelo, Renato de Castro, Emílio de Menezes e Bastos Tigre."*[224]

Em franco desenvolvimento, esses jornais e revistas que circulavam na cidade do Rio de Janeiro estariam no centro de um dos debates mais acalorados do início da década de 1920. Independente da posição tomada, os debates estabelecidos pelos críticos revelavam que o discurso ideológico relativo ao futebol era cada vez mais contraditório, ora refletindo uma postura mais conservadora ligada ao amadorismo e ora refratando um novo contexto que o futebol vivia, mais popular e em franco processo de profissionalização.

Dentre algumas questões discutidas, destacamos as características higiênicas. Era comum encontrar matérias nos jornais, revistas e livros do início do século alegando que a prática do futebol deveria estar *"[...] na base de uma educação completa e saudável, pois ela geraria no indivíduo um 'robusto equilíbrio orgânico e mental'",*[225] além de provocar o *"[...] desenvolvimento do caráter de seus praticantes".*[226] Contrário a este discurso, Lima Barreto, afirmou em uma ocasião que ao invés de desenvolver, o futebol seria uma *"atividade inibidora do desenvolvimento intelectual [...]".*[227] De maneira irônica, o literato ainda relativiza o papel intelectual do futebol. Para ele *"tudo hoje é intelectual e o xadrez não podia fazer exceção à*

[222] ABREU, 2002. p.3503.
[223] ABREU, 2002. p.3503.
[224] ABREU, 2002. p.3503.
[225] PEREIRA, 2000. p.43.
[226] *Ibidem.* 2000. p.51.
[227] SANTOS. Jorge Arthur dos. Jorge Artur. *Os Intelectuais e as Críticas às Práticas Esportivas no Brasil (1890-1947).* São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2000. 258p. (Dissertação de Mestrado em História Social). P.74.

regra. O football também o é, apesar de ser jogado com os pés; o atirar de pistola e remar canoas leves, também".[228]

Outra caracterização contestada pelos críticos era a de que esse esporte deveria permanecer como uma atividade refinada e popular entre os círculos mais distintos da sociedade. Encarado como um evento social, os jogos de futebol eram tratados pelos jornais como um grande evento do *high-life* carioca, em que os jogadores *"[...] iam transformando-se em ídolos da mocidade endinheirada [...]"*[229] e atraiam para as arquibancadas um *"'incalculável número' das mais distintas famílias da sociedade fluminense".*[230] Em um livro chamado *"O Sport está deseducando a sociedade brasileira",*[231] Carlos Sussekind de Mendonça afirmaria o contrário. Antes vista como uma novidade cultural do velho mundo entre os mais abastados da cidade, a prática desse esporte acabou gerando outro movimento chamado pelo autor de *"mundanismo"* que contagiaria a juventude carioca provocando a "*efeminação dos elegantes modernos, [...] o abuso do luxo, o exagero do decote e da 'maquilage', as attitudes, as diversões pervertidas, [...] o suicídio, [...] o aborto criminoso, o infanticídio, o adultério [...]".*[232]

Mais que desvirtuar a "boa" sociedade carioca, Sussekind associa esse modismo ao próprio contexto político, cultural e social. Para ele o futebol passou a sofrer alguns males da época como a corrupção política, a imoralidade nos cinemas, a alienação e a passividade do povo. Essas críticas eram também uma forma de repudiar o exercício do futebol entre as camadas mais pobres, pois além de promover a prática da aposta, da ociosidade e da vadiagem *"[...] os próprios 'rudes pontapés' [...]"* [233] segundo o autor *"[...] não estão aí para criticar o futebol [...]"*[234] mas para consolidar a diferenciação *"[...] entre as famílias operárias e o resto da sociedade".* [235]

O debate estabelecido pelos literatos e pelos jornais cariocas demonstram que o futebol vivia um processo de transformação no qual as antigas definições relacionadas a essa prática já não podiam ser sustentadas. Na verdade, havia nessas duas décadas do século XX um processo de popularização do futebol, fruto de um contexto histórico complexo marcado por tensões nos

---

[228] SANTOS, 2000. p.74.
[229] PEREIRA, *Op. Cit.* p.76.
[230] PEREIRA. 2000. p.76.
[231] MENDONÇA, Carlos Sussekind de. *O Sport Está Deseducando a Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Empreza Brasil, 1921. *Apud.* SANTOS, 2000. p.91-96. *passim.*
[232] SANTOS, 2000. p.111.
[233] SANTOS, 2000. p.105.
[234] SANTOS, 2000. p.105.
[235] SANTOS, 2000. p.105.

variados setores fossem eles político, econômico, cultural ou social.[236] Segundo Michaell Conniff, essas transformações foram motivadas por dois fatores. O primeiro foi à aceleração das relações capitalistas, ocorridas após o fim do Império, e que provocaram o que o autor chamou de uma *"revolução metropolitana".*[237] A introdução do *"laissez-faire"* permitiu o surgimento de novas atividades e relações econômicas provocando uma *"diversidade de pessoas e papéis*" [238] em que fatores como *"[...] educação, formação, talento, mudança de casa [...]"* [239] tornavam-se categorias fundamentais para um novo jogo de distinções sociais.

Um segundo fator descrito por Michaell Conniff foi o próprio caráter desse Estado liberal, muito diferente do Império cuja administração da cidade era definida por um caráter holístico, ou seja, o Estado era visto como um gestor do "bem comum". De acordo com o autor, a República trouxe consigo uma administração descomprometida com as minorias sociais, o que favoreceu o surgimento de inúmeras associações, grupos, clubes sindicatos etc., responsáveis por agregarem os diversos estratos sociais, garantindo uma identidade e uma possibilidade de se fazerem representar.

Conniff afirma que a sociedade carioca dos anos 20 agregava os diversos grupos sociais em quatro estratos horizontais ou classes, *"[...] a elite, os setores médios, a classe trabalhadora e a classe baixa".*[240] A elite era formada pelas famílias tradicionais do século XIX, industriais, financistas e comerciantes estrangeiros que enriqueceram ao longo do início do século XX, e por uma elite "*mais jovem e mais progressista mais associada às comunidades das praias de Copacabana e Ipanema*",[241] composta por *"[...] industriais novos-ricos, médicos e advogados que tinham feito fortuna, assim como imigrantes agressivos que desejavam compartilhar de uma vida mais moderna".*[242]

Mais ampla e heterogênea, a classe trabalhadora englobaria indivíduos das mais variadas origens, desde ex-escravos, imigrantes pobres e indivíduos oriundos das freguesias rurais da cidade, que chegavam ao Rio de Janeiro com o intuito de se juntarem aos grupos operários já estabelecidos. Eram pessoas que *"a sociedade urbana estava mal equipada para socializar de*

---

[236] Este período é marcado, por exemplo, pela Semana da Arte Moderna em 1922, as greves operárias em 1917, a Reação Republicana, o Movimento tenentista, a fundação do PCB (1922), uma grave crise econômica em 1922.
[237] De acordo com Michael L. Conniff (2006. p. 20-36), o populismo tem a sua gênese nas transformações políticas, urbanas e econômicas vividas na cidade do Rio de Janeiro durante as primeiras décadas do século XX. CONNIFF, 2006. p. 20-36 *passim.*
[238] *Ibidem*. p.57.
[239] CONNIFF. 2006. p.57.
[240] *Ibidem.* P.58.
[241] CONNIFF, 2006. p.58.
[242] CONNIFF. 2006. p.58.

imediato",[243] o que atribuía sobre esses indivíduos uma visão preconceituosa dos grupos mais distintos da sociedade e da própria classe trabalhadora já estabelecida na cidade.

No alto deste estrato social encontravam-se *"[...] os comerciantes capacitados, os empregados de transporte e os negociantes atacadistas, especialmente bem organizados".*[244] Na "base" dessa classe estão os operários estrangeiros e homens pobres, engajados nas mais diversificadas atividades comerciais da cidade. O quarto estrato, com a composição social parecida com a "base" do grupo anterior é a classe baixa. Esses, também vitimados pelo preconceito eram em sua grande maioria "[...] *negros e mulatos, com uma certa mistura de caboclos; sem instrução, eram funcionalmente analfabetos".*[245] Suas atividades eram parecidas com as mesmas exercidas pelos escravos, geralmente ligadas ao exercício físico. Eram em sua maioria "*[...] criados, cozinheiros, limpadores de ruas, carregadores e trabalhadores manuais".*[246]

Além dos três estratos sociais anteriormente descritos, surgia um grupo que consideramos uma chave importante para o entendimento das relações sociais estabelecidas nesse período. Fruto do avanço da nova configuração política, econômica e urbana da cidade, surgia à classe média, um grupo heterogêneo que englobava profissionais *"[...] como advogados, médicos, [...] funcionários públicos, oficiais militares e da polícia, profissionais, empregados habilitados e utilizados nos trabalhos burocráticos."* [247] Tanto Michael Conniff como Victor Melo apontam a classe média como um grupo medianeiro representado pelo *"pequeno burguês, o trabalhador intermediário entre o grande capital e o proletariado, o pequeno empresário e os profissionais liberais"*[248] responsáveis pelo estabelecimento de uma relação social mais "horizontal" incorporando modismos e valores culturais ditados pelos grupos mais ricos e ao mesmo tempo convivendo com as manifestações culturais mais populares.

Respondendo a esse contexto sociocultural multifacetado vivido na década de 1920, o conceito de sociabilidade utilizado por Ângela de Castro Gomes acaba se tornando uma ferramenta esclarecedora. *"Mais do que um instrumento analítico e/ou categoria histórica",*[249] o conceito de sociabilidade deve ser tratado como *"[...] um conjunto de formas de conviver com os*

[243] *Ibidem.* p.67.
[244] *Ibidem.* p.68.
[245] *Ibidem.* p.73.
[246] CONNIFF. 2006. p.73.
[247] CONNIFF, 2006. p.67.
[248] MELO, 2005. p.9.
[249] GOMES, 1993. p.63.

pares, como um "domínio intermediário" entre a família e a comunidade cívica obrigatória".[250] Mesmo pressupondo uma relação mais estreita entre os grupos sociais, a sociabilidade deve ser também compreendida como *"uma rede com o caráter permanente ou temporário, de acordo com os interesses de cada indivíduo",*[251] grupos sociais e/ou clubes de futebol.

Tais relações, permanentes e/ou temporárias, entre esses estratos sociais, podem ser vistas nos clubes de futebol na década de 1920. Em determinadas situações, essas interações sociais serviam para legitimar o funcionamento de determinados clubes. Como exemplo, podemos destacar a participação maciça de indivíduos pertencentes a estratos sociais mais elevados – principalmente à classe média – nos campos e, principalmente nas direções dos clubes de futebol. Leonardo Pereira ilustra vários exemplos como o caso da equipe do Ubá Sport Club, criada por um grupo de rapazes do bairro Haddock Lobo em 1918. Segundo o autor, o time do Ubá "*tinha uma composição semelhante à de muitas outras associações pequenas como ele, tendo também entre seus jogadores muitos negros e mestiços".*[252] O desenvolvimento da entidade esteve relacionado ao *"dedicado [...] negociante e estimado sportman Sr. Affonso da Silva Coelho",*[253] que *"cede ao clube um prédio para ser sua sede e consegue para seus sócios um campo de treinamento".*[254] Em troca, o Sr. Afonso conquista reconhecimento e uma posição de destaque no clube e dentro do bairro, assumindo *"por três anos"* a diretoria do mesmo, recebendo "*ao fim de seu mandato os títulos de sócio benemérito e presidente de honra".*[255]

Há uma troca evidente de interesses entre os pares. Ao mesmo tempo em que o Sr. Afonso conquista tal posição, os sócios se beneficiam com o poder aquisitivo e a influência que o Sr. Afonso possui. Outro caso curioso destacado por Pereira foi o apoio dado pelo coronel Jacinto Pereira, um intendente municipal, ao Lapa F.C., um clube *"fundado por um grupo de rapazes do bairro [...]"*[256] que, viam na figura desse sócio uma oportunidade de manter as *"suas atividades ligadas ao jogo do bicho".*[257] Mesmo com a proteção de um homem influente, os diretores do clube acabaram sendo surpreendidos quando o chefe de polícia negou *"[...] a licença ao clube devido às conhecidas ligações de seu presidente com o jogo".*[258] Em entrevista ao jornal *O*

[250] GOMES, 1993 p.63.
[251] GOMES, 1993. p.63.
[252] PEREIRA, 2000. p.251.
[253] PEREIRA, 2000. p.251.
[254] PEREIRA, 2000. p.251.
[255] PEREIRA, 2000. p.251.
[256] PEREIRA, 2000. p.253.
[257] PEREIRA, 2000. p.253.
[258] PEREIRA, 2000. p.253.

Imparcial, os sócios do Lapa F.C. se mostraram *"indignadíssimos",* muitos deles culpando o próprio coronel Jacinto e *"trabalhando para lançar fora o coronel, libertando-se dele".*[259] Diferentemente do primeiro caso, as relações entre os sócios e o seu presidente foram conflituosas a partir do momento em que este último não concedia benefícios ao clube, evidenciando que o jogo das sociabilidades também obedece a uma relação de interesses entre os grupos.

Essa interação social também pode ser vista nos estatutos de algumas entidades esportivas. Clubes como Municipal Football Club (1912), que se definia como uma *"[...] sociedade sportiva"*[260] que tem por objetivo *"promover entre seus sócios a prática de toda a sorte de jogos e exercícios sportivos capazes de contribuir para o desenvolvimento da mocidade".*[261] Já o Small Club se caracterizava como *"uma sociedade sportiva, recreativa e dansante",*[262] promovendo atividades como a *"esgrima, pic-nics, passeatas e bailes".*[263] Já o Centro Português de Desportos incluía em seus estatutos a preocupação pela leitura, dedicando-se à criação de uma *"biblioteca desportiva".*Temas como *"o desenvolvimento da mocidade",* a promoção de festas e bailes e a criação de bibliotecas seriam demonstrações de que os clubes tentavam estabelecer em seus estatutos valores amadores que regulariam as relações sociais e esportivas.

Existiam casos em que os clubes faziam questão de se declararem contrários a todos os padrões e condutas refutados pelo amadorismo e pelos valores morais estabelecidos de maneira geral pela sociedade. No Municipal F.C. era expressamente proibido sob pena de expulsão *"[...] toda e qualquer espécie de jogo de azar a dinheiro e de jogos de carteados, na sede do club e no campo".*[264] Em outros casos como o Imparcial F.C., o sócio não poderia *"[...] perturbar a administração, jogos do club e a ordem nas arquibancadas",*[265] e *"[...] não faltar com o respeito*

[259] PEREIRA, 2000. p.253.
[260] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto do Municipal Football Club.
[261] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto do Municipal Football Club.
[262] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto do Small Club.
[263] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto do Small Club.
[264] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto do Municipal Football Club.
[265] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto d'O Imparcial Football Club.

às famílias presentes aos jogos ou festas",[266] sendo eliminados do clube caso *"não pagarem 3 meses de mensalidade".*[267]

Além de permitir uma melhor aceitação dos clubes perante os olhos da lei e da sociedade, os estatutos serviam também para definir os grupos sociais aceitos dentro dessas agremiações. Entidades como o S. C. Liberal, que exigia na declaração a proposta de filiação a *"idade, nacionalidade, estado civil, profissão e residência do proposto, exercer profissão que lhe garanta subsistência ou possuir meios de vida honesta".*[268] O Club Recreativo Familiar Campo Grande se organizou com a finalidade de *"satisfazer uma necessidade social, qual seja aproximação das famílias e, consequentemente a união mais acentuada das mesmas".*[269] O Centro Português de Desportos se propôs a colaborar para *"o desenvolvimento do desporte entre a colônia portuguesa no Rio de Janeiro"*[270] buscando também o *"[...] estreitamento de relações entre os meios desportivos de Portugal e Brasil"*[271] e o Dois de Julho Foot-Ball Club seria composto *"de operários e empregados públicos".*[272]

Havia, portanto o estabelecimento de barreiras sociais para a entrada de novos associados nos clubes. Mas apesar disso, o Botafogo *cobrava em 1905 "[...] 10$000*[273] *de jóia dos novos sócios e uma mensalidade de 5$000*[274] *[...]",*[275] o que não significava um impedimento explícito para a entrada de indivíduos de outros segmentos sociais ao ambiente do clube. Para restringir a entrada de indivíduos indesejáveis foi necessário estabelecer no estatuto do clube a proibição de pessoas que exercessem *"qualquer tipo de serviço braçal sendo necessária a menção, na proposta de ingresso no clube, de uma explicação sobre 'o lugar que ocupa no emprego'".*[276] Por mais que as regras estatutárias estabelecessem um perfil de sócio, outras condições – como,

---

[266] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto d'O Imparcial Football Club.
[267] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto d'O Imparcial Football Club.
[268] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto do Sport Club Libreral.
[269] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto do Club Recreativo Familiar Campo Grande.
[270] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto do Centro Português de Desportos.
[271] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto do Centro Português de Desportos.
[272] Arquivo Nacional. Secretaria de Polícia do Distrito Federal. Estatutos e Licenças de Sociedades e Clubes. IJ6. 563. Estatuto do Centro Português de Desportos.
[273] O valor de 10$000 equivale aproximadamente a um terreno de 1 metro quadrado no Andaraí (15$000), três galinhas (10$500) e um sapato social (19$500). Dados obtidos no Correio da Manhã.
[274] Um funcionário público ganhava no mínimo 100$600 réis, o que equivale a 20 vezes o valor de uma mensalidade no Botafogo F.C. Dados obtidos no Correio da Manhã.
[275] PEREIRA. 2000. p.63.
[276] PEREIRA. 2000. p.63.

por exemplo, as mensalidades ou a indicação desses indivíduos por sócios do clube – garantiam o acesso de outros estratos sociais, principalmente grupos pertencentes à classe média, nos clubes mais tradicionais da cidade

Em 1920 tanto o Flamengo quanto o Fluminense já davam mostras desse alargamento das bases sociais. O C.R. do Flamengo,[277] para atender melhor seus associados, teria montado um escritório no centro da cidade que, *"além de servir para cobrança de mensalidades, acha-se habilitado a fornecer quaesquer informações relativas aos diversos serviços do club".*[278] Já o Fluminense F.C. sofria com a inadimplência, chegando a anunciar n'*O Imparcial* "*uma relação de diversos sócios que [acabavam] de ser eliminados, por motivo de atrazo de mensalidades".*[279] O volume de filiações era tão grande que a diretoria resolveu dividir o *"quadro social em dez partes, constituindo cada secção uma classe"*[280] denominadas de *"Classe A, Classe B e assim por deante, até a letra J".*[281] Cada classe seria composta por *"350 sócios, podendo, entretanto atingir ao máximo de 400".*[282]

Outros clubes como o C.R. Vasco da Gama, entidade tradicional nas competições de remo, também atingiu um aumento expressivo de sócios após a criação da seção terrestre. Para o memorialista José da Silva Rocha, a adesão do C.R. Vasco da Gama ao futebol em 1915 causou o que ele chamou de uma *"Revolução futebolística".* Os novos sócios eram *"atraídos pela expansão do clube nos desportos terrestres em número de quase duzentos"*[283] e, em 1921, *"o quadro social atingiu o número de mil e oitocentos sócios".*[284] Não restrito aos portugueses, o C.R. Vasco da Gama recebeu uma série de novos membros das mais variadas camadas sociais, sendo destacado por José Rocha o *"mulato Cândido José de Araújo",*[285] presidente do clube em 1915, Dionísio Teixeira *"um dos sócios da empresa"*[286] Souto Mayor, *"os vendedores"*[287] *"Vicente Calamelli, Antonio Costa e Joaquim Carneiro Dias"*[288] e Francisco Marques da Silva

---

[277] "*O FLAMENGO REDUZIU SUA JÓIA - [...] C.R. do Flamengo autorizou a directoria a reduzir para 25$ a jóia de admissão dos novos sócios. Essa medida foi tomada por unanimidade e só vingará durante o mêz de maio próximo".* O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 abr. 1922. Vida Desportiva.
[278] O Imparcial, Rio de Janeiro: 12 jul. 1923. Vida Desportiva.
[279] O Imparcial, Rio de Janeiro: 3 ago. 1923. Vida Desportiva.
[280] O Imparcial, Rio de Janeiro: 10 ago. 1923. Vida Desportiva.
[281] O Imparcial, Rio de Janeiro: 10 ago. 1923. Vida Desportiva.
[282] O Imparcial, Rio de Janeiro: 10 ago. 1923. Vida Desportiva.
[283] ROCHA, José da Silva. *Club de Regatas Vasco da Gama: Histórico (1898-1923).* Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Olímpica, 1975. 1º vol. p.227.
[284] ROCHA, 1975. p.269.
[285] *Ibidem.* p.196.
[286] ROCHA, 1975. p.196.
[287] *Ibidem.* p.232.
[288] ROCHA, 1975. p.232.

destacado pelo memorialista como um *"homem de posses",*[289] um dos primeiros dirigentes que *"saltava à porta da sede, de um automóvel particular! Com chauffer próprio!".*[290]

Para o memorialista, essa revolução futebolística fez com que surgisse no clube uma *"nova mentalidade associativa",*[291] em que a sede do clube "*não tinha fim restrito aos desportos"*[292] ganhando *"fóros de centro social",*[293] nos quais pela manhã havia *"a saída e chegada das embarcações para os treinos. Á tarde, a movimentação dos elementos da seção de football",*[294] e à noite, *"o intenso borborinho dos grupos de associados reunidos até as dez horas (22 horas)"*[295] com competições *"de dominó, ping-pong o tênis de mesa" e o chá das sextas-feiras era o ponto alto das reuniões noturnas".*[296]

10 e 11. Aspectos do baile no C.R. Vasco da Gama (O Malho, 7 abr. 1923).

Há, portanto, nesse jogo das sociabilidades, uma possibilidade de os atores e grupos interagirem com os discursos definidores e padronizadores atribuídos à *"boa prática"* do futebol. Na verdade, essas regras esportivas não deixavam de ser normatizações sociais que buscavam garantir a distinção entre os grupos e os clubes e, ao mesmo tempo, criar um dispositivo de inserção / exclusão desses na sociedade e no campo esportivo como um todo.

De acordo com Stuart Hall, essa dinâmica é fruto de uma *"descentração"*[297] do indivíduo, com a habilidade de interagir com as diferentes "*posições de sujeito [...]",*[298] o que o capacita a

[289] ROCHA, 1975. p.232.
[290] ROCHA, 1975. p.232.
[291] ROCHA, 1975. p.203.
[292] ROCHA, 1975. p.203.
[293] ROCHA, 1975. p.203.
[294] ROCHA, 1975. p.203.
[295] ROCHA, 1975. p.203.
[296] ROCHA, 1975. p.203.
[297] HALL, 2006. p.17.

estabelecer um diálogo com os múltiplos padrões culturais existentes no meio social. Se a sociabilidade é uma categoria de análise que pressupõe *"um conjunto de formas de conviver com os pares"* e um *"domínio intermediário entre família e a comunidade"*, a identidade deve ser pensada como uma forma à qual clubes, sócios, jogadores e indivíduos em geral, podem se associar e conviver de maneira mais dinâmica com os valores, fatos, crises e tensões existentes no meio social. Para Hall, *"se tais sociedades não se desintegram"*[299] é porque *"seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados"*.[300] De acordo com essa dinâmica, os valores sociais eram intensamente compartilhados e vivenciados.

Um excelente exemplo dessa dinâmica eram as festas promovidas pelos clubes mais tradicionais, rodeadas de luxo e suntuosidade, como os famosos bailes do Fluminense F.C., uma das entidades mais tradicionais do Rio do Janeiro, em que, de acordo com a crônica esportiva, se reuniam nos "*salões da confortável séde, como o terraço e o bar, [os] mais finos elementos da nossa sociedade"*[301] sempre ao som de excelentes orquestras que ditavam o ritmo das danças *"[...] casando-se com grande arte a elegância dos decotes das damas com o rigor das casacas dos cavalheiros [...]"*.[302] Seguindo o mesmo padrão, o Botafogo F.C., em homenagem ao aniversário do clube promoveu, segundo o jornalista um *"[...] verdadeiro acontecimento social",*[303] elogiando *"[...] a artística ornamentação de flores naturaes [...]",*[304] o serviço do Buffet que *"[...] esteve irrepreensível"* e a *"[...] excellente orchestra Cícero, que, a todo momento, era muito applaudida"*.[305]

Esse mesmo formato de *"soirées dansantes"* era copiado por clubes suburbanos. O Americano F.C., clube localizado próximo à Estação de Riachuelo em Piedade, realizou uma festa em comemoração à fundação do clube que, de acordo com o cronista, era merecedora dos *"[...] mais rasgados encônmios pela sua confecção, em que primou o bom gosto de uma mocidade inteligente e dotada de elogiável civismo e acentuado ardor patriótico [...]"*.[306] De forma semelhante aos clubes mais tradicionais da cidade, a *"soirée dansante"* organizada pela

---

[298] *"Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta"*. HALL, 2006. p.17.
[299] HALL, 2006. p.17.
[300] HALL, 2006. p.17.
[301] O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 jul. 1922. Vida Desportiva.
[302] O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 jul. 1922. Vida Desportiva.
[303] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 ago. 1922. Vida Desportiva.
[304] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 ago. 1922. Vida Desportiva.
[305] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 ago. 1922. Vida Desportiva.
[306] O Imparcial, Rio de Janeiro: 6 set. 1923. Vida Desportiva.

diretoria do Americano contava com a participação *"[...] de graciosas senhoritas, allunas da escola dramática, que entoaram o hyno da independência acompanhadas por uma orchestra de excellentes músicos".*[307]

Outra característica da associação eram as festas esportivas que homenageavam algumas personalidades e lembravam fatos importantes e datas comemorativas. O clube Bonsucesso promoveu um festival esportivo em homenagem aos seus beneméritos, os senadores Paulo de Frontin e Irineu Machado, políticos influentes da capital, integrantes da chamada Reação Republicana,[308] um movimento considerado por Marieta de Moraes Ferreira como *"um primeiro ensaio de populismo"*[309] contra a política oligárquica imposta por São Paulo e Minas Gerais.

Marcante por sua mobilização a *Reação Republicana* reuniu nomes de representantes políticos de outros estados como a Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul, além de personalidades como Nilo Peçanha, político fluminense e *"principal liderança no Estado do Rio durante quase vinte anos",*[310] Maurício de Lacerda, José Eduardo de Macedo Soares e Edmundo Bittencourt. Foram convidadas para a festa grandes personalidades políticas, como o presidente da República, *"Prefeito, Câmara dos Deputados, Senado Federal",*[311] representantes de várias entidades como a "[...] *Associação dos Empregados do Commércio [...], Chefe de Polícia, [...] Embaixador Americano, [...] Força policial [...] Associação dos Empregados Civis, e Escola de Aviação Militar".*[312]

Essas festividades em homenagem a grandes fatos e personalidades eram comuns. Nesse mesmo período, o Bonsucesso, além do ruidoso sucesso da festa promovida aos Srs. Paulo de Frontin e Irineu Machado, juntou-se a outros clubes em outras homenagens. Considerado *"heróico"* pela imprensa, o vôo transatlântico realizado pelos portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho foi comemorado por vários segmentos da sociedade, inclusive os clubes de futebol. Além do Bonsucesso, outros clubes mais famosos na cidade como o C.R. do Flamengo mobilizaram seus sócios para homenagearem os portugueses, que em uma manifestação de cordialidade, decoraria a sua sede na Rua do Russel com aviões e bandeiras portuguesas, além de

---

[307] O Imparcial, Rio de Janeiro: 6 set. 1923. Vida Desportiva.
[308] *"A Reação Republicana revelaria na verdade uma intensificação das dissidências interoligárquicas provocada por aqueles setores que não estavam diretamente ligados à cafeicultura e se mostravam insatisfeitos com a política de desvalorização cambial e de endividamento externo destinada a garantir a terceira valorização do café".* FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reação Republicana e a Crise Política nos Anos 20. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, p. 9-23,1993. p.11.
[309] FERREIRA, 1993. p.10.
[310] FERREIRA, 1993. p.14.
[311] O Imparcial, Rio de Janeiro: 6 set. 1922. Vida Desportiva.
[312] O Imparcial, Rio de Janeiro: 6 set. 1922. Vida Desportiva.

alguns sócios, principalmente as crianças, vestirem-se com trajes tradicionais de Portugal, em uma atitude de boas vindas aos ilustres visitantes.

12. Festa no C.R. do Flamengo em homenagem aos aviadores portugueses. (O Malho, 5 ago. 1922).

Peças teatrais e cineteatros também ocuparam um importante espaço no universo social da cidade. Eram comuns os festivais teatrais em homenagem a clubes, jogadores e aos jornalistas. Organizada por nomes importantes da imprensa carioca como N. Bittencourt, mais conhecido como K.K. Réco, cronista do *Correio da Manhã* e colaborador do jornal *O Imparcial* a *"opereta" "Amor e Folia"* foi apresentada no *"ellegante cine-theatro America, à Praça Saenz Pena"* [313] em homenagem ao America F.C., campeão de 1922.

Descrita como uma comédia romântica, a peça é um interessante exemplo que retrata os aspectos multifacetados da sociedade carioca em relação ao do futebol naquele período. A peça "[...] *que passa do football ao amor pela victória do America"*[314] tratava dos enlaces amorosos de *"[...] um foward tricolor, que sabemos ser o Zezé; o center-half do America, Oswaldinho, e mais um amigo comum [...]"*[315] e Cecy, filha de uma *"viuvinha"* chamada Diva. As principais cenas seriam vividas em um baile de carnaval e na casa de Diva, uma residência no bairro da Tijuca.

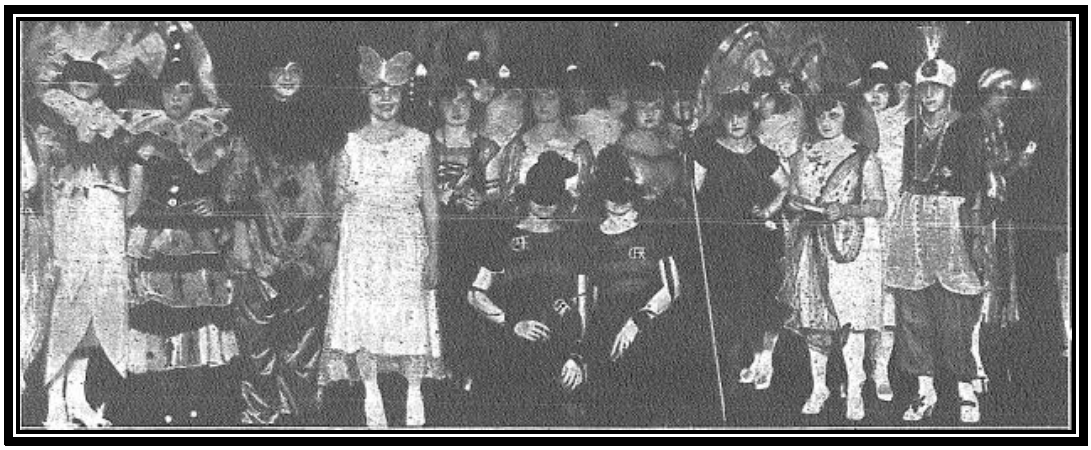
O mais curioso nessa "opereta" não eram os enlaces amorosos vividos pelos jogadores e Cecy e, sim, as diferentes representações de jogadores destacadas por K.K. Réco durante o desenrolar do espetáculo. Um primeiro aspecto seriam as relações entre a esfera do trabalho, classes sociais e entidades esportivas e dançantes e como estas foram representadas. Rivais, o jardineiro da casa de Diva era *"[...] center-half do Trasnsmontano F. Club e presidente do*

[313] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 fev. 1923. Vida Desportiva.
[314] O Imparcial, Rio de Janeiro: 31 jan. 1923. Vida Desportiva.
[315] O Imparcial, Rio de Janeiro: 31 jan. 1923. Vida Desportiva.

"'Lyrio' Sociedade Dansante, Carnavalesca e Familiar"[316] e *"[...] Viriato, copeiro de Diva, center-half e secretário do Guarany A. Club, club rival do jardineiro".*[317]

O interessante é que os personagens marcados por suas profissões – jardineiro e copeiro – podem assumir outras posições sociais que os distingam mais positivamente dentro dos clubes de futebol e sociedades carnavalescas. Outra observação importante é que a peça contempla um universo social popular estreitando uma relação entre os diversos elementos culturais e sociais existentes na cidade.

Dentre todos os exemplos, o que mais se destaca é o carnaval. Apresentados como uma festa popular, os festejos de Momo eram também espaços no qual as relações identitárias poderiam ser definidas. Organizado pelo jornal *O Imparcial*, considerado pelo mesmo como "*um pedaço da alma do povo carioca",*[318] o *"préstito Carnavalesco-sportivo"*[319] foi uma grande manifestação popular em homenagem aos principais acontecimentos da temporada de futebol do ano de 1922.



12. Baile de Carnaval no C.R. do Flamengo (*O Malho,* 4 mar. 1922).

O bloco carnavalesco organizado *"sem o mínimo auxílio monetário do governo"*[320] e que recebeu o apoio do sócio do C.R. do Flamengo *"Dr. Ferreira Vianna Netto"* que durante semanas *"[...] andou por toda a parte, até mesmo no interior de Jacarepaguá e imediações da praia do Cajú"* contaria com quatro carros e com a participação de *"[...] jogadores da nomeada de Marcos, Kunz, Friedenreich, Bianco, Barata, Petioti [...]"* sendo também a participação de

[316] O Imparcial, Rio de Janeiro: 31 jan. 1923. Vida Desportiva.
[317] O Imparcial, Rio de Janeiro: 31 jan. 1923. Vida Desportiva.
[318] O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 fev.1922. Vida Desportiva.
[319] O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 fev.1922. Vida Desportiva.
[320] O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 fev.1922. Vida Desportiva.

"uma dúzia de Gradins [...]",[321] fazendo referência aos jogadores negros, um grupo representativo entre as classes mais pobres e que já encontravam no futebol – e esse assunto será mais debatido nos capítulos subsequentes – um espaço de ascensão econômica e social.

13. Carnaval de rua. Homens portando estandartes de clubes de futebol. (*O Malho,* 20 jan. 1922).

Tão curioso quanto o bloco carnavalesco organizado pelo Dr. Ferreira Vianna Netto foi o banho de mar à fantasia organizado pelos membros do C.R. São Cristóvão. Retratado nas páginas da revista *O Malho,* o fotógrafo fez questão de registrar o Banho de mar e um incontável número de foliões travestidos de mulher, de índio e de pijama. Tais fantasias eram expressamente proibidas nos salões dos clubes elegantes da cidade, sendo muito comum a exigência do *"traje de casaca, smoking branco ou fantazia a rigor".*[322]

14. Banho de mar à fantasia do C.R. São Cristóvão. (O Malho, 25 fev. 1922).

[321] O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 fev.1922. Vida Desportiva.
[322] O Imparcial, Rio de Janeiro: 6 fev.1923. Vida Desportiva.

As festas esportivas que contagiavam a sociedade carioca entre as décadas de 1910 e 1920 seriam exemplos incontestáveis de que havia um universo de sociabilidades, no qual a cultura hegemônica e a popular eram compartilhadas entre os mais diferentes grupos sociais da cidade. Essa aparente horizontalidade das relações entre os indivíduos foi capaz de provocar um universo social híbrido, em que o popular e as tradições esportivas ditadas pelas elites encontraram nas manifestações esportivas um lugar comum.

2.2. A Liga da Distinção e a Mercantilização do Futebol

O emaranhado sociocultural nos fornece indícios para uma análise mais precisa do universo esportivo da cidade e uma melhor compreensão da convivência – ora interativa, ora tensa − entre os valores do amadorismo e aspectos daquilo que consideramos como um processo de profissionalização do futebol. Trilharemos dois caminhos para analisarmos esse contexto: o primeiro, que envolve uma análise de como se desenvolveu o campo das práticas esportivas neste período, e o segundo se aprofunda na compreensão dos debates políticos ocorridos no interior da Liga Metropolitana de Desportes Terrestres (LMDT) entre os anos de 1922, 1923 e 1924.

É curioso percebermos que as barreiras impostas pelo amadorismo eram frequentemente discutidas e, reafirmadas no passo seguinte, eram novamente desrespeitadas. Interessados em *"oferecer alternativas em situações incomuns provocadas por mudanças históricas ou por qualquer tipo de eventualidade",*[323] os clubes de futebol, seus dirigentes, jogadores etc. se valiam dessas oportunidades para conseguirem vantagens em *"determinadas ações, mas também impedindo outras".*[324] Sem obedecer a uma conduta ideológica definida ou uma ação premeditada, os jogadores, dirigentes e clubes se valem do "*'contexto de situação' ou 'contexto de realidade cultural'",*[325] que inclui *"a necessidade de contextualizar pragmaticamente o que se observa na situação em que os princípios são acionados ou considerados para a ação".*[326]

Essas relações ocorridas no campo esportivo são frutos de um futebol que chega à década de 1920 socialmente diverso e cada vez mais autônomo, admitindo leituras econômica, científica,

[323] GOLDMAN, Márcio. *Segmentaridades e Movimentos Negros nas Eleições de Ilhéus, Bahia.* Mana. Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, v. 7, n.2, p. 57-94, 2001.p.73.
[324] GOLDMAN, 2001. p.73.
[325] GOLDMAN, 2001. p.73.
[326] GOLDMAN, 2001. p.73.

cultural, social e esportiva diferentemente dos padrões estabelecidos pelo amadorismo. Tais mudanças foram acompanhadas pelos jornais de grande circulação da cidade em que os cronistas especulavam, criticavam, analisavam, debatiam e questionavam os fatos ocorridos nas temporadas esportivas. Veremos a partir desse momento que forma, a tensão entre esse contexto esportivo – especificamente os anos de 1922 e 1923 – e a defesa do amadorismo foram capazes de provocar uma cisão do futebol carioca em 1924.

Antes de estabelecermos nossas análises sobre as transformações do campo esportivo, devemos compreender algumas questões relativas à Liga Metropolitana de Desportes Terrestes. Fundada em 1917, a LMDT teve como principal bandeira a preservação das normas que garantiam o amadorismo, impostas nos estatutos da antiga entidade, a Liga Metropolitana de Sports Athléticos. Essa intenção persiste desde a criação da primeira entidade, a Liga Metropolitana de Foot-Ball fundada em 1905, pelos clubes Fluminense Football Club, Botafogo Football Club, Bangu Athletic Club, Sport Club Petrópolis e Foot-ball and Athletic Club que, desde o primeiro momento encontraram dificuldades de assegurarem para si a primazia da prática de qualquer esporte praticado na cidade.

As restrições iam desde *"[...] a participação nas atividades de esportistas profissionais e a proibição das apostas",*[327] passando pelo não registro das *"pessoas de cor"*[328] e o afastamento de trabalhadores que executavam atividades braçais. A ideia era a de manter, oficializar e organizar uma prática de acordo com conceitos propostos pelos clubes fundadores, todos pertencentes às classes alta e média da sociedade carioca, que davam ao futebol um *status* de uma *tradição inventada* e delimitada pelo amadorismo. Prática estrangeira, o futebol imprimia valores como o do *"fair play",* do desenvolvimento *"mens sana in corpore sano"* e a percepção da prática como um divertimento dos rapazes e moças.

Em princípio, essas regras acabavam por excluir grande parcela da população da cidade dos torneios organizados por essas entidades. Porém, no decorrer dos anos, essa exclusão social foi sendo gradativamente superada. Os clubes populares cresciam indiscriminadamente nos subúrbios cariocas. Com a adesão de um número cada vez mais considerável de sócios e com as rendas adquiridas por meio das partidas, essas entidades passaram a ter recursos econômicos suficientes para pagarem as altas joias e as mensalidades impostas pelas ligas. Juntamente com esses clubes, jogadores mestiços, pobres e trabalhadores braçais, que antes já figuravam

[327] PEREIRA, 2000. p.65.
[328] PEREIRA, 2000. p.65.

discretamente entre os clubes mais tradicionais, eram vistos com maior frequência nas equipes modestas da cidade.

Tal quadro foi se tornando cada vez mais evidente e determinante para o malogro das ligas e federações cariocas. Diante disso, podemos elencar dois fatores para tais insucessos. O primeiro gira em torno das próprias disputas políticas travadas entre os clubes participantes e a capacidade de os mesmos descumprirem as regras estabelecidas nas assembleias. A primeira liga de futebol − a Liga Metropolitana de Football[329] − foi substituída em 1908 pela Liga Metropolitana de Sports Athleticos fundada pelo America, Botafogo, Fluminense, Paissandu, Riachuelo e Rio Cricket. Uma das exigências impostas pela nova diretoria seria a participação de equipes *"que possuíssem campo cercado com arquibancadas, vestiários e bilheterias"* [330] prontamente burlada pelo America, Paissandú e Riachuelo, que não possuíam estádios.

O segundo fator tratou daquilo que Leonardo Pereira chamou de *"criação [e manutenção] de novos espaços e mecanismos de distinção"*.[331] As entidades filiadas nessas ligas esportivas são detentoras daquilo que Bourdieu chama de *poder simbólico*, um *"instrumento de conhecimento e de comunicação [...]"*[332] capaz de produzir e definir *distinções*[333] entre indivíduos, grupos sociais e clubes de futebol. A mesma LMSA, logo assim que foi fundada passou a restringir a filiação de "pessoas de cor" e de trabalhadores braçais. Tal resolução gerou um intenso debate entre os dirigentes do Botafogo, sendo Alfredo Chaves "*contra essa medida da Liga, que constitui verdadeira seleção odiosa, contrária aos princípios democratas e racionais"*[334] derrotado pelos argumentos do Sr. Cruz Santos que justificava o futebol como um espaço *"onde os indivíduos estão intimamente ligados pelos laços da camaradagem e do afeto*".[335] Estava subentendido que aqueles que não estivessem inseridos nesses laços de camaradagem deveriam ser apartados. Essa medida fez com que clubes importantes como o Bangu Athletic Club, composto por diretores

---

[329] A Liga Metropolitana de Footbal criada em 1905 teve o seu nome alterado para Liga Metropolitana de Sports Athéticos em 1907 *"sem ter qualquer base ou motivo óbvio"*. NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941).* In: SILVA**,** Francisco Carlos Teixeira, SANTOS, Ricardo Pinto (Orgs.). *Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2006. 84p.
[330] NAPOLEÃO, 2006. p.86.
[331] PEREIRA, 2000. p.67.
[332] BOURDIEU, Pierre*. O Poder Simbólico*. 11ºEd. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2007. p.9.
[333] O conceito de distinção segundo Pierre Bourdieu é *"[...] a diferença inscrita na própria estrutura do espaço social quando percebida segundo as categorias apropriadas a essa estrutura; e o Stand Weberiano que muitos gostam de opor à classe marxista, é a classe construída por meio de um recorte adequado do espaço social quando ela é percebida segundo as categorias derivadas da estrutura deste espaço. O Capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes [...]"*. BOURDIEU, 2007. p.144-145.
[334] PEREIRA, 2000. p.66.
[335] PEREIRA, 2000. p.67.

ingleses, porém com uma equipe formada por operários pobres e em sua maioria negros, pedisse a sua desfiliação.

Durante as décadas de 1910 e 1920 esse movimento de popularização do futebol se intensificou provocando a entrada quase que inevitável de clubes socialmente multifacetados no interior da Liga. Esse alargamento da base política e social ocorrida na Liga foi recebido negativamente por muitos dirigentes e jogadores. Uma forma de amenizar tal situação foi a criação de uma terceira divisão em 1914.

Tal resolução não foi bem aceita por clubes como o Club de Regatas de Icaraí e do Riachulense F.C. que se filiaram à Liga logo após a criação da lei, sendo assim obrigados a disputar a terceira divisão *"com elementos heterogêneos, como possuem alguns clubs que a liga conhece"*.[336] A situação se agravou mais ainda quando o regulamento do mesmo ano previa o acesso do melhor time da segunda divisão e o descenso da pior equipe da primeira. Nesse campeonato, o Paissandú seria vítima do descenso, sendo salvo pelo Fluminense F.C. que considerou injustificada a desclassificação de um "*valoroso club de que fazem parte numerosos membros da honesta e laboriosa colônia inglesa"*.[337]

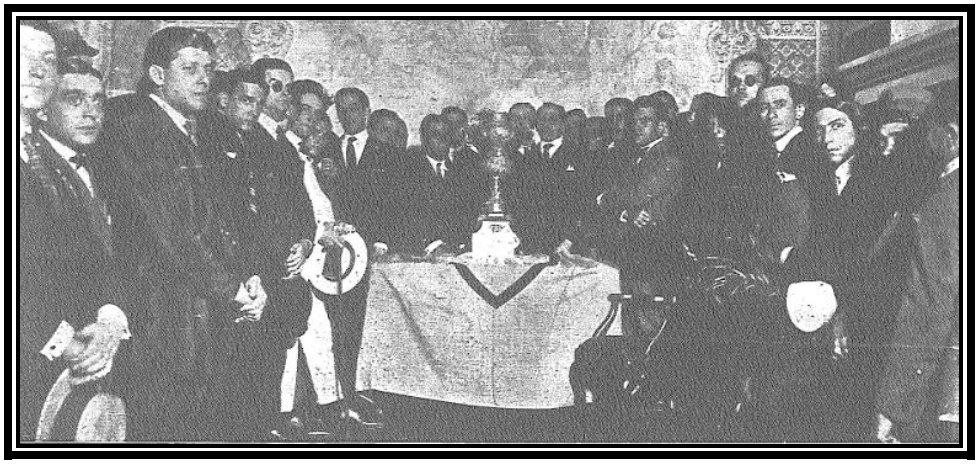
Em 1915, a Liga estipulou um jogo entre as equipes para definir a permanência do pior clube da primeira divisão ou a ascensão de um clube da segunda divisão à primeira. No mesmo ano, o Rio Cricket, outro clube de origem inglesa, foi derrotado pela modesta equipe do Andaraí A.C., composta por jogadores de origem operária.

Essas duas características (a preservação das normas que garantiam o amadorismo e criação e manutenção de novos espaços e mecanismos de distinção) estavam presentes na Liga Metropolitana de Desportes Terrestres, fundada em 1917 em substituição à Liga Metropolitana de Sports Athléticos (LMSA). Em 1922 a LMDT dividia seus associados em quatro divisões[338] cada uma com sete[339] entidades. Mesmo tentando impor as regras do amadorismo, o quadro políticoesportivo apresentado na década de 1920 se relevou complexo e rodeado por uma gama de interesses que impossibilitavam a preservação da característica amadora. Á medida que o futebol se popularizava, os interesses esportivos sobrepujavam a preservação do amadorismo e os

---

[336] *Ibidem.* p.112.
[337] PEREIRA, 2000. p.112.
[338] **Série A1** – C.R. do Flamengo, América F.C., Botafogo F.C., Fluminense F.C., Bangu A.C., Andaraí F.C., e o São Cristóvão A.C. **Série A2 -** Vila Isabel F.C., C.R. Vasco da Gama, Americano F.C., Carioca F.C., Palmeiras A.C., S.C. Mangueira e o S.C. Mackenzie. **Série B1** - S.C. Brasil, River, Helênico, Metropolitano, Bonsucesso, Rio de Janeiro e o Esperança. **Série B2** - S. Paulo-Rio, Progresso, Confiança, Modesto, Engenho de Dentro, Campo Grande , Ipiranga, Everest e Tijuca.
[339] No ano de 1923 houve o acréscimo de 1 clube em cada divisão.

embates políticos, a respeito de interesses pessoais, assumiam uma posição de maior destaque dentro da entidade.



15. Representantes da LMDT recebendo a Taça "Nota Sportiva". (O Malho, 18 ago. 1923).

Diferentemente do que se via nos campos de futebol – jogadores das mais variadas origens sociais e uma torcida socialmente diversificada – o ambiente no interior da LMDT era restrito aos setores médios e altos da sociedade carioca. Grandes empresários, militares de alta patente, jornalistas, políticos etc. ocupavam cargos e/ou representavam desde os clubes mais tradicionais até os mais populares.

Assim, com o intuito de defenderem os interesses de seus clubes, os dirigentes – e principalmente os representantes dos clubes menos tradicionais − tentavam, por meio de sua participação na LMDT, construir aquilo que Elias chama de *"auto-imagem e auto-estima"*[340] diante das entidades mais tradicionais, portadoras de um maior prestígio político. Essa era uma forma de os clubes mais populares tentarem se firmar em meio ao grupo restrito de clubes da chamada "elite" do futebol carioca. E esse preço deveria ser pago *"por cada um de seus membros, através da sujeição de sua conduta a padrões específicos"*.[341] De acordo com Elias, essa submissão dos demais clubes aos interesses das entidades mais tradicionais do futebol era uma forma de se *"encarnar o carisma do grupo",*[342] participando do jogo político, compartilhando dos mesmos princípios esportivos – o amadorismo – e conquistando a preferência e a confiança dos clubes mais tradicionais da LMDT. Além do carisma, essa proximidade garantia aos clubes menos tradicionais *"a satisfação de pertencer [...] e representar*

[340] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.40.
[341] *Ibidem*. p.26.
[342] ELIAS, SCOTSON. 2000. p.26.

[...] um grupo poderoso",[343] algo vital para as pretensões dos dirigentes interessados em garantir por meio das alianças políticas alguns benefícios, privilégios existentes no interior da Liga Metropolitana.

Nesse contexto, o amadorismo – código moral e esportivo que ditava as relações políticas − funcionava como um pressuposto do conjunto de estratégias de pertencimento entre os pares da LMDT. Curiosamente, o comportamento político dos dirigentes contrasta com os eventos ocorridos durante as temporadas de 1922 e 1923, e provavelmente em outros torneios anteriores. Ao mesmo tempo em que o amadorismo era defendido na teoria, na prática – e veremos isso adiante – alguns fatos evidenciam que os clubes de futebol se utilizavam de subterfúgios para garantir alguma vantagem esportiva em relação aos demais clubes. Essas vantagens seriam as quais definimos como elementos de um processo de profissionalização.

Além disso, mais que ser pensado como um mecanismo importante para a garantia de vantagens políticas, econômicas e esportivas entre os clubes presentes na Liga Metropolitana, o processo de profissionalização deve ser entendido como um conjunto de mudanças do próprio campo das práticas esportivas, como o aumento de torcedores, a espetacularização dos jogos pela imprensa, as leituras e releituras da forma de se jogar o futebol, além de fatores ligados a uma conjuntura econômica, social e política vivida na cidade do Rio de Janeiro.

Essas relações políticas entre os dirigentes dos clubes no interior da LMDT funcionavam a partir de um entendimento subentendido e inerente, *"compartilhado por todos os seus membros",*[344] no qual as problemáticas que envolvem a defesa do amadorismo e as tentativas de burlar as regras seriam de conhecimento de todos da comunidade – todos sabiam e todos usufruiam desses subterfúgios, apesar de defenderem o amadorismo. Para Bauman, esse entendimento está pautado em certa "inocência" cujas tensões seriam minimizadas por uma pretensa sensação de segurança *"ignorando a natureza das coisas que o fazem feliz sem tentar mexer com elas, e muito menos 'tomá-las em suas mãos".*[345]

De fato, os representantes dos clubes da cidade possuem interesses em comum – a defesa de seus clubes – e até vínculos sociais e culturais semelhantes, mas isso não quer dizer que essa pretensa comunidade não possua as suas tensões e crises. Há, no entanto, uma *"uma negociação*

[343] ELIAS, SCOTSON. 2000. p.26.
[344] BAUMAN, 2003. p.15.
[345] BAUMAN, 2003. p.14.

prolongada"[346] que *"pode resultar em um acordo que, se obedecido diariamente, pode [...] tornar-se um hábito que não precisa ser mais repensado".*[347] Porém, isso não significa que este entendimento não possa ser frontalmente ameaçado quando algum membro – ou alguns membros – dessa comunidade se posiciona contrariamente aos acordos tacitamente estabelecidos, o que resultaria em uma série de conflitos que quebrariam os velhos vínculos políticos e morais que mantinham os membros dessa comunidade em um *"círculo aconchegante".*[348] As relações no interior da comunidade seriam tão tensas que, mesmo livrando-se daqueles dirigentes e clubes que afligem esse entendimento implícito, a *"'nova e melhorada' condição desta comunidade "rapidamente revela seus aspectos desagradáveis".*[349]

Um exemplo significativo foram as inúmeras alterações dos estatutos das Ligas e a reafirmação de algumas normas criadas em outros estatutos em anos anteriores e que nunca foram respeitadas. Para coibir o avanço da profissionalização, foi organizada em 1922 uma comissão que, *"no menor espaço de tempo possível [...]",*[350] pudesse apresentar um *"[...] projecto de reforma dos estatutos, para ser julgado em plenário".*[351] Interessados em conter o avanço do profissionalismo entre os jogadores, os dirigentes destacaram algumas novas regulamentações.

A questão mais discutida foi o fim das inscrições de atletas em vários clubes com a exigência de uma lista assinada "*pelos próprios jogadores, a fim de que se não verifiquem multiplicidades de registros ou de inscripções".*[352] De acordo com Antônio Carlos Napoleão, esse tipo de discussão já tomava o plenário da LMDT desde a sua fundação em 1917. Alguns clubes em tal época já eram acusados de *"oferecer vultosas somas em dinheiro para ter o concurso de jogadores, principalmente aos que eram de origem humilde".*[353] Nesse caso, o *"Parc Royal, club da 2º divisão, deveria ser excluído [...] mas a exclusão não aconteceu, pois [...] o Parc Royal mudou o nome para Ordem e Progresso e manteve-se na Liga".*[354]

---

[346] BAUMAN, 2003. p.16.
[347] BAUMAN, 2003. p.16.
[348] BAUMAN, 2003. p.19.
[349] BAUMAN, 2003. p.23.
[350] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 13 jan. 1922. Correio Sportivo.
[351] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 13 jan. 1922. Correio Sportivo.
[352] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 fev. 1922. Correio Sportivo.
[353] NAPOLEÃO, 2006. p.91.
[354] NAPOLEÃO, 2006. p. 91.

Outra discussão importante foi a elaboração do artigo 67º[355] com o intuito de se coibir a violência dos jogadores em campo. A regra foi posta em prática em alguns momentos como o caso dos jogadores Carlos Silveira, do Fluminense e Mário Sayão de Araújo, do Flamengo, punidos *"por terem ambos desrespeitado o juiz do match dos segundos teams desses clubs"*.[356] As brigas em campo já eram consideradas um problema em temporadas anteriores. No ano de 1911 em partida disputada entre o Botafogo e o America, o jogador *"Flávio Ramos, atacante alvinegro, dominou a bola e recebeu uma violentíssima entrada do ponta americano Gabriel de Carvalho [que] no revide deu uma bofetada no adversário"*[357] provocando uma briga generalizada. Curiosamente *"a partida se reiniciou sem que o árbitro tomasse qualquer atitude para punir os brigões"*.[358]

A resolução da Liga Metropolitana de Sports Athléticos foi politicamente controversa. Segundo Napoleão, *"porque o Botafogo, que possuía uma excelente equipe, candidata ao título de bicampeã, foi extremamente prejudicado no julgamento",*[359] pois seu atleta – Abelardo Delamare – foi suspenso por um ano, enquanto *"Gabriel de Carvalho, do America, um dos pivôs da confusão, foi suspenso pela Liga por apenas 30 dias".*[360]

Estes exemplos somam-se a outros, e revelam um contexto esportivo em que as práticas amadoras – fundamentadas nas leis da LMDT – eram afirmadas e reafirmadas ou desconsideradas, dependendo dos interesses políticos e esportivos dos clubes envolvidos. Para compreendermos melhor esse contexto, deixaremos as questões políticas para mais adiante e "entraremos em campo" para percebermos na prática como esses clubes se utilizavam dos discursos amadores – em alguns casos para reforçar uma atitude política ou esportiva, em outros momentos para questionar a atitude dos clubes rivais – e de que maneira esse discurso era abandonado em nome de outros interesses.

Entendemos como um dos sinais mais contraditórios desse processo – e que será um assunto recorrente em vários momentos deste trabalho − o aumento do interesse financeiro de clubes e empresas pelo futebol. Esse interesse está intimamente relacionado ao avanço das

---

[355] Este artigo proibia, por exemplo*: "a) jogo violento - advertência por escripto; b) injúria - suspensão por duas partidas de campeonatos e torneos; c) agressão physica - suspensão por quatro partidas de campeonato e torneos."*. O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 mar. 1922. Vida Desportiva.
[356] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 mai.1922. Vida Desportiva.
[357] NAPOLEÃO, 2006. p.87.
[358] NAPOLEÃO, 2006. p.87.
[359] NAPOLEÃO, 2006. p.87
[360] NAPOLEÃO, 2006. p.87

práticas capitalistas na cidade do Rio de Janeiro e a um aumento considerável do número de espectadores nos jogos de futebol entre as décadas de 1910 e 1920.

Em relação às empresas, era comum encontrarmos nos grandes jornais da cidade alguns casos em que os clubes, que organizavam festivais esportivos e amistosos, recebiam o apoio de "patrocinadores" interessados em promoverem suas casas comerciais. Dentre esses eventos, tomamos como exemplo uma festa organizada no campo do Independência F.C. que, utilizando-se do sucesso esportivo alcançado pelo C.R. Vasco da Gama e do América, campeões do ano de 1922, promoveu uma série de atividades como as *"importantes provas de corridas razas*",[361] a prova de *"Pega o porco"*.

Além do porco, principal prêmio da tarde, o sorteio *"de uma tombola de valiosos prêmios, para a qual são o título de habilitação os próprios bilhetes de entrada"*[362] também foi muito concorrida. Prêmios como *"12 cuecas fabricadas pela U.M.R. [...] Uma caixa de sabonetes "Condor" (oferta da fábrica Augusto)"* além de "*um camarote para Theatro S. José [...] Uma bengala de finíssima madeira"* [363] e *"[...] um vidro de loção 'Chuva de ouro'"*[364] eram oferecidos por importantes comerciantes da cidade como o também *"sportman"* do C.R. do Flamengo, Paschoal Segretto.

Não seria nenhum exagero afirmar que o interesse comercial estaria relacionado diretamente ao amplo espaço de propaganda que o futebol já proporcionava. Além de fazerem a promoção *in loco*, as casas comerciais tinham os seus nomes divulgados nos jornais que, além disso, anunciavam em suas páginas os detalhes das festas, os esportistas participantes e as premiações aos vencedores das provas do dia.

Além de beneficiar os empresários da cidade, esses festivais serviam para que clubes pudessem angariar uma soma considerável de dinheiro. Organizado pelo Santiago F.C., o festival esportivo que se realizaria no campo do Inhaumense F.C. tinha em seu programa a disputa de quatro partidas em que tomariam *"parte diversos clubs em disputa de lindas taças"*.[365] Contudo, apesar de promover uma disputa esportiva, a diretoria do Santiago F.C. angariava fundos para o

[361] O Imparcial, Rio de Janeiro, 30 mar. 1923. Vida Desportiva.
[362] O Imparcial, Rio de Janeiro, 30 mar. 1923. Vida Desportiva.
[363] O Imparcial, Rio de Janeiro: 30 mar. 1923. Vida Desportiva.
[364] O Imparcial, Rio de Janeiro: 30 mar. 1923. Vida Desportiva.
[365] O Imparcial, Rio de Janeiro: 7 jan. 1923. Vida Desportiva.

seu respectivo clube promovendo uma curiosa *"prova de sympathia entre os clubs que mais ingresso passar".*[366]

Apesar do retorno financeiro obtido nos festivais, o futebol já proporcionava aos clubes um aumento de recursos por outras formas mais habituais, como por exemplo, as joias e mensalidades pagas pelos associados. Os valores financeiros adquiridos pelos clubes de futebol eram tão vultosos que exigiam dessas entidades uma administração cada vez mais voltada a uma lógica capitalista. Por meio do memorialista José da Silva Rocha podemos ter a noção do impacto financeiro em um dos clubes mais importantes daquele período, o C.R. Vasco da Gama. Segundo o autor, no ano de 1920 o clube de Santa Luzia acumulava seus recursos "*em três Bancos: Banco Ultramarino, British Bank e Banco Português do Brasil"*[367] e os saldos dessas contas *"ultrapassavam cinqüenta contos de réis".*[368] Tal ocorrência teria sido causada pelo intenso "*processo de ingresso de associados"*[369]contagiados pela "*expansão do clube nos desportos terrestres"*[370] chegando ao "*número de quase duzentos"*[371] ao mês durante o ano de 1917 e ao total de *"mil e oitocentos sócios"* [372]em 1919.

A entrada numerosa de associados garantia aos clubes altas somas de dinheiro, porém, causava às diretorias que os assumiam um problema. Ainda de acordo com José da Silva Rocha, o ponto negativo do crescimento exagerado de sócios era a inadimplência considerada por ele um *"problema eterno das agremiações desportivas".*[373] Isso porque, *"os entusiasmos são transbordantes nas horas felizes de vitórias, mas o pagamento das cotas mensais é esquecido por muitos às primeiras derrotas".*[374]

Entre os principais gastos de um clube, o que exigia maior talento da diretoria era o gerenciamento das contas da seção terrestre.[375] Já na temporada de 1917, a direção do clube da cruz de malta acreditava ser *"indispensável às boas finanças sociais reduzir os gastos daquele setor",*[376] pois para manter *"uma equipe de football exigia-se muito mais: chuteiras, meias,*

[366] O Imparcial, Rio de Janeiro: 7 jan. 1923. Vida Desportiva.
[367] ROCHA, 1975. p.275.
[368] ROCHA, 1975. p.275.
[369] ROCHA, 1975. p.227.
[370] ROCHA, 1975. p.227.
[371] ROCHA, 1975. p.227.
[372] ROCHA, 1975. p.269.
[373] ROCHA, 1975. p.203.
[374] ROCHA, 1975. p.203.
[375] A seção terrestre era a parte do clube responsável pela coordenação de esportes praticados em terra, como o futebol, o atletismo e o tênis.
[376] ROCHA, 1975. p.227.

calções de tecido resistente [...] condução para os jogos e para os treinos [...] refrigerantes nos treinos e nos jogos".[377] Em 1922, por exemplo, o C.R. Vasco da Gama gastaria com *"as camisas novas mandadas confeccionar com gola e punhos brancos e a cruz de Malta no peito [...] Cento e quarenta mil réis [...]"*[378]e com a colocação das arquibancadas no campo da Rua Morais e Silva valor aproximado a *"vinte cinto contos".*[379]

Os ingressos também representavam uma parcela considerável dos lucros obtidos pelos clubes. Aqueles que antes se importavam com o belo público, composto de lindas senhoritas e rapazes distintos, agora se preocupavam com as altas cifras que poderiam ser alcançadas com as partidas. Os lucros alcançados pelos clubes eram tão satisfatórios que a prefeitura criou em 1923 *"um imposto sobre os matches de football, estabelecendo uma taxa no movimento das bilheterias"*[380] que era cobrado pela comissão de orçamentos do Conselho Municipal *"mediante sellagem dos ingressos, tanto das geraes como das arquibancadas [...] extensivo a todos os jogos officiaes ou amistosos".*[381] Curiosamente, alegando um "*encarecimento geral do custo de vida",*[382] os clubes da 1ª divisão da Liga Metropolitana se disseram *"coagidos"* a aumentarem *"os preços dos logares nos encontros do campeonato"*[383] de 2$000 para 3$000 as arquibancadas e de 1$000 para 1$500 as gerais. Na verdade, esse aumento no valor dos ingressos foi uma resposta da LMDT e de seus clubes filiados ao imposto criado pelo governo municipal.

De fato, o Campeonato da Cidade atraía uma soma incontável de torcedores aos estádios, o que justifica o interesse da Prefeitura, da LMDT e dos clubes com os rendimentos financeiros que os jogos proporcionavam. Um exemplo foi o confronto entre o C.R. do Flamengo x C.R. Vasco da Gama pelo segundo turno do Campeonato Carioca de 1923 que contou *"sem exagero, para mais de 35000*[384] *pessoas".*[385] Segundo o cronista d'*O Imparcial*, a aglomeração foi tanta

---

[377] ROCHA, 1975. p.228.
[378] *Ibidem.* p.203.
[379] *Ibidem.* p.312.
[380] O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 dez. 1922. Vida Desportiva.
[381] O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 dez. 1922. Vida Desportiva.
[382] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1923. Vida Desportiva.
[383] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1923. Vida Desportiva.
[384] Os números a respeito do público pagante são variados. O comentário do Jornal do Brasil era o seguinte*: "Foi por isto que o grande campo da Rua Guanabara apanhou a maior assistência que temos visto e que deveria ter atingido 40.000 pessoas afora as 5.000 que não conseguiram penetrar naquelle recinto literalmente ocupado."* Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 10 jul. 1923. Diário Desportivo. Já o cronista do Correio da Manhã frisou: *"Calculamos a assistência de hontem não total de 25 000 pessoas. Mas que isso francamente não cabe no Fluminense, em que pese a opinião do seu construtor, dando a lotação para 45 mil"*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 de jul. 1923. Correio Sportivo.
[385] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Vida Desportiva.

"que ainda em meio do jogo dos segundos teams, o povo das archibancadas se viu na contingência de invadir o campo, por se sentir, talvez, sem ar [...]".[386]

O interesse do público e do Vasco da Gama ao referido jogo foi tão grande que o jornalista d'*O Imparcial* lamentou que os diretores do C.R. Vasco da Gama não tivessem tomado as providências necessárias para impedir *"que suas bilheterias houvesse pondo em circulação maior números de entradas do que aquele que realmente comportam as archibancadas [...]".*[387] No campeonato de 1923, o repórter do *Correio da Manhã* denunciava a prática de uma espécie de "cambismo" promovido pelo Fluminense F.C.. Chamado de maneira sarcástica pelo cronista de *"o clube do esnobismo da Rua Guanabara",*[388] o Fluminense F.C. teria lançado mão *"[...] de mais um recurso e transformou cada empregado seu em um agiota"*[389] vendendo os ingressos do jogo Flamengo x Fluminense fora do estádio *"com percentagens escabrosas".*[390] Concluindo a sua manifestação de repúdio, o jornalista representou a "tal" situação com uma estória ilustrando o contato do torcedor com os cambistas.

> *"O espectador ao chegar, dirigiu-se ao guichet, à procura de uma entrada numerada, e como não mais a encontrasse, já se dispunha da consolação de não assistir a disputa quando todo risonho surgiu um porteiro da maçonaria, uniformizado, inquirindo-o:*
> *- O Sr. quer? Eu tenho aqui... - Mas você há de levar um ágil nessa transação? Retorquiu o cavalheiro, já se apercebendo do truque que lhe era imposto em cima. - Nem tanto! O Sr. dá 10 mil reis... Não se compreende que um porteiro faça esse comércio sem ter recebido ordem de alguém...".*[391]

A venda descontrolada e possível agiotagem de ingressos faziam parte de um universo ambíguo que alternava os valores do amadorismo e práticas que não possuíam qualquer semelhança com tal postura. Esse convívio de dois valores tão distintos só era possível porque as somas de dinheiro reunidas pelos jogos eram importantes para manter o clube e suas atividades. O *Correio da Manhã* teve acesso ao borderô do jogo C.R. Vasco da Gama x Fluminense, em que a tesouraria do primeiro clube apontava um rendimento bruto de 27:368$500,[392] sendo repassado

---

[386] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Vida Desportiva.
[387] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Vida Desportiva.
[388] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 16 jul. 1923. Correio Sportivo.
[389] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 16 jul. 1923. Correio Sportivo.
[390] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 16 jul. 1923. Correio Sportivo.
[391] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 16 jul. 1923. Correio Sportivo.
[392] O valor total corresponde à seguinte lotação: 645 cadeiras a 5$000 - 3:225$000, 5.665 arquibancadas a 3$000 - 16$995$000 e a 4.600 gerais a 1$500 – 7:048$500. Esse preço corresponde a aproximadamente cinco carros novos do modelo Ford à 4:870$000 ou aproximadamente 10 meses de aluguel de uma casa no centro da cidade com 24 quartos, mobiliados, dois banheiros com aquecedor, cozinha com fogão a gás rendendo 2:800$000 mensais. Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 25 mai. 1923. Correio Sportivo.

à prefeitura 2% deste valor (2:999$480) e 10% para a Liga Metropolitana (2:426$002), obtendo um total líquido de 24:269$020 réis.

O grande público que assistia aos jogos de futebol garantia ampla parte dos lucros obtidos pelos clubes, pela Liga e pelos órgãos públicos. Essa soma significativa nos leva a associarmos a um segundo aspecto significativo e relevante: a expansão dos estádios de futebol pela cidade. Estes se multiplicavam nos terrenos baldios à medida que as reformas urbanas,[393] e o desenvolvimento industrial empurravam a população pobre para as regiões mais afastadas da cidade.[394]

A proliferação desordenada dos campos obedeceu ao processo de popularização do futebol e a intensa inclinação dos clubes ao lucro. Na temporada de 1921,[395] os clubes da primeira divisão voltaram a alugar seus campos para clubes de outras divisões. O Botafogo F.C. e o Fluminense F.C. enviaram um ofício ao Vasco oferecendo a cessão dos seus campos sob o pagamento de *"dez por cento sobre a renda líquida. Práticamente entre cem a duzentos mil réis!"*.[396] No mesmo ano, o C.R. Vasco da Gama assinou um contrato de locação para a utilização do campo da Rua Morais e Silva,[397] localizado no bairro Engenho de Dentro pagando um *"aluguel mensal de seiscentos e cinqüenta mil réis e mais impostos e prêmio de seguro*

---

[393] A zona norte foi uma região que sofreu um considerável aumento populacional com a ocupação de espaços para atividades de lazer. Clubes como o São Cristóvão A.C. e o Rio de Janeiro utilizavam o campo da Rua Figueira de Melo em São Cristóvão; o Confiança, o campo da Rua Gen. Silva Telles, no Andaraí; o Mackenzie, o Metropolitano e o Engenho de Dentro, no campo da Rua Dias da Cruz, no Méier.

Outros campos eram localizados próximos às estações ferroviárias, como o do Americano F.C. - perto da Estação Riachuelo; o do River e o Tijuca, no campo da Rua João Pinheiro, próximos à Estação da Piedade; o Bonsucesso, no campo da Rua Uranos, próximo a Estação de Bonsucesso; o Progresso, no campo da Rua João Rodrigues, na Estação de S. Francisco Xavier; o Ipiranga e o Modesto no campo da Rua Goiás, Estação de Quintino Bocaiúva. Esse mesmo fenômeno pode ser observado com o desenvolvimento do bonde, outro meio de transporte importante para o desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro. As companhias de bonde se espalharam, ligando o centro da cidade aos bairros mais próximos, como Andaraí Pequeno (Tijuca), São Cristóvão, Catumbi, Rio Cumprido, São Francisco Xavier, Engenho Novo etc. Entre os clubes mais conhecidos, o Helênico e o São Paulo–Rio realizavam seus jogos no campo da Rua Itapiru no Catumbi e o Vila Isabel F.C., um dos clubes mais importantes da primeira divisão – série "B" – localizava-se no Boullevard 28 de setembro, próximo ao Jardim Zoológico em Vila Isabel. ABREU, Maurício de. O Rio de Janeiro no Século XIX: *Da Cidade Colonial à Cidade Capitalista*. In: ABREU, 2006. p.35-69. *passim.*

[394] Regiões do Centro como *"Espírito Santo, Gamboa, Santo Antônio, Sant-Anna, Santa Rita, Sacramento e São José ocupavam quanto à população operária, o 3º, 4º, 6º, 9º, 10º, 15º e 17º lugares*"[394] enquanto na zona norte bairros como *"Andaraí, São Cristóvão e Méier detinham a 5º, 8º e 13º enquanto ao sul, "Glória, Lagoa e Gávea foram classificados em 7º, 11º e 18º, respectivamente*". A grande mudança *"consistia na importância adquirida por antigos distritos rurais, tais como Inhaúma, Irajá e Campo Grande, que passaram a figurar na estatística como 1º, 2º e 12º distritos proletários."* LOBO**,** Eulália, CARVALHO, Lia e STANLEY, Myrian (orgs). *Questão Habitacional e o Movimento Operário.* Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1989. p.110.

[395] De acordo com José da Silva Rocha, a LMDT proibiu os clubes da primeira divisão de cederem seus campos aos clubes de outras divisões. ROCHA, 1975. p.297.

[396] ROCHA, 1975. p.297.

[397] Antes de obter o campo da Rua Morais e Silva, o C.R. Vasco da Gama alugou outros campos. O primeiro foi o do Botafogo F.C. para a disputa da terceira divisão em 1916. Em 1917, o C.R.Vasco da Gama alugou o campo do Fluminense F.C., localizado na Rua Álvaro Chaves para cinco partidas. Em 1918 a diretoria vascaína alugou o campo do São Cristóvão. O Campo da Rua Morais e Silva foi utilizado na temporada de 1922 sendo substituído pelo Estádio da Rua Guanabara para os jogos da temporada de 1923. ROCHA, 1975. p. 202 – 307. *passim.*

contra fogo"[398] alugando outro campo, o da Rua Barão de Itapagibe[399] *"a clubes não filiados que o requisitavam para jogos aos sábados e domingos".*[400]

Diante da proliferação desregrada desses locais, a Liga Metropolitana passou a exigir de seus clubes filiados a aquisição de estádios próprios − lei ratificada na reforma do estatuto em 1924 − estabelecendo a filiação de um clube quando esse possuir *"sede social e praça de exercícios athléticos e desportivos própria [...]".*[401] Com o intuito de preservar a boa prática do *"association",* a Liga designava comissões verificadoras para autorizarem o funcionamento dos estádios para os jogos do campeonato, quando não eram os próprios jornalistas que, convidados pelos sócios, colhiam suas impressões sobre as instalações.

> *"OS MELHORAMENTOS DO SAO CHRISTOVÃO A.C. - A directoria do sympathico club da Rua Figueira de Mello, tem desempenhado uma enorme actividade no sentido de, no próximo campeonato, apresentar a praça de sports daquelle grêmio, completamente melhorada. Já foram iniciadas as construções de suas arquibancadas, atrás de cada goal; a archibancada lateral será ampliada na sua parte esquerda, e o bar apresentará uma outra conformação".*[402]

A esperada reforma no campo do S. Cristóvão não sairia do papel, pelo menos da forma descrita pelo cronista. As arquibancadas seriam retiradas em 1923 e cedidas pelo *"Sr. Ministro da Guerra"* ao C.R. do Flamengo, *"substitutas das suas pequenas, de madeira"*[403] que encontravam-se no seu campo na Rua Paissandú. Quanto ao campo, que segundo a mesma reportagem estava *"completamente aplainado, com sua gramma replantada e em crescimento"*[404] protagonizou em 1922 alguns acontecimentos que não condiziam com a boa prática do futebol.

Já conhecido como um bairro *"mais sujeito a inundações que os outros",*[405] o campo do S. Cristóvão, localizado na Rua Figueira de Melo, estaria *"em nível muito inferior aos logradouros públicos circunvizinhos [...]"*[406] tornando-o suscetível às tempestades que caiam sobre a cidade durante o mês de abril. Mesmo alegando o *"desgoverno"* dos órgãos públicos e uma crise financeira que assolava o clube, o cronista não pôde deixar de mencionar que a prática

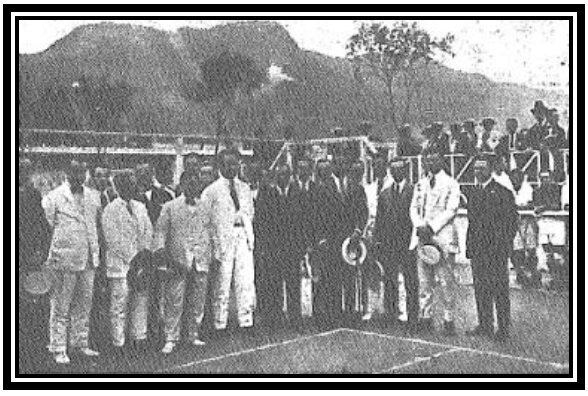
---

[398] *Ibidem.* p.307.
[399] O Campo da Rua Itapagibe utilizado pelo Atlas F.C. foi alugado na temporada de 1920 no prazo de cinco anos e aluguel de cento e trinta e oito cruzeiros. *Ibidem.* p.271.
[400] *Ibidem.* p.307.
[401] O Imparcial, Rio de Janeiro: 29 mar. 1924. Vida Desportiva.
[402] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 15 fev. 1922. Correio Sportivo.
[403] O Imparcial, Rio de Janeiro: 20 abr. 1923. Vida Desportiva.
[404] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 fev. 1922. Vida Desportiva.
[405] O Imparcial, Rio de Janeiro: 10 abr. 1922. Vida Desportiva.
[406] O Imparcial, Rio de Janeiro: 10 abr. 1922. Vida Desportiva.

do futebol após o alagamento ocorrido no *"que se ousou chamar"* de praça de esportes era *"deshumana, anti-hygienica e anti-sportiva".*[407] representando um *"sacrifício da saúde dos jogadores"* [408] e *"dos interesses dos clubs que (se) preparam caprichosamente".*[409]

> *"Desde muito cedo, não obstante as chuvas, grande número de curiosos esteve em frente aos portões do campo do S. Christovão. - Haverá jogo? - Não haverá? - Que dirá o juiz? - Esperemos...*
>
> *E os curiosos esperavam por muito tempo. O Sr. Floriano Assumpcão, árbitro do match de terceiros teeams, compareceu então ao field, procurando logo examinar o campo, que se apresentava alagado, escondendo no fogo da terra, recentemente revolvida, seguramente um palmo de água e lama que deixaram [...] enterrados os pés ate os tornozelos".*[410]

Com a exceção do Estádio do Fluminense, considerado o melhor da América do Sul,[411] os outros campos da cidade não apresentavam a mesma estrutura e conforto. O America F.C., um dos principais clubes da 1ª divisão, quitaria o pagamento pelo seu modesto campo da Rua Campos Salles em 1922, o qual sofreria algumas reformas no decorrer da temporada de 1923. Podemos dizer a mesma coisa do campo da Rua Paissandu utilizado pelo C.R. do Flamengo que recebeu com frustração a notícia de que o governo não construiria um estádio novo próximo à Praia Vermelha para a disputa dos jogos do Centenário, estendendo esse caso para as outras divisões como a situação do campo do Vila Isabel F.C. que tinha um "*gramado com ribanceira"*[412] com *" declive de um para o outro goal".*[413]



16. e 17. Primeira e segunda equipe do America F.C. e representantes do clube e convidados durante a inauguração dos melhoramentos do Estádio da Rua Campos Sales. (*O Malho,* 12 mai. 1923).

[407] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 abr. 1922. Correio Sportivo.
[408] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 abr. 1922. Correio Sportivo.
[409] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 abr. 1922. Correio Sportivo.
[410] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 abr. 1922. Correio Sportivo.
[411] O Estádio da Rua Guanabara foi considerado o maior da América do Sul até 1927 quando o C.R. Vasco da Gama construiu o Estádio de São Januário.
[412] ROCHA, 1975. p.314.
[413] ROCHA, 1975. p.314.

O aumento da importância dos recursos financeiros para a vida dos clubes fez com que a preocupação com os estádios se tornasse secundária diante da importância de se vencer os embates esportivos. Além de atrair mais associados e torcedores, essa necessidade por um resultado positivo fez com que o mercado de apostas crescesse consideravelmente no universo esportivo.

Apesar da valorização da disciplina e do trabalho, valores inseridos na sociedade no início da República, as apostas nunca deixaram de figurar entre os esportes mais praticados na cidade. O jogo do bicho, por exemplo, possuía um *"caráter democrático e sua credibilidade junto aos populares que o viam como uma via para o enriquecimento",*[414] diferentemente dos *"jogos 'finos' das elites [...] vetados à grande parte da população"*[415] e os *"jogos de cartas, damas, etc" que "nem sempre 'eram confiáveis' e nem sempre tinham um desfecho esportivo".*[416]

A possibilidade de enriquecimento fácil em uma sociedade marcada pela competição capitalista e as poucas oportunidades de emprego fizeram com que essa prática se estendesse para diversos segmentos da sociedade, assinalando de acordo com a citação de Sevcenko por Herschmann e Lerner *"um período de '[...] arrivismo agressivo, sob o pretexto da democracia e o triunfo da corrupção destemperada em nome da igualdade de oportunidades".*[417]

Portanto, da mesma forma que nas ruas onde havia a prática do jogo do bicho ou nas *"inúmeras casas lotéricas como, por exemplo, Casa Mascote, Loterias Nacionaes do Brazil, Loteria da Candelária e Loteria Esperança",*[418] o futebol desde as primeiras décadas também se tornou um espaço propício para as apostas. Um dos torneios de palpites mais famoso era o realizado pela Associação de Cronistas Desportivos (ACD). Porém, a impotência de se prever um resultado concreto – uma das características mais fascinantes do futebol − fez com que surgissem os primeiros casos de suborno para o arranjo de resultados de alguns jogos.

Como exemplo desse universo, iremos nos ater a uma série de fatos ocorridos no campeonato carioca da segunda divisão do ano de 1922 e que envolveram principalmente o C.R. Vasco da Gama, clube recém-chegado à segunda divisão. Tudo começou após o Vasco da Gama usurpar a liderança do campeonato do Vila Isabel após uma brilhante vitória de 2x1. Extasiados

---

[414] HERSCHMANN e LERNER, 1993, p.65.
[415] HERSCHMANN e LERNER, 1993, p.65.
[416] HERSCHMANN e LERNER, 1993, p.65.
[417] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989. *Apud.* HERSCHMANN e LERNER, 1993. p.77.
[418] HERSCHMANN e LERNER, 1993, p.77.

com a vitória, os torcedores do Vasco da Gama *"organizaram, em automóveis, uma grande passeata que seguiu em direção do Boulevard 28 de setembro",*[419] sendo recebidos pelos associados do Vila Isabel a pedradas. As terríveis cenas de vandalismo entre associados de ambos os clubes repercutiram negativamente, principalmente contra os vascaínos, acusados de terem sido os responsáveis pelos conflitos. A indignação foi tamanha que, na rodada seguinte, o Americano F.C. seria acusado pelos jornais de liderar um *"complot"* contra o Vasco da Gama, dispondo-se a perder a sua partida contra o seu próximo adversário – o Vila Isabel − em apoio ao mesmo.

Respondendo as acusações e afirmando uma *"[...] máxima vontade de tirar a 'revanche' da derrota do termo",*[420] o Americano venceria o Vila Isabel pelo placar de 2x1. Nas rodadas subsequentes, o Vasco da Gama ampliaria a sua vantagem vencendo o S.C. Mackenzie por 3x0 e o S.C. Mangueira por 3x2. Porém, na semana seguinte, um novo fato acabou provocando uma grande onda de acusações entre as agremiações. A penúltima rodada do campeonato seria marcada por uma vitória arrasadora do Vasco sobre o Carioca F.C. por 8 x 3, provocando uma reunião

> *"em que se viram envolvidos [num] caso vergonhoso de suborno os jogadores do carioca Raul, Braz, Octavio, Jovelino e Chicarino, e os sócios do Vasco Srs. Campos, director sportivo, Paschoal Pontes, Sinval Rocha, e outros, com um ex-director deste club e o ex-player do S. Christovão Epaminondas Berlitz da Silva.*
>
> *O representante do carioca levou a denuncia à Liga, com os dados possíveis e solicitou a abertura de um rigoroso inquérito com o que concordou o conselho, que por isto mesmo votou o adiamento da approvação do jogo.*
>
> *O caso é por demais escandaloso e exige uma apuração conveniente afim de que sejam excluídos do sport os culpados, os venaes ou, em caso contrário, os que não hesitam ante uma acusação de tal gravidade".*[421]

O dirigente do Carioca F.C., o Sr. Paulo Canongia, inconformado com o resultado, declarou na seção seguinte ter tomado conhecimento de um suposto suborno por meio de uma carta escrita por um ex-jogador, o Vicente Chicarino, *"[...] com a confirmação do jogador Jovelino Barbosa, que confessou ter ido ao Sacco de São Francisco no dia do jogo Vasco x Carioca, a convite de um Sr. Paschoal do Vasco".*[422] Pascoal, após almoçar com os jogadores do Carioca, propôs aos mesmos que não jogassem contra o Vasco naquele dia, e que depois de certa

[419] O Imparcial, Rio de Janeiro: 5 jun. 1922. Vida Desportiva.
[420] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 jun. 1922. Vida Desportiva.
[421] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 20 jul. 1922. Correio Sportivo.
[422] O Imparcial, Rio de Janeiro: 16 ago. 1922. Vida Desportiva.

recusa por parte dos jogadores do Carioca, *"[...] quando fôra 3 1/2, o Sr. Paschoal deu 1:000$ a cada um delles, dizendo-lhes que podiam vir para a capital, pois já não alcançariam o jogo".*[423]

A rivalidade entre as duas agremiações teve seu desdobramento em duas outras partidas. Em uma delas, a disputa do restante da partida entre o Carioca e o Vila Isabel foi interrompida por falta de luz natural. O Carioca, com o intuito de dar os pontos da partida para o Vila Isabel, acabou não comparecendo em campo na semana seguinte. Na mesma rodada, após vencer o Palmeiras por 5x0, o Vasco da Gama assumiria a posição de acusador na figura do Sr. Antunes de Figueiredo, que iniciaria o seu discurso na sede da Liga Metropolitana acusando o Paulo Canongia do Carioca de ter *"[...] corrompido dois jogadores do Palmeiras pela quantia de 500$00"*[424] para que os mesmos vencessem o Vasco. Até o fim do ano, nenhuma das acusações foi comprovada, e os processos foram arquivados.

As denúncias sobre os resultados durante a temporada de 1922 demonstram como as rivalidades esportivas eram acirradas e de como os valores financeiros faziam parte desse mesmo contexto. Por mais que os discursos relacionados ao futebol ainda tendessem para a defesa do amadorismo, o que vemos nos relatos jornalísticos e dos memorialistas é um avanço das relações capitalistas sobre o futebol, seja no aumento do número de sócios e torcedores nos estádios, na movimentação do mercado de apostas, como também no pagamento de suborno para os jogadores.

[423] O Imparcial, Rio de Janeiro: 16 ago. 1922. Vida Desportiva.
[424] O Imparcial, Rio de Janeiro: 3 ago. 1922. Vida Desportiva.

CAPÍTULO III − Tudo Muda Quando a Bola Rola

3.1. À Beira da Indisciplina: Desenvolvimento Técnico, Arbitragem e Torcidas de Futebol

As temporadas de 1922 e 1923 revelaram um futebol mercantilizado. Os impostos sobre a renda dos jogos, o aluguel dos campos e as apostas reforçam a ideia de que o amadorismo ficava cada vez mais restrito aos discursos morais e políticos, enquanto as práticas esportivas apontavam para outro caminho. Nesse capítulo seguiremos apontando para outras questões importantes que evidenciam algumas transformações desse campo esportivo. O desenvolvimento técnico, com a organização de um pessoal de apoio – com massagistas, médicos e treinadores − a organização do quadro de árbitros, a torcida e a sua relação com o espetáculo, além dos jogadores, as especulações sobre o pagamento de salários e a entrada de indivíduos populares nos clubes são aspectos que demonstram que o processo de profissionalização se acentuava na década de 1920, e desembocaria em uma crise de grandes proporções em 1924.

Para um universo declaradamente amador, é curioso pensarmos que os clubes investiam naquilo que chamaremos de *processo de desenvolvimento técnico do futebol*. Essa característica do futebol carioca revela um interesse profundo dos clubes em melhorar o desempenho de suas equipes no intuito de conquistarem mais vitórias e consequentemente algumas vantagens – políticas, financeiras e sociais – que estas poderiam proporcionar. Por isso, no ano de 1923, a LMDT manifestou a sua preocupação com a saúde dos jogadores. A entidade passou a exigir aos seus sócios uma carteira de "*sanidade"* que deveria ser entregue junto com a ficha de inscrição do atleta, atestando se o jogador possuía uma saúde apropriada para a prática do futebol.

> *"Carteira de Sanidade do Hellênico F.C.*
> *A directoria pede o comparecimento de todos os associados inscriptos no dia 3 de abril próximo futuro, afim de ser inspeccionados, pois será o último dia que o médico comparecerá na sede para proceder o exame exigido. Sem a referida carteira, nenhum jogador poderá tomar parte nos jogos officiaes".*[425]

Notas como essa publicada n'*O Imparcial* pela diretoria do Helênico F.C. ocuparam um espaço considerável nas sessões esportivas. Curiosamente, apesar da preocupação da Liga, o interesse pela integridade física dos atletas já existia entre os clubes de futebol da cidade. Segundo José da Silva Rocha, ainda antes dos anos 20, o C.R. Vasco da Gama já teria os seus

[425] O Imparcial, Rio de Janeiro: 28 mar. 1923. Vida Desportiva.

"primeiros auxiliares de saúde" [426] em grande parte "*curiosos e práticos quando não se tratava de casos especiais para os quais os dirigentes tomavam consulta em médico de nomeada".*[427] Para os casos menos especiais, contavam com o auxílio de "*Alberto Pinto Cortez proprietário da Farmácia Bragantina à Rua Uruguaiana [...] profissional de larga prática e bom senso cuidava dos casos até onde lhe parecia poder intervir satisfatóriamente".*[428]

Para Richard Giullianotti essas *"relações entre clube e jogador"*[429] podem ser definidas a partir da *"subjugação e disciplina do corpo",*[430] em que, *"o indivíduo é removido das relações sociais rotineiras e deslocado para um espaço confinado",*[431] sujeitando-se *"às novas e rígidas disciplinas, e examinado por 'especialistas' ou por outras figuras de autoridade científica".*[432] Mesmo levando-se em consideração que essa análise está pautada em um futebol mais contemporâneo, não podemos desconsiderar – ajustando às diferentes proporções − que tais preocupações com a disciplinarização dos jogadores estariam presentes também no futebol nas décadas de 1910 e 1920.

Esse estabelecimento de padrões e regras de treinamento, a instituição de especialistas e uma rotina diária eram comuns nos clubes da cidade. De acordo com os relatos de Mário Filho, o Fluminense F.C. quando foi tricampeão carioca em 1917, 1918 e 1919, teria imposto aos seus jogadores uma rotina intensa de treinos físicos. O clube *"contratara Mr. Taylor para isso, para preparar fisicamente os jogadores",*[433] tendo à disposição no turno da tarde um massagista, algo que, de acordo com o jornalista *"nenhum outro clube tinha".*[434] No decorrer dos anos, o massagista foi uma figura recorrente nos quadros técnicos chegando a ser disputado entre os clubes de futebol, como o caso do *"Sr. Álvaro Gonçalves Nogueira, actual massagista do S. Christóvão A.C."* [435] convidado *"para o [...] quadro técnico"* [436] do C.R. Vasco da Gama em 1923.

A especialização dos treinamentos físicos e táticos exigia cada vez mais um comprometimento exclusivo dos jogadores e um investimento maior em especialistas

[426] ROCHA, 1975. p.327.
[427] ROCHA, 1975. p.327.
[428] ROCHA, 1975. p.327.
[429] GIULIANOTTI, 2002. p.144.
[430] GIULIANOTTI, 2002. p.144.
[431] *Ibidem. p.*143.
[432] GIULIANOTTI, 2002. p.143.
[433] RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4º Ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003. p.105.
[434] RODRIGUES FLIHO, 2003. p.105.
[435] O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 jul. 1923. Vida Desportiva.
[436] O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 jul. 1923. Vida Desportiva.

responsáveis pelo desempenho dos jogadores. Em substituição ao capitão da equipe – que em grande parte das vezes era o responsável pela escalação dos times e a organização dos treinos – surgia a figura dos treinadores, que entre finais da década de 1910 e início dos anos 20, já *"estavam adotando métodos de preparo físico dos jogadores e sistemas técnicos e táticos".*[437]

A imposição dessa disciplinarização, característica marcante de um processo de profissionalização, tende a relativizar a hipótese de que os aspectos físicos e a disposição para o trabalho braçal faziam dos jogadores pobres os melhores e os mais talentosos da cidade. Se somente o vigor físico fosse um critério para as vitórias, muitos outros clubes compostos por jogadores de origem modesta teriam conquistado o torneio da cidade. Por outro lado, outros aspectos podem fomentar a hipótese de que os jogadores de origens mais pobres passaram a ser os que melhor desempenhavam suas habilidades esportivas em campo.

Uma primeira constatação é a de que as vantagens financeiras que os clubes proporcionavam – sejam empregos oferecidos ou gratificações por partidas (o bicho) − faziam com que os jogadores pobres – muitos deles negros, mestiços e sem qualquer perspectiva profissional – dedicassem maior tempo para a prática do futebol, diferente dos atletas das classes alta e média, que tinham tempo livre para a prática esportiva, mas em determinado momento desistiam do futebol voltando a atenção para as suas carreiras profissionais e acadêmicas.

Com a precaução de não cairmos nas teias do determinismo ou reproduzirmos teorias raciais próprias de intelectuais da década de 1930, como alertou Antonio Jorge Soares, podemos também considerar a proposição de José Leite Lopes de que esses indivíduos populares foram sendo convidados pelos clubes por serem responsáveis por *"micro-invenções do jogo".*[438] Fruto de uma prática muitas vezes ligada às famosas "peladas" nas ruas e nos terrenos baldios da cidade − como o campo no bairro da Saúde, por exemplo, esses jogadores poderiam ter se afastado de uma leitura europeizada em que se dizia que *"tinham que jogar [...] repetindo os movimentos e jogadas ensinadas pelos folhetos ingleses que se vendiam junto com o material de jogo",*[439] como destacou José Rufino dos Santos.

Entre os treinadores responsáveis pela introdução técnica e tática no futebol carioca na década de 1920, encontramos o uruguaio Ramón Platero. Técnico do Uruguai no Sul-Americano de 1917 e auxiliar do técnico Severino Cartigo que disputou o Sul-Americano de 1919, Platero

[437] ROCHA, 1975. p.314.
[438] SOARES, Antônio Jorge. *História e Invenção das Tradições no Campo de Futebol.* In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio Jorge, LOVISOLO, Hugo. A Invenção do País do Futebol. Mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001. p.32.
[439] SOARES, 2001. p.33.

chegou ao Brasil nesse mesmo ano para treinar o Fluminense F.C. Foi campeão pelo mesmo em 1919 e no ano seguinte foi convidado para trabalhar no C.R. do Flamengo, conquistando os campeonatos de 1920 e 1921. Em 1922 ainda como técnico do Flamengo, Platero foi convidado pelo C.R. Vasco da Gama – ainda na segunda divisão − para treinar a sua equipe principal. Pressionado pela diretoria rubro-negra – que discordava dessa situação – e seduzido por uma proposta do Vasco da Gama, Ramón Platero[440] deixou pra trás o seu trabalho no Flamengo, sendo contratado como profissional do clube assinando "*o contrato nas condições estipuladas em ato simples na própria loja de calçados de Antônio Campos",*[441] a firma responsável por remunerar o técnico. Logo assim que chegou ao clube, Ramón Platero transformou as modestas instalações do campo da Rua Morais e Silva improvisando um centro de treinamento e uma concentração para os jogadores.

> *"Em quinze dias as dependências de Moraes e Silva encheram-se de camas, colchões, travesseiros para os dormitórios material de cosinha para o primeiro almoço dos jogadores. E fixou que os treinos de preparação física seriam de madrugada.*
>
> *Às cinco e meia Ramon Platero, como um despertador no seu linguajar meio espanholado acordava toda a turma:*
>
> *'Alça e meneia que el dia clareiaaaa...'*
>
> *E chama nominalmente os mais dorminhocos:*
>
> *'Leitô, Bráulio, Nelson...'"*[442]

De fato, a equipe dos "*Camisas Negras*", campeã de 1923 pode ser considerada um exemplo dessa composição do talento dos atletas com a dedicação quase que exclusiva aos treinamentos. A maioria dos jogadores da equipe foi convidada por observadores do clube para integrarem a equipe vascaína de 1923.[443] Somado a isto, os incentivos financeiros dados pelos comerciantes portugueses e os treinamentos elaborados por Platero fizeram com que os atletas jogassem um futebol capaz de surpreender todos os "grandes clubes" da primeira divisão do campeonato Carioca. A disciplina tática e física desses jogadores foram os pontos mais destacados pelos críticos da época. Para Ary Koerner do *Correio da Manhã,* o Vasco da Gama *"fez o que nenhum outro fez",*[444] cuidou *"de se preparar e demonstrou mais uma vez que nomes*

---

[440] Além de vencer o campeonato carioca de 1919 treinando a equipe do Fluminense F.C., Ramón Platero foi campeão pelo C.R. do Flamengo em 1921 e em 1922. Pelo C.R.Vasco da Gama foi campeão Carioca da segunda divisão em 1922 e campeão carioca em 1923. Platero ainda dirigiu o Botafogo e o Palmeiras. NAPOLEÃO, Antônio Carlos, ASSAF, Roberto (Orgs.). *Almanaque da Seleção Brasileira: 1914-2006. Rio* de Janeiro: Ed. Mauad, 2006. p.334.

[441] ROCHA, 1975. p.316.

[442] *Idem*. p.316.

[443] Entre os onze jogadores da equipe vascaína de 1923 – os "Camisas Negras" – Nicomedes da Conceição (o Torterolli) era o único remanescente da equipe de 1922. O Imparcial, Rio de Janeiro: 21 ago. 1923. Vida Desportiva.

[444] ROCHA, 1975. p.347.

sómente nada adiantam a um team. Treino e capricho foram os fatores que mais concorreram para a comquista do Onze vascaíno".[445]

Mais que um aspecto técnico e tático, a ideia de que a disciplinarização também pode ser associada a outros fatores do espetáculo esportivo, como o aumento da importância dos árbitros dentro das partidas de futebol e as manifestações exageradas das torcidas dentro dos estádios. Nesse caso, tal disciplinarização do corpo pode ser ampliada para uma ideia de *autocontrole* das tensões sociais, designando aquilo que Norbert Elias entende como o processo de *"esportivização"*[446]da sociedade. Entendida pelo autor como um *"esforço civilizador",*[447] o esporte é pensado como *"meio de regulamentar a conduta humana".*[448] Ou seja, regras do campo esportivo servem para incutir uma disciplina, uma normatização das condutas humanas dentro de campo e em sociedade, disciplinando tanto o jogador quanto o torcedor.

Logo, com o aumento da competitividade dos campeonatos, a figura do árbitro foi se tornando uma peça de destaque para manter a ordem dentro dos campos de futebol da cidade. Sorteados para atuarem nos jogos, os juízes eram alvos de críticas de jogadores, dirigentes, torcidas e dos jornais, culpados constantemente pela derrota das equipes que se sentiam indignadas com determinadas decisões tomadas durante a partida. Nomes importantes do futebol carioca como o Dr. Mário Newton, dirigente do America, tornavam-se alvo da ira de torcedores e dos jogadores.

De acordo com *O Imparcial* cercado por *"um grupo de desordeiros, pois só podem ser classificados os que pretenderam passar por sportsmen",*[449] Mario Newton foi agredido e criticado sendo chamado *"de ladrão, pois este é o único termo que nos é permitido registrar".*[450] Confundido *"com qualquer cidadão, capaz de gestos menos honestos e dignos"*[451] Mário Newton não foi o único *sportman* hostilizado pelo mundo esportivo.

Em outra partida a situação foi mais grave. Em um jogo entre o Mackenzie e o Carioca, o juiz *"fez grave acusação contra o back Mario Duarte de que fora pelo mesmo insultado e aggredido, com auxilio de mais três companheiros do team".*[452] Segundo o *Correio da Manhã*, a acusação era fundamentada *"pois em conseqüência de tanta pancadaria, chegou a ficar com um*

[445] ROCHA, 1975. p.347.
[446] ELIAS, Norbert. *Deporte y Ócio en el Proceso de la Civilizacion.* México D.F.: Fondo de Cultura Econômica, 1986. p.34.
[447] ELIAS, 1986. p.34.
[448] ELIAS, 1986. p.35.
[449] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 13 jun. 1922. Correio Sportivo.
[450] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 13 jun. 1922. Correio Sportivo.
[451] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 13 jun. 1922. Correio Sportivo.
[452] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 mai. 1922. Correio Sportivo.

braço luxado".[453] Responsáveis por manterem os valores éticos e morais, os árbitros concentravam a tarefa de preservarem a "civilidade" durante todo o espetáculo esportivo, o que se tornava cada vez mais difícil.

18. Árbitros, auxiliares e dirigentes da AMEA. (*O Malho,* 3 mai. 1924)

19. Árbitro e auxiliares após o jogo entre o S. Cristóvão e o Helênico. (*O Malho,* 12 set. 1924)

Em 1922, como uma forma de *"resolver com urgência o problema dos juízes",*[454] foi sugerido à Liga Metropolitana a seleção de árbitros que, além da técnica, deveriam demonstrar boa *"capacidade intelectual"* para que participassem de uma Escola de Árbitros, onde seriam oferecidos *"dois cursos (o práctico e o teórico) [...] feitos em 12 meses, em séries de 6 cada um [...]".*[455] No ano seguinte, a proposta para a implementação da Escola de Árbitros foi novamente levantada. Organizada pelo "*festejado desportista Marcos Mendonça",*[456] goleiro do Fluminense F.C., a intenção era a de reduzir drasticamente o índice *"de 76% das vezes"*[457] quando os *"juízes foram os causadores das desordens ocorridas nos campos",*[458] indicados no relatório apresentado à Liga Metropolitana.

Sempre postos em dúvida, os árbitros, mesmo quando relatavam as ocorrências nas súmulas, eram, em alguns casos, submetidos a um Conselho Técnico, organizado pelos membros da Liga Metropolitana. A pressão sobre a arbitragem era tão intensa que, em alguns casos, os

[453] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 mai. 1922. Correio Sportivo.
[454] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 jun.1922. Vida Desportiva.
[455] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 jun.1922. Vida Desportiva.
[456] O Imparcial, Rio de Janeiro: 3 fev.1923. Vida Desportiva.
[457] O Imparcial, Rio de Janeiro: 3 fev.1923. Vida Desportiva.
[458] O Imparcial, Rio de Janeiro: 3 fev.1923. Vida Desportiva.

próprios árbitros, *"para attender a pedidos de amigos, nada dizem na súmulla",*[459] em outras situações as suas decisões eram severamente contestadas chegando-se ao cúmulo de exigirem, como no caso do confronto entre Fluminense *versus* America, a invalidação do resultado, pelo primeiro considerar *"irregular a decisão do juiz L. Augusto de Almeida, que deixou de marcar um goal computado pela sua equipe naquele encontro".*[460]

Outro desconforto eram as críticas impostas pelos cronistas esportivos, que atribuíam ao árbitro a responsabilidade sobre os problemas ocorridos nos jogos. Curiosamente, em certa oportunidade, o cronista d'*O Imparcial* criticou a declaração de um árbitro que questionou *"o direito de livre crítica"*[461] dos jornalistas. Em resposta o juiz, declarou que aqueles que praticassem tal exercício crítico deveriam responder pelo *"crime de lesa majestade".*[462] O cronista defendeu-se alegando que não há jogadores, dirigente ou árbitro que *"aceite de boa vontade a mais ligeira censura",*[463] destacando que todos *"amam os louvores que lhes advém da victória, quanto às observações desagradáveis, repudiam-nas sem exame atento [...]".*[464]

De fato, os comentários da imprensa e o interesse pessoal de alguns clubes influenciavam a Liga Metropolitana na escolha de determinados árbitros. Um exemplo foi a posição do C.R. do Flamengo em não aceitar a escalação de um juiz do C.R. Vasco da Gama para o seu confronto contra o Fluminense F.C.. Alegando que *"elementos estranhos aos quadros sociaes dos clubs disputantes não satisfeitos com a designação para árbitro de representantes do valoroso Club de Regatas Vasco da Gama"*[465] pretenderiam *"promover distúrbios que pode[riam] comprometer a ordem pública e as boas relações entre os clubs".*[466] Além de ser um descontentamento de alguns torcedores, a repulsa a esse árbitro pode ser associada ao fato de que o C.R. do Flamengo estava um ponto atrás da equipe vascaína,[467] portanto qualquer falha do árbitro vascaíno poderia ser interpretada como um ato proposital, visando os interesses do Vasco da Gama.

As desconfianças em relação aos árbitros foram a tônica da temporada de 1923. Além de evitar qualquer comentário ou acusação sobre as decisões do representante vascaíno, os clubes

[459] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jul.1923. Vida Desportiva.
[460] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 17 jun.1922. Correio Sportivo.
[461] O Imparcial, Rio de Janeiro: 2 de jan.1923. Vida Desportiva.
[462] O Imparcial, Rio de Janeiro: 2 de jan.1923. Vida Desportiva.
[463] O Imparcial, Rio de Janeiro: 2 de jan.1923. Vida Desportiva.
[464] O Imparcial, Rio de Janeiro: 2 de jan.1923. Vida Desportiva.
[465] O Imparcial, Rio de Janeiro: 14 de jul.1923. Vida Desportiva.
[466] O Imparcial, Rio de Janeiro: 14 de jul.1923. Vida Desportiva.
[467] O C.R. do Flamengo ficou apenas um ponto do líder C.R. Vasco da Gama.

mais tradicionais da cidade (America, Botafogo, Flamengo e Fluminense) eram acusados pela imprensa por escalarem tendenciosamente determinados juízes para as suas partidas.

Criticado na partida entre C.R. do Flamengo x Botafogo F.C., o juiz Augusto Gonçalves recebeu elogios do cronista do *Correio da Manhã* que definiu a sua atuação como *"honesta e imparcial"*, ironizando as possíveis críticas de alguns jornais, favoráveis aos clubes mais tradicionais afirmando que, se o jogo fosse arbitrado por *"figurões"*[468] como *"os Srs. Mario Pollo (do Fluminense) e Paulo Buarque, [...] os severos julgadores de hontem, do Sr. S. Gonçalves, mettiam a viola no saco".*[469] A "Grande Maçonaria", assim chamada pelo *Correio da Manhã e o Imparcial,* que antes se sentia privilegiado com a escalação de determinados árbitros, acabou provando do seu próprio "veneno". *"Por motivo da péssima actuação de alguns juízes escalados pelas directorias dos grandes clubs",*[470] eles foram obrigados a *"romperem o pacto celebrado"*[471] por eles mesmos, escalando o Dr. Mario Polo para o jogo Flamengo *versus* Vasco da Gama, quando serviria de juiz *"o representante designado pelo Andarahy A.C., como estava combinado".* [472]

Bem como os juízes, as manifestações dos torcedores nas arquibancadas também passariam pelo crivo da imprensa e dos clubes de futebol, preocupados com os exageros cometidos pelos expectadores. Diferentemente da arbitragem, o ato de torcer caminhou em sentido contrário ao esforço civilizador proposto pelas regras amadoras. O que antes era visto como um grande evento social em que todos deveriam respeitar os times vencedores e perdedores foi se transformando em um acontecimento de grandes proporções em que somente a vitória interessava.

Com a popularização do futebol o ato de torcer ganharia uma nova aparência. Os clubes aristocráticos conquistavam mais simpatizantes em toda a cidade e muitos desses novos torcedores de origens mais modestas se espremiam nas gerais ou em barrancos para assistirem seus clubes favoritos. O novo ritmo de vida, relacionado ao capitalismo urbanoindustrial vivido na cidade fez com que o indivíduo encontrasse nos estádios uma possibilidade de "*perder-se em*

[468] O Imparcial, Rio de Janeiro: 30 mar. 1923. Vida Desportiva.
[469] O Imparcial, Rio de Janeiro: 30 mar. 1923. Vida Desportiva.
[470] O Imparcial, Rio de Janeiro: 5 mai. 1923. Vida Desportiva.
[471] O Imparcial, Rio de Janeiro: 5 mai. 1923. Vida Desportiva.
[472] O Imparcial, Rio de Janeiro: 5 mai. 1923. Vida Desportiva.

público",[473] garantindo em seu anonimato uma possibilidade de se libertar de todas as tensões de uma vida social padronizada e regrada.

Ao mesmo tempo em que as arquibancadas tornavam o indivíduo mais anônimo, elas também o transformavam em um sujeito integrado a uma nova identidade coletiva fazendo *"parte de uma horda cujo líder é a própria coletividade torcedora".*[474] Em sentido contrário ao *"esforço civilizador",*[475] esses torcedores encontravam nos estádios uma forma de extravasamento de uma excitação *"severamente reprimida no exercício do que comumente consideramos as questões sérias da vida".*[476] As partidas seriam capazes de invocar *"estados de ânimo diferentes e quem sabe contraditórios, como os de dor e alegria, agitação e paz espiritual"*[477] e que, de certa forma, reproduziam situações cotidianas da vida real.

Esse processo de identificação dos mais variados grupos sociais aos principais clubes da cidade se deve à popularização do futebol e a sua consequente espetacularização ocorrida ao longo das décadas de 1910 e 1920. Como um primeiro exemplo dessa mudança, podemos citar as antigas fitinhas utilizadas nos chapéus pelos torcedores do Fluminense. Mário Filho retrata a história de Joaquim Guimarães, um ex-torcedor do Fluminense que para se sentir mais integrado com o seu novo clube adotou em seu chapéu as fitinhas rubro-negras encomendadas da Inglaterra como eram as da torcida do Fluminense. Segundo Mário Filho, *"quando apareceram nas arquibancadas, Joaquim Guimarães deixou, como por milagre, de ter saudades do Fluminense. Sentiu-se 'flamengo'".*[478]

Distante de ser um modismo como em anos anteriores, as partidas foram ganhando um aspecto mais competitivo transformando os "bons modos" e a "civilidade" defendidos pelo amadorismo em uma espécie de *"'caçada recíproca'"*[479] na qual os torcedores se envolviam em uma atmosfera *"tribal"* em que *"se sent[iam] co-participantes"*[480] do jogo desenvolvido dentro de campo *"[...] realizando o esforço de gritar, cantar, estimular, sob sol ou chuva".*[481] Entre as principais rivalidades entre torcidas que surgiram na década de 1920, não poderíamos deixar de destacar o jogo Vasco da Gama *versus* Flamengo.

---

[473] HERSCHMANN e LERNER, 1993. p.31.
[474] FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses. Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007. p.195.
[475] ELIAS e DUNNING, 1986. p.34.
[476] *Ibidem.* p.57.
[477] ELIAS, DUNNING, 1986. p.57.
[478] RODRIGUES FILHO, 2003. p.58.
[479] FRANCO JÚNIOR, 2007. p.195.
[480] FRANCO JÚNIOR, 2007. p.195.
[481] FRANCO JÚNIOR, 2007. p.195.

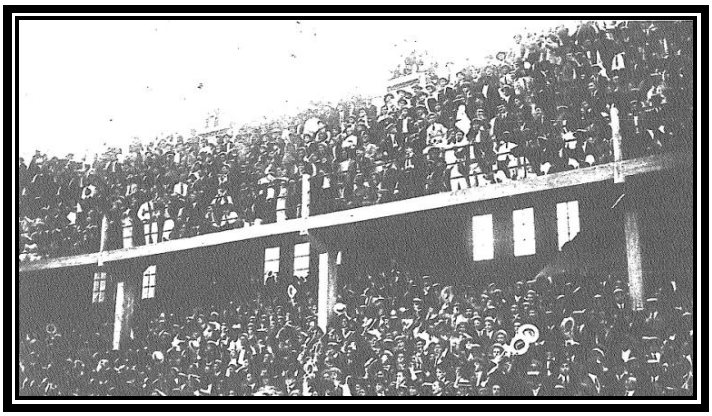
Os times protagonizaram um dos jogos mais importantes da temporada de 1923. Separados por apenas três pontos, os clubes *"cada qual com mais fama, um invencível, e outro, na opinião geral, o melhor"*[482] disputariam no Estádio da Rua Guanabara o segundo jogo, o qual ganhou contornos mais emocionantes devido a proximidades de ambos na tabela e por causa do *"espírito da revanche"*[483] vivido pelos rubro-negros após a derrota de *"3 x1" do primeiro turno".*[484] Arrastando para o segundo jogo uma grande soma de*""torcedores"* que *"tanto os de um como o de outro, formavam uma legião",*[485] os jornais trataram assim este evento:

> *"Há uma semana que, em todos os círculos desta cidade em outra coisa não se falava. O encontro Vasco x Flamengo era motivo obrigatório de todas as conversas. E o delírio chegou a tal ponto que avultadas apostas foram fechadas entre os mais apaixonados adeptos dos dois clubes. Dahi a explicação natural da colossal assistência que afluiu hontem, á bella praça de desportos da rua Guanabara. Jamais se viu mesmo tanta gente num jogo de football.*
>
> *Os próprios matches dos campeonatos sul-americanos não excederam neste particular. Por que, sem exagero, para mais de 35 000 pessoas enchiam as vastas dependências do tricolor, na bella tarde de hontem".*[486]

Diferentemente do *O Imparcial*, *O Correio da Manhã* noticiava um público de aproximadamente 45 mil pessoas que, segundo o mesmo jornal, logo assim que chegava ao estádio, a torcida era contagiada por um *"turbilhão das emoções violentas".*[487] Dentro do Estádio, o torcedor se comprimia, *"sua e permanece ao sol, porque à sombra, nenhum cantinho existia".*[488] O público era tão grande que ainda no jogo preliminar entre os segundos times, *"*o *povo das archibancadas se viu na contingência de invadir o campo, por se sentir, talvez, sem ar".*[489] Do lado de fora *"os guichets se encontra[vam] famintamente apinhados de dezenas de braços que se estendem, pedindo, implorando,[para] que o homenzinho lá dentro lhe passe uma 'geral'".*[490] Segundo o Jornal do Brasil, aproximadamente 5 mil pessoas do lado de fora pelo fato de *"não conseguir[em] penetrar naquelle recinto literalmente ocupado".*[491]

---

[482] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Correio Sportivo.
[483] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Correio Sportivo.
[484] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Correio Sportivo.
[485] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Correio Sportivo.
[486] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Vida Desportiva.
[487] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Vida Desportiva.
[488] Antes da partida principal, havia a disputa entre as equipes secundárias de cada clube.
[489] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Vida Desportiva.
[490] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Vida Desportiva.
[491] Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 10 jul. 1923. Diário Desportivo.



20. Arquibancadas do Estádio do Fluminense durante o jogo entre Vasco x Flamengo. (*O Malho,* 14 jul, 1923).

21. Fotografia que destaca a invasão da torcida e o cordão de isolamento organizado pela polícia durante o jogo entre o Vasco da Gama e o Flamengo. (*O Malho*, 14 jul. 1923).

Essas comoções se tornavam uma paisagem comum nos finais de semana nos estádios da cidade. Não tardou em aparecer um incontável número de torcidas que se organizavam em grandes passeatas para comemorarem a vitória nas ruas da cidade. Por outro lado a frustração da derrota fez com que torcidas se transformassem *"em verdadeiros partidos irreconciliáveis, esperando-se sempre por parte desses grupos 'organizados' confrontos físicos, os chamados 'sururús'".*[492] Os estádios de futebol se transformavam em espaços onde essa torrente de emoções era capaz de produzir alegria pela vitória e ao mesmo tempo frustração pela derrota, ocasionando muitas vezes cenas de violência.

Esse contexto é absolutamente contrastante com a "cultura da civilidade" proposta desde os primórdios do futebol na cidade. Em grande parte das vezes, os jornais como o *Correio da Manhã* delegavam *"a polícia, como meio, senão o único, pelo menos principal de fazer*

[492] O Imparcial, Rio de Janeiro: 8 jun. 1922. Vida Desportiva.

terminar uns quantos erros remediáveis".[493] O exercício da força policial se tornou a única alternativa devido à falta de apoio dos clubes de futebol pelo *"facto de não se poder uma responsabilizar pelos adeptos do club da outra"*[494] entidade e da LMDT que "*deante da falta de um relato minucioso dos casos"*[495] não pode agir de maneira *"imediata e sim posterior".*[496] Para o cronista a situação era tão grave e urgente que ele termina sua matéria com um grave alerta: *"Attenda a policia a este apello se quer evitar mortes nos campos de football onde qualquer dia apparecerão metralhadoras e lanças para substituir as navalhas e os revolveres, que já existem".*[497]

Em outra reportagem, um torcedor com o pseudônimo de "Tom Mix" que se vê incapaz de *"conceber que uma capital ultra-civilizada"*[498] e um esporte, "*nobre porque visa desenvolver a mocidade",*[499] pudessem ser maculados por

> *"[...] pessoas mal educadas e perversas [que] procurem perturbar esse escopo; que numa praça repleta de famílias e, por conseguinte, logar onde deve imperar o respeito, haja quem, a titulo de sócio ou torcedor deste ou daquelle club, offenda a moral e os brios da assistência e dos sportsmen com palavras e gestos usados em favella e tudo isso sem que se faça sentir a acção da polícia, para ter um paradeiro esse estado de desmoralização em que esta se afundando o football".*[500]

Para "Tom Mix", a civilidade passava pela preservação dos bons costumes inerentes às classes mais altas que, segundo ele, ainda compõem todo o espetáculo esportivo. Reféns de "*palavras e gestos usados em favella"*[501] as boas famílias cariocas estariam ilhadas em meio a uma multidão socialmente multifacetada que afluía aos estádios com uma *"paixão desmedida capaz de olhar bandos contrários como se fossem estrangeiros inimigos invadindo a pátria".*[502] Para o cronista, o problema da desordem nos estádios era o resultado da entrada desses indivíduos mais populares e a forma de se resolver esse problema era os afastando do espetáculo esportivo. Tal dicotomia era uma forma de tentar preservar as distinções sociais já colocadas em xeque nos torneios de futebol da cidade. Em uma partida disputada entre o C.R. do Flamengo e o America F.C. pelo campeonato carioca série "A" de 1922, *"um pequeno atricto entre os*

[493] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 mai. 1922. Correio Sportivo.
[494] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 mai. 1922. Correio Sportivo.
[495] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 mai. 1922. Correio Sportivo.
[496] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 mai. 1922. Correio Sportivo.
[497] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 mai. 1922. Correio Sportivo.
[498] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 mai. 1922. Correio Sportivo.
[499] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 mai. 1922. Correio Sportivo.
[500] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 mai. 1922. Correio Sportivo.
[501] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 mai. 1922. Correio Sportivo.
[502] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 mai. 1922. Correio Sportivo.

jogadores Candiota – do Flamengo − e Perez – do America, que se atracavam"[503] fez com que ocorressem conflitos entre as torcidas nas arquibancadas do estádio. Esse fato provocou o seguinte comentário:

> *"Uma vez que nos referimos às brigas entre os assistentes, provocadores de arruaças que, comumente se verificavam. Hoje, dá-se justamente o contrário. Os moleques, os arruaceiros, os que provocam brigas e barulhos que exigem a acção immediata da policia, ficam justamente entre o publico que se aglomera nas archibancadas, ao passo que nas geraes reina uma ordem nunca vista.*
>
> *Somos justos: a gente melhor fica hoje nas geraes... Se só é nas archibancadas que se briga, que se agride, que se offende os juízes...".*[504]

O comentário rendeu uma reparação na edição do dia seguinte. Tentando corrigir, o cronista alegou que *"de tal modo como ficou dito, [...]"*[505] pareceu que os conflitos aconteciam *"somente entre os que estão nas archibancadas do sympathico club da Rua Campos Salles".*[506,507] Com a justificativa de que falara de *"um modo geral, sem citar clubs",*[508] o cronista alegou que entre as brigas *"salientam-se as que se originam nas archibancadas, ao passo que os assistentes das geraes tem tido um comportamento não confirmados do conceito máo em que eram tidos".*[509]

Em alguns momentos, a crônica esportiva tentava estabelecer diferentes critérios quanto aos *"sururús"* ocorridos nos estádios. A retratação feita pelo *Correio da Manhã* revela uma preocupação em não comprometer a fidalguia desses dois clubes diante do avanço indiscriminado das torcidas de futebol, cada vez mais socialmente diversificada. Essa distinção social era comum nos jornais da época. Ao estudar a Revolta da Vacina, Marcos Pamplona também percebeu que os jornais diferenciavam os grupos sociais mais destacados das camadas populares durante as manifestações contra a vacinação obrigatória utilizando a *"distinção entre as noções de 'revolta'* e '*ordem'".*[510] A palavra "revolta" *"vinha associada à situação de 'anarquia' ou 'barbárie'"*[511] e aparecia frequentemente quando eram feitas referências às camadas mais pobres. Já a palavra

---

[503] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 4 mai. 1922. Correio Sportivo.
[504] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 4 mai. 1922. Correio Sportivo.
[505] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 5 mai. 1922. Correio Sportivo.
[506] Campos Sales era o local em que estava situado o campo do America F.C.
[507] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 5 mai. 1922. Correio Sportivo.
[508] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 5 mai. 1922. Correio Sportivo.
[509] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 5 mai. 1922. Correio Sportivo.
[510] PAMPLONA, *Marcos Antonio. Revoltas, Repúblicas e Cidadania: Nova York e Rio de Janeiro na Consolidação da Ordem Republicana.* Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003. p.248.
[511] PAMPLONA, 2003. p.248.

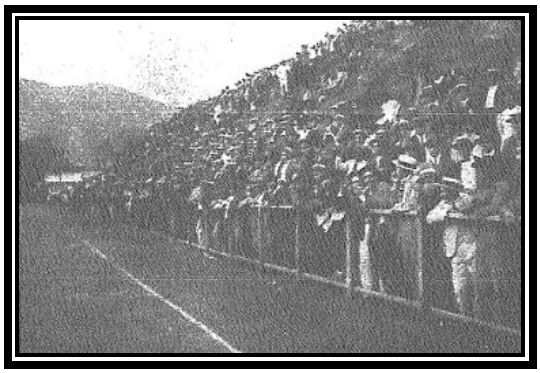
"ordem", relacionada aos grupos politicamente mais influentes, *"era quase sempre vista como a condição de civilização".*[512]

No meio do jornalismo esportivo, era comum o uso de conceitos como "civilidade" e "barbárie" para se definir socialmente o comportamento de determinadas torcidas. Contudo, a década de 1920 revelava que o ato de torcer não tinha relação direta com o título de sócio. O torcedor de qualquer posição social poderia ser simpatizante de qualquer clube da cidade, mesmo ostentando o título de uma entidade esportiva modesta ou tradicional, como o Fluminense e o America. O grau de envolvimento e de excitação entre a torcida e o espetáculo esportivo transcendeu as enlaças do amadorismo invadindo um universo competitivo, no qual o futebol deve ser considerado um *"meio de reprodução simbólica do corpo social".*[513]

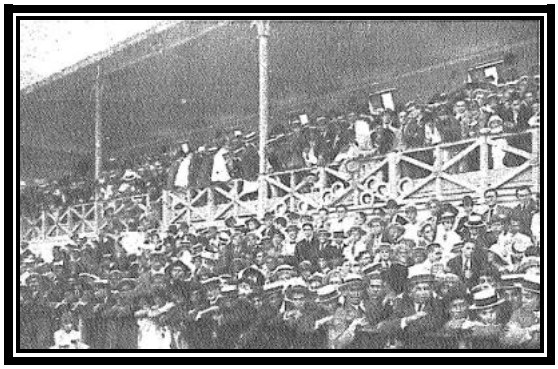
Exemplo disso foi a partida pelo campeonato carioca de 1923 contra o São Cristóvão, em que o Fluminense F.C., um dos clubes mais aristocráticos da cidade, perdia a partida por 4x1 dentro de seu estádio na Rua Guanabara. Em jogo que *"a falada téchnica falia completamente desde a educação de sua gente"*[514] e de seus jogadores, a "boa educação" da torcida tricolor chegou ao fim após o quarto gol da equipe adversária. *"Para ella, o juiz era 'ladrão', era 'burro' era 'sujo', era 'paca' e não sabemos quantas coisas mais. A 'cegueira' era tanta que o juiz passou a ser a causa do fracasso".*[515]

O futebol era cada vez mais complexo e socialmente multifacetado. À medida que um clube ganhava notoriedade, o seu número de adeptos – fossem eles ricos, pobres, brancos, mestiços, negros, intelectuais ou trabalhadores braçais − aumentava nas arquibancadas. Uma torcida que pode representar com clareza essa característica é a do C.R. Vasco da Gama, que cresceu assustadoramente entre os anos de 1917 e 1923, empolgada devido às suas sucessivas conquistas, principalmente nos anos de 1922, quando conquistou os títulos cariocas da série A2[516] e conquistou o título da série A1 em 1923.

[512] PAMPLONA, 2003. p.248.
[513] FRANCO JÚNIOR. 2007. p.201.
[514] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 jun. 1923. Correio Sportivo.
[515] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 jun. 1923. Correio Sportivo.
[516] Os 1º, 2º e 3º times do Vasco da Gama conquistaram os campeonatos cariocas que disputaram em 1922.



22. Arquibancadas lotadas para o jogo entre Vasco e Andaraí. (*O Malho,* 26 jul. 1924).



23. Botafogo x Fluminense. (*O Malho,* 27 mai. 1922)

Essa torcida socialmente diversificada do Vasco da Gama foi protagonista de uma série de acontecimentos dentro e fora das arquibancadas, marcando significativamente a história dos campeonatos da cidade. Um exemplo foi após uma dificílima vitória alcançada contra o Vila Isabel em 1922. *"Commemorando o esplendido triunfo"*[517] alguns torcedores do Vasco da Gama *"[...] organizaram, em automóveis, uma grande passeata que seguiu em direção do Boulevard 28 de setembro."*[518] Altas horas da madrugada, *"perturbando o sossego da sociedade carioca, que se accomodara",*[519] os torcedores do Vasco da Gama passaram *"pela frente daquella séde, foram recebidos a pedradas"*[520] pelos torcedores do Vila Isabel, *"originando conseqüências muito sérias".*[521]

> *"Mais tarde, um automóvel conduzindo associados do Vasco da Gama, em lamentável represália atacou a tiros de revolver aquella séde, sendo ainda repelidos a pedradas. Como resultante do choque das duas correntes, houve vários feridos.*
>
> *Como é fácil calcular, essa triste ocorrência alarmou as famílias ali moradoras e, sendo solicitada a intervenção da polícia, foram efectuadas várias prisões, com grande aparato de 'viúvas alegres' à porta da sede do Villa, que a polícia como mediadora de precaução mandou [que] fosse fechada".*[522]

Apesar de serem dois clubes com certa influência no cenário esportivo carioca, o cronista fez questão de caracterizar os torcedores do Vila Isabel e do Vasco da Gama como um bando de *"desordeiros e sanguinários".*[523] Seguindo o mesmo padrão, *O Imparcial* pediu urgência *"no*

[517] O Imparcial, Rio de Janeiro: 5 jun. 1922. Vida Desportiva.
[518] O Imparcial, Rio de Janeiro: 5 jun. 1922. Vida Desportiva.
[519] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 jun. 1922. Correio Sportivo.
[520] O Imparcial, Rio de Janeiro: 5 jun. 1922. Vida Desportiva.
[521] O Imparcial, Rio de Janeiro: 5 jun. 1922. Vida Desportiva.
[522] O Imparcial, Rio de Janeiro: 5 jun. 1922. Vida Desportiva.
[523] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 jun. 1922. Correio Sportivo.

paradeiro aos excessos freqüentes nas manifestações que os torcedores chamam de 'o gozo'"[524] no sentido de se evitar as *"manifestações de clarins, serpentinas, [...] bombas chilenas e bichas chinezas, que irritam, enervam e* [...] *são motivos de aborrecimento para o vencido".*[525]

Sem qualquer observação sobre os clubes, em uma partida entre o Fluminense e o Andaraí, o cronista contestou a entrada de garrafas nos estádios, alegando que *"a sede pode ser satisfeita nos botequins, onde não deve mais sair aquella arma perigosa".*[526] Esse alerta se deve ao fato de que *"já não é a primeira vez que assistimos agressão a garrafadas, como se pretendêssemos voltar à histórica 'noite das garrafadas'".*[527] Os jornais utilizaram suas linhas para repreender os torcedores argumentando que *"paízes civilizados, onde se faz o verdadeiro Sport, as victórias são festejadas pelos vencedores e vencidos em plena cordialidade".*[528] E que nesses casos *"impõe-se uma medida enérgica da polícia nesse sentido".*[529]

Civilizados ou bárbaros, os torcedores de futebol não representavam as características aristocráticas de muitos clubes tradicionais da cidade. Cada vez mais espetacularizado, o futebol não era mais uma atividade capaz de processar uma distinção de classes. A popularidade de clubes como Fluminense, América, Botafogo ou o Flamengo e o crescimento de outras entidades como o Vasco da Gama, Andaraí e o São Cristóvão fizeram com que surgissem simpatizantes em toda a cidade, independentemente de classe social. De forma diferente das décadas anteriores, não eram mais os sócios os únicos representantes do clube nas arquibancadas. Agora, as equipes eram representadas por uma gama de pessoas que viam o futebol como um entretenimento.

3.2. Driblando as Distinções: A Situação dos Jogadores de Futebol do Rio de Janeiro

Os debates sobre a preservação de uma "tradição" em torno do futebol seguiam durante os anos de 1922 e 1923. Os códigos morais – como a civilidade, a disciplina e a valorização da construção física e moral – caracterizadores daquilo que ficou conhecido como amadorismo − eram reforçadas à medida que o futebol se tornava um esporte popular e extremamente competitivo. Fruto de uma configuração social que permitiu uma relação mais estreita entre os

[524] O Imparcial, Rio de Janeiro: 8 jun. 1922. Vida Desportiva.
[525] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 jun. 1922. Correio Sportivo.
[526] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 mai. 1922. Correio Sportivo.
[527] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 mai. 1922. Correio Sportivo.
[528] O Imparcial, Rio de Janeiro: 8 jun. 1922. Vida Desportiva.
[529] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 mai. 1922. Correio Sportivo.

valores ditados pelos grupos mais influentes e de aspectos daquilo que definimos como uma cultura popular, o futebol tornou-se um espaço híbrido onde as percepções de mundo se chocavam, ora interagindo ora criando tensões. Apesar da relevância das outras questões apresentadas, a situação dos jogadores de futebol foi a que mais teve destaque entre os cronistas durante as temporadas de 1922 e 1924.

A restrição à entrada de jogadores de origens modestas e o combate dos chamados *"andorinhas"* ou *"gaivotas"* que *"voavam"* de clube em clube recebendo gratificações pelos seus serviços esportivos foram uma das prioridades da LMDT em 1922 e 1923. Curiosamente, as primeiras reportagens do ano de 1922 negavam a existência dessa prática no Rio de Janeiro, apontando que a cidade de São Paulo *"sempre foi e continua a ser um verdadeiro foco de profissionalismo".*[530] Segundo o jornal *O Imparcial* as denúncias eram feitas pela

> *"[...] própria imprensa da Paulicéia maximé nestes últimos mêzes, vem repleta de noticiário a tal respeito. Eis o que encontramos n'A Gazeta, edição de ante-hontem:*
> *Hontem, à porta do café São Paulo, um profissional que devera aparecer numa das nossas mais fortes turmas, conversava com seu 'antigo companheiro de lutas'. Ouvimos:*
> *- O ordenado que me fizeram é de 500$000 por mêz.*
> *- Maior do que o de seu antigo club? - É. Lá porem as despesas eram menores e, depois, eu tinha apenas 400$000, mas eram livres.*
> *- Logo, porem, que comece o campeonato exigirei 800$000.*
> *- Se não derem?*
> *- Regressarei lá para a "bôa terra"...*
> *- Ouvi dizer que elles vão arranjar um emprego pra você...*
> *- Que emprego, que nada, no dia em que eu precisar trabalhar não jogarei mais football".*[531]

Se por um lado a imprensa carioca denunciava com veemência as práticas relativas ao profissionalismo entre os jogadores e equipes de São Paulo, por outro afirmava categoricamente que "*não [existia] profissionalismo no football do Rio de Janeiro".*[532] Diferentemente da Associação Paulistana de Esportes Atléticos (APEA), a LMDT tinha *"em seu código meios de punir o profissionalismo"*[533] e pretendia preservar assim *"o interesse, que [há] no Sport como em todos os místeres da vida: a base do progresso e do desenvolvimento".*[534] A LMDT visava assegurar uma posição de superioridade diante da APEA devido aos embates políticos relativos ao controle do esporte no país, bem como preservar o controle político e social sobre a prática do futebol na própria cidade.

---

[530] O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 fev. 1923. Vida Desportiva.
[531] O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 fev. 1923. Vida Desportiva.
[532] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 mar. Correio Sportivo.
[533] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 mar. Correio Sportivo.
[534] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 mar. Correio Sportivo.

Contudo, apesar de todos os discursos contrários à existência do amadorismo no Rio de Janeiro, a velha *"comunidade falada"*[535] e que se definia como defensora do amadorismo não correspondia à *"comunidade realmente existente"*.[536] Não foi por acaso que muitos jogadores como Manteiga, Nelson, Negrito, Ceci etc. conseguiram penetrar em um universo tão restrito como o futebol. As regras impostas pela LMDT previam a seguinte condição: *"a) ser amador; b) ser sócio do clube proponente; [...] d) exercer profissão honesta; e) estar no gozo dos seus direitos civis e políticos; f) saber ler e escrever; g) ter moralidade comprovada"*.[537]

A partir dessas regras podemos elencar algumas questões importantes que marcam as distinções esportivas não somente na esfera esportiva, como também na social. O primeiro aspecto é que nesse caso, o amadorismo deve ser lido primeiramente como *o ato de não receber salários para exercer qualquer atividade esportiva*. A partir de tal premissa três outros aspectos sociais − o acesso à educação, a inserção e o posicionamento dos indivíduos no mercado de trabalho e as questões sociais – reafirmariam esse amadorismo.

No que diz respeito à educação, desde o século XIX ela era o indicativo de uma posição social elevada dos indivíduos. Como destaca Gilmar Mascarenhas, era uma forma de *"deixar evidente sua profunda diferença em relação àqueles que, desprovidos de qualquer nobreza, necessitavam trabalhar com base no esforço muscular"*.[538] Inserido em uma cultura cortesã de *"'antes de 1880 ou 1890, um jovem de boa família não dava nenhuma atenção aos esportes e exercícios físicos, tendendo muito mais para a poesia e a política [...]"*.[539]

Além da classe alta, que em grande parte foi herdeira dos *"clãs patriarcais das províncias"*,[540] a classe média composta em grande parte por trabalhadores liberais ainda encontrava na questão educacional[541] um ponto de distinção. Segundo Conniff, *"as principais profissões eram a advocacia, a medicina e a engenharia, suficientemente prestigiosas para serem carreiras da elite"*.[542] A prática da advocacia, por exemplo, era uma forma de os indivíduos pertencentes à classe média participarem do meio social das classes mais altas

[535] BAUMAN, 2003. p.17.
[536] BAUMAN, 2003. p.17.
[537] NAPOLEÃO, 2006. p.91.
[538] JESUS, 1999. p.26.
[539] JESUS, 1999. p.27.
[540] JESUS, 1999. p.27.
[541] Apesar da melhoria do nível de escolaridade entre as pessoas na cidade do Rio de Janeiro, o estudo de Michael Conniff (2006, p.63) revela que indivíduos com carreiras universitárias ainda gozavam de certo prestígio social.
[542] *Ibidem.* p.64.

podendo assim ingressar definitivamente nesse grupo *"por meio do casamento ou de uma sociedade na empresa".*[543]

O desenvolvimento do futebol e sua popularização aumentaram a polêmica quanto à valorização do intelecto em relação às práticas corporais. Alguns críticos afirmariam que o futebol *"estaria na base de uma educação completa e saudável, pois [...] geraria no indivíduo um "robusto equilíbrio orgânico e mental"*[544] responsável por elevar o valor da nação brasileira. Por outro lado, *"o regime dos músculos"* não deveria ser percebido como sinônimo de *"força e virilidade, mas com a desconfiança de quem via nele um fator de degeneração".*[545] Mas, com todas as restrições, as tendências tinham como ponto central: a rejeição aos grupos mais pobres da cidade. Desenvolver a nação significava diminuir *"uma suposta inferioridade"*[546] do Brasil em relação às nações mais desenvolvidas e o apego exagerado aos músculos era uma forma de favorecer aquilo que Carlos Sussenkind destaca como *"o entretenimento da ociosidade",*[547] aspectos muito relacionados às classes mais humildes da cidade.

Portanto, entre os grupos abastados, o futebol deveria ser visto como uma atividade de lazer, uma prática desinteressada,[548] um entretenimento daqueles que encontravam em tal prática uma forma de passatempo sem prioridade, sem obsessão ou interesse em lucro. Cabia à LMDT manter o afastamento daqueles grupos mais pobres do jogo os proibindo do acesso em seus campeonatos e torneios, pois neles não haveria qualquer possibilidade de compreender a verdadeira e nobre finalidade do jogo.

Na prática, essas questões se apresentavam de outra forma. O interesse pelo sucesso de suas equipes e a lucratividade dos jogos realizados por elas fez com que os clubes fossem à procura de jogadores talentosos independente de suas posições sociais, o que aumentou consideravelmente o número de atletas acusados de analfabetismo. Mário Filho cita o caso de Pascoal Cinelli, um dos frequentadores dos campos do bairro da Saúde, um dos mais pobres da cidade.[549] Jogador do Rio de Janeiro, Pascoal foi convidado por um diretor do Vasco da Gama,

---

[543] *Ibidem.* p.65.
[544] PEREIRA, 2000. p.43.
[545] *Ibidem.* p.47.
[546] *Ibidem.* p.43.
[547] SANTOS, 2000. p.97.
[548] BOURDIEU, 1983. p.140.
[549] Falando sobre a Revolta da Vacina, Pamplona destaca o bairro da Saúde, sua composição social e a visão das elites sobre o mesmo. *"A situação do Distrito da Saúde de fato alarmava as autoridades. Esta vizinhança continha uma boa parte (talvez maior) da população pobre da cidade, composta de marinheiros, estivadores, empregados domésticos [...] As elites normalmente desprezavam e temiam esta vizinhança, cujos habitantes eram tidos 'em todas as arruaças, [como] os mais perigosos".* PAMPLONA. 2003. p.192.

ingressando na equipe em 1922.[550] Segundo o cronista, após receber inúmeras aulas para aprender a assinar seu nome, Pascoal foi obrigado a abandonar seu sobrenome – Cinelli – por ter letras dobradas. "*O jeito foi dar a Pascoal um sobrenome mais modesto, mais comum [...]. Horácio Werner [diretor do Rio de Janeiro] não encontrou nada melhor do que Silva. Pascoal Silva".*[551]

Uma medida encontrada pela Liga para evitar tais subterfúgios foi a criação de uma prova feita pelo jogador na sede da LMDT caso houvesse necessidade. O jogador Albanito Nascimento (o Leitão) do Vasco da Gama, após dar mostras de que era analfabeto, teve que redigir *"um requerimento do seu próprio punho [...], solicitando uma nova prova em dia e hora designados pela directoria daquella casa, a fim de provar que não infringiu o art. 67".*[552] Porém, de certa forma os impedimentos que restringiam a entrada desses jogadores nos times da LMDT esbarravam nos próprios subterfúgios dos estatutos da Liga.

De *"accordo com as novas leis",*[553] os jogadores e o clube poderiam requerer *"ao juiz competente 'habeas-corpus', para poderem disputar o campeonato e torneio da entidade carioca",*[554] possibilitando ao jogador tempo suficiente para aprender o *"be-á-bá"* e submeterem-se a um segundo exame. Telê, meia-direita do Andaraí e Ceci,[555] meia-esquerda do Vasco da Gama[556] tiveram os seus registros cassados, sendo obrigados a refazerem a prova exigida pela Liga Metropolitana. Quatro dias após essa nota, Ceci *"esteve na Liga Metropolitana onde [...] provou que sabe o be-á-bá"*[557] enquanto onze dias depois Telê fez *"satisfatóriamente a prova de sufficiência de que sabe ler e escrever".*[558]

Esses casos revelam que, apesar das restrições impostas pela Liga, havia certo acesso dos estratos mais populares aos campos da cidade do Rio de Janeiro. Em alguns casos, a LMDT exagerava em suas cassações, como foi o caso do "back" Alemão, do Botafogo F.C. A notícia de

---

[550] De acordo com o memorialista José da Silva Rocha, *"Outro elemento oriundo dos campos abertos do Cais do Porto, o Pascoal Silva, reforçou a vanguarda".* ROCHA, 1975. 313p. Já Mário Filho destaca: *"O sobrenome de Pascoal, o sobrenome de um italiano peixeiro da Saúde".* Além de jogar no Rio de Janeiro, Pascoal jogou no C.R.Vasco da Gama, no escrete carioca e no escrete brasileiro. RODRIGUES FILHO, 20003. p.100.

[551] RODRIGUES FILHO, 2003, p.100.

[552] O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 ago. 1922. Vida Desportiva.

[553] O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 mar. 1923. Vida Desportiva.

[554] O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 mar. 1923. Vida Desportiva.

[555] Silvio Moreira foi meia-esquerda do Vila Isabel na temporada de 1922 e foi expulso pelo clube após o seu envolvimento no conflito entre as torcidas do C.R.Vasco da Gama e Vila Isabel no Boullevard 28 de Setembro em campeonato da série A2 do campeonato carioca. O Imparcial, 8 jun. 1922. Vida Desportiva.

[556] Além de Silvio Moreira (Ceci), outros jogadores do C.R.Vasco da Gama - Nicomedes da Conceição, o Torterolli, e João Batista Soares, (o Nicolino) - também tiveram seus registros cassados, sendo obrigados a realizarem novos testes. Correio da Manhã, Rio de Janeiro: abr. – ago. 1922. Correio Sportivo.

[557] O Imparcial, Rio de Janeiro: 21 mar. 1923. Vida Desportiva.

[558] O Imparcial, Rio de Janeiro: 30 mar. 1923. Vida Desportiva.

que o Alemão era analfabeto soou negativamente na imprensa carioca, tanto que um cronista d'*O Imparcial* declarou abertamente em duas notas o seu apoio ao jogador do clube de General Severiano. Na primeira, iniciou a matéria com um questionamento, *"O BACK ALLEMÃO NÃO SABE O PORTUGUÊZ...?"* incluindo no final da reportagem a frase *"Será verdade?"*. No dia seguinte, após dar direito de resposta ao Alemão que *"declarou ter sido víctima de uma injustiça",*[559] o cronista respondeu ao comentário de Alemão afirmando: *"Que seja assim, é o que desejamos".*[560]

De certa forma essa "falta de educação", tanto em um sentido acadêmico como o de um aprendizado dos valores culturais e sociais, era potencializada devido a um segundo fator mais preponderante: o universo do trabalho. Essa questão se tornou mais importante durante o fim da escravidão e a Proclamação da República, momentos que marcaram profundamente a sociedade carioca, principalmente no que diz respeito à constituição de um *"status quo"* que pudesse garantir aos novos grupos dirigentes a preservação de uma posição de destaque que os diferenciassem dos grupos mais pobres da cidade. Para Sidney Chalhoub o ingresso das camadas pobres, e principalmente dos escravos na nova configuração política e social apresentada no início do século XX passava irremediavelmente pela educação desses indivíduos, já que *"a transformação do liberto em trabalhador não podia se dar apenas através da repressão, da violência explícita".*[561]

De acordo com o autor, naquele momento *"educar o liberto significa transmitir-lhe a noção de que o trabalho é o valor supremo da vida em sociedade; o trabalho é o elemento característico da vida 'civilizada'".*[562] Representado como uma lei suprema, o trabalho era uma forma de o indivíduo retribuir à sociedade *"a segurança, os direitos individuais, a liberdade, a honra [...]"* e outros direitos garantidos além de servir para a melhoria dos "atributos morais" fundamentais para uma boa convivência em sociedade. O trabalho, de acordo com as *"construções ou interpretações das classes dominantes sobre a experiência ou condições de vida experimentadas pelos populares",*[563],combateria a ociosidade, a vadiagem e a promiscuidade sexual, sendo que a primeira seria caracterizada pela não atuação do indivíduo na categoria do trabalho.

---

[559] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 mar. 1923. Vida Desportiva.
[560] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 mar. 1923. Vida Desportiva.
[561] CHALHOUB, 2008. p.69.
[562] CHALHOUB, 2008. p.69.
[563] *Ibidem.* p.80.

Outro aspecto importante e que deve ser ressaltado é a relação entre a esfera do trabalho e o preconceito racial. Chalhoub aponta que esse preconceito representa *"um traço continuísta fundamental em relação aos tempos coloniais e imperialistas: a continuação da subordinação social dos brasileiros de cor".*[564] Para o pesquisador, o negro saiu da submissão da escravidão e permaneceu em uma mesma condição subalterna como trabalhador livre. No que se refere ao campo esportivo, a questão racial tornou-se objeto de uma profunda discussão. Curiosamente um dos pontos de maior divergência entre os pesquisadores é a respeito da equipe do Vasco da Gama e o seu papel no processo de crise do futebol carioca em 1924. Para Antônio Jorge Soares, alguns historiadores têm tomado como único pressuposto as propostas raciais descritas por Mário Filho, um importante cronista da década de 1930 que, em sua obra *"'O Negro no Futebol Brasileiro' (NFB), "utilizou sua criatividade de prosador para escrever crônicas romanceadas sobre o futebol brasileiro".*[565]

Para Soares, o NFB seria um romance marcado por *"freynismo popular"* em alusão ao Gilberto Freyre e sua obra *"Casa Grande Senzala"*[566] na qual predomina uma narrativa que defende a ideia de que "*o futebol, quando branco, era um produto importado; quando preto e mestiço, torna-se brasileiro [...]".*[567] Antes pensado como "inimigo interno", o racismo acaba sendo derrotado na medida em que o negro mostra o seu talento nos campos de futebol, ocorrendo assim a *"integração do negro"*[568] na sociedade e a *"afirmação do futebol brasileiro".*[569] Tal proposta é seguida por alguns historiadores, reforçando a tese de Mário Filho da reinvenção do futebol brasileiro pelo negro, que conseguiu a sua afirmação social a reboque. Desconsiderando o NFB como a única fonte de análise desse contexto, Soares, a partir do estudo de jornais de grande circulação, propõe que a leitura racial feita por muitos historiadores deve ser integrada a outra chave de discussão que prioriza a questão do profissionalismo *versus* amadorismo. Segundo Soares,

> *"a) se existisse segregação, diretamente relacionada à questão racial, o Vasco não teria participado com essa equipe no campeonato de 1923, b) o Vasco não foi o primeiro clube de futebol a ter negros e mulatos em suas equipes de futebol; c) na década de 20, negros e*

[564] *Ibidem.* p.88.
[565] SOARES, 2001. p.16.
[566] SOARES, 2001. p.16.
[567] SOARES, 2001. p.16.
[568] SOARES, 2001. p.16.
[569] SOARES, 2001. p.16.

> *mulatos, ainda que poucos, já habitavam outros espaços sociais mais valorizados do que o esporte".*[570]

A conclusão de Soares acerca do momento histórico vivido na década de 1920 é a de que a questão racial enfatizada no NFB não determinou a crise do futebol carioca. Mesmo minimizando o impacto da questão racial no processo de profissionalização do futebol, Soares não desconsidera totalmente a contribuição do NFB como um documento histórico relevante e o racismo como um dos fatores que contribuíram para a preservação de um campo esportivo dominado pelos grupos considerados mais distintos da sociedade carioca. Essas posições também foram defendidas por Ronaldo Helal e César Gordon Jr. Ambos concordam com a premissa de que o NFB estaria situado em um momento histórico *"atravessado por feixes de interesses, discursos e processos simultâneos"*[571] nos quais os negros e mulatos possuem a possibilidade de *"ingressarem no sistema econômico brasileiro, matéria-prima de um discurso de integração nacional; e objeto de massificação e popularização".*[572]

Igualmente ao que foi questionado por Soares, Helal e Gordon Jr. também discordam do essencialismo do racismo presente no discurso de democracia racial ao final da obra de Mário Filho, dando a entender que o negro ocuparia seu espaço a partir de suas aptidões naturais *"como a música (blocos afros, batucada, terreiros e capoeira) e esporte (futebol, por exemplo)".*[573] Ou seja, o debate aponta para dois pontos comuns, o primeiro se deve ao embate central do período − o profissionalismo *versus* amadorismo −, mas sem deixar de levar em consideração todas as tensões existentes dentro desse contexto de crise do futebol – as questões relativas à educação, ao campo do trabalho, as questões raciais dentre outras – e a segunda ligada à compreensão de que Mário Filho e a sua obra seriam frutos dos anos 30, um período em que se constitui certa reflexão acerca da identidade nacional e o debate sobre a integração racial era uma das chaves de discussão de muitos intelectuais da época.

Outras obras apontam com veemência a existência do racismo no futebol carioca nas primeiras décadas do século XX. Em vários momentos de sua pesquisa, Leonardo Pereira cita uma série de fontes documentais, principalmente jornais, em que a questão racial é perceptível.

---

[570] SOARES, Antonio Jorge. *O Racismo no Futebol do Rio de Janeiro nos Anos 20: Uma História de Identidade.* In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge, LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol. Mídia Raça e Idolatria.* Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001. p.106.

[571] HELAL, Ronaldo, GORDON Jr., César. Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge, LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol. Mídia Raça e Idolatria.* Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001. p.66.

[572] HELAL, GORDON Jr. 2001, p.66.

[573] *Ibidem.* p.67.

Um exemplo interessante dado por Pereira foi a organização do selecionado nacional que disputaria o Sul-Americano de 1921 no qual *"havia restrições evidentes à presença de certa classe de jogadores".*[574] O assunto tomou conta das *"rodas sportivas"* estabelecendo um debate sobre a entrada ou não de atletas negros na seleção. Em reportagem de *O Paiz* intitulada *"O Sul americano: negros e mulatos"*[575] o *sportman* Cesarino César *"destacado membro da Liga Suburbana"*[576] faria a seguinte denúncia:

> *"[...] É público e notório que os nossos sportsmen comentam, talvez sem razão de ser, que os dirigentes do Sport nacional não querem, de maneira alguma, incluir no quadro que deve partir para Buenos Aires, representando o Brasil nas lutas do campeonato sul-americano, [...] jogadores de cor!".*[577]

Diferentemente das documentações analisadas por Pereira, nas quais os entraves raciais eram mais evidentes, o *Correio da Manhã* e *O Imparcial* dos anos de 1922 e 1923 não apresentaram tais discursos racistas, o que não significa que o debate não estivesse em voga na época. Evidente, ou não, o racismo era algo intrínseco à sociedade carioca e ao campo esportivo na década de 1920. Uma forma de mapearmos esta questão estaria no fato de compreendermos como a ideia de raça é percebida socialmente naquela época. Da mesma forma que Chalhoub, Antônio Sérgio Guimarães também destaca que o aspecto racial está intimamente associado ao *"intercruzamento discursivo e ideológico da ideia de "raça" com outros conceitos da hierarquia como classe, status e gênero"*[578] e a própria esfera do trabalho. Isso fez com que o racismo brasileiro ficasse *"sem cara"* [579] sendo que *"'raça', isto é, a 'cor', o status e a classe estão intimamente ligados entre si".*[580]

Portanto, quando as fontes enfatizam a questão do trabalho, não podemos deixar de considerar o preconceito de cor, já que o primeiro representava uma forma do ex-escravo se inserir no cenário pós-Império.[581] Mais que inserir o ex-escravo em uma lógica capitalista, o trabalho era uma forma de acesso à cidadania para todos os grupos sociais que compunham a sociedade carioca da década de 1920. Transportando essa lógica para o campo esportivo,

---

[574] PEREIRA, 2000. p.176.
[575] PEREIRA, 2000. p.176.
[576] PEREIRA, 2000. p.176.
[577] PEREIRA, 2000. p.176.
[578] GUIMARÃES, 2005. p.51.
[579] GUIMARÃES, 2005. p.60.
[580] *Ibidem.* p.48.
[581] *"No Brasil, esse sistema de hierarquização social – que consiste em gradações de prestígio formadas por classes social – que consiste em gradações de prestígio formadas por classe social (ocupação e renda), origem familiar, cor e educação formal – funda-se sobre as dicotomias que, por três séculos, sustentaram a ordem escravocrata: elite/povo e brancos/negros são dicotomias que se reforçam mútua, simbolicamente e materialmente". Ibidem.* p.49.

podemos afirmar, de acordo com Roberto DaMatta, que diferente do trabalho *"que tem uma relação direta com o 'dever', com a 'obrigação', com o 'castigo', com o 'pecado' e com 'a dureza da vida'",*[582] o futebol pode ser entendido naquela época como uma *"atividade paradoxal porque não é produtiva no sentido radical de provocar uma transformação da natureza da sociedade",*[583] estando mais voltada ao lazer e ao divertimento das classes abastadas. Logo, quando os grupos mais populares substituíam o trabalho[584] pela prática rotineira do futebol lhes eram impostas características atribuídas pelas classes dominantes como a vadiagem, a malandragem, a preguiça e a ociosidade.

As normas da Liga Metropolitana estiveram durante longo período de acordo com essa ótica. Em 1907, a questão racial ainda aparecia nos estatutos da LMSA. A proibição do registro de "pessoas de cor" provocou um desentendimento entre diretores do Botafogo F.C. e a saída do Bangu A.C., equipe formada pelos operários da Cia Progresso. As restrições relativas aos critérios raciais foram sendo deixadas de lado. As regras estabelecidas nos estatutos passaram a girar em torno da preservação do amadorismo e do afastamento dos indivíduos que não exercessem *"profissões honestas"*[585], que tivessem *"moralidade comprovada"*[586] e que não fossem *atletas "profissionaes; [...] mendigos; [...] analphabetos".*[587] A reforma do estatuto proposta em 1923 pelos "grandes clubes" tornou essa restrição mais clara, destacando a proibição de amadores,

> *"[...] que tinham os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando-se como tal a em que predomine o esforço physico;* [...] *os que não tenham profissão ou empregos certos;* [...] *os que exerçam profissão ou empregos subalternos, taes como continuo, servente, engraxate e motorista;* [...] *os que exerçam profissão ou emprego, que exija, permita ou facilite o recebimento de gorjetas; [...]".*[588]

Se, na teoria, as regras impossibilitavam o acesso de indivíduos que não possuíam a sua cidadania reconhecida pela impossibilidade de acesso ao mercado de trabalho ou por exercerem atividades consideradas subalternas, na prática, as exceções eram quase regra no meio de um

---

[582] DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. Notas em torno do Significado Social do Futebol Brasileiro. Revista USP, n.22, jun/ago. 1994. p.13.
[583] DAMATTA, 1994. p.13.
[584] *"Emília Viotti da Costa reconhece esta origem do preconceito de cor no Brasil, quando escreve: 'O preconceito racial servia para manter e legitimar a distância do mundo dos privilégios e direitos do mundo das privações e deveres'. A doutrina liberal do século XIX, segundo a qual os pobres eram pobres porque eram inferiores, encontrava no Brasil, sua aparência de legitimidade no aniquilamento cultural dos costumes africanos e na condição de pobreza e de exclusão política, social e cultural da grande massa dos pretos e mestiços. A condição de pobreza dos pretos e mestiços, assim como, anteriormente, a condição servil dos escravos, era tomada como marca de inferioridade."* COSTA, Emilia Viotti da. *The Brazilian Empire: Myths and Histories*. Belmont: Wadsworth, 1998. *Apud.* GUIMARÃES, 2005. p.49.
[585] NAPOLEÃO, 2006. p.91.
[586] NAPOLEÃO, 2006. p.91.
[587] NAPOLEÃO, 2006. p.91.
[588] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 jan. 1924. Vida Desportiva.

futebol cada vez mais competitivo política e esportivamente. Apesar de acusar a cidade de São Paulo por praticar o amadorismo, os clubes da Liga Metropolitana não abriam mão de procurar nos campos da cidade ou em clubes de outras freguesias indivíduos das mais variadas origens sociais que pudessem trazer algum benefício a suas equipes. O C.R. Vasco da Gama é um exemplo interessante de como esses indivíduos "indesejáveis" estavam inseridos nos torneios e campeonatos da cidade. O goleiro Nelson da Conceição era um mulato que exercia a profissão de chofer e que chegou ao Vasco da Gama em 1919 por meio de um amigo – O Aquiles Pederneiras – sócio do clube e *"companheiro de trabalho de Narciso Bastos secretário da comissão de football".*[589]

Citada nos estatutos da Liga Metropolitana como uma profissão subalterna, os choferes além de ingressarem nos gramados cariocas jogando por equipes de expressão, também possuíam uma mentalidade associativa, buscando pela organização de equipes e torneios, uma forma de se aproximarem dos círculos esportivos que os renegavam. Por meio do Jornal *O Imparcial ficou-se conhecido que* o presidente do Auto S.C. fundado em 1912, alegava que o propósito de seu clube era *"procurar apenas fazer sport e não cuidar dos assumptos que foram objecto de outras associações de classe".*[590] O dirigente criticava a ação do presidente do Rio Auto F.C. interessado em mobilizar os clubes de futebol no intuito de contribuírem para "*fundar o 'Abrigo dos Chauffeurs'",*[591] alegando que essa ação não era condizente com o propósito dos clubes de futebol que seria *"o desenvolvimento physico da classe a que pertence".*[592] O dirigente do Auto S.C. concluiria a sua defesa pelo amadorismo entre os choferes alegando que *"fazer abrigo com renda de um club de football é não só reconhecer o que pode dar de lucro um grêmio sportivo".*[593]

Apesar de não pertencer oficialmente às rodas esportivas da LMDT, havia entre os clubes de choferes um interesse em se definir as mesmas regras amadoras que os impediam de participar dos campeonatos oficiais da cidade. A defesa do discurso amador era uma forma desses profissionais penetrarem no universo esportivo e de se legitimarem socialmente, possibilitando um reconhecimento desse trabalho ainda marginalizado e considerado subalterno. Outro exemplo curioso foram duas cartas publicadas pelo *Correio da Manhã* e endereçadas à

[589] ROCHA, 1975. p.255.
[590] O Imparcial, Rio de Janeiro: 20 set. 1923. Vida Desportiva.
[591] O Imparcial, Rio de Janeiro: 21 set. 1923. Vida Desportiva.
[592] O Imparcial, Rio de Janeiro: 20 set. 1923. Vida Desportiva.
[593] O Imparcial, Rio de Janeiro: 20 set. 1923. Vida Desportiva.

Liga Metropolitana. Nelas, um barbeiro anônimo tenta *"pleitear para os seus associados os direitos e as regalias de amador",*[594] alegando que as diferenças entre amador e *"'não-amador' não deveriam existir*".[595] Para ele *"o cidadão é amador − não pratica os sports por dinheiro, ou é profissional, por não agir desta forma".*[596]

Valendo-se exageradamente do termo cidadão, o barbeiro por meio de seus argumentos buscava, entre os demais grupos sociais ligados ao futebol carioca, certa consideração que o próprio ambiente do trabalho concedia. Em um primeiro momento, o barbeiro defendeu a filiação do Civil Sport Club composto por guardas civis, alegando que da mesma forma entre as "*praças de 'pret', voluntários ou não, [...] se encontram perfeitos cidadãos, capazes dos maiores e melhores exemplos, entre os quaes até o de disciplina, que beneficia extraordinariamente o sport".*[597] No dia seguinte, o mesmo anônimo continuou a sua missiva agora defendendo a sua classe, destacando que

> *"O officio de barbeiro não é uma profissão humilhante, sendo verdade, no entanto, que quem vive deste ramo da arte cosmética não se acotovela nas primeiras camadas sociaes, na boa sociedade, onde impera o orgulho e onde a emulação tem mais extremos".*[598]

A sua defesa se tornou mais contundente quando o anônimo questionou o recebimento de gorjetas. Para o autor do protesto, *"qualquer profissão, há quem aprecie e mesmo que seja exigente com a remuneração extraordinária, tenha esta o nome de 'gratificação', de lembrança, de propina ou gorjeta".*[599] De forma ousada, o barbeiro complementa que *"tanto se molham as mãos dos profissionaes que dão as fricções como as dos que levam aos lábios profusa taça, transbordante de espumante, de generoso vinho [...]",*[600] destacando que as restrições em torno do futebol não estão somente no campo do trabalho, mas envolvem a preservação das distinções sociais, em que para ele *"não é a classe a que pertence um individuo, a sua família, modesta ou nobre, a sua origem legitima ou espúria que se devem considerar como lhe emprestando vícios ou virtudes".*[601]

O impedimento de determinados grupos de profissionais não era o entrave para o acesso desses mesmos indivíduos aos campeonatos da Liga Metropolitana. Em determinados casos os jogadores recebiam empregos nas casas comerciais dos sócios do clube, habilitando-os à prática

[594] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. Correio Sportivo.
[595] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. Correio Sportivo.
[596] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. Correio Sportivo.
[597] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. Correio Sportivo.
[598] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. Correio Sportivo.
[599] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. Correio Sportivo.
[600] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. Correio Sportivo.
[601] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 10 fev. 1922. Correio Sportivo.

do futebol. Enquanto, na teoria, as regras do amadorismo defendiam a distinção social entre aqueles que disputavam os jogos de futebol, na prática, a competitividade dentro e fora do campo esportivo escamoteava uma atividade a qual podemos seguramente definir como fazendo parte de um processo de profissionalização. Com a justificativa de que *"nem todos nasceram sob o mesmo signo de felicidade na terra",*[602] o cronista do *Correio da Manhã* combatia os críticos que taxassem de profissional aqueles que abandonam *"um emprego de 200$ por um melhor de 300$ ou 400$ e, por ser grato a quem assim o ajudou a melhor se installar na vida".*[603]

Havia, portanto, um entendimento comum de que essa prática não feria os estatutos que regiam o futebol, apesar da mesma dar mostras de que esse sistema privilegiava uma fuga do atleta do trabalho para se dedicar quase que exclusivamente ao futebol. Segundo relatos de Mário Filho, os operários da Cia. Progresso quando jogavam no clube da fábrica – o Bangu A.C. – eram poupados das atividades mais pesadas. *"O operário que jogasse futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, ia logo para a sala do pano. Trabalho mais leve".*[604] Em dias de treinos *"o operário-jogador [...] recebia um ticket [...] para poder sair sem perder hora de trabalho".*[605]

No caso do C.R. Vasco da Gama, essa situação foi ainda mais explícita. Os jogadores convidados pelo clube recebiam gratificações a cada bom resultado conquistado no campeonato. Esse benefício ficou conhecido como "bicho" porque em algumas oportunidades os jogadores recebiam *"cinco [...] dez [...] vinte [...] cinqüenta mil réis"*[606] em outras recebiam *"um cachorro, [...] um coelho [...] uma vaca*"[607] como pagamento. O profissionalismo era tão latente que segundo Napoleão, as equipes adversárias fizeram uma reclamação à Liga Metropolitana que "*resolveu mandar sua comissão de Sindicância apurar e investigar a veracidade das informações sobre os atletas do Vasco".*[608] Contudo, chegando aos estabelecimentos comerciais, os representantes da Liga "*recebiam sempre a mesma resposta: os empregados que procuravam estavam realizando serviços externos".*[609]

Um caso de profissionalismo de grande repercussão na imprensa desse período foi o caso do jogador Antônio Muniz Duarte, o Manteiga, que atuou na equipe do America F.C. em 1921.

[602] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 mar. 1922. Correio Sportivo.
[603] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 18 mar. 1922. Correio Sportivo.
[604] RODRIGUES FILHO, 2003. p.84.
[605] RODRIGUES FILHO, 2003 p.84.
[606] *Ibidem.* p.123.
[607] RODRIGUES FILHO, 2003. p.123.
[608] NAPOLEÃO, 2006. p.95.
[609] NAPOLEÃO, 2006. p.95.

Sua história pode ser encontrada nos relatos de Mário Filho e nos principais jornais da época, o que demonstra a repercussão de seu caso diante da comunidade esportiva carioca. Manteiga era um negro praça de pré[610] da Marinha que teria encantado Jaime Barcellos, um dos diretores do America que ia sempre *"para a Saúde, para o cais do porto [...]"*[611] procurar novos jogadores para o clube de Campos Sales. Segundo Mário Filho, convencido por Barcellos, Manteiga pediu dispensa da Marinha e recebeu um convite de emprego de Fidelsinho Leitão, empresário proprietário da Casa Leitão ingressando assim na equipe alvi-rubra. Após vencer o preconceito das famílias Borges e Curtis,[612] o jogador participou de uma excursão à Bahia, a sua terra natal. Após os jogos, Manteiga permaneceu na capital baiana não regressando mais ao Rio de Janeiro.

Em 1922 a história de Manteiga ganhou novamente espaço na imprensa carioca. Diferente das acusações da existência da prática do profissionalismo em São Paulo, os jornais cariocas trataram o caso de Muniz com certo cuidado tentando minimizar os prováveis indícios que poderiam apontá-lo como profissional, o que manchava a imagem do jogador e, principalmente a de seu ex-clube, o America F.C. Os jornais definiam Manteiga, como "*um bom e inofensivo rapaz",*[613] *que,* após um longo período de silêncio, *"para com o club, [e] para a casa comercial em que trabalhava",*[614] reaparece na imprensa carioca tentando explicar *"uma carta, em que se accusava Moniz de ter perdido as qualidades de amador".*[615]

Já em relação ao America e seus associados, os jornais os destacam como vítimas incrédulas, tentando subtrair qualquer tipo de responsabilidade do clube com a profissionalização de Manteiga. Segundo os relatos, os *"adeptos de Moniz affirmavam in petto: Não acreditais que elle o haja assignado",*[616] enquanto os dirigentes do clube mantinham-se na mais absoluta *"imparcialidade [...] procurando defender os direitos e os melindros do associado".*[617]

A incredulidade da torcida e a imparcialidade dos dirigentes preservavam a imagem de Manteiga e do America distantes de um possível escândalo. Porém, após a análise de alguns documentos, foi comprovada a filiação de Manteiga ao Botafogo-BA, no qual ele se declarava

---

[610] *"Nem praça de pré, nem garçom, nem barbeiro. Que recebesse gorjeta, quem tivesse emprego subalterno, era cortado. Até Chauffeur."* RODRIGUES FILHO, 2003. p.113.
[611] RODRIGUES FILHO, 2003. p.113.
[612] *"Os Borges e os Curtis não cumprimentando o Manteiga, os outros cumprimentando. Os Borges e os Curtis saindo do América e os outros ficando. Houve um momento em que parecia que ninguém ia ficar. Os boatos mais alarmantes corriam em Campos Sales. Um abaixo-assinado de trezentos sócios: ou eles ou o Manteiga".* RODRIGUES FILHO, 2003. p.114.
[613] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.
[614] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.
[615] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.
[616] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.
[617] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.

"ex-sócio do America F.C.".[618]Após ter sido comprovada a sua filiação como profissional na Bahia, Manteiga retornou ao Rio de Janeiro onde tentou se defender com os seguintes argumentos: *"1) assignei o passe, mas sem saber que o assignara; 2) assignei um pedido de desistência, depois que chequei, mas não sei o que eu assignei".*[619] Para afastar qualquer especulação sobre a sua profissionalização o jogador afirmou que *"[...] 5) Os meios de subsistência me eram dados por minha família",*[620] não mencionando o nome da *"casa comercial que trabalhava"*[621] na sua cidade natal.

A trajetória de Manteiga sinaliza outro aspecto importante para o processo de profissionalização do futebol carioca. Mais competitivo e economicamente rentável, os clubes de futebol interessados no resultado das partidas passaram a selecionar jogadores a partir de novos critérios, como a habilidade e o vigor físico, por exemplo, contrastando com critérios como a posição social, profissional ou acadêmica. Por outro lado, essa mudança de critérios abriu a possibilidade de muitos indivíduos vindos de camadas mais pobres da cidade de ascenderem socialmente, seja no aspecto econômico ou por meio de um *status* social que a nova atividade o proporcionava.

Nesse contexto, em que as distinções sociais eram impostas pelas regras da Liga Metropolitana, devemos considerar que a entrada desses indivíduos no universo esportivo era uma forma de *"[...] sobrevivência da sociedade tradicional",*[622] e *"um poderoso mecanismo sociológico atuando permanentemente com maior ou menor visibilidade sobre toda a vida social".*[623] Por outro lado, essas mesmas hierarquizações ofereciam aos indivíduos um complexo *"campo de possibilidades"*[624] dando aos mesmos *"espaço para a formulação e implementação de projetos".*[625] Ou seja, as hierarquias não aprisionam o indivíduo em um único papel no meio social. Especificamente à esfera esportiva, o futebol oferecia ao jogador um *"campo de possibilidades"* que lhe permitia viver *"projetos"* que, segundo o autor, seriam definidos como uma *"conduta organizada para atingir finalidades específicas".*[626]

---

[618] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.
[619] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.
[620] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.
[621] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 6 mai. 1922. Correio Sportivo.
[622] VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. 3ºEd. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 2003. p.40.
[623] VELHO, 2003. p.40.
[624] VELHO, 2003. p.40.
[625] VELHO, 2003. p.40.
[626] VELHO, 2003. p.40.

Destacando-se no gol da equipe cruzmaltina, Nelson pôde utilizar a sua nova condição social – a de *"valoroso keeper do invencível C.R. Vasco da Gama"*[627] – para obter novas fontes de renda. O goleiro foi contratado por uma empresa para fazer a propaganda de um tônico muscular, chamado *"Fortifican"*. Em determinado momento, Nelson da Conceição afirmava que seus *"bons resultados"* em campo foram obtidos *"com o uso do 'Fortifican'"* que o fizeram se sentir *"sempre bem disposto para os jogos"*.[628] Antes de se tornar goleiro do C.R. Vasco da Gama devemos frisar que Nelson era um negro que exercia a profissão de chofer, o que teoricamente o impediria de praticar o futebol amador.

A própria imprensa também possui um papel importante para a promoção desses jogadores no meio esportivo e social. Elevado ao patamar de um grande espetáculo, o futebol era o palco principal e os jogadores eram os protagonistas desses jogos. O bom desempenho de alguns jogadores lhes conferia atributos físicos e morais positivos. Claudionor, outro jogador do Vasco da Gama, operário da Cia. Progresso era chamado pelo jornalista d'*O Imparcial* de *"tank"*, pois durante partida contra o Fluminense F.C. *"[...] elle [...] segura bem o Nonô e o Welfare, que são também duas máchinas da mesma marca"*.[629]

A ascensão do Vasco da Gama[630] em 1922 e 1923 mostra como que o futebol é capaz de colocar jogadores de estratos sociais em um mesmo patamar, principalmente no momento em que o futebol carioca contemplava jogadores como o goleiro Marcos Mendonça, do Fluminense F.C., o jovem Júlio Kunz do C.R. do Flamengo, substituto de Mendonça na seleção brasileira de 1922, o veterano Welfare do Fluminense, Palamone do Botafogo F.C. e Aníbal Candiota, o artilheiro do C.R. do Flamengo.

A popularização de determinados atletas fez com que algumas revistas literárias como *"A Maçã"* elaborassem biografias dos principais jogadores da cidade, aliando suas qualidades enquanto sujeito social com suas habilidades de jogador. Um dos homenageados foi o goleiro Haroldo Joppert *"'prata da casa' no Botafogo [...] elemento das suas famílias tradicionaes"*.[631]

---

[627] O Imparcial, Rio de Janeiro: 28 ago. 1923. Vida Sportiva.
[628] O Imparcial, Rio de Janeiro: 28 ago. 1923. Vida Sportiva.
[629] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 de mai. 1923.
[630] O C.R. Vasco da Gama conquistou o Campeonato Carioca de 1923. Tal feito considerado surpreendente pela imprensa carioca rendeu inúmeros elogios aos jogadores da equipe cruzmaltina: *"Nelson: que foi um keeper muito ágil e seguro de sua posição, Leitão e Mingote: dois bakcs activos e vigilantes, magníficos factores da defesa; Nicolino e Artur excellentes halves da corajosa e inteligente; Claudionor: indiscutivelmente a alma do team, sempre oportuno e activo; Paschoal e Torterolli; impetuosa da direita, activa e perigosa; Cecy e Negrito: que foram os melhores dianteiros do Vasco sempre impetuosos e sempre temíveis; Arlindo, embora o único elemento fraco do conjunto, foi contudo um centro –funcional esforçado"*. O Imparcial, Rio de Janeiro: 13 ago. 1923. Vida Desportiva.
[631] [631] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 de jul. 1922. Vida Desportiva.

Suas qualidades de esportista estavam relacionadas a valores amplamente defendidos pela sociedade da época. No caso de Haroldo, a educação era um fator determinante. Estudante de engenharia, o goleiro do Botafogo F.C. era perito *"no cálculo do tempo e da distância, conhecendo a influencia das curvas, a vantagem das retas [...]".*[632] Além dos atributos adquiridos pelo conhecimento acadêmico, outras qualidades mais voltadas ao próprio campo esportivo eram atribuídas ao jogador. O goleiro alvi-negro era "*ágil como uma calma admirável, tem uma pegada [...] firme, [...] a coragem, a confiança, a esperança do triumpho, como ainda anima, enthusiasma. [...]".*[633]

O sucesso dos campeonatos fez com que os jogadores fossem tratados como celebridades dentro e fora dos gramados. As partidas amistosas revelam como que indivíduos ricos, pobres, negros, brancos, médicos e operários – aos olhos da imprensa – possuíam o mesmo tratamento diferenciado, digno de grandes personalidades. A equipe do Far West em viagem à cidade de Friburgo foi surpreendida quando *"à noite estacionou em frente ao hotel grande multidão ansiosa por conhecer Luiz Palamone, o extraordinario full-back brasileiro, [...] e os demais valorosos players visitantes".*[634] As recepções das delegações esportivas mostram o quanto a posição de jogador amador nas equipes cariocas era destacada e transcendia qualquer critério sociocultural, possibilitando àqueles que gozavam de tal posição e de todas as benesses que esta proporcionava. Em viagem a Salvador, o jogador Zezé do Fluminense F.C. descrevia o seguinte:

> *"[...] A acolhida que nos foi dispensada que não exagero em classificá-la de principesca. Nada nos faltou. Pelo contrário, tivemos até demais, pois de tanto não éramos merecedores [...] Mas também empenhamo-nos vivamente por demonstrar-lhes que até certo ponto ella não deixava de ter a sua razão de ser... Quanto a parte desportiva a Bahia excedeu a nossa expectativa. De facto, os desportos têm feito ali um notável progresso [...] Modéstia a parte, estou persuadido de que não fizemos feio...*
>
> *[...] E ao partir, ainda lhe disse. Olhe. [...] as bahianas são lindas, mas mesmo lindas de verdade... Se algum dia puder, dê um passeio por aquella boa terra e depois me diga se tenho ou não razão".*[635]

Apesar de fazer algumas considerações ao futebol baiano, Zezé mais parecia um turista em êxtase, após uma bela oportunidade de conhecer a Bahia, que um jogador amador que foi àquela cidade para disputar um amistoso. Igualmente, em viagem a Belo Horizonte a equipe do Vasco da Gama foi recebida por *"uma magnífica recepção",*[636] que além de disputar um

---

[632] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 de jul. 1922. Vida Desportiva.
[633] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 de jul. 1922. Vida Desportiva.
[634] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 mai. 1923. Vida Desportiva.
[635] O Imparcial, Rio de Janeiro: 26 abr. 1923. Vida Desportiva.
[636] O Imparcial, Rio de Janeiro: 26 abr. 1923. Vida Desportiva.

amistoso com o America F.C. faria *"pela manhã, lindo passeio pela cidade"*[637] e à noite assistiriam a um *"espetáculo de gala ao teatro municipal, com o concurso dos artistas cantores, nascimento filho, barytono, Oscar Gonçalves, tenor, e Ignácio Guimarães, baixo"*[638] e após a apresentação seriam recepcionados com um *"banquete oficial oferecido pelo centro da colônia portuguesa"*.[639]

A espetacularização do campo esportivo na cidade do Rio de Janeiro permitia que indivíduos antes vitimados por sua condição de trabalho, educação ou origem racial tivessem a oportunidade de alcançarem novos patamares sociais. As regras que tentavam preservar as tradições esportivas se tornavam cada vez mais obsoletas e correspondiam a um entendimento tácito de uma comunidade esportiva em que as disputas políticas e esportivas se acirravam.

[637] O Imparcial, Rio de Janeiro: 31 ago. 1923. Vida Desportiva.
[638] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 31 ago. 1923. Correio Sportivo.
[639] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 31 ago. 1923. Correio Sportivo.

CAPÍTULO IV − Os *Estabelecidos* e os *Outsiders* do Futebol Carioca

4.1. Os "Camisas Negras" e a Crise Política na LMDT

Os aspectos esportivos destacados anteriormente dão mostras de que o futebol carioca vivia um processo acelerado de profissionalização. Devemos ter em mente que esse processo foi o resultado de uma "*esportivização*"[640] e "*espetacularização*"[641] do campo das práticas esportivas, em que a concepção do futebol enquanto uma prática amadora, desinteressada e formadora do caráter do jogador perdia espaço para um esporte competitivo e cada vez mais mercantilizado.

Impregnada por uma gama de novos interesses, a percepção dos clubes sobre a prática esportiva havia mudado. Não podemos afirmar que essas entidades estivessem dispostas a preservar o amadorismo. A análise a respeito de alguns fatos ocorridos no início da década de 1920 revela que tanto o amadorismo quanto as práticas não amadoras compartilhavam o mesmo espaço no futebol na cidade. Portanto a questão não gira em torno de caracterizar os clubes que adotavam as práticas amadoras ou não amadoras.

Na verdade, o cerne da questão estaria relacionado às motivações e interesses de cada entidade na adoção dessas determinadas práticas. E foram estas motivações e interesses pessoais que provocaram uma série de disputas políticas entre os clubes de futebol no interior da LMDT, e que encontraram nos anos de 1923 e 1924 um ponto crítico. Portanto, a tensões quanto à preservação ou não do amadorismo se revelaram em uma disputa pelo poder político e esportivo entre esses clubes.

No que tange ao campeonato de 1923, como já destacamos nos capítulos anteriores, os valores referentes ao amadorismo conviviam, ora pacificamente e ora de maneira tensa, com alguns aspectos característicos de um processo de profissionalização. A prática esportiva fazia com que esses valores funcionassem como um pêndulo que tendesse de acordo com os interesses dos clubes. Há, como já explicitamos anteriormente, uma segmentaridade garantida por um

[640] ELIAS, DUNNING, 1992. p.34.
[641] ELIAS, DUNNING, 1992. p.34.

"entendimento compartilhado do tipo 'natural' e 'tácito'"[642] entre os membros dessa comunidade esportiva possibilitando que algumas regras estabelecidas moral e politicamente fossem descumpridas em alguns momentos. As armas para a conquista do campeonato de 1923 seriam aquelas dispostas oficial ou extraoficialmente no campo esportivo, fazendo com que a suposta diplomacia entre os clubes fosse ameaçada a cada rodada, quando essas mesmas entidades violavam as regras, impostas de forma explícita ou de uma forma implícita.

A temporada de 1923 se apresentava como um momento em que as disputas pela hegemonia esportiva e política eram cada vez mais acirradas. Porém, segundo Soares, quanto ao aspecto esportivo *"o ano de 1923 tinha apresentado uma surpresa para os grandes clubes: o Vasco, um novato na liga superior, [que] venceu o campeonato".*[643] No contexto político o aumento do poder dos chamados "pequenos clubes"[644] passou a afetar o domínio político dos clubes mais tradicionais da cidade – America, Botafogo, Flamengo e Fluminense − que, diante dos fatos políticos ocorridos em 1923 passariam, "*com base no critério do desenvolvimento material e da cultura esportiva", a pleitear "direitos especiais na METRO*[645]*".*[646]

Neste primeiro momento faremos uma análise pormenorizada da disputa pelo campeonato carioca de 1923, e de que forma essa disputa contribuiu para o aumento do desequilíbrio de forças entre os "pequenos clubes" e as entidades mais tradicionais. Diferente de todas as outras, a temporada esportiva de 1923 foi agitada dentro e fora dos campos de futebol. Pela primeira vez, a comunidade esportiva presenciaria um clube sem tradição nos esportes terrestres conquistando o campeonato da cidade. Além de vencer, os "Camisas Negras" – como eram chamados os jogadores do Vasco da Gama, impuseram um ritmo intenso de vitórias diante de clubes tradicionais, terminando o torneio somente com uma derrota diante do C.R. do Flamengo.

Porém, além de levarmos em consideração o bom desempenho vascaíno, devemos destacar também que uma série de eventos ocorridos nos clubes tradicionais também determinou a derrota dos mesmos dentro do campo esportivo. Entre os casos mais interessantes, destacamos o do Botafogo F.C. O clube foi o último colocado do campeonato, disputando um jogo extra com o Vila Isabel o derrotando por 3x1. O péssimo desempenho dessa equipe se deveu a um problema

---

[642] BAUMAN, 2003. p.17.
[643] SOARES, 1998. p.292.
[644] Este termo é largamente usado pela imprensa, principalmente em finais do ano de 1923 e no ano de 1924. Desta forma os jornais englobavam todos os clubes menos tradicionais da cidade, aqueles mais recentes, com menor participação histórica dentro da organização do futebol na cidade. Mais adiante veremos que este termo era uma forma de estabelecer um distanciamento, a partir de aspectos sócio-culturais.
[645] Liga Metropolitana de Desportos Terrestres.
[646] SOARES, 1998. p.293.

político iniciado após a eleição de uma nova diretoria,[647] em especial com a eleição do Sr. Oldemar Murtinho que assumiu a vice-presidência do clube. Os problemas se iniciaram quando Alkindar, um dos jogadores do Clube, em partida amistosa contra o Americano, da cidade de Campos, declarou que o dirigente citado obrigou o Sr. Palamone, capitão do time e responsável pela escalação da equipe, que na *"véspera havia adeantado que jogaria somente quem tivesse treinado"*[648] a *"retirar [...] o Sr. Almir Maciel e escalar o Sr. Casemiro Santa Maria",*[649] que *"no último anno abandonou*[650] *o club porque não tinha collocação no 2º team."*[651]

O fato provocou a saída de grande parte dos jogadores do Botafogo, entre eles os já populares Palamone, Almir, Alkindar e Neco que, juntamente com outros jogadores e mais *"400 botafoguenses proscriptos"*[652] fundaram o "Far West". Com as ausências de nomes consagrados do futebol da cidade, não houve outra opção a não ser formar uma equipe composta por jogadores jovens.[653] O time iniciou a temporada conquistando bons resultados, porém o desempenho tornou-se insatisfatório como o próprio clima político no clube. As derrotas sucessivas reforçavam a oposição de parte dos sócios em relação aos atos da diretoria do clube sob a liderança de Oldemar Murtinho e Luiz de Paula Silva que *"se viram hostilizados pela maioria".*[654] Com a saída dos dirigentes, os antigos sócios e jogadores[655] retornaram ao Botafogo F.C.

Em relação ao Fluminense F.C.,[656] a equipe iniciou a temporada fazendo uma excursão à Bahia. A equipe do Fluminense foi recebida em Salvador com honras de Estado desfilando pela cidade em *"um imponente cortejo de automóveis"*[657] juntamente com nomes importantes como o chefe da delegação, o *"illustre Coelho Netto, o governador do Estado [...], o intendente da*

---

647 *"A FUTURA DIRECTORIA DO BOTAFOGO F.C. [...] A chapa que será eleita amanhã é composta dos seguintes sportsmen: Presidente, Dr. Paulo Azeredo; 1º vice-presidente, Dr. Oldemar Murtinho; 2º vice, Dr Luís de Paula Silva; 1º secretario, Dr. Paulo de Lyra Tavares; 1 thesoureiro, Casimiro de Santa Maria; 2º tesoureiro, Dr. A. Nobre. Commissão de sports - Presidente, Carlos Pimentel; [...] Luiz Palamone, [...] Arthur Gregory e Oscar Petezoni de Almeida".* O Imparcial, Rio de Janeiro: 10 jan. 1923. Vida Desportiva.
648 O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 mar. 1923. Vida Desportiva.
649 O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 mar. 1923. Vida Desportiva.
650 Além de Santa Maria "[...] *os estimados e distinctos footballers Nilo, Fred Murtinho [...] alvi-negros de facto, que no anno passado, por motivos particulares, defenderam as cores do sympathico S.C. Brasil, nesta temporada voltam a vestir a gloriosa camisa alvi-negra, defendendo assim, novamente o pavilhão do club onde iniciaram a sua vida sportiva."* O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 mar. 1923. Vida Desportiva.
651 O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 de mar. 1923. Vida Desportiva.
652 O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 de jun. 1923. Vida Desportiva.
653 Anexo - Escalação das Equipes que Disputaram o Campeonato Carioca de 1923.
654 O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 abr. 1923. Vida Desportiva.
655 Anexo - Escalação das Equipes que Disputaram o Campeonato Carioca de 1923.
656 Anexo II - Escalação das Equipes que Disputaram o Campeonato Carioca de 1923.
657 O Imparcial, Rio de Janeiro: 31 mar. 1923. Vida Desportiva.

capital, o presidente da Liga Bahiana e o presidente do Bahia Tennis Club".[658] Após semanas de uma acolhida que, segundo o jogador Zezé, deve ser classificada de *"principesca"*[659] a delegação retornou ao Rio de Janeiro no dia 25 de abril durante os jogos do campeonato carioca. Os jornais elogiavam a iniciativa do Fluminense, destacando que a viagem tornara os jogadores *"mais robustos do que quando daqui partira",*[660] dando a entender que as competições na Bahia serviram para o desenvolvimento da equipe tricolor.

Os primeiros resultados fizeram com que a imprensa continuasse elogiando os jogadores do Fluminense, como por exemplo, a vitória contundente contra o Bangu por 5x3, em que certo momento, *"o Fluminense, ante a vantagem que levava começa a brincar".*[661] Porém, os resultados negativos não tardaram em aparecer. Em partida contra o Botafogo, a equipe foi marcada *"pela fallência quasi completa [...] que mesmo reforçado por Cláudio, foi fraco demais para supportar a pressão da meninada animosa do Botafogo".*[662] Contra o Vasco da Gama, *"na segunda phase, no entanto, e sobretudo nos vinte últimos minutos",*[663] o fracasso da equipe *"foi visível e a téchnica foi por demais comprometida",*[664] salvando-se somente alguns jogadores como *"Fortes, Laís, Coelho e Ramos".*[665] O preparo físico antes elogiado agora era o ponto central das críticas dos jornais. Entre os mais questionados estava o experiente Welfare, vítima do comentário de alguns jornais que afirmavam que *"o seu jogo já não [era] o mesmo".*[666] Outro problema foram as contusões em série de seus atletas que renderam um comentário maldoso afirmando que o *"laureado tricampeão, foi víctima de algum máo olhado".*[667]

[658] O Imparcial, Rio de Janeiro: 31 mar. 1923. Vida Desportiva.
[659] O Imparcial, Rio de Janeiro: 26 abr. 1923. Vida Desportiva.
[660] O Imparcial, Rio de Janeiro: 26 abr. 1923. Vida Desportiva.
[661] O Imparcial, Rio de Janeiro: 30 abr. 1923. Vida Desportiva.
[662] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 7 mai. 1923. Correio Sportivo.
[663] O Imparcial, Rio de Janeiro: 14 mai. 1923. Vida Desportiva.
[664] O Imparcial, Rio de Janeiro: 14 mai. 1923. Vida Desportiva.
[665] O Imparcial, Rio de Janeiro: 14 mai. 1923. Vida Desportiva.
[666] O Imparcial, Rio de Janeiro: 14 mai. 1923. Vida Desportiva.
[667] O Imparcial, Rio de Janeiro: 19 jun. 1923. Vida Desportiva.

24. Aspectos do jogo Botafogo x Fluminense.
(O *Malho*, 27, mai. 1922).

Já no America, no Flamengo e no São Cristóvão, os problemas giravam em torno das especulações sobre a saída de jogadores importantes de suas equipes. Segundo os jornais da época, o America F.C. e o C.R. do Flamengo possuíam as duas melhores equipes da cidade. Campeão do Ano do Centenário, o America F.C.[668] não treinava *"há sete mezes [...] devido às férias sportivas"*[669] e perderia no início de 1923 alguns participantes importantes como o seu *"estupendo triangulo"*[670] defensivo formado pelo goleiro Ribas, *"que é official do Exército, seguiu para um batalhão aquartelado em S. Paulo",*[671] e os "backs" Abril Peres, o qual *"foi 'laçado' por um club da Bahia"*[672] e Barata, que acabara *"de concluir seu curso na Faculdade de Medicina, pretendendo por isso não jogar mais".*[673]

Já o C.R. do Flamengo[674] era considerado a melhor equipe da cidade devido à presença de jogadores como o goleiro Júlio Kunz e Aníbal Candiota, chamado pela imprensa de *"o príncipe dos atacantes do football carioca".*[675] Alguns boatos publicados pelos jornais da capital davam conta que Júlio Kunz não jogaria mais no Rio de Janeiro mudando-se para São Paulo, onde faria a sua inscrição pelo Paulistano e o Candiota que, mesmo fazendo a sua inscrição, negou[676] a sua

[668] Anexo - Escalação das Equipes que Disputaram o Campeonato Carioca de 1923.
[669] O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 fev. 1923. Vida Desportiva.
[670] O Imparcial, Rio de Janeiro: 20 fev. 1923. Vida Desportiva.
[671] O Imparcial, Rio de Janeiro: 20 fev. 1923. Vida Desportiva.
[672] O Imparcial, Rio de Janeiro: 20 fev. 1923. Vida Desportiva.
[673] O Imparcial, Rio de Janeiro: 20 fev. 1923. Vida Desportiva.
[674] Anexo - Escalação das Equipes que Disputaram o Campeonato Carioca de 1923.
[675] O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 mar. 1923. Vida Desportiva.
[676] Pressionado pelos companheiros e diante da possibilidade de se aproximar do líder do campeonato, Aníbal Candiota só retornou ao futebol na partida contra o C.R. Vasco da Gama pelo segundo turno do campeonato.

participação nos jogos do campeonato de 1923. O S. Cristóvão[677] perderia dois importantes jogadores. *"Martins, [...] e Franco, respectivamente para o America, [...] e Associação A. Guaratinguetá",*[678] além de não contar integralmente com Povoas, um dos jogadores mais famosos da equipe, internado no hospital Central do Exército em consequência de um estresse.

Enquanto os "grandes clubes" enfrentavam alguns problemas, o C.R. Vasco da Gama e os dirigentes vascaínos procuraram nos clubes e terrenos baldios da cidade alguns reforços para a sua equipe campeã da segunda divisão em 1922. Apesar de muitos historiadores relativizarem a impacto esportivo do C.R. Vasco da Gama no processo de profissionalização e de crise do futebol carioca, alguns documentos analisados revelam o contrário. Um primeiro aspecto diz respeito aos jogadores que compunham a equipe da cruz de malta. Como mencionamos o Vasco da Gama reforçou a sua equipe de futebol com indivíduos que haviam se destacado em outras equipes. O "*back*" Claudio Destri, que havia saído do Bangu A.C., já era confirmado como jogador do America *"tendo até, [...] treinado pelo campeão do Centenário contra o Fluminense".*[679] Contudo, após o assédio dos vascaínos, ele resolveu *"ir defender as cores do Vasco da Gama, para ao qual já pediu transferência".*[680]

Outro caso curioso foi o do "player" Ceci, tratado com desconfiança pela imprensa, que o considerava um profissional. Este já havia dado a sua palavra aos *"directores do club da camisa verde [o Andaraí A.C.] que contavam como certo o concurso desse player",*[681] quando o repórter presente na LMDT por *"uma pessoa de grande responsabilidade chamou-[o] a um canto",*[682] afirmando que o "player" já havia feito a sua inscrição *"no escriptório de um figurão vascaíno, [...] bem perto da Liga".*[683]

Por mais que os relatos jornalísticos não apontassem claramente, os indícios apresentados revelam a possibilidade de que esses jogadores fossem convencidos pelos dirigentes vascaínos por promessas de algum favorecimento financeiro. Tais favores poderiam vir sob a forma de um emprego ou na forma do "bicho", uma prática apontada por Mário Filho quando fez referência ao próprio Vasco da Gama. Para o jornalista, o indivíduo português foi fundamental para que esses

[677] Anexo - Escalação das Equipes que Disputaram o Campeonato Carioca de 1923.
[678] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 mar. 1923. Vida Desportiva.
[679] O Imparcial, Rio de Janeiro: 24 mar. 1923. Vida Desportiva.
[680] O Imparcial, Rio de Janeiro: 24 mar. 1923. Vida Desportiva.
[681] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 mar. 1923. Vida Desportiva.
[682] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 mar. 1923. Vida Desportiva.
[683] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 mar. 1923. Vida Desportiva.

atletas recebessem todos os privilégios possíveis. *"O português é que lhes dava tudo: casa, comida, roupa lavada e engomada".*[684]

Ceci e Claudio encontrariam como companheiros Nicomedes da Conceição (o Torterolli) e Pedro Nolasco, revelados no Vasco da Gama; o goleiro Nelson, do São Cristóvão que integrou o Vasco em 1919 e Negrito, no Vasco desde 1921; Arthur, no Vasco desde 1922, Albanito Nascimento e Claudionor Correa (o Bolão), vindos do Bangu e integrados ao Vasco em 1922; Mingote, *"quase louro, viera do Pereira Passos, um clube da Saúde";*[685] Pascoal, branco, vindo do Rio de Janeiro em 1922; e Leitão, *"branco que tinha aprendido a jogar futebol no largo da igreja"*[686] integrado em 1922. Além desses, o Vasco da Gama convidou os jogadores Telê e Joasinho, *"que há alguns annos vinham figurando nos teams do Andarahy F.C."*[687,688] João Batista Soares (o Nicolino) e o capitão Arlindo Pacheco que pertenceu ao Vila Isabel, América e ao Botafogo, jogador que, ao não ser aproveitado pelo último, resolveu se filiar ao clube da cruz de malta.

Um segundo aspecto foi a repercussão causada pela equipe do Vasco da Gama em todo o campeonato. O sucesso do Vasco da Gama fez com que as torcidas se multiplicassem nos estádios, uns apoiando o clube e outros contra. Esse fenômeno, também apontado por Mário Filho, foi provocado pelas vitórias[689] sucessivas da equipe vascaína, somente interrompidas no segundo turno pelo C.R. do Flamengo (3x2) no Estádio da Rua da Guanabara. De certa forma, esse jogo nos serve como um exemplo do que foi o campeonato de 1923 e o sucesso alcançado pelos *"Camisas Negras",* como ficou conhecida a equipe do Vasco da Gama naquela temporada.

25. Equipes do C.R. do Flamengo e do C.R. Vasco da Gama antes do jogo. (*O Malho*, 14 jul. 1923)

[684] RODRIGUES FILHO, 2003. p.122.
[685] *Ibidem*. p.120.
[686] RODRIGUES FILHO, 2003. p.120.
[687] Anexo - Escalação das Equipes que Disputaram o Campeonato Carioca de 1923.
[688] O Imparcial, Rio de Janeiro: 6 de março de 1923. Vida Desportiva.
[689] O primeiro jogo Andaraí 1 x 1 C.R.Vasco da Gama foi anulado devido a um problema na escalação da equipe do Andaraí onde o C.R.Vasco da Gama *"accusa este de ter incluído no primeiro team o player Maidosa, expulso da Liga Fluminense".* Este fato deu ao C.R. Vasco da Gama os pontos da partida. O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 mai. 1923. Vida Desportiva.

O interesse do público por este jogo foi tanto que *"ainda em meio do jogo dos segundos teams, o povo das archibancadas se viu na contingência de invadir o campo, por se sentir, talvez, sem ar [...]".*[690] Esse interesse se deve à invencibilidade defendida pelos "*Camisas Negras*" e à tentativa do clube rubro-negro de alcançá-lo na liderança da tabela. Para a partida, a diretoria do C.R. do Flamengo intensificou os treinamentos e contou com o retorno de Aníbal Candiota, que havia se aposentado no início do ano e que retornara especialmente para disputar tal partida. Para Mário Filho o sucesso do Vasco da Gama era algo incômodo para as entidades mais tradicionais, o que fez do C.R. do Flamengo naquele momento *"um clube, um time, era todos os clubes, todos os times, o futebol brasileiro".*[691]

De fato, a imprensa carioca ocupou grande parte de suas linhas com comentários sobre o Vasco da Gama. Cronistas como Raul Loureiro Filho d'*O Imparcial,* mais conhecido como *"O Perigoso",* duvidavam da capacidade dos "*Camisas Negras*", os quais não poupavam comentários como estes: *"Há muita gente que ainda não leva a sério essas coisas; entretanto, nós estamos na certeza de que o Vasco tem mesmo 'mandinga', e mandinga da boa."*[692] A "mandinga" com o tempo foi substituída por um reconhecimento ao desempenho do clube da cruz de malta durante o campeonato, deixando claro que a equipe de fato era forte.

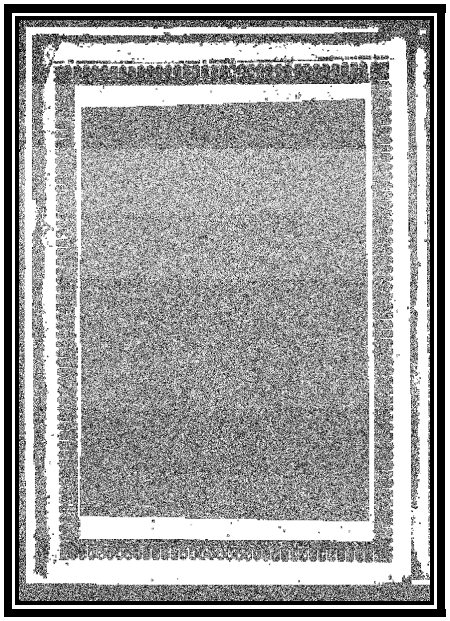
> *"O Club da Cruz de Malta encerrou hontem, com chave de ouro, o primeiro trecho do campeonato da cidade. Nem, um ponto perdido!*
>
> *Como se quer que encare esse facto auspicioso para o benjamim da série A, de qualquer maneira que se entrevejam os proventos auferidos com a conservação dos almejados pontos na tabella de sua série; ganhando no campo ou na Liga de qualquer forma não se pode deixar de elogiar a maiúscula força de vontade, a energia indomável [...]*
>
> *Não há como negar o extraordinário sucesso que o Vasco está fazendo. Há alguns anos não se registra o caso de um club atravessar a metade do campeonato sem um revés sequer. Falta ainda a segunda metade do campeonato para se sentir cheio de orgulho".*[693]

Muitos atribuem este sucesso do Vasco da Gama ao seu plantel, composto em sua maioria de jogadores mulatos e negros, aspecto que deve ser analisado com critério. Alguns autores cometem um erro quando associam *"o sucesso do futebol brasileiro as ideias/qualidades de manha, malícia, malandragem, capoeira, ginga, samba, improviso, arte, etc.".*[694] Segundo Soares, essa é uma qualificação cuja origem é atribuída aos anos 30 quando muitos intelectuais,

---

[690] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 jul. 1923. Vida Desportiva.
[691] RODRIGUES FILHO, 2003. p.124.
[692] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 mai. 1923. Vida Desportiva.
[693] O Imparcial, Rio de Janeiro: 11 jun. 1923. Vida Desportiva.
[694] SOARES, Antonio Jorge. *Futebol Brasileiro e Sociedade: A Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Porto: v.7, n.3, p.145-172. 2007. p.150.

como Gilberto Freyre e o próprio Mário Filho, tentavam associar a mestiçagem ao desenvolvimento de um futebol genuinamente nacional. *"Não tão preto e mestiço"*[695], o Vasco da Gama apresentava em seu time titular, segundo o mesmo, *"três negros, um mulato e sete brancos pobres",*[696] que em sua maioria disputavam competições por clubes de menor expressão[697] no cenário esportivo da época e que foram cooptados pelos dirigentes do Vasco da Gama para figurarem entre os principais clubes da primeira divisão da LMDT.



26. Homenagem aos jogadores do C.R. Vasco da Gama, campeões cariocas de 1923. (O Imparcial, 21 ago. 1923.)

Diferentemente dos fatores raciais enfatizados na década de 1930, o provável "segredo" do sucesso do Vasco da Gama em 1923 não foram os jogadores negros marcados por uma "habilidade característica" à sua raça. Campo de treinamento com concentração, treinos diários com uma intensa preparação física, a contratação de um técnico experiente e as premiações dadas

---

[695] SOARES, 1998. p.268.
[696] SOARES, 1998. p.268.
[697] *Nelson da Conceição: Começou a jogar no Paladino, tendo depois ido para o Engenho de Dentro, onde foi tricampeão. Entrou no Vasco em 1919. [...] Domingos Passini (Mingote) - Fez-se no Vasco onde começou a jogar no terceiro team em 1920. [...] Albanito Nascimento (Leitão) - Começou a jogar no segundo team do Bangu em 1917[...].Entrou para o Vasco no ano passado (1922). João Baptista Soares (Nicolino). [...] Fez parte por muito tempo do Andarahy, tendo este ano entrado para o Vasco. Claudionor Correia (Bolão) - Foi feito no Bangu. É um bom center-half já tendo até sido indicado para o campeonato Sul-Americano. Entrou para o Vasco este anno. Arthur Medeiros Ferreira - Começou a jogar no Helênico. Passou-se para o Vasco em 1920[...] Pascoal Silva (extrema-direita) - Pertencia ao S.C. Rio de Janeiro. Entrou para o Vasco este anno. [...] Nicomedes Conceição (Torterolli). Começou a jogar no Progresso Football Club em 1916. É também, campeão pelo Engenho de Dentro. Entrou para o Vasco em 1919. [...] Arlindo Pacheco - Fez-se no Villa Isabel, tendo depois jogado pelo Botafogo e pelo América. Entrou este anno, para o Vasco. [...] Sylvio Moreira (Cecy) - Começou a praticar o sport bretão em Nitcheroy. Entrou para o Villa Isabel em 1917. [...] Passou-se para o Vasco da Gama este anno. Alípio Martins (Negrito) - É o captain do team. é cria do Vasco [...] Claudio Destri.. Fez-se no Bangu, por cujo team jogou o anno passado. Este anno passou-se para o Vasco, tendo jogado cinco matches. Sériamente machucado em um pé, não poude jogar, sendo, então, substituído por Mingote. Também jogaram no primeiro team, uma vez cada um, José Cardoso Pires, Adão Antônio, felizardo Gonçalves (Russo) e Pedro Nolasco dos Santos.* O Imparcial, Rio de Janeiro: 21 ago. 1923. Vida Desportiva.

aos jogadores revelam que o Vasco da Gama organizou uma estrutura "profissional" determinante para o bom desempenho da equipe sobre os outros times que não mantinham a mesma disciplina esportiva. Longe do pretenso "futebol-arte", os relatos da imprensa apontam que a vitória dos "*Camisas Negras*" sobre seus adversários se deve à maneira disciplinada com que jogavam e ao excelente preparo físico. De acordo com os relatos de José Rocha *"a vida dos jogadores era sadia e as horas de ócio controladas de sorte a evitar desgastes prejudiciais ao melhor estado físico"*.[698]Essa afirmativa é reforçada por algumas reportagens da época, como a de Célio de Barros (Jornal do Brasil)[699] que destacou *"como justa a conquista vascaína"*.[700] Para ele, o clube *"compreendeu como se deve praticar o Sport [...] preparou-se convenientemente, com tempo, para entrar em campo em perfeita forma"*.[701]

Mesmo se levando em consideração que tais comentários elogiosos poderiam ser feitos para qualquer outro time ou jogador, não podemos desconsiderar que a equipe dos "*Camisas Negras*" diferenciava-se das demais pela forma com que foi constituída, a disciplina de treinamentos e principalmente por ter superado todos os clubes tradicionais, em seu primeiro torneio da série A, subvertendo assim a antiga ordem esportiva estabelecida desde o primeiro campeonato carioca disputado em 1906. Somado a esse acontecimento surpreendente, o contexto político vivido pelos representantes dos clubes no seio da LMDT acirrava-se em 1923.

Tal crise foi marcada pelo aumento do poder dos "pequenos clubes" após a eleição do Capitão Agrícola Benthlen, do Vila Isabel, que desbancou os principais nomes indicados pelos "grandes clubes". Tal acirramento pode ser representado pela caracterização de dois grupos expressos por Norbert Elias como os *"estabelecidos"* e os *"outsiders"*. Em sua obra, Elias faz um estudo sobre a população de Wilston Parva tentando compreender as associações e tensões sociais existentes naquela cidade. Diferentemente de categorias como *"nacionalidade, ascendência étnica, 'cor' ou 'raça', [...] tipo de ocupação, sua renda e seu nível educacional"*,[702]

---

[698] ROCHA, 1975. p.334.
[699] Além de Célio de Barros, outros jornalistas foram citados por José da Silva Rocha.*"Ary Koerner (Correio da Manhã) – Fez o que nenhum outro fez. Sem 'fitas', cuidou de se preparar e demonstrou mais uma vez que nomes sómente nada adiantam a um team. Treino e capricho, foram os fatores que mais concorreram para a conquista do 'Onze' vascaíno. Raul Loureiro (O Imparcial) – [...] Venceu porque foi o mais forte e inteligente. Resistiu a tudo e pôs em prática um jogo inteligente e produtivo." Ibidem.* p.347.
[700] ROCHA, 1975. p.347.
[701] ROCHA, 1975. p.347.
[702] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.21.

os grupos residentes definem *"todo o seu arsenal de superioridade e desprezo grupal [...] no tocante a seu tempo de residência no lugar".*[703]

Quando observamos a crise esportiva ocorrida no futebol carioca nos anos de 1923 e 1924, percebemos que os estabelecidos seriam os chamados "*grandes"*[704] clubes, aqueles mais tradicionais, representados principalmente pelo América, Bangu, Botafogo, Flamengo e o Fluminense, detentores de certo prestígio político e esportivo. Principais fundadores das ligas cariocas e donos da maioria de títulos da cidade, os "grandes clubes" tinham nas regas amadoras uma forma de preservarem a *"auto-imagem [de] grupo estabelecido"*[705] mantendo assim os *"seus 'melhores' membros"*[706] bem instalados *"em posições de poder das quais o grupo estigmatizado"*[707] – neste caso os demais clubes – são excluídos.

Já os *outsiders* seriam os chamados *"pequenos"*[708] clubes, entidades esportivas que se somaram aos outros clubes tradicionais no interior da Liga Metropolitana ao longo dos anos, estigmatizados por não atenderem a todas as exigências dos estatutos. Politicamente, mesmo sendo defensores declarados do amadorismo, esses clubes não possuíam o mesmo peso político que os demais. O desequilíbrio de forças políticas que preservava essa relação de poder foi se modificando ao longo da década de 1910 tornando-se cada vez mais insustentável nos primeiros anos da década de 1920, marcada por uma crise e por uma cisão esportiva no ano de 1924.

Esse desequilíbrio de forças acentuou-se nos últimos meses de 1922, após a indicação dos novos nomes para a presidência da Liga Metropolitana. Mais que zelar pela preservação do amadorismo, os jornais *Correio da Manhã* e O *Imparcial* exigiam uma mudança política profunda anunciando em suas sessões esportivas reportagens com o título *"Precisamos de um homem!".*[709] Para estes jornais, a Liga Metropolitana precisaria de um nome que estivesse acima *"dos interesses puramente políticos de um clubismo absorvente"*[710] e que se comprometesse com as causas do esporte *"com mais superioridade de espírito e com um absoluto desphreendimento pelas vaidades pessoaes".*[711] O novo presidente deveria ser um individuo *"de uma respeitada*

[703] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.21.
[704] Termo utilizado pelos jornais da época.
[705] ELIAS, SCOTSON, *Op. Cit.* p.23.
[706] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.23.
[707] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.23.
[708] Termo utilizado pelos jornais da época.
[709] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 23 nov. 1922. Correio Sportivo.
[710] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 23 nov. 1922. Correio Sportivo.
[711] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 23 nov. 1922. Correio Sportivo.

posição social"[712] capaz de *"reunir em torno de seu nome, a confiança incondicional de todos os clubes filiados".*[713]

O ano de 1922 se encerrava com duas facções formadas entre os clubes filiados a LMDT. Essa divisão se deve a uma *"minoria vencedora, que forma a maioria dos votos"*[714] interessada em fazer prevalecer os seus interesses diante de uma maioria composta pelos clubes menos tradicionais. Para substituírem o então presidente, o jornalista, ex-presidente da CBD e dirigente do America F.C. Célio de Barros, foram indicados pelo então 1º vice-presidente Dr. Ferreira Vianna, um dos representantes dos chamados *"clubes grandes",*[715] os nomes do professor Honório Werner, *"pessoa de sua inteira confiança, para os manejos políticos"*[716] e o comandante Olavo Vianna, do C.R. do Flamengo, visto pela imprensa como um homem de *"vasta cultura intelectual, carácter recto e justiceiro, [...] tem também o dom primordial, que é ser o verdadeiro typo de "gentleman" [e] perfeito conhecedor do [...] meio sportivo".*[717]Por outro lado, com o apoio dos demais clubes houve a indicação quase que unânime do Capitão Agrícola Benthlen do Vila Isabel. Com a desistência dos dois primeiros nomes, sendo o primeiro recusado *"quase que [de forma] unânime,"*[718] Agrícola Benthlen seria empossado, com o apoio dos "pequenos clubes"[719] como o novo presidente da LMDT[720] para o ano de 1923.

Diferentemente do ano anterior, a nova diretoria apoiada pelos "pequenos clubes" estava comprometida em realizar uma moralização política afirmando os valores do amadorismo e, ao

---

[712] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 23 nov. 1922. Correio Sportivo.
[713] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 23 nov. 1922. Correio Sportivo.
[714] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 23 nov. 1922. Correio Sportivo.
[715] Os chamados clubes grandes eram o C.R. do Flamengo, o Fluminense F.C., o America F.C., o Botafogo F.C. Estes seriam acompanhados nesta ocasião pelo Bangu A.C., São Cristóvão F.C . e o Andaraí A.C.
[716] O Imparcial, Rio de Janeiro: 3 dez. 1922. Vida Desportiva.
[717] O Imparcial, Rio de Janeiro: 3 dez. 1922. Vida Desportiva.
[718] O Imparcial, Rio de Janeiro: 3 dez. 1922. Vida Desportiva.
[719] *"Os representantes dos pequenos clubs estiveram reunidos, hontem, na sede da Liga Metropolitana, desde as 5 horas da tarde ate as 8 horas da noite. A reunião foi secreta. Contudo a nossa reportagem tratou de agir afim de colher algumas das deliberações tomadas, o que conseguiu.*

Entre os presentes, notamos os senhores Ramos de Freitas, pelo Fidalgo; Gomes Júnior, pelo River; Oscar Trindade, pelo Confiança; Nicanor Fontes, pelo Bonsucesso; Antônio Augusto e Almeida, pelo Syrio; Antonio Leite Coelho pelo Olaria; dr. Souto Castagnino pelo Mangueira; Anníbal Costa, pelo Everest; Agostinho Gonçalves, pelo Modesto; Ferreira Vianna, pelo Americano; Adauto de Assis, pelo Palmeiras; Dr. Augusto Prestes, pelo Vasco da Gama; Frederico Muller, pelo Metropolitano; Barbosa Jr. pelo Mackenzie; Miguel Pedro, pelo Esperança; Candido de Aguiar; pelo Campo Grande; Jeronymo Tomé, pelo Villa Isabel; Paulo Martins Torres, pelo Carioca e Rubens Pinto, pelo Progresso.

Todos os clubes presentes se declaravam solidários à Liga Metropolitana. Em seguida, foi apresentada uma moção de solidariedade ao presidente capitão Agrícola Benthlen, tendo o representante do Americano, dr. Ferreira Vianna, votado contra." O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 fev. 1923. Vida Desportiva.
[720] *"Os novos dirigentes da Liga Metropolitana, previamente escolhidos, são os seguintes sportsmen: Presidente, tenente Dr. Agrícola Benthlen, do Villa Isabel; 1º vice-presidente, Dr. Alair Antunes do Fluminense F.C.; 2º vice-presidente, Dr. Mathias Costa, do America F.C.; 3º vice, Dr. Burle de Figueiredo, do C.R. do Flamengo; secretario Geral, Arthur Azevedo, do S. Christóvão, 1º secretário, Dr. Ary Franco, do Bangu A. C., 2º secretario, Agenor Baptista Franco, do S.C. Brasil, o 1º thesoureiro, Dr. Luiz Lebre, do S.C. Mangueira e 2º, Victor Araújo, do S.C. Mackenzie".* O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 fev. 1923. Vida Desportiva.

mesmo tempo, fazer prevalecer os interesses políticos dos "pequenos clubes", que agora possuíam voz ativa dentro da Liga Metropolitana. Essa situação revela que os estabelecidos − aqueles que antes determinavam politicamente o campo esportivo – estavam francamente ameaçados pelos "pequenos clubes". A *"capacidade de estigmatizar"*[721] de um grupo – neste caso os "grandes clubes" − diminuía ou até se invertia pois esse *"grupo deix[ou] de estar em condições de manter seu monopólio das principais fontes de poder",*[722] fazendo com que esse *"equilíbrio instável de poder"*[723] tendesse para os *outsiders* – os "pequenos clubes" − que passaram a retaliar.

Essa retaliação foi sendo esboçada durante toda a temporada de 1923. As brigas políticas fizeram com que os clubes de futebol defendessem seus interesses particulares tornando o discurso do amadorismo cada vez mais frágil. Isso se deve às mudanças políticas dirigidas pelos "pequenos clubes", fazendo com que os clubes estabelecidos fossem *"expostos a um ataque tríplice − contra seu monopólio das fontes de poder, contra seu carisma coletivo e contra suas normas grupais",*[724] impostas durante anos quando esses clubes mais tradicionais detinham o poder político do esporte terrestre da cidade.

Além de ter seu carisma coletivo e as suas normas grupais ameaçadas, os "grandes clubes" foram perdendo gradativamente o poder político e as vantagens que tal posto lhes garantia. Ao passo que essa circunstância se tornava cada vez mais tensa, um velho mecanismo de distinção – o amadorismo – se transformava em uma arma importante para que os "grandes clubes" pudessem preservar o carisma e principalmente o controle político sobre o futebol. Porém, mesmo defendido como uma prática, o amadorismo se transformava cada vez mais em um discurso. Os clubes, tanto os "grandes" como os "pequenos", desfrutavam das benesses que as práticas profissionais proporcionavam. Contudo, diante do clima político cada vez mais tenso, qualquer ato considerado subversivo às regras amadoras se transformava em um motivo para que os dirigentes trocassem acusações nas reuniões da Liga Metropolitana.

A eleição do capitão Agrícola Benthlen para a presidência em 1923 representou um duro golpe à posição dos clubes estabelecidos. A falta de entendimento entre os clubes tradicionais e os "pequenos clubes" fez com que os principais nomes que compunham a nova diretoria – muitos deles pertencentes aos clubes mais tradicionais da cidade − pedissem dispensa de seus cargos. O

[721] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.23.
[722] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.23.
[723] *Ibidem.* p.24.
[724] *Ibidem.* p.50.

Dr. Ferreira Vianna Netto do Americano F.C. descontente com os nomes apresentados para assumirem os outros cargos da Liga, *"apresentou a sua renúncia, bem como outros directores"*[725] declarando ao *O Imparcial* que, apesar de descontente com os novos nomes, fez *"os mais ardentes votos para que a nova entidade prospere",*[726] esperando que os "pequenos clubes" pudessem pelo menos *"chegar ao mesmo resultado que os grandes almejaram, sem usar processos violentos que constavam nas reformas das leis da Liga Metropolitana".*[727] Estas reformas citadas por Vianna foram as mesmas que provocaram a cisão da LMDT em 1924 e que já eram discutidas entre os clubes mais influentes desde o final de 1922.

E, de fato, as discussões políticas travadas no ano de 1923 foram seguidas de intensos conflitos, narrados exaustivamente pelos jornais. As sessões no interior da Liga Metropolitana eram compostas por *"cavalheiros verbosos, de uma retórica alambicada, que outra coisa não fazem se não cabotinismo, julgando conquistar popularidade e o [...] prestigio para interesses políticos".*[728] As decisões eram tomadas muito mais pela "eloquência" dos discursos de dirigentes ou então de advogados contratados *"que geralmente são sempre os mesmos, a lhes defender a causa, a força, muitas vezes, de sophismas, porque outro argumento não existe".*[729]

Tais embates demonstram que essas lutas políticas serviam para que os dirigentes pudessem impor respeito e conquistar prestígio diante dos representantes dos clubes adversários. Quando o assunto foi a reforma dos estatutos proposta pelos "grandes clubes", as reuniões, antes concorridas e disputadas, foram sendo boicotadas pelos "clubes pequenos", mesmo sendo ameaçados com multas que iam de *"10$000, 50$000 e ou 100$000, conforme essa falta seja a segunda terceira ou quarta consecutiva".*[730] O resultado disso foi o prevalecimento das antigas leis,[731] o que impedia assim qualquer movimento de reforma e que, ao mesmo tempo, ratificava as velhas práticas políticas e esportivas já predominantes na LMDT.

Apesar de os "grandes clubes" mostrarem força dentro da Liga Metropolitana no que se diz respeito às reformas do estatuto, as tensões políticas não desapareceriam e, na medida em que

[725] O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 fev. 1923. Vida Desportiva.
[726] O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 fev. 1923. Vida Desportiva.
[727] O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 fev. 1923. Vida Desportiva.
[728] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 25 mai. 1923. Correio Desportivo.
[729] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 25 mai. 1923. Correio Sportivo.
[730] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 fev. 1923. Vida Desportiva.
[731] *"Haja vista a extinção dos torneos infantil e juvenil; afixação dos limites de idade para os jogadores dos terceiros quadros; a conservação do artigo 11 do regulamento de football, com a única interpretação que lhe pode ser dada, isto é, de que, se o vencedor da serie b da 1 divisão, não derrotar em uma única partida eliminatória o quadro do club collocado em ultimo logar na série A, não se effectuará a troca de séries entre elles; a obrigatoriedade para os clubs se apresentarem a ficha sanitária dos seus jogadores, no acto da inscripção; e a fixação das penalidades a serem aplicadas aos jogadores que mal se conduzirem em jogos extraordinários".* O Imparcial, Rio de Janeiro: 24 fev. 1923. Vida Desportiva.

os meses se seguiam, o pêndulo que tendia para a preservação das antigas distinções entre grandes e "pequenos clubes" revelou uma nova configuração. A falta de consenso entre os representantes dos clubes fez com que o processo decisório fosse ficando a cargo dos representantes da Liga Metropolitana, principalmente sobre a responsabilidade de seu presidente Agrícola Benthlen. No mês de abril, o Jornal *O Imparcial* publicou uma série de crônicas escritas por um *"conselheiro [...] de elevada posição social, que ocupa cargo de destaque no desporto nacional"*[732] que se ocultou *"com o pseudônimo de 'Accacio'"*.[733]

Mesmo sem termos qualquer outra informação sobre *Accacio*, podemos ter, por meio de suas crônicas, uma ideia de seu posicionamento político. Com um discurso recheado de metáforas e sem revelar nomes de dirigentes ou de clubes, o conselheiro misterioso iniciou a sua primeira crônica elogiando a atitude da *"senhora D. Liga [...] chamando os seus filhos a caminho da ordem"*.[734] Esse elogio se deve a uma suposta reunião impedida pela Liga Metropolitana em que *"seus filhos mais sérios se reunir[iam] para uma travessura, a convite do mais velho"*.[735] Provavelmente, o filho mais velho era o Fluminense e a travessura teria sido uma reunião organizada pelo clube em que foram tratados assuntos como a "*supressão do imposto dos 10% exigidos [...] pela municipalidade"*[736] e que a Liga, segundo o cronista *"dormiu demasiado",* deixando de tomar partido a favor de seus *"filhinhos",* que neste caso seriam os clubes.

Para *Accacio*, esse imposto prejudicava os clubes que perdiam uma boa soma destinada à manutenção de suas sedes. Na terceira crônica, *Accacio* justificou que a não intervenção da LMDT era motivada pelos 10% "*de mão beijada"*[737] que a entidade também recebia. A atitude da LMDT fez com que o C. R. do Flamengo enviasse um requerimento à prefeitura *"em nome dos [...] clubs"*[738] tentando, de maneira independente, defender os direitos dos mesmos, que, segundo o cronista, caso essa situação não mudasse, tomariam *"uma attitude enérgica, que poderá abalar nos alicerces"*[739] do futebol carioca.

Em outra oportunidade, o cronista atacou o excesso de impedimentos para a filiação de jogadores nos torneios esportivos da cidade. Apontando uma *"crise de vastas proporções",*[740]

[732] O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 abr. 1923. Vida Desportiva.
[733] O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 abr. 1923. Vida Desportiva.
[734] O Imparcial, Rio de Janeiro: 28 abr. 1923. Vida Desportiva.
[735] O Imparcial, Rio de Janeiro: 28 abr. 1923. Vida Desportiva.
[736] O Imparcial, Rio de Janeiro: 28 abr. 1923. Vida Desportiva.
[737] O Imparcial, Rio de Janeiro: 12 mai. 1923. Vida Desportiva.
[738] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 mai. 1923. Vida Desportiva.
[739] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 mai. 1923. Vida Desportiva.
[740] O Imparcial, Rio de Janeiro 6 mai. 1923. Vida Desportiva.

que não se manifesta *"somente na parte [...] técnica, mas também no enthusiasmo do público"*[741] *Accacio* culpa a Liga Metropolitana de impedir *"que um grande número de rapazes pratiquem o football"*[742] ou criando-lhes *"tanta dificuldades que elles preferem não vencer, a sujeitarem-se [...]".*[743] Tal atitude afastou *"muitos dos chamados amadores",*[744] que *"nada mais são do que profissionaes disfarçados e nenhuma medida é adoptada para suprimir de vez esse abuso".*[745]

Logo no início do ano, a Liga Metropolitana recebeu uma proposta para que fosse perdoado o *"resto da pena de todos os jogadores de football reunidos por aquella entidade, no anno trasnsacto".*[746] A proposta foi prontamente derrubada na assembleia pela *"grande maioria dos clubs nella representados",*[747] que tiveram, *"felizmente, um gesto de bom senso e energia de pô-la abaixo. Assim, os faltosos e indisciplinados perderam desta vez a partida".*[748] Com o recrudescimento das regras relacionadas à inscrição de amadores nos clubes da cidade, os casos de partidas anuladas e jogadores julgados e expulsos do campeonato aumentaram consideravelmente, fazendo com que a politicagem se tornasse mais acirrada no seio da Metropolitana. As crônicas esportivas descreviam que *"folhas corrida de policias; atestados de médicos, vacina de boa conduta"*[749] tornavam-se armas para justificar a inclusão *"no time de jogadores eliminados, sem passes, sem 'profissão', sem contagem completa do tempo de estagio ou de inscripção".*[750]

O radicalismo em relação à inscrição dos jogadores fez com que o Andaraí A.C. se indignasse com a diretoria da Liga Metropolitana. Punido pela LMDT, o clube representado pelo Capitão Eugênio da Costa recorreu ao conselho superior da Liga Metropolitana após perder *"quatro pontos conquistados em prélios renhidos, sido desmarcados pelo conselho divisional"*[751] pedindo "*misericórdia para tanta adversidade"*[752] e retrucou com ironia àquela medida declarando a entidade que o Andaraí não possuía *"associados e players capazes de representar a Liga nas suas festas e na sua directoria".*[753] Da mesma forma procedeu o Botafogo F.C. que

[741] O Imparcial, Rio de Janeiro 6 mai. 1923. Vida Desportiva.
[742] O Imparcial, Rio de Janeiro 6 mai. 1923. Vida Desportiva.
[743] O Imparcial, Rio de Janeiro 6 mai. 1923. Vida Desportiva.
[744] O Imparcial, Rio de Janeiro 6 mai. 1923. Vida Desportiva.
[745] O Imparcial, Rio de Janeiro 6 mai. 1923. Vida Desportiva.
[746] O Imparcial, Rio de Janeiro 20 fev. 1923. Vida Desportiva.
[747] O Imparcial, Rio de Janeiro 20 fev. 1923. Vida Desportiva.
[748] O Imparcial, Rio de Janeiro 20 fev. 1923. Vida Desportiva.
[749] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 24 jul. 1923. Correio Sportivo.
[750] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 24 jul. 1923. Correio Sportivo.
[751] O Imparcial, Rio de Janeiro: 8 ago. 1923. Vida Desportiva.
[752] O Imparcial, Rio de Janeiro: 8 ago. 1923. Vida Desportiva.
[753] O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 fev. 1923. Vida Desportiva.

recorreu *"do acto do conselho da primeira divisão que marcou ao Bangu os dois pontos do match"*[754] vencido pela equipe alvi-negra por 5x3 *"em virtude de uma informação da secretaria, dizendo que o jogador A. Maciel não tinha registro e nem inscripção".*[755]

A Liga Metropolitana procedeu da mesma forma contra o Vasco da Gama quanto à *"legalidade do registro do jogador* [...] *João Baptista Soares, conhecido pelo apellido de Nicolino".*[756] O Carioca F.C. pleiteou os pontos perdidos em um jogo contra o Vila Isabel pelo fato do *"jogador João Franco, que figurando no team do Jardim Zoológico não [tinha] a inscripcão necessária"*[757] e o mesmo Carioca se viu prejudicado quando foi *"negado o registro ao jogador Salvador Correia"*[758] mesmo *"depois dele ter disputado todo o campeonato deste ano".*[759]

Além da alteração de resultados, a Liga Metropolitana foi irredutível em situações como a alteração de jogos oficiais e amistosos. De acordo com o *Correio da Manhã*, o C.R. Vasco da Gama, que *"nunca esteve muito nas boas graças daquella gente"*[760] teve o pedido de transferência do jogo com o Bangu negado pela Metropolitana que, *"do alto das suas tamanquinhas, para fazer uma careta ao club campeão, negou a transferência."*[761] O America teve rejeitada a proposta de se proibir *"jogos amistosos depois de finalizada a temporada official do campeonato [...]"*[762] provocando a revolta de alguns associados do clube que por meio do seu representante, o Dr. Mário Newton de Figueiredo, declarou *"que não conhece nenhum dispositivo nas leis da Liga Metropolitana que fundamenta uma intervenção direta na vida do club [...]".*[763]

O caso mais contundente ocorreu com o Flamengo, que se negou a disputar um amistoso contra o Corinthians, campeão da cidade de São Paulo. Inicialmente a partida deveria ser disputada com o C.R. Vasco da Gama, o campeão carioca, que alegou a existência de *"alguns jogadores doentes",*[764] e que curiosamente apresentou a equipe *"por completo no jogo de*

[754] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 25 abr. 1923. Correio Sportivo.
[755] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 25 abr. 1923. Correio Sportivo.
[756] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 mai. 1923. Correio Sportivo.
[757] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 mai. 1923. Correio Sportivo.
[758] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 12 set. 1923. Correio Sportivo.
[759] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 12 set. 1923. Correio Sportivo.
[760] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 22 ago. 1923. Correio Sportivo.
[761] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 22 ago. 1923. Correio Sportivo.
[762] O Imparcial, Rio de Janeiro: 8 fev. 1923. Vida Desportiva.
[763] O Imparcial, Rio de Janeiro: 8 mar. 1923. Vida Desportiva.
[764] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 ago. 1923. Vida Desportiva.

domingo immediato".[765] Segundo o cronista, mesmo tendo a possibilidade de escalar *"o 1º team do Vasco com elementos do 2º team, que todo mundo sabe também poderoso"*[766] a Liga Metropolitana preferiu convidar o C.R. do Flamengo poucos dias antes da partida. Colocando-se contra esta decisão, o C.R. do Flamengo foi advertido publicamente *"sendo declarado que o rubro-negro estava compromettido a substituir o C.R. Vasco da Gama no confronto com o S.C. Corinthians de S. Paulo, e negou-se a realizar o mencionado jogo".*[767] Em resposta às imposições da Liga, o C.R. do Flamengo não cedeu seus jogadores ao selecionado carioca, forçando a entidade a tomar uma atitude mais radical ameaçando *"os players rubro-negros de suspendê-los por um anno, por falta de não aceitarem as suas indicações para o scratch"*[768] e impedindo o clube de participar de um amistoso contra o Paulistano.

As punições exageradas, sobre os atletas em particular, foram recorrentes durante todo o ano. Além de pagarem uma *"mensalidade de trinta mil reis por cada jogador que inscrever; isso sem contar com os cinco por cento a que serão obrigados os clubs que disputarem jogos interestaduaes",*[769] os clubes deveriam pagar por um *"jogador fora das condições exigidas, pelo menos de cincoenta mil reis"*[770]*e "dez mil reis"*quando era pedida a sua transferência. Além de um *"grande sorvedouro de dinheiro"*[771] *dos clubes, as punições também previam a perda* dos *"pontos que com toda lisura, obt[inham] no gramado".*[772] Um caso que acirrou os ânimos de toda a comunidade esportiva foi a punição de Haroldo Joppert, goleiro do Fluminense, também famoso por participar da seleção brasileira e por ingressar em vários clubes tradicionais do Rio de Janeiro. Após criticar a Liga Metropolitana, o goleiro foi multado em 200$000. Para a imprensa, a punição foi considerada *"como particular [...] inadmissível. A Liga ainda não tem o direito de metter a mão no bolso de quem lhe censura os desatinos".* [773]

Além de enfrentar um amplo movimento de contestação, o capitão Agrícola Benthlen passou a ser acusado de manter uma administração corrupta e centralizadora pelos jornais. As críticas serviram para que os cronistas levantassem uma série de suposições relacionadas ao futuro da Liga Metropolitana. Algumas notícias começavam a especular hipóteses como a de que

[765] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 ago. 1923. Vida Desportiva.
[766] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 ago. 1923. Vida Desportiva.
[767] O Imparcial, Rio de Janeiro: 14 ago. 1923. Vida Desportiva.
[768] O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 set. 1923. Vida Desportiva.
[769] O Imparcial, Rio de Janeiro: 19 mai. 1923. Vida Desportiva.
[770] O Imparcial, Rio de Janeiro: 19 mai. 1923. Vida Desportiva.
[771] O Imparcial, Rio de Janeiro: 19 mai. 1923. Vida Desportiva.
[772] O Imparcial, Rio de Janeiro: 19 mai. 1923. Vida Desportiva.
[773] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 25 out. 1923. Correio Sportivo.

"o Botafogo, o Fluminense, o Flamengo, o Mangueira, o Andarahy, o S. Christovão, o America, o Hellênico"[774] sairiam da Liga, disputando *"um campeonato official na Liga Brasileira, que é sub-liga"*[775] da Metropolitana.

Porém, por mais que as ações do capitão Agrícola Benthlen evidenciassem um desapreço dos "grandes clubes" e de alguns "pequenos" mais influentes, as eleições para a diretoria de 1924 mostraram que os chamados "pequenos clubes" estavam dispostos a manter o capitão na liderança da entidade. Esta confirmação foi retratada pelo *Correio da Manhã* como "*uma demonstração de força [...]"*[776] dos *"clubs pequenos"*[777] que "*com a derrota da chapa dos clubes grandes, visaram provar que o prestígio do número ainda é uma potência dentro da liga".*[778]

4.2. A Política da Bola: A Cisão da LMDT e a Criação da AMEA

O recrudescimento político ocorrido em 1923 se tornou mais acentuado no ano de 1924. Porém, diferentemente das disputas políticas, que não continha o interesse pelo bem comum e sim pelos interesses particulares, o ano de 1924 ficou marcado por uma tentativa do restabelecimento da ordem e do poder político e esportivo dos chamados "grandes" clubes em relação aos clubes "menores". Ficou clara essa intenção quando, em uma reunião da Liga Metropolitana, *"foi dada a palavra ao representante do Fluminense F.C."*[779] que, logo que assumiu a tribuna, *"começou dizendo que não estava na tribuna como um revolucionário, mas como um reconstrutor".*[780] Naquele momento, Mário Polo apresentou em nome do seu clube e do America F.C., Botafogo F.C. e C.R. do Flamengo *"um projecto remodelador das [...] coisas sportivas".*[781]

Para os insatisfeitos representados por Polo, era necessário o combate ao *"eterno exibhicionismo [...]"*[782] relatando a necessidade de uma *"profunda remodelação"*[783] da

[774] O Imparcial, Rio de Janeiro: 11 out. 1923. Vida Desportiva.
[775] O Imparcial, Rio de Janeiro: 11 out. 1923. Vida Desportiva.
[776] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 14 nov. 1923. Correio Sportivo.
[777] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 14 nov. 1923. Correio Sportivo.
[778] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 14 nov. 1923. Correio Sportivo.
[779] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[780] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[781] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[782] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[783] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.

"directoria e da secretaria"[784] afirmando que a intenção dos quatro clubes era *"a mais nobre possível, porque pugnam pela igualdade de todos".*[785] No campo esportivo Mário Polo dissertou sobre a relação entre o amadorismo e as práticas não amadoras, não concordando que ambos estivessem caminhando *"no momento de braços dados sem que uma syndicância eficaz venha a separá-los [...]".*[786]

Alegando uma moralização do esporte na cidade, os "grandes clubes" apresentaram nessa mesma reunião um novo estatuto, que possuía duas características marcantes. A primeira era o interesse explícito desses clubes de assegurarem o controle político da entidade. Por exemplo, o Conselho Deliberativo proposto por estas entidades seria composto por nove membros, sendo que quatro deles seriam indicados *"dentre uma lista [...] remetida ao presidente pela comissão [...] por cada um dos seguintes clubs: America, Botafogo, Flamengo e Fluminense na proposição de um para cada club".*[787] Para concorrer a uma cadeira no conselho ou se tornar presidente da Liga Metropolitana, o representante deveria pertencer a um clube que possuísse uma *"praça de exercícios athléticos e sportivos que satisfaça as exigências regulamentares e instalações hygiênicas e dependências técnicas apropriadas",*[788] além de *"disputar efectivamente os campeonatos officiaes de athletismo, tênnis e o de outro qualquer",*[789] e caso o clube não cumprisse os requisitos perderia *"automáticamente o direito de voto".*[790]

Um segundo aspecto era o discurso em defesa da distinção traduzida em um modelo amador de competição. No que diz respeito aos representantes dos clubes, estes deveriam *"comunicar dentro de 15 dias a data da respectiva eleição a constituição de sua directoria com a indicação de residência e profissão dos directores e local onde estes exercem"*[791] e reafirmar das regras sobre a inscrição dos atletas amadores, muito semelhantes às já destacadas no antigo estatuto. Eles reafirmariam o não recebimento de dinheiro daqueles que *"tenham tomado parte em festas, campeonatos ou concursos sportivos",*[792] aqueles que possuíssem *"meios de subsistência de qualquer profissão braçal [...] em que predomine o esforço physico"*[793] ou que

[784] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[785] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[786] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[787] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[788] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[789] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[790] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[791] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.
[792] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 jan. 1924. Vida Desportiva.
[793] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 jan. 1924. Vida Desportiva.

possibilite, *"exija, permita ou facilite o recebimento de gorjetas"*[794] ou *"exerçam profissão ou empregos subalternos, taes como contínuo, servente, engraxate e motorista"*[795] ou os que *"não tenham profissão ou empregos certos"*.[796] Para ratificar essas normas, o novo estatuto previa que o amador deveria se dirigir *"ao presidente do seu club um requerimento [...]"* [797] feito na presença do mesmo *"que atestará não só a veracidade absoluta daquellas indicações, mas ainda da capacidade do requerente em ler e escrever correta e correntemente"*.[798]

As regras propostas visavam o resgate de um entendimento entre os clubes pertencentes à comunidade esportiva carioca, com algumas ressalvas. America, Botafogo, Flamengo e principalmente o Fluminense tentavam restabelecer suas posições fazendo com que se preservasse a "*sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar",*[799] subjugados aos seus interesses políticos e esportivos. Não há em momento algum um desejo dos clubes sublevados de afastarem os clubes menores – os *outsiders* − de seu convívio, muito pelo contrário. Os "grandes clubes" *"têm alguma função para estes"*[800] que é a de reforçar a sua autoimagem perante a sociedade esportiva mantendo *"um estigma sobre o outro*".[801] Ou seja, os "grandes" se manteriam como defensores do futebol amador carioca, enquanto aos "pequenos clubes" restaria uma condição de insubordinados, aqueles que precisavam ser contidos, pois ameaçavam a fidalguia do esporte na cidade.

Apesar de algumas reuniões[802] em que foram questionados alguns artigos do novo estatuto, os jornais da cidade já estampavam nas chamadas de suas matérias, como no *O Imparcial*, que *"a scisão no football carioca será inevitável"*.[803] A descrença por parte da imprensa estava embasada no sentido de que os "pequenos"[804] discutiam *"a questão da fixação*

---

[794] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 jan. 1924. Vida Desportiva.
[795] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 jan. 1924. Vida Desportiva.
[796] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 jan. 1924. Vida Desportiva.
[797] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 jan. 1924. Vida Desportiva.
[798] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 jan. 1924. Vida Desportiva.
[799] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.22.
[800] *Ibidem*. p.33.
[801] *Ibidem*. p.23.
[802] Votaram a favor das reformas os seguintes clubes: *"America F.C., Andaraí A.C., Associação Cristã de Moços, Bangu A.C., Botafogo F.C., S.C. Brasil, C.R. do Flamengo, Fluminense F.C., Ginásio Português, Helênico F.C., Independência F.C., Olaria F.C., São Cristóvão A.C. e Tijuca Tênis Clube. Votaram contra: Americano F.C., Bonsucesso F.C., Boqueirão do Passeio, Engenho de Dentro F.C., Esperança F.C., Everest F.C., Fidalgo F.C., Ipiranga F.C., S.C. Mackenzie, S.C. Mangueira, Metropolitano F.C., Modesto F.C., Palmeiras A.C., Sírio F.C., Vila Isabel F.C., River F.C., Ramos F.C. e Rio Moto."* Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro. Publicação eletrônica disponível em: <http://www.fferj.com.br/2009/Federacao/Historia/parte5.pdf.> Acesso em : 27 jul. 2009.
[803] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 fev. 1924. Vida Desportiva.
[804] *"Estiveram presentes o Sr. Amaral Peixoto, pelo C.R. Vasco da Gama, A. Souto Castagnino pelo S.C. Mangueira, Jerônymo Thomé, pelo Villa Isabel F.C., J.S. Barbosa Júnior pelo S.C. Mackenzie; Armandino Adelino da Costa, pelo River F.C.; Carlos Nery Stelling, pelo Carioca F.C.; Adauto de Assis, pelo Palmeiras A.C.; Nicanor Fortes, pelo Bonsucesso F.C.; Oscar Trindade,*

das séries e a proposta de uma eliminatória olympica".[805] Sem o intuito de estabelecer *"distinções sociaes"*[806] e interessados que *"todos usufruíssem do novo regímen"*[807] Mário Polo alegou que o projeto apresentado era "*mais liberal do que o anterior"*[808] devido ao incentivo de *"regalias aos soldados, aos estudantes, aos operários, aos empregados do comércio e a todos quanto ocupam a sua actividade"*[809] mas que não foi compreendido e aceito no que tange à importância da eliminatória olímpica *"dedicada à generalidade dos sports terrestres",*[810] ponto considerado como prioridade pelos "grandes", cedendo *"em mais de trinta emendas, [...]",*[811] limite *"máximo das concessões dentro dos princípios e da espinha dorsal do [...] projecto".*[812]

Segundo Antônio Soares, a discordância entre os grupos em relação à eliminatória olímpica reside no fato de que, *"com esse critério, os grandes clubes, por praticarem vários esportes, garantiriam a permanência quase que definitivamente na divisão superior".*[813] Amparados no discurso amador, de que o esporte serviria para o pleno desenvolvimento físico, a eliminatória olímpica era um critério de distinção esportiva – pois muitos clubes não desenvolviam outras atividades – e material, já que muitas entidades não possuíam praças esportivas com estruturas adequadas, o que manteria um abismo entre os mais tradicionais e a maioria dos "clubes pequenos". Diante dessa premissa, *"o Fluminense, Flamengo, America, Botafogo e Bangu officiam a Liga Metropolitana o pedido de desligamento"*[814] instituindo no dia 1º de março a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) garantindo *"nos seus programas e nas suas possibilidades administrativas e normas de engrandecimento moral",*[815] pretendendo *"pugnar pela cultura do corpo, do espírito e da alma em todas as camadas sociaes".* [816]

Percebe-se que a fundação da AMEA tinha como objetivo o restabelecimento do prestígio político e esportivo das entidades fundadoras em relação às outras entidades da cidade,

---

pelo Confiança F.C.; A. Ferreira Vianna Netto, pelo Americano F.C.; J. Ramos de Freitas,pelo Fidalgo A.C.; Arthur Sicino, pelo Engenho de Dentro A.C.; Antônio Leite Coelho Moreira, pelo Olaria A.C.; Soares Filho, pelo Leopoldinense F.C. e Antônio Augusto da Almeida pelo Syrio A.C." O Imparcial, 16 de fevereiro de 1924.

[805] O Imparcial, Rio de Janeiro: 16 fev. 1924. Vida Desportiva.
[806] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[807] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[808] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[809] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[810] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[811] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[812] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[813] SOARES, 1998. p.293.
[814] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[815] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[816] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.

resgatando o antigo desequilíbrio de forças entre eles. Isso pode ser visto por meio da receptividade positiva das empresas jornalísticas as quais defenderam, *a priori*, a criação da nova entidade e a sua proposta de reconduzir o esporte nos trilhos do amadorismo. Os membros afirmavam que a AMEA teria *"como objectivo único [...] desenvolver o Sport dentro dos moldes compatíveis com o esforço mundial que vem fazendo outros povos para melhorar as condições physicas e cívicas de sua raça".*[817] Essa defesa do amadorismo era uma forma de se restabelecer o comando moral e político do futebol. Associados a este discurso, outros fatores foram agregados, fortalecendo a posição dos clubes dissidentes em relação aos outros clubes ainda filiados à LMDT.

Um primeiro critério era o que colocava os "grandes clubes" como as entidades mais "ricas" e os demais clubes como os "pobres". Justificando que *"a riqueza e a pobreza não estão em jogo*",[818] o Dr. Mário Polo enfatizou que a AMEA não era uma entidade socialmente antidemocrática. Segundo o dirigente do Fluminense, nessa nova entidade o clube *"rico e o pobre comem do mesmo trigo",*[819] até porque o "pobre" não pode ficar alheio à prática de *"exercícios physicos sem campo".*[820]

Essa diferenciação pode sofrer três interpretações. A primeira é a associação dessas duas categorias à estrutura dos clubes de futebol, o que pode ser relativizado. Como já citado, o America F.C., considerado um clube "rico" só conseguiu adquirir definitivamente o seu campo na temporada de 1923, enquanto o S.C. Brasil, considerado "pobre" dentro dessa configuração, além de possuir um campo de futebol, era proprietário de *"um excellente terreno [na] Praia Vermelha, completamente murado e com o campo de football já prompto e com área para as instalações [...] para os sports terrestres e aquáticos".*[821]

A segunda questão é a associação desse discurso com a composição social de cada entidade. Como já ressaltamos, os clubes de futebol chegavam à década de 1920 com um aumento considerável de associados das mais variadas origens. Obviamente esse alargamento das bases sociais era mais flexível em alguns clubes como o Vasco da Gama e menos flexível em outras entidades como o Fluminense F.C., porém, como já observamos, quando levam-se em consideração os critérios de seleção de sócios, principalmente o valor das joias e mensalidades,

[817] O Imparcial, Rio de Janeiro: 01 mar. 1924. Vida Desportiva.
[818] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[819] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[820] O Imparcial, Rio de Janeiro: 22 fev. 1924. Vida Desportiva.
[821] Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Diário Desportivo.

descobre-se que a importância cobrada pelos clubes já não era um empecilho para grande parte da população da cidade, o que facilitaria a entrada de estratos menos ricos em clubes mais aristocráticos.

Há ainda uma terceira interpretação, mais plausível que as anteriores. Poderíamos associar os termos "rico" e "pobre" à tradição que essas entidades possuíam no cenário esportivo da época. Pioneiros na prática do futebol na cidade, clubes como o Fluminense, o Flamengo, o Botafogo e o America possuíam as suas origens ligadas às famílias mais abastadas da zona sul. Somados a este fator, o critério político e esportivo também reforçavam essa identidade. Politicamente, tais clubes eram os principais responsáveis pela criação das Ligas e dos estatutos que regiam o esporte na cidade. No aspecto esportivo, essas entidades acumulavam grande parte dos títulos de futebol da cidade, além de serem os principais redutos dos jogadores mais talentosos e famosos, muitos deles com passagem na seleção brasileira.

A localização territorial também esteve vinculada às categorizações que diferenciavam os fundadores da AMEA dos demais clubes. Os jornais já mencionavam que a cisão teria sido a causadora de uma divisão esportiva na cidade. Na Liga Metropolitana seriam encontradas as *"agremiações suburbanas"*[822] enquanto a AMEA seria composta por clubes de *"bairros aristocráticos"*.[823] Essa nova circuntância provocaria uma dificuldade na organização dos selecionados cariocas *"para os jogos interestaduaes, internacionaes e mesmo regionaes (zona norte e zona sul da cidade)"*.[824] Ainda nesse aspecto, os jornais destacaram uma divisão dos campos de futebol, em que os da na zona sul, com uma melhor estrutura,seriam utilizados pelos membros da AMEA enquanto a LMDT *"com a retirada de todos os seus bons filiados, vae agora ficar sómente com campos pouco confortáveis e bastante distantes"*.[825]

Com o estabelecimento desses critérios de distinção, podemos creditar ao fator *tradição* a maior relevância. Este fator acaba por englobar todos os outros já mencionados. À primeira vista, o critério diferenciador muitas vezes utilizado pela imprensa é o estabelecimento dos termos "grandes" e "pequenos" clubes. Esse critério está associado ao histórico das agremiações esportivas no cenário esportivo da cidade. Estes clubes foram os pioneiros a adotarem a prática do futebol como principal esporte na cidade. Fundados entre os anos de 1902 e 1904 os cinco "grandes" foram responsáveis pelo desenvolvimento e pela organização do futebol na cidade.

[822] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 fev. 1924. Vida Desportiva.
[823] O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 fev. 1924. Vida Desportiva.
[824] O Imparcial, Rio de Janeiro: 3 abr. 1924. Vida Desportiva.
[825] O Imparcial, Rio de Janeiro: 3 mar. 1924. Vida Desportiva.

Além disso, eram os maiores vencedores do campeonato carioca. Apenas o Bangu não havia conquistado um título.

Por isso, após todas as dificuldades causadas durante a administração de Agrícola Benthlen, quando se levantou a proposta de uma organização dos estatutos, os jornais apoiaram irrestritamente os cinco clubes dissidentes que teriam organizado *"um projecto, aliás, merecedor de applausos; para uma completa reforma na entidade carioca"*[826] enquanto *"a maioria – os pequenos (sempre os pequenos contrariando)"*[827] não concordariam com as novidades. Portanto, essa insistência dos "pequenos clubes" em manterem as antigas regras provocou uma crise esportiva – devido a saída dos "grandes clubes" e a falência moral da LMDT − que, segundo *"a opinião geral [...] sem contar com a cooperação de seus mais poderosos clubs, ficará sem o prestígio que até então mantinha"*.[828] Para os jornais, mais que essa perda do prestígio político, a Liga seria vitimada por uma crise financeira e por um decréscimo da qualidade dos seus jogos devido à debandada dos jogadores filiados, que *"vão passar a jogar pelos grêmios da AMEA por ser a mesma constituída de grandes clubs"*.[829]

Fruto de um *"maior potencial de coesão",*[830] a criação da AMEA possibilitou aos "grandes clubes" a *"exclusão e a estigmatização dos outsiders"*[831] − os clubes − retomando assim o poder no campo esportivo. Neste quadro político crítico, mesmo sabendo que as antigas práticas profissionais eram compartilhadas por todas as entidades esportivas, foi atribuída aos "pequenos clubes" a responsabilidade pela crise política ocorrida em 1923 enquanto aos estabelecidos a alcunha de defensores do amadorismo. Não foi por acaso que Arnaldo Guinle, *destacou que a "Liga Metropolitana, [...] ficará como se costuma a dizer, uma espécie de Liga marca barbante..."*[832] por não terem ao seu favor *"o povo, a grande massa"*[833] ficando assim difícil *"equiparar-se ao Fluminense, Flamengo, America e Botafogo, a turma não só, possante como também da elite"*.[834]

Essa situação ficou evidente, pois, mesmo antes de se votar o novo estatuto, outros clubes iniciaram um movimento de desfiliação da LMDT. O primeiro foi o Bangu A.C., que em vários

[826] O Imparcial, Rio de Janeiro: 20 fev. 1924. Vida Desportiva.
[827] O Imparcial, Rio de Janeiro: 20 fev. 1924. Vida Desportiva.
[828] O Imparcial, Rio de Janeiro: 26 fev. 1924. Vida Desportiva.
[829] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 mar. 1924. Vida Desportiva.
[830] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.22.
[831] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.22
[832] O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 fev. 1924. Vida Desportiva.
[833] O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 fev. 1924. Vida Desportiva.
[834] O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 fev. 1924. Vida Desportiva.

momentos políticos esteve solidário aos dissidentes e que, especialmente em 1923 já havia se colocado enfaticamente contra a política do capitão Agrícola Benthlen. Depois do Bangu, o *"Tijuca Tennis Club, a elegante sociedade de sport da raquette também pediu desligamento da entidade carioca"*.[835] Além dessas entidades tradicionais no contexto esportivo da cidade, outros clubes pertencentes à LMDT pediriam a sua filiação nos quadros da AMEA. Para estes ditos "pequenos clubes", participar da AMEA era uma forma de se manterem próximos dos "grandes clubes" usufruindo do "carisma" dos mesmos. Para isso deveriam se submeter *"às normas específicas do grupo"*[836] estabelecido, sendo *"esse preço [...] individualmente pago por cada um [...], através da sujeição de sua conduta a padrões específicos de controle dos afetos"*.[837]

De fato um preço muito alto teve que ser pago. Para assumir uma posição dentro da AMEA, estes "pequenos clubes" deveriam ser aprovados em dezesseis quesitos, entre eles a exigência de um *"local da [...] sede e campo de exercícios athléticos"*[838] e a comprovação da condição de amadores de seus atletas com o endereço "*da residência de cada um",* a profissão que *"exercem actualmente e da que exerceram anteriormente" e os" endereços dos locaes onde exerciam e exercem, bem como dos nomes das pessoas sob cuja direcção os exerciam ou exercem"*. À medida que a situação política na LMDT se tornava cada vez mais crítica, as especulações sobre a saída de determinados clubes eram cada vez mais intensas. Esse foi o caso do Andaraí A.C. que, já insatisfeito com a LMDT, em princípio esperou *"para ver [aonde] as coisas [iriam] para[r] [...]"*.[839] Considerado *"virtualmente [...] 'outsider' por não se ter inscripto para o campeonato de football",*[840] o clube não aceitou nenhum cargo na LMDT e enviou uma comissão de *"três directores, [...] inclusive o representante capitão Eugênio da Costa",*[841] que *"procurou [...] o Dr. Mário Polo, o leader dos grandes, a quem foi ratificar*

[835] O Imparcial, Rio de Janeiro: 24 fev. 1924. Vida Desportiva.
[836] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.26.
[837] ELIAS, SCOTSON, 2000. p.26.
[838] Além deste quesito *"[...] Os pedidos de filiação deverão ser acompanhados das seguintes informações: 1) - Da data da sua fundação; [...] 3) - Dos caracteristicos de uma e de outro; 4) - Da natureza do titulo o qual ocupa esse campo, se o de propriedade ou de arrendamento; 5) - No segundo caso, qual a duração do prazo de arrendamento; 6) - Dos sports que práctica de um modo permanente; 7) - Dos em que poderá disputar campeonato este anno a começar em princípios de maio; 8) - Do numero e nome por extenso dos athletas que possue, indicando o sport a que se dedicam; [...] 12) - Das victórias sportivas obtidas até esta data, e em que sports; 13) - Dos nomes da pessoas que tem representado na LMDT até esta data; 14) - Dos nomes dos seus directores actuaes; 15) - O numero de associados; 16) - Fornecer um exemplar dos estatutos e regimento interno; [...]"* O Imparcial, Rio de Janeiro 18 de março de 1924 Vida Desportiva.
[839] Correio da Manhã, Rio de Janeiro 8 mar. 1924. Correio Sportivo.
[840] Correio da Manhã, Rio de Janeiro 8 mar. 1924. Correio Sportivo.
[841] O Imparcial, Rio de Janeiro 25 fev. 1924. Vida Desportiva.

soledariedade".[842] Em 16 de março, o clube foi aceito na AMEA *"respondendo aos quesitos pela mesma exigidos".*[843]

Um fator importante nesse processo de filiação é que, além de estarem amparados nos dezesseis quesitos que deveriam ser prontamente respeitados, os clubes eram aceitos pela sua posição política. Esse foi o caso do São Cristóvão A.C. que, de acordo com *"os grandes [...] ao ter conhecimento do projeto*[844] *foi, logo contrário, tendo a respeito feito uma publicação, bem como a atitude manifesta do seu representante*[845] *em uma das Assembléias".*[846] Outro clube aceito pela AMEA a partir de sua posição política foi o S.C. Brasil. A sua admissão está relacionada à forte influência do jornalista Célio de Barros[847] nas entidades mais importantes da cidade, como também entre os clubes fundadores da AMEA. Portanto, *"o sympáthico grêmio do sportman Célio de Barros respondeu [...] aos quesitos exigidos [...] a fim de filiar-se".*[848]

Entre todos os clubes filiados à AMEA, o mais especulado foi o C.R. Vasco da Gama. Segundo reportagem da *Gazeta de S. Paulo* publicada n'*O Imparcial*, esse valor *"advém de ser elle o detentor do título de campeão carioca"*[849] de 1923, com indivíduos que integrariam a seleção brasileira no Sul-Americano do mesmo ano*, "pela invejável situação financeira"*[850] e *"pelo seu numeroso quadro social".*[851] Além disso, o clube era um dos mais tradicionais, por ser ele o detentor de muitos títulos de remo e por concentrar uma parcela considerável de uma elite e uma classe média lusitana. Naquele momento, as atenções *"do mundo esportivo estavam voltadas"* [852] para o Vasco da Gama pelo fato de que o mesmo já havia sido convidado *"por unanimidade"*[853] pelos fundadores da nova Associação devido *"o seu apoio a campanha de moralização sportiva".* [854]

Entretanto, a demora do Vasco da Gama em ingressar na AMEA se devia a alguns conflitos internos entre os associados do próprio clube. Havia sócios que defendiam a sua

[842] O Imparcial, Rio de Janeiro 28 fev. 1924. Vida Desportiva.
[843] O Imparcial, Rio de Janeiro 16 mar. 1924. Vida Desportiva.
[844] O Imparcial, Rio de Janeiro 16 fev. 1924. Vida Desportiva.
[845] *"FALA-NOS O PRESIDENTE DO S.CHRISTÓVÃO A.C. - Em ligeira palestra hontem, à tarde, na Confederação, com o Sr. Amadeu Macedo, presidente do Grêmio da Rua Figueira de Mello, sobre o palpitante momento sportivo, S.S. nos declarou que está empregando todos os esforços possíveis, entre os nossos paredros, ainda que seja evitada a tão falada scisão, embora esteja ver a sua missão coroada com êxito em 48 horas."* O Imparcial, Rio de Janeiro: 16 fev. 1924. Vida Desportiva.
[846] O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 fev.1924. Vida Desportiva.
[847] Além de ter grande influência no S.C. Brasil, o jornalista Célio de Barros era sócio do America F.C.
[848] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 mar. 1924. Vida Desportiva.
[849] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 mar. 1924. Vida Desportiva.
[850] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 mar. 1924. Vida Desportiva.
[851] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 mar. 1924. Vida Desportiva.
[852] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 mar. 1924. Vida Desportiva.
[853] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 mar. 1924. Vida Desportiva.
[854] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 mar. 1924. Vida Desportiva.

permanência na LMDT, chegando-se ao ponto de o Sr. Antônio Campos, ex-presidente do clube, afirmar que *"o seu club sendo pequeno, ficaria também com os pequenos".*[855] Outros, como José da Silva Rocha, eram a favor de um alinhamento da entidade com a AMEA, sendo esta filiação retardada pelo ex-presidente Sr. Antônio Campos "*que consultado por mais uma vez sobre o caso não tratou logo de agir em prol do club, como lhe competia".*[856] De acordo com os jornais, com a saída do C.R. Vasco da Gama, S. Cristóvão A.C., Andaraí A.C., Helênico A.C., e o S.C. Brasil, a AMEA *"como diz a gyria tem a faca e o queijo ás mãos",*[857] enquanto a LMDT[858] *"em situação de desespero, succumbida de seu prestigio, com o desligamento de todos os seus poderosos grêmios − que se faziam parte da série superior − irá malhar em ferro frio".*[859]

De modo geral, para a crônica esportiva a AMEA representaria a retomada do poder simbólico do futebol carioca pelos "grandes clubes". Como vimos, a imprensa especializada oficializou essa retomada conferindo aos clubes da nova entidade a responsabilidade de preservar o "verdadeiro" futebol, distinto e amador. Após algumas semanas, essa nova entidade recebia seus recentes membros que garantiam o seu prestígio ao se colocarem a favor das reformas elaboradas pela AMEA. Logo assim que os dilemas ligados à filiação dos clubes foram superados, a nova entidade iniciou seus trabalhos para a organização do seu quadro político e esportivo.

No que tange à organização da primeira diretoria, Antônio Jorge Soares destaca o artigo 9º, o qual *"era certamente um dos pontos conflitivos".*[860] O sistema de votação no interior da AMEA obedeceria a uma hierarquia[861] em que *"os membros fundadores e efetivos teriam direito*

---

[855] O Imparcial, Rio de Janeiro: 1 mar. 1924. Vida Desportiva.
[856] O Imparcial, Rio de Janeiro: 1 mar. 1924. Vida Desportiva.
[857] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 mar. 1924. Vida Desportiva.
[858] Permaneceram na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres: *"Primeira divisão - Série A - Villa Isabel F.C., S. C. Mangueira, S.C. Mackenzie, Carioca F.C., River F.C., Palmeiras A.C., Americano F.C., Metropolitano A.C.; Série B - Bomsucesso F.C., S. Paulo-Rio F.C., Esperança F.C., Progresso F.C., S.C. Rio de Janeiro, Fidalgo F.C. e S.C. Everest. Segunda Divisão - Série A - Independência F.C., Syrio A.C., Campo Grande A.C., Modesto F.C., Ramos F.C., Ypiranga F.C., Olaria A.C. e Engenho de Dentro A.C. Presidente da LMDT Sr. Souto Castagnino, do S.C. Mangueira."* O Imparcial, Rio de Janeiro: 7 mar. 1924. Vida Desportiva.
[859] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 mar. 1924. Vida Desportiva.
[860] SOARES, 1998. p.284.
[861] "*Seção II - Do Conselho deliberativo.* ***Art. 12º*** *- O conselho deliberativo compor-se-á de nove membros eleitos, trienalmente pela assembléia geral; quatro deles dentre uma lista tríplice remetida as presidente pela comissão, três dias, pelo menos, antes da eleição, por cada um dos seguintes clubs: América, Botafogo, Flamengo e Fluminense, na proposição de um para cada club [...]* ***Art 14º*** *- Para que possa votar na eleição do conselho deliberativo e ser presidente, deverá o votante representar um club que tenha preenchido na temporada precedente e esteja preenchendo-a em curso as seguintes condições: a) Possuir praça de exercícios athléticos e sportivos que satisfaça as exigências regulamentares e instalações hygiênicas e dependências téchnicas apropriadas á préctica daquelles exercícios uma e outras aprovadas pelo director téchnico; b) Disputar com efectividddade os campeonatos officiaes de athletismo, football, tênnis e o de outro qualquer [...]"* O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 jan. 1924. Vida Desportiva.

permanentemente a cinco votos, e mais um por esporte praticado".[862] Já os clubes especialistas – aqueles que disputavam poucas ou uma atividade esportiva apenas – *"teriam permanentemente um voto, e mais um por esporte praticado".*[863] De acordo com os estatutos, A assembleia geral seria composta *"dos representantes dos clubs filiados à AMEA"*[864] e o Conselho Deliberativo seria composto por nove membros eleitos trienalmente, em que cinco seriam selecionados por meio de listas *"remetidas ao presidente da Commissão Executiva, três dias pelo menos, antes da eleição, por cada um dos clubs fundadores".*[865]

Tais regras reforçam a ideia de que o amadorismo era de fato um discurso cada vez mais restrito ao campo das distinções sociais, já que a prática esportiva denunciava um processo claro de profissionalização. Fica claro que para os chamados "grandes" clubes o discurso amador servia para estabelecer critérios entre aqueles que se consideravam como os verdadeiros defensores da moral esportiva daqueles que viam o futebol como uma forma de atender seus interesses pessoais. Portanto, ter o controle do campo esportivo representava muito mais que a preservação do amadorismo no futebol. Constituído politicamente dessa forma, os fundadores da AMEA garantiriam a preservação dos seus interesses econômicos e a manutenção das vantagens esportivas proporcionadas pelos altos cargos ocupados pelos seus representantes.

Exemplo disso foram os debates sobre a organização dos clubes em duas divisões que disputariam o primeiro campeonato carioca organizado pela AMEA em 1924. Sem se valer dos critérios de seleção descritos nos estatutos, a AMEA decidiu organizar uma série[866] com oito *"clubes que preenchesse taes e taes requisitos e que se submetessem a todas as exigências".*[867] Entre os novos sócios, foram aceitos *"três dos inúmeros candidatos: o Club de Catumby [o Helênico], o velho Andarahy e o campeão de 1923",*[868] deixando "*à margem o S.C. Brasil,"*[869] com um "*excellente terreno é Praia Vermelha, [...] com área para as instalações que se tornarem necessárias para os sports terrestres e aquáticos",*[870] e com uma participação política *"em prol da moralização e do progresso do sport, pelas idéas que defendeu, pelas leis que*

[862] SOARES, 1998. p.284.
[863] SOARES, 1998. p.284.
[864] O Imparcial, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Vida Desportiva.
[865] O Imparcial, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Vida Desportiva.
[866] A entidade deveria organizar uma eliminatória olímpica para selecionar os oito clubes que disputariam a primeira divisão do campeonato carioca.
[867] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.
[868] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.
[869] O Imparcial, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Vida Desportiva.
[870] Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Diário Desportivo.

conseguiu fazer"[871] como a *"da obrigatoriedade da prática do athletismo, da inscripção de próprio punho".*[872]

Outro clube deixado à margem da primeira divisão foi o São Cristóvão, *"club cujo o presidente também o é de uma associação de jornalistas esportivos"*[873] que, contrário do clube anterior mostrou-se *"contrário a justa pretensão dos grandes",*[874] além da especulação de que perderia o Campo da Rua Figueira de Melo, *"que estando a findar o contrato de arrendamento, o proprietário não o renovará, visto querer vender o terreno pela quantia de 400:000$000".*[875]

Depois de repercutir *"desagradavelmente nos círculos desportivos da nossa capital, dando occasião a commentários desabonadores para a novel entidade",*[876] a AMEA resolveu por uma série[877] com dez clubes, incluindo os dois antes barrados. Tal decisão repercutiu negativamente nos jornais. O *Correio da Manhã* posicionou-se contrário, recordando que, de acordo com a *"lei nova"*, seriam formadas *"duas únicas séries de oito clubes".*[878] Segundo a reportagem, o desrespeito às regras demonstravam claramente que *"não houve o intuito de moralizar"*[879] presidindo entre os clubes *"o desejo de galgar posições e de se exibhir".*[880]

Para o *Correio da Manhã*, a AMEA, considerada pelos seus fundadores como *"o suco [...] que há de melhor",*[881] repetia os velhos erros da LMDT, abrindo mão das regras impostas e dando lugar à velha politicagem. Para o cronista a filiação do São Cristóvão e do S.C. Brasil na divisão principal era uma demonstração de fraqueza política da nova entidade. No caso do São Cristóvão, após ser noticiada a decisão de alocá-lo na segunda divisão, os dirigentes do clube apoiados por *"quasi toda a imprensa"*[882] protestaram contra tal medida. Por ser *"o presidente também [...] de uma associação de jornalistas sportivos",*[883] como Mário Pólo do Fluminense, o São Cristóvão obteve a consideração da direção da AMEA que *"apressadamente zaz ...."*,[884]

---

[871] Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Diário Desportivo.
[872] Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Diário Desportivo.
[873] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.
[874] O Imparcial, Rio de Janeiro: 9 fev. 1924. Vida Desportiva.
[875] O Imparcial, Rio de Janeiro: 8 mar. 1924. Vida Desportiva.
[876] O Imparcial, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Vida Desportiva.
[877] A 1º divisão seria composta por Fluminense F.C., C.R. do Flamengo, America F.C., Botafogo F.C., C.R. Vasco da Gama, Bangu A.C., Andaraí A.C., Helênico A.C., S.C. Brasil e São Cristovão A.C.. O Imparcial, Rio de Janeiro: 2 abr. 1924. Vida Desportiva.
[878] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.
[879] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.
[880] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.
[881] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.
[882] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.
[883] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.
[884] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.

emitiu uma *"comunicação a imprensa"*[885] afirmando que não havia nada decidido sobre a questão das séries e que a organização dos clubes quanto a duas séries com oito times ainda faziam parte de *"meras conversas e boatos"*.[886]

Após corrigir um *"erro clamoroso"*,[887] incluindo o S.C. Brasil e o São Cristóvão na divisão principal, os "grandes clubes" estabeleceram que as entidades filiadas jogariam "*nos sábbados à tarde, acrescentando numa cláusula, que classificamos de infeliz, que os privilegiados não se julguem com o direito adquirido a permanência na primeira divisão"*.[888]

Distante do *"idealismo"* de que *"os clubes querem [apenas] jogar football"*,[889] o cronista enfatizou que a renda adquirida nos jogos *"é o dinheiro que os clubes mantêm e constroem as suas sedes. Afirmar o contrário seria mentir a própria realidade das coisas"*.[890] De acordo com a nova cláusula, os clubes fundadores jogariam *"aos domingos, dias em que a renda é grande"*,[891] enquanto os outros clubes *"só poderão fazer, entre si, aos sábados a tarde"*[892] quando a *"renda lhes será naturalmente uma ninharia [...]"*.[893]

Longe de uma defesa inconteste do amadorismo, os "grandes clubes", de maneira bastante autoritária, impuseram aos seus associados normas que os prejudicavam política e economicamente, dando mostras de que, por mais que não fosse reconhecido como tal, o profissionalismo já batia às portas do futebol carioca. Diante de tais imposições, O Andaraí A.C. pediria sua desfiliação alegando *"não poderem os seus jogadores tomar parte em matches aos sábbados"*.[894] No mesmo passo, o C.R. Vasco da Gama também anunciava o seu retorno à antiga Liga Metropolitana. O São Cristóvão, mesmo tendo sido inicialmente desprezado pelos "grandes clubes", tomou o caminho inverso, mantendo-se *"disposto a satisfazer todas as exigências da nóvel entidade para o effeito de sua filiação"*.[895]

Apesar dos debates acalorados sobre as séries e dos dias dos jogos, o ponto que provocou um acirramento final das tensões, foi o da proibição de alguns jogadores dos clubes associados de participarem dos campeonatos da nova entidade. O corte de jogadores importantes como Nesi do

[885] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.
[886] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 11 abr. 1924. Correio Sportivo.
[887] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 abr. 1924. Correio Sportivo.
[888] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 abr. 1924. Correio Sportivo.
[889] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 abr. 1924. Correio Sportivo.
[890] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 abr. 1924. Correio Sportivo.
[891] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 abr. 1924. Correio Sportivo.
[892] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 abr. 1924. Correio Sportivo.
[893] Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 8 abr. 1924. Correio Sportivo.
[894] O Imparcial, Rio de Janeiro: 10 abr. 1924. Vida Desportiva.
[895] O Imparcial, Rio de Janeiro: 10 abr. 1924. Vida Desportiva.

São Cristóvão e outros doze atletas do Vasco da Gama *"sendo sete do 1º quadro e cinco do 2º"*[896] escapando somente *"[...] Nelson, Mingote, Paschoal e Torterolli",*[897] foram noticiadas com surpresa pelos cronistas cariocas. Diante de todas as imposições, a diretoria do Vasco da Gama, que já havia pedido o seu desligamento da AMEA, publicou um ofício nos principais jornais da cidade, explicando com exatidão todas as insatisfações do clube.

Objeto de uma ampla discussão entre os historiadores, essa carta deve ser analisada com certo critério. Em seu capítulo intitulado "A revolta do preto", Mário Filho ainda sustentou a proposta de que os novos estatutos da AMEA tentavam impedir o acesso dos analfabetos, trabalhadores braçais e principalmente os negros. Um exemplo dado pelo autor foi a adesão do Bangu que trazido *"pela mão para a AMEA",*[898] uma forma de calar *"todos os protestos"*[899] fazendo com que os "pretos" pudessem jogar *"como tinham jogado sempre, no meio dos brancos".*[900]

Como já ressaltamos, essa percepção é fruto de um momento em que os debates sobre a identidade nacional incidiam na valorização da contribuição dos negros na construção da ideia do que seria povo brasileiro. Porém, com o desenvolvimento de pesquisas a respeito do assunto, essa questão se revelou frágil e insustentável. Para Antônio Jorge Soares, a carta é fruto de um contexto em que *"os fundadores da AMEA temiam aberta e claramente a profissionalização",*[901] estando, na verdade, em jogo *"nesses artigos [...] a vigilância ostensiva da ética do amadorismo, ética que sempre esteve associada à distinção social [...]".*[902] De fato, como afirma Soares, a defesa do amadorismo era uma forma de se preservar uma distinção social – algo cada vez mais difícil. Somado a esta afirmação, o amadorismo funcionava como dispositivo que garantia aos clubes fundadores a manutenção do poder político e esportivo dando a estas entidades inúmeras vantagens – já destacadas anteriormente – diante das outras instituições menos tradicionais.

Provavelmente, além da implicância com a participação jogadores pobres, negros e profissionais, os clubes fundadores estavam preocupados com a perda da supremacia esportiva – e com ela a redução do número de aficionados e consequentemente a diminuição da renda, por exemplo, − diante do excelente desempenho dos clubes filiados, com equipes bem mais

[896] Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Diário Desportivo.
[897] Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 1 abr. 1924. Diário Desportivo.
[898] RODRIGUES FILHO, 2003. p.130.
[899] RODRIGUES FILHO, 2003. p.130.
[900] RODRIGUES FILHO, 2003. p.130.
[901] SOARES, 1998. p.282.
[902] SOARES, 1998. p.282.

estruturadas e com jogadores cada vez mais talentosos. Curiosamente, o próprio Mário Filho deixou transparecer que o desempenho técnico das equipes era algo a ser destacado naquele momento. Para o cronista, o Vasco da Gama foi responsável por *uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro"*[903] isso porque desenvolvimento técnico proporcionado por Ramón Platero aos *"Camisas Negras"*. A disciplina dos treinos era tão intensa que *"ás vezes, de noite, [...] podia-se ver os jogadores do Vasco no campo treinando",*[904] garantindo ao time um excelente preparo físico fazendo com que *"no segundo half-time os jogadores do outro time [não pudessem] se sustentar em pé",*[905] enquanto *"os jogadores do Vasco pareciam que nem tinham começado a jogar".*[906]

Tal sucesso esportivo garantiu ao Vasco da Gama o título de campeão carioca de 1923. Mas por outro lado, seus atletas, os treinamentos, os indícios de profissionalismo e o aumento dos expectadores que saíam aos estádios para ver os "Camisas Negras" provocou uma reação dos "grandes clubes" que, quando fundaram a AMEA, tinham a intenção de que, de acordo com Mário Filho, este fato ocorrido "*em 23 precisava não se repetir mais",*[907] ou seja, os "grandes clubes" não gostariam de ver equipes como a do C.R. Vasco da Gama novamente campeã na temporada de 1924.

Quando observamos a carta do Vasco da Gama endereçada à AMEA, percebemos que o primeiro tentava atacar diretamente os representantes da nova entidade, revelando o interesse em se opor e, de certa forma, atingir os alicerces políticos da AMEA. Inicialmente, o presidente José Augusto Prestes demonstrou seu descontentamento em relação ao excesso de autoritarismo por parte dos "grandes clubes", principalmente os *"privilégios concedidos aos cinco clubs fundadores da AMEA e a fórma porque será exercido o direito de discussão e voto, e feitas as futuras classificações".*[908] Posicionando-se como uma vítima dos mandos e desmandos políticos da AMEA, o presidente ainda destacou que o estatuto era preconceituoso, e que a posição subalterna do Vasco da Gama estava sendo definida a partir das *"difficuldades do nosso campo, [...] [da] simplicidade de nossa sede, [e da] condição modesta do grande número dos nossos associados".*[909]

---

[903] RODRIGUES FILHO, 2003. p.128.
[904] RODRIGUES FILHO, 2003. p.121.
[905] RODRIGUES FILHO, 2003. p.121.
[906] RODRIGUES FILHO, 2003. p.121.
[907] *Ibidem.* p.128.
[908] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 abr. 1924. Vida Desportiva.
[909] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 abr. 1924. Vida Desportiva.

Mantendo em seu discurso sobre o preconceito social, José Augusto Prestes não se conformou com o afastamento sumário de alguns de seus jogadores. Para ele, *"o processo por que foi feita a investigação das posições sociaes desses nossos consórcios"*[910] foi *"levada a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa",*[911] afastando dos campos *"alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras victórias, a do Campeonato de Football da cidade"*[912] e outros *"jovens, quasi todos brasileiros, no começo da sua carreira".*[913]

A resposta da AMEA ao ofício do Vasco da Gama reforça a proposta de que essa entidade buscava uma forma de assegurar o controle político do futebol. Surpreso por tomar conhecimento do ofício *"pela leitura de jornaes",*[914] Arnaldo Guinle rebateu o protesto sobre o excesso de autoritarismo por parte dos clubes fundadores destacando *"que a organização da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos já era conhecida de V. Ex. antes do pedido de filiação desse club",*[915] reforçando que *"os direitos dos clubs actualmente fundadores da AMEA",* não seriam *"os mesmos concedidos ao club por V. Ex. dirigido".*[916] No que tange ao impedimento de alguns atletas do C.R.Vasco da Gama, Arnaldo Guinle se mostrou surpreso pelo fato do Vasco não ter protestado em relação à sindicância, afirmando que *"nunca poderia ter negado a quem quer que fosse o direito de defesa",*[917] porém em seguida o dirigente justificou a situação alegando impossibilidade de discutir *"todos esses casos particulares naquelle momento, dada a exigüidade de tempo que nos separava do início dos campeonatos officiaes da actual temporada sportiva".*[918] Aquilo que, aparentemente parecia uma justificativa embasada nos critérios políticos, mostrou-se afinal como um critério subitamente aleatório.

Mesmo embasando suas respostas sob um foco estritamente político, a carta do presidente da AMEA revelou certo preconceito social quanto à composição da equipe do Vasco da Gama. A esperança de Arnaldo Guinle era de que o clube *"fizesse todos os esforços para constituir equipes genuinamente portuguezas".*[919] De acordo com o representante da AMEA *"não havia [...] outra colônia capaz de apresentar melhores elementos [...] para uma demonstração sportiva*

[910] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 abr. 1924. Vida Desportiva.
[911] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 abr. 1924. Vida Desportiva.
[912] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 abr. 1924. Vida Desportiva.
[913] O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 abr. 1924. Vida Desportiva.
[914] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1924. Vida Desportiva.
[915] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1924. Vida Desportiva.
[916] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1924. Vida Desportiva.
[917] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1924. Vida Desportiva.
[918] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1924. Vida Desportiva.
[919] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1924. Vida Desportiva.

das verdadeiras qualidades desta nobre raça secular",[920] lamentando-se pelo fato de o próprio Vasco da Gama ter negado tal premissa, já que devido *"o regímen de trabalho pesado do comércio portuguêz",*[921] seria praticamente impossível *"que os seus empregados deixassem as suas occupações para se entregar ao preparo indispensável aos jogos dos campeonatos officiaes da AMEA".*[922]

Arnaldo Guinle deixava clara a sua preferência pelos portugueses, desconsiderando alguns jogadores vascaínos, em sua maioria mestiça e pobre. A preferência de Guinle pelos portugueses se reside em critérios sumariamente sócioeconômicos, pois a colônia portuguesa no Rio de Janeiro era uma das mais importantes e economicamente representativas. Grande parte dos empresários estrangeiros residentes no Rio de Janeiro era portuguesa, como por exemplo, o empresário Dionísio Teixeira, sócio do Vasco da Gama e da firma Sotto Maior, empresa que trabalhava *"com tecidos e armarinho em atacado".*[923] Os portugueses ocupavam cargos significativos *"na indústria, no comércio por atacado e a varejo, nos bancos";*[924] além de representarem *"um mercado consumidor considerável, constituíam parte importante da mão-de-obra rural e urbana e eram grandes proprietários de imóveis, sobretudo urbanos".*[925]

A posição social de muitos sócios portugueses do Vasco da Gama garantia parte do prestígio do clube diante dos olhos de Arnaldo Guinle. Contudo, o cultivo das boas relações entre Guinle e alguns nomes da elite lusitana não foi suficiente para que o Vasco da Gama mantivesse a sua equipe. Mesmo com o corte da maioria dos atletas, os critérios estabelecidos pela AMEA acabaram poupando alguns jogadores consagrados na temporada de 1923 como o goleiro do Vasco da Gama Nelson da Conceição. A permanência do goleiro Nelson, um modesto chofer, apesar de todo o radicalismo dos novos estatutos, revela que as possibilidades de acesso de jogadores pobres e que exercessem profissão braçal permanecia indicando que os critérios de seleção permaneciam imprecisos, contraditórios e possivelmente ligados à interesses políticos particulares.

Portanto, a AMEA era uma forma de os "grandes clubes" assumirem o comando do futebol carioca. O autoritarismo do ano de 1923 que pôs os "grandes clubes" em uma posição de igualdade perante seus pares foi o motivo necessário para que America, Botafogo, Bangu,

[920] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1924. Vida Desportiva.
[921] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1924. Vida Desportiva.
[922] O Imparcial, Rio de Janeiro: 18 abr. 1924. Vida Desportiva.
[923] LOBO. Eulália Lahmeyer. Imigração Portuguesa no Brasil. São Paulo: Ed. Hucitec, 2001. p.32.
[924] LOBO, 2001. p.35.
[925] LOBO, 2001. p.35.

Flamengo e Fluminense pudessem impor o seu poder político a partir de um carisma – fundamentado na tradição destas entidades no cenário esportivo carioca – sobre as outras entidades. Aparentemente a AMEA representaria o baluarte do futebol amador diante dos intensos debates políticos e das práticas escusas dos "pequenos clubes".

As práticas profissionais eram comuns na antiga Liga Metropolitana e, da mesma forma, o amadorismo deixava de ser uma regra tornando-se um discurso vazio utilizado pelos dirigentes nas sessões plenárias que aconteciam na AMEA. Por mais que a AMEA tentasse garantir a sua distinção a partir do critério do amadorismo, o processo de profissionalização já havia fugido do controle dos clubes de futebol. Um clássico de futebol movimentava um mercado que envolvia a venda de milhares de exemplares de jornais, a venda de ingressos por parte dos clubes, o gasto com uniformes, alimentação, massagistas, técnicos e com a manutenção dos estádios. Dentro desta perspectiva, as questões políticas e esportivas que envolviam as competições ganhavam um peso significativo.

As normas que faziam referência ao acesso de determinados grupos sociais às equipes de futebol perdiam peso dentro desse contexto. Por mais que fossem negros, caixeiros, choferes, estivadores, imigrantes pobres, rapazes ricos ou pequenos empresários, os critérios para a participação desses indivíduos nos clubes e equipes de futebol não se restringiam mais a estas questões. Agora, independente da condição social, os clubes buscavam, nos terrenos baldios e nos clubes de menor expressão, atletas com habilidade, força física, velocidade, destreza, tempo para treinar, entre outros atributos. Em troca, estes indivíduos recebiam ofertas financeiras, fosse por meio do "bicho" ou pelo emprego nas casas comerciais dos sócios − os clubes abriam suas portas para indivíduos de origens mais modestas, interessados em obterem alguma renda.

CONCLUSÃO

Fim da Partida

Depois do jogo, dez mil pessoas, por quatro escadas, ganham a rua. Todos se apertam, se esfregam e se ajeitam. Jeca, indignado percebe a dificuldade de se ir ao estádio levando alguma dama. Ou se espera que todos saiam – e lá se passaria um tempão – ou se enfrenta a grande massa, entregando a filha, noiva, esposa ou irmã aos apertos "indiscretos" de quem fosse.

E o Jeca, que se abalou do Méier até a Rua Guanabara, apenas para torcer, chega à casa com a noite fechada. Tem fome, por certo; a mesa o espera. Mas, quem diz que ele pode jantar? Impossível! O estômago o constrange, mas outra coisa o amofina mais. É que o Jeca está de poeira que mete pena. Sujo e suado, precisa de um banho. E é o que ele faz, deixando o *menu* para depois. Só resta ao Jeca uma boa noite de sono e uma semana de trabalho tediosa e cansativa, até o próximo prélio de seu time. Eis a saga de Jeca, o torcedor.

A luta de Jeca para acompanhar sua equipe do coração nos revela uma série de questões fundamentais para a compreensão de um novo contexto vivido pelos clubes de futebol da cidade do Rio de Janeiro no início da década de 1920. Essa *"epopeia"* esportiva, vivida pelo personagem Jeca, nos aponta um contexto de intenso processo de profissionalização do futebol cada vez mais significativo, apesar de um *ethos* amador ainda prevalecer nos discursos dos dirigentes dos clubes presentes na Liga Metropolitana de Desportes Terrestres. Enquanto alguns se manifestavam a favor da defesa da disciplina e do espírito do *fair play* dentro e fora de campo, outros se envolviam intensamente em disputas políticas em que reivindicavam para seus clubes vantagens como os melhores dias de público e renda para a realização de seus jogos e questionavam as atitudes dos árbitros, exigindo a alteração de súmulas e resultados das partidas, por exemplo.

Essa contradição entre a defesa do discurso amador e a práticas não amadoras pode ser observada nas crônicas esportivas da época. Ao mesmo tempo em que era um canal de reafirmação dos valores amadores, os jornais não deixavam de exaltar e questionar o desempenho de atletas, equipes, juízes e torcida evidenciando uma nova percepção do futebol cujos jogos, mais que um evento social, eram tratados como grandes espetáculos esportivos. Além do prevalecimento de uma faceta mais empresarial dos jornais, essa ambiguidade revela uma relação

estreita entre o cronista especializado e o cotidiano dos clubes de futebol. Isso porque além de assinarem as principais colunas esportivas da época, como N. Bittencourt, Célio de Barros e Raul Loureiro Filho eram também frequentadores assíduos dos clubes da cidade.

Da mesma forma que a imprensa, o ato de torcer também se modificou. As belas moças e os rapazes elegantes eram gradativamente substituídos por um conjunto heterogêneo de pessoas, vindas de diferentes classes sociais atraídas pela espetacularização desse evento esportivo. Mais ligados aos times que atuavam nos campeonatos da cidade, esses torcedores são cada vez mais indiferentes aos laços clubísticos. A nova modalidade de torcida se caracteriza por viver cada momento do jogo, construindo uma afinidade com determinados jogadores e com as cores e símbolos do clube. Em alguns casos, o *frenesi* provocado pela emoção das partidas fazia com que esses torcedores transcendessem as arquibancadas, transferindo a alegria pelas vitórias para as ruas da cidade.

Dentro de campo, a vitória dos "*Camisas Negras*" foi uma demonstração de que havia uma mudança na própria prática do futebol. Cada vez mais distante dos valores amadores, os clubes passaram a investir institucionalmente melhorando a condição dos estádios e com a contratação de um quadro de especialistas como técnicos, médicos e preparadores físicos. Esta estrutura servia para aprimorar o desempenho físico e técnico dos jogadores da equipe, alterando a dinâmica de treinamentos, impondo a concentração para seus atletas e um ritmo intenso de atividades físicas.

Com o interesse maior pelo bom desempenho das equipes, os clubes de futebol passaram a procurar jogadores fisicamente mais dispostos, talentosos e que pudessem se dedicar quase que exclusivamente ao clube. Essa mudança dos critérios de seleção de jogadores fez com que os clubes substituíssem os jovens abastados, que viam na prática do futebol uma forma descompromissada de lazer, por indivíduos que praticavam futebol nos campos e ruas dos subúrbios e bairros mais pobres da cidade.

Podemos dizer que muitos desses jogadores encontraram no futebol uma forma de ascensão social e financeira. A presença desses indivíduos contrariava as normas estatutárias da Liga Metropolitana, que negavam a participação de jogadores analfabetos, que exercessem qualquer tipo de trabalho braçal e que facilitassem algum tipo de gorjeta. A situação se agravaria ainda mais devido aos inúmeros boatos de que estes jogadores recebiam remunerações − o

famoso bicho – e/ou ganhavam empregos nas casas comerciais dos sócios do clube para atuarem nas equipes de futebol na cidade.

Mais que uma defesa do campo esportivo, essas regras destacavam uma série de tensões sociais. Se por um lado a inserção das camadas populares ao mercado de trabalho era uma forma de acesso à cidadania, por outro lado, quando esses indivíduos se dedicavam exclusivamente ao futebol, eram considerados como perpetuadores da vadiagem. Ainda, por detrás desses critérios tão evidentes, escondia-se um racismo que não se fez presente nos debates travados pela imprensa e nos estatutos da Liga Metropolitana. Mesmo não declarado, este preconceito poderia ser encontrado por detrás da esfera do trabalho e do nível educacional dos grupos mais pobres, principalmente os negros, em sua maioria analfabetos e voltados à atividades que exigiam mais da força física que do desempenho intelectual.

A contradição entre o discurso em favor do amadorismo e o conjunto de práticas que alavancaram a profissionalização do futebol e de seus jogadores moveu todo o processo de pesquisa deste trabalho. Vimos que as regras amadoras foram afirmadas e reafirmadas desde o primeiro estatuto criado em 1905, quando foi fundada a Liga Metropolitana de Sports Atléticos, até a criação da Liga Metropolitana de Desportes Terrestres. A popularização do futebol provocou um aumento considerável de clubes nessas entidades esportivas, provocando um equilíbrio político e esportivo que se acentuava ao longo da década de 1910.

As tensões políticas e esportivas acompanhavam e promoviam o desenvolvimento das práticas esportivas na cidade e foram substituídas por uma comunidade em que imperava um entendimento tácito entre os clubes que se segmentavam entre as práticas não amadoras e o amadorismo. Na temporada de 1923, esse entendimento foi posto à prova quando, em campo, os "*Camisas Negras*" do Vasco da Gama, apontados como profissionais por muitos, superaram as "grandes equipes" do futebol carioca e os "pequenos clubes" ganharam maior poder político com a eleição do Capitão Agrícola Benthlen.

A perda do poder fez com que os clubes mais tradicionais iniciassem uma reforma dos estatutos da Liga Metropolitana. Defendendo a moralização do futebol, os times do America, Botafogo, Flamengo e Fluminense tentaram resgatar o poder político, esportivo e as benesses que esses meios lhes garantiam. Tal questão se tornou mais clara quando esses quatro clubes, com o apoio do Bangu, resolvem sair da LMDT fundando a Associação Metropolitana de Esportes Terrestres.

A intenção era a de enfraquecer a LMDT política e esportivamente. Uma das consequências foi a saída de entidades importantes como C.R. Vasco da Gama, São Cristóvão A.C., Andaraí A.C. e S.C. Brasil, que ingressaram imediatamente na AMEA. Mais que estabelecer seu prestígio perante os demais, os "grandes clubes" se viram em uma situação mais complicada. Os novos associados reivindicavam as mesmas cotas de poder usufruídas pelos membros fundadores.

Os "grandes" sabiam que o futebol havia mudado drasticamente, e a luta pelo poder político travado pelos clubes que se filiaram a AMEA foi um exemplo disso. O aumento do interesse público sobre os jogos fez com que aumentassem as rendas destas entidades, cada vez mais motivadas pelo lucro das partidas. Logo, montar equipes competitivas, bem treinadas e recheadas de elementos talentosos, e comissões técnicas competentes garantiriam de sucesso financeiro do clube durante a temporada.

Porém, afirmar o amadorismo era uma forma de assegurar o velho prestígio político e esportivo, além de assegurar vantagens econômicas obtidas pelas competições. As mesmas barreiras sociais que proibiram o acesso de jogadores campeões como Ceci, Negrito e Leitão, a AMEA eram as que anistiavam a entrada de jogadores como o soldado raso Floriano Peixoto Corrêa que, para figurar entre os jogadores do Fluminense F.C., foi obrigado a dar baixa em sua carreira militar, sendo sustentado *"com 'empréstimos' nunca pagos de somas vultosas recebidos de diretores do clube tricolor."*[926] De um lado a AMEA – America, Flamengo, Fluminense, Botafogo, Bangu e São Cristóvão e do outro a LMDT – Vasco, Andaraí, Vila Isabel, Carioca, dentre outros. Dois torneios oficiais em 1924: um vencido pelo Fluminense e o outro conquistado pelo Vasco da Gama, sensação do torneio de 1923.

Ainda assim, a profissionalização seguiu o seu rumo. Em 1926, o São Cristóvão seria o próximo a conquistar o título, e, em 1928, a equipe dos operários do Bangu sagrar-se-ia campeã da cidade. Os holofotes do esporte não incidiam mais sobre o amadorismo e, sim, sobre os jogos, o resultado e os rendimentos financeiros.

O tempo se encarregou de revelar jogadores como Domingos da Guia, Leônidas da Silva e Fausto, consagrados nos gramados do Rio de Janeiro, seduzidos pelas propostas financeiras dos clubes do exterior. Em 1932, aqueles mesmos que tentavam preservar suas posições políticas e esportivas em 1924 − como o Fluminense, Bangu e America − renderiam-se finalmente ao

[926] PEREIRA, 2000. 311p.

profissionalismo, enquanto outros como – São Cristóvão, Vasco da Gama, Flamengo e Botafogo – foram contrários. Depois de uma série de processos contraditórios, como os descritos nesta dissertação e muitas discussões, o profissionalismo é oficializado em 1933.

REFERÊNCIAS

1. Fontes

1.1. Manuscritas

Arquivo Nacional – Secretaria de Polícia do Distrito Federal.

Sociedades e Clubes – Estatutos e licenças. IJ6 563.

Estatuto do Municipal Football Club.
Estatuto do Small Club.
Estatuto do Municipal Football Club.
Estatuto d'O Imparcial Football Club.
Estatuto do Sport Club Libreral.
Estatuto do Club Recreativo Familiar Campo Grande.
Estatuto do Centro Português de Desportos.

1.2. Impressas

Biblioteca Nacional (Seção de Periódicos) – PR-SPR 130.
Jornal "Correio da Manhã". Rio de Janeiro: 1 jan. 1922 – 30 abr. 1924. Correio Sportivo.

Biblioteca Nacional (Seção de Periódicos) – PR-SPR 08.
Jornal "O Imparcial". Rio de Janeiro: 1 jan. 1922 – 30 abr. 1924. Vide Desportiva.

Biblioteca Nacional (Seção de Periódicos) – PR-SPR
Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: 9 e 10 jul. 1923 e 1 jan. – 30 abr. 1924. Diário Sportivo.

Biblioteca Nacional (Seção de Periódicos) – PR-SPR 218.
Revista "O Malho". Rio de Janeiro: 25 fev. 1922 – 27 jul. 1924.

2. Livros

2.1. Memorialistas

ROCHA, José da Silva. Club de Regatas Vasco da Gama: Histórico (1898-1923). Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Olímpica, vol.1, 1975.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4º Ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003.

2.2. Dicionários

ABREU, Alzira Alves de. (Org.). Dicionário *Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*. Rio de Janeiro: Ed. FGV. vol.5, 2002.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos, ASSAF, Roberto (Orgs.). *Almanaque da Seleção Brasileira: 1914-2006. Rio* de Janeiro: Ed. Mauad, 2006.

2.3. Artigos, Dissertações e Teses

BOTELHO, André Ricardo Maciel. *Da Geral à Tribuna, da Redação ao Espetáculo...* In: **SILVA,** Francisco Carlos Teixeira, **SANTOS,** Ricardo Pinto (Orgs.). *Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional.* Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2006.

COSTA, Leda Maria da. *Os Vilões da Derrota da Seleção Brasileira. A Importância do Resultado nas Narrativas Jornalísticas sobre Futebol*. In: XIII Encontro de História Anpuh-Rio, nº 13, p.1-8, 2008.

DAMATTA, Roberto. *Antropologia do Óbvio. Notas em torno do Significado Social do Futebol Brasileiro.* Revista USP, n.22, jun/ago. 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Reação Republicana e a Crise Política nos Anos 20.* Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, p. 9-23,1993.

FRITSCH, Winston. *1922: A Crise Econômica*. Estudos Históricos, vol. 6, nº 11, p. 3-8, 1993.

GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio... Os Intelectuais Cariocas e o Modernismo.* Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, p. 62-77, 1993.

HELAL, Ronaldo, **GORDON Jr.,** César. *Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol.* In: **HELAL**, Ronaldo, **SOARES,** Antonio Jorge, **LOVISOLO,** Hugo. *A Invenção do País do Futebol. Mídia Raça e Idolatria.* Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *Construindo a Cidade Moderna: A Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: CPDOC. n. 23, p. 17-39, 1999.

MACIEL, Laura Antunes. De *"'O Povo Não Sabe Ler' a uma História dos Trabalhadores da Palavra"*. In: **MACIEL,** Laura Antunes, **ALMEIDA,** Roberto de, **KHOURY,** Yara Aun. (Orgs.). Outras Histórias: Memórias e Linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006. *Apud.* **SILVA,** Alexandra Lima da. *Cidade Letrada: As Redes em Torno dos Manuais Didáticos de História do Brasil* – Rio de Janeiro, 1870-1920. In: V Simpósio Regional da Universo, nº5, 2008, São Gonçalo. p.1-13.

MELO, Victor Andrade de. *Lazer, Esporte e Cultura Urbana: Conexão Paris-Rio de Janeiro – Meio de Transporte: Arte.* In: Seminário do Centro de Memória da Educação Física/UFMG, nº2, 2005, Belo Horizonte: p.1-16.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: **SILVA,** Francisco Carlos Teixeira, **SANTOS,** Ricardo Pinto (Orgs.). Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2006.

SANTOS. Jorge Arthur dos. Jorge Artur. *Os Intelectuais e as Críticas às Práticas Esportivas no Brasil (1890-1947).* São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2000. 258p. (Dissertação de Mestrado em História Social).

SOARES, Antonio Jorge. *Futebol Brasileiro e Sociedade: A Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Porto: v.7, n.3, p.145-172. 2007.

_____, Antonio Jorge. *Futebol, Raça e Nacionalidade no Brasil: Releitura da História Oficial.* Rio de Janeiro: Gama Filho, 1998. 336p. (Tese, Doutorado em Educação Física).

_____, Antonio Jorge. *História e Invenção das Tradições no Campo de Futebol.* In: **HELAL,** Ronaldo, **SOARES,** Antonio Jorge, **LOVISOLO,** Hugo. A Invenção do País do Futebol. Mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

_____, Antonio Jorge. *O Racismo no Futebol do Rio de Janeiro nos Anos 20: Uma História de Identidade.* In: **HELAL**, Ronaldo, **SOARES,** Antonio Jorge, **LOVISOLO,** Hugo. *A Invenção do País do Futebol. Mídia Raça e Idolatria.* Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

2.4. Obras

ABREU, Maurício de. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro.* 4ºEd. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos – IFP, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo.* São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2008.

BATALHA, Cláudio M. *Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira República*. In: **BATALHA,** Cláudio M., **SILVA,** Fernando T. e **FORTES,** Alexandre (orgs.). *Culturas de classe.* Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *L'oeuvre de François Rabelais et la Cultura Populaire au Moyen Age et sous la Renaissance.* Paris, 1970. *Apud.* **GINZBURG.** Carlo. *O Queijo e os Vermes. O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição.* São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2006.

_____, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem.* 6ºEd. São Paulo: Ed. Hucitec, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual.* Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

BOUDIEU, Pierre. *Coisas Ditas.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

_____, Pierre. *Como é Possível ser Esportivo?* In: **BOURDIEU,** Pierre. *Questões de Sociologia.* Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

_____, Pierre*. O Poder Simbólico*. 11ºEd. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2007.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro.* 2º Ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

CONNIFF, Michael L. *Política Urbana no Brasil. A Ascensão do Populismo (1925-1945).* Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2006.

COSTA, Emilia Viotti da. *The Brazilian Empire: Myths and Histories*. Belmont: Wadsworth, 1998. *Apud.* **GUIMARÃES,** Antonio Sérgio. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil.* 2ºEd. São Paulo: Ed. 34, 2005.

CUNHA, Maria Clementina Pereira Cunha. Ecos *da Folia: Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ELIAS, Norbert. *Deporte y Ócio en el Proceso de la Civilizacion.* México D.F.: Fondo de Cultura Econômica, 1986.

_____, Norbert e **SCOTSON,** John L**.** *Os Estabelecidos e Outsiders.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses. Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição.* São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol. Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no Campo de Futebol: Estudos Antropológicos Sobre os Significados do Futebol Brasileiro.* Rio de Janeiro: EdUFF, 1998.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil.* 2ºEd. São Paulo: Ed. 34, 2005.

GOLDMAN, Márcio. *Segmentaridades e Movimentos Negros nas Eleições de Ilhéus, Bahia.* Mana. Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, v. 7, n.2, p. 57-94, 2001.

HOBSBAWN, Eric e **RANGER,** Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições.* São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2006.

_____, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780. Programa, Mito e Realidade.* 4ºEd. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1990.

HALL, Suart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.* 11ºEd. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.

HERSCHMANN, Micael, LERNER, Kátia. *O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca.* Rio de Janeiro: Ed. Diadorim, 1993.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O Descobrimento do Futebol. Modernismo, Regionalismo e Paixão Esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Nacional, 2004.

LOBO, Eulália Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil.* São Paulo: Ed. Hucitec, 2001.

_____, Eulália, **CARVALHO,** Lia e **STANLEY,** Myrian (orgs). *Questão Habitacional e o Movimento Operário.* Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1989.

MACIEL, Laura Antunes. *De "O Povo Não Sabe Ler"* à uma História dos Trabalhadores da Palavra". In: MACIEL, Laura Antunes, **ALMEIDA**, Roberto de, **KHOURY**, Yara Aun. (Orgs.). *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006. *Apud.* SILVA, Alexandra Lima da. Cidade Letrada: As Redes em Torno dos Manuais Didáticos de História do Brasil – Rio de Janeiro, 1870-1920. In: V Simpósio Regional da Universo, nº5, 2008, São Gonçalo. p.1-13.

MALHANO, Clara E.S.M.B. e **MALHANO,** Hamilton Botelho**.** *Memória Social dos Esportes – São Januário – Arquitetura e História.* Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2002.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva: Os Primórdios do Esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2001.

MENDONÇA, Carlos Sussekind de. *O Sport Está Deseducando a Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Empreza Brasil, 1921. *Apud.* **SANTOS.** Jorge Arthur dos. Jorge Artur. *Os Intelectuais e as Críticas às Práticas Esportivas no Brasil (1890-1947).* São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2000. 258p. (Dissertação de Mestrado em História Social).

MOTTA, Marly da Silva**.** *A Nação Faz Cem Anos: A Questão Nacional no Cenário da Independência.* Rio de Janeiro, Ed. FGV-CPDOC, 1992.

MORAES, Eduardo Jardim de. *A Brasilidade Modernista.* Rio de Janeiro, Graal, 1978. *Apud.* **VIANNA**, Hermano*, O Mistério do Samba.* 6º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 2007.

NORA, Pierre (org.). *Lês Lieux de Mémoire,* vol.1, La Republique. *Apud.* **MOTTA,** Marly da Silva**.** *A Nação Faz Cem Anos: A Questão Nacional no Cenário da Independência.* Rio de Janeiro: Ed. FGV-CPDOC, 1992.

PAMPLONA, *Marcos Antonio. Revoltas, Repúblicas e Cidadania: Nova York e Rio de Janeiro na Consolidação da Ordem Republicana.* Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania.Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

SEVCENKO, *Nicolau. Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989. Apud. **HERSCHMANN,** Micael, **LERNER,** Kátia. *O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca.* Rio de Janeiro: Ed. Diadorim, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil.* 4ºEd. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2004.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas.* 3ºEd. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 2003.

VIANNA, Hermano*, O Mistério do Samba*. 6º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 2007.

3. Documentação eletrônica

Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro. Publicação eletrônica disponível em: <http://www.fferj.com.br/2009/Federacao/Historia/parte5.pdf.> Acesso em : 27 jul. 2009.

Anexo - Seleções Brasileiras de 1922 e 1923.

Seleção Brasileira (Sul-Americano de 1922)

Equipe	Substitutos*
Kunz (Flamengo)	Marcos Mendonça (Fluminense)
Palamone (Botafogo)	
Barthô (A.A. São Bento-SP)	
Laís (Fluminense)	
Amílcar (Corinthians-SP)	
Fortes (Fluminense)	
Formiga (Paulistano)	
Neco (Corinthians)	
Friedenreich (Paulistano)	Heitor Domingues (Palestra Itália)
Tatú (Corinthians)	
Rodrigues (Corinthians)	Junqueira (Flamengo)

Seleção Brasileira (Sul-Americano de 1923)

Equipe	Substitutos*
Nelson (Vasco da Gama)	
Pennaforte (Flamengo)	
Allemão (Botafogo/RJ)	
Mica (Botafogo/BA)	
Nesi (S.Cristóvão)	
Soda (Americano/CA)	Dino (Flamengo)
Pascoal (Vasco da Gama)	
Zezé (Fluminense)	
Nilo (Brasil/RJ)	Torterolli (Vasco da Gama)
Amaro (Goytacaz/RJ)	
Mário Seixas (Americano/CA)	Coelho (Fluminense)

**Nesta época não havia substituição durante as partidas. Os jogadores eram substituídos antes da realização das partidas devido a alguma deficiência física ou técnica.*
***O esquema tático utilizado que prevaleceu de 1876 a 1924 era o 2-3-5, conhecido como sistema piramidal.*

Anexo - Escalação das equipes que disputaram o Campeonato Carioca de 1923.

America F.C. (1923)

Equipe	Substitutos*	
Mirim	Barata	J.Martins
A.Martins	Hugo	
Álvaro		
Gonçalo		
Oswaldo		
Mattoso		
Gilberto		
João		
Chico		
Simas	Aguinaldo	
Brilhante	Gracho	

Andaraí A.C. (1923)

Equipe	Substitutos*	
Delphim	Alonso	Otto
Americano		
Caratori		
Hernógenes	Barthô	
Braulio		
Tenório		
Gradin	Machado	
Russinho	Maidosa	
Gilabert	Oscar	
Telê	Ajaccio	
Joãzinho	João	

Bangu A.C. (1923)

Equipe	Substitutos*	
Gabriel	Mattos	
L.Antônio		
Waldemiro		
Oswaldo	Coquinho	Guerra
Frederico		
Brilhante		
Nestor	China	
Anchyses		
Joppert	Miranda	John
Pastor	Dininho	
Antenor		

Botafogo F.C. (1923)

Equipe	Substitutos*		
Casemiro	Santa Maria	Varela	Clóvis
Waldemar	Palamone		
Braga	Allemão		
Baby			
Caruso			
Lagreca	Surica		
Leite			
Riva	Alkindar	Bolivar	Alfredinho
Nilo			
Juca	Almir	Celso	Fred
Maciel	Neco		

**Nesta época não havia substituição durante as partidas. Os jogadores eram substituídos antes da realização das partidas devido a alguma deficiência física ou técnica.*
***O esquema tático utilizado que prevaleceu de 1876 a 1924 era o 2-3-5, conhecido como sistema piramidal.*

Anexo - Escalação das equipes que disputaram o Campeonato Carioca de 1923.

C.R. do Flamengo (1923)

Equipe	Substitutos*	
Iberê	Amado	
Pennaforte	Telephone	
A.Netto	Almeida	
Mamede	Japonês	B.Lima
Seabra	Odilon	
Dino		
Orlando	Sidney	Galvão
Candiota	Orestes	
Nonô		
Junqueira		
Moderato	Benevenuto	

Fluminense F.C. (1923)

Equipe	Substitutos*	
Ramos	Alberto	Haroldo
E.Vinhaes	Mário	Bayma
Chico Netto		
Renato	R.Vinhaes	
Nascimento	Bordallo	
Junqueira	Fortes	Laís
P. Vianna	Vinhaes	V.Vianna
Welfare		
Zezé		
Coelho		
Moura Costa		

São Cristóvão A.C. (1923)

Equipe	Substitutos*	
Paulino	Cataldo	
Lúcio	Povoa	
Herman		
Capanema		
Nesi	Lemos	
Oliver		
Oswaldo		
Arthur	Bastos	
Epaminondas	Berlitz	Santos
João	Guimarães	
Romulo	Castro	

C.R. Vasco da Gama (1923)

Equipe	Substitutos*
Nelson	
Claudio	
Leitão	
Nicolino	
Claudionor	
Arthur	
Torterolli	Russinho
Pascoal	Mingote
Arlindo	Pires
Cecy	
Negrito	

**Nesta época não havia substituição durante as partidas. Os jogadores eram substituídos antes da realização das partidas devido a alguma deficiência física ou técnica.*

***O esquema tático utilizado que prevaleceu de 1876 a 1924 era o 2-3-5, conhecido como sistema piramidal.*